

“Um thriller assustador que não me deixou desgrudar os olhos das páginas.”

– Joshilyn Jackson,
autora *best-seller* do *New York Times*

NÃO DIGA UMA PALAVRA!

Você é um dos escolhidos?

Jennifer McMahon
autora *best-seller* do *New York Times*





NÃO DIGA UMA PALAVRA!

Você é um dos escolhidos?

JENNIFER MCMAHON

JANGADA

Phoebe

23 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Um calor dos infernos, sem ar-condicionado, suando a cântaros, a cama do motel Dedos Mágicos vibrando por baixo dela, o Senhor Sorvete fazendo a parte dele por cima. Sua aparência não é ruim: um pouco barrigudo, mas tem um rosto bonito. Olhos azuis que a fazem pensar em um riacho cristalino. Ou na canção “Crystal Blue Persuasion”, que a mãe dela ouvia o tempo todo. É claro que ela tinha contado isso a ele e agora, de vez em quando, ele canta a música para ela, a ideia dele de preliminares. Preferia que raspasse o bigode, mas, sem chance, pois a esposa adora.

A esposa, no entanto, não gosta de andar de moto. Mas Phoebe, sim. Ele tem uma Harley e a leva para sair todo sábado e, ocasionalmente, à noite, depois de fechar a loja. Vento nos cabelos, insetos nos dentes, a moto rugindo como algo profano debaixo dela.

Ele gosta de estacionar no fim de uma estradinha rural escondida no mato, e fazer sexo com ela em cima da moto. Às vezes, Phoebe tem certeza de que é com a moto que ele está transando, não com ela. Mas não se importa. Afinal, é difícil competir com toda aquela pintura lustrosa e o cromado tão reluzente que dá até para ver nele o reflexo dos dois. E isso dá de dez a zero nos garotos do ensino médio, que não levam mais do que cinco minutos no banco traseiro dos carros.

Phoebe não se importa, não. Acabou de fazer 20 anos. Três meses antes, ela se mudara para Brattleboro com as amigas Nan e Sasha. Queria ir mais longe, talvez até mesmo para a Califórnia, para colocar a maior distância possível entre ela e a mãe. Mas Sasha tinha um namorado em Brattleboro, e Vermont era melhor do que a velha cidadezinha industrial em que havia crescido, em Massachusetts. E quando a mãe dela telefona, caindo de bêbada, para o apartamento em que mora com as amigas, Nan e Sasha atendem com sotaques exagerados, dizendo que é do restaurante Estrela da China. A mãe dela diz: “Phoebe está?” e Nan responde: “Pato à Pequim? Ok. Vai querer empanado chinês? É o especial de hoje”. Então, todas caem na gargalhada.

Moram em um pardieiro alugado baratinho, um apartamento de paredes enebadas e teto falso com ninhos de esquilos (um até caiu pelo forro quando Sasha estava preparando um macarrão instantâneo — ótima história para contar em festas), mas, como raramente paravam em casa, tudo bem. Phoebe servia sorvetes no Casquinha Maluca, um trabalho que pagava a sua parte do aluguel e também a divertia. A maioria das crianças ia ao Casquinha Maluca pelas máquinas de fliperama, deixando seus níqueis na Garra, na esperança de pescarem um *poodle* de

pelúcia cor-de-rosa e óculos escuros “de grife” fajutos.

Seu chefe, o Senhor Sorvete, é vinte anos mais velho do que ela.

Toma medicação para pressão alta e usa sapatos ortopédicos. Tem as costas peludas. Ela tenta não tocar naqueles pelos; contudo, sempre acaba correndo os dedos por eles. Sentindo repulsa, mas, ao mesmo tempo, um impulso irresistível de continuar. Phoebe é assim.

Ela está no colchão encalombado do motel tentando não pensar nos pelos das costas dele, ou que seu hálito está particularmente ruim naquele dia. Rançoso, como carne passada. Talvez o Senhor Sorvete seja, na verdade, um lobisomem. Phoebe imagina-o coberto de pelos, caninos crescendo com a luz da Lua cheia. Já chega. Ela limpa a mente, tenta relaxar, para deixar os Dedos Mágicos trabalharem por baixo enquanto ele faz a coisa toda por cima. Ela olha para o Senhor Sorvete, que tem os olhos firmemente fechados, o rosto suado, lábios inchados sob o bigode que mais parece uma lagarta (suas amigas acham bem legal ela estar saindo com um cara mais velho e rico), mas o que chama sua atenção é o que está acontecendo na parede atrás dele.

A TV pisca e brilha com a débil claridade azulada do noticiário do começo da noite. Há uma matéria sobre a menina que desapareceu em Harmony. Três noites antes, ela fora ao bosque atrás de sua casa e nunca mais voltou. Ela havia dito que existia uma passagem naqueles bosques, em algum lugar nas ruínas de uma antiga cidade havia muito abandonada. Também dissera a seu irmão mais novo que havia conhecido o Rei das Fadas e ele iria levá-la para casa, para ser sua rainha.

O repórter dizia que tudo o que restava da aldeia na floresta eram chaminés e buracos de porões. Alguns arbustos de lilás e macieiras nos antigos fundos de quintal. O pequeno povoado chamava-se, ironicamente, Reliance¹, e nunca constou de nenhum mapa. Desapareceu sem explicação. Talvez todos os habitantes tenham morrido de gripe espanhola, em 1918. Ou, talvez, segundo a lenda local, os cinquenta e tantos moradores simplesmente tenham evaporado no ar — ligeiro brilho no olhar do repórter neste trecho, porque todo mundo adora uma boa história de fantasma, não é mesmo?

— Alguns dos habitantes da cidade com quem conversei afirmam ter ouvido, ao longo dos anos, barulhos estranhos vindos dos bosques: gemidos fantasmagóricos, choro. Alguns dizem até que, se alguém passar por ali em determinada noite do ano, vai ouvir o diabo sussurrar o seu nome. Outros dizem ter visto uma névoa verde que às vezes assume a forma humana.

A câmera mostra o *close-up* de uma mulher idosa com a face muito enrugada: — A floresta não é lugar para crianças. Reliance é mal-assombrada e todo mundo sabe disso. Eu nem sequer deixo o meu cachorro solto por ali.

1 Confiança. (N. da T.)

O repórter diz que não há vestígios da menina desaparecida, a não ser um único pé de tênis rosa e prata, encontrado em um buraco de porão. Um Nike tamanho 35.

Em seguida, a câmera se move para trás e mostra os bosques, que poderiam ser os bosques de qualquer lugar, de qualquer cidadezinha.

Phoebe desvia a atenção da TV, tenta se concentrar no aqui e agora. Passa os dedos pelo pelame (há mais agora?) das costas do Senhor Sorvete.

Mas, ainda assim, se pega pensando naqueles bosques de Harmony, imaginando onde a passagem pode estar. Em um tronco de árvore grosso? Atrás de uma rocha?

A maioria das pessoas diria que tais passagens não existem.

Imaginação.

Mas Phoebe conhece a verdade, não é mesmo?

Não olhe debaixo da cama.

Uma gota de suor do Senhor Sorvete pinga no peito de Phoebe, dando-lhe um calafrio.

É realmente uma idiotice. Loucura. O fato de que, em cada cama em que ela dormira desde a infância, entulhara tudo que podia ali debaixo: caixas pesadas de livros que ela nunca leria, sacos de lixo cheios de suéteres e sapatos.

— Você é tão organizada — Nan e Sasha se admiravam.

Mas fazia aquilo por medo. Porque, quando era pequena, via o alçapão debaixo da cama que só aparecia nas horas mais escuras da noite. Ouvia o esgaravatar, o ranger das dobradiças quando era aberto.

E ela via o que saía de lá.

E ela sabe (não sabe?) que às vezes *ele* ainda está lá, não apenas debaixo da cama, mas nas sombras no ponto de ônibus, espreitando com os gatos de rua por trás da caçamba de lixo de seu prédio. Está em toda parte e em lugar nenhum. Um borrão pego pelo canto do olho.

Uma risada zombeteira, que ela diz para si mesma que foi só imaginação.

Phoebe estremece.

O Senhor Sorvete termina com um rugido de lobisomem.

— Como foi? — pergunta ele, quando recupera o fôlego.

— Como tomar um sundae — responde ela, tentando banir todos os pensamentos sobre passagens e as coisas que possam sair delas.

— Com uma cereja em cima? — pergunta ele, sorrindo.

— Hum — diz ela. — Impossível não adorar essa cereja...

Ele ri e rola de cima dela.

— Ei — diz ela —, nós *tamo* perto de Harmony?

— “Estamos.” — Ele sempre corrige a gramática de Phoebe, mas, na verdade, a gramática dela é muito boa; só fala assim, às vezes, para irritá-lo. — E, sim, acho que é a cidade vizinha.

— Podemos passar por lá antes de voltarmos. Eu quero ver os bosques onde a garota desapareceu.

E lá está ele novamente, no canto de trás do quarto, fora de seu campo de visão.

A figura sombria aprova com a cabeça, sorri. Ela o presente mais do que vê. Phoebe se vira e ele já não está lá.

Entrando na cidade de Harmony, um pouco depois da fazenda leiteira com um silo em ruínas, eles passam por uma enorme pedra com o Pai-Nosso entalhado na frente. Phoebe memorizara aquelas palavras no ano em que frequentou a escola dominical, quando a mãe dela namorava o caminhoneiro cristão-renascido, que usava um brilhante adesivo de Jesus no painel do carro.

Phoebe aperta os braços em volta da cintura do Senhor Sorvete enquanto recapitula as palavras mentalmente: *E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*

Ela sente um calafrio apesar do calor e de sua grossa jaqueta de couro com um milhão de bolsos e zíperes — que começara a exibir quando ainda estava tentando fazer com que o Senhor Sorvete a notasse.

A estrada fez uma curva para a esquerda, levando-os ao centro da cidade. À direita, a Igreja Metodista de Harmony, com um anúncio no quadro de avisos diante dela prometendo um grande bazar no sábado. Abaixo do anúncio, em letras maiúsculas, lia-se: OREMOS PELO RETORNO DE LISA, SÃ E SALVA. Do outro lado da rua, uma mercearia, uma agência dos correios e uma pizzeria. Há um maldito circo da mídia armado no vilarejo, o que deixa o Senhor Sorvete nervoso à beça: não quer que a mulher o flagre com sua nova garota no noticiário da noite.

— Vou esperar aqui, enquanto você dá uma olhada por aí — diz ele, estacionando a moto na frente da mercearia.

Não é difícil encontrar a casa da menina. Caminhando pela via principal, Phoebe vira na Spruce Street e vê um bangalô grande e antigo com um gramado descuidado, pintura descascando e uma varanda precisando de uma balaustrada nova. Diante dela, vans de equipes de reportagem e carros de polícia. Uma multidão de pessoas está ali, apenas olhando, atraída pela desgraça como limalhas de ferro por um ímã. Phoebe para do outro lado da rua, suando dentro do casaco pesado enquanto estuda a casa que um dia devia ter sido bonita, acha ela. No andar de cima, na janela do canto superior esquerdo, um garoto abre a cortina e espia todo aquele movimento.

Veste uma camiseta do Super-Homem. Seu cabelo escuro está desganhado, caindo nos olhos. Ele olha para a multidão, para Phoebe e, de repente, ela entende que não deveria estar ali. Ir até lá fora um erro. Mas era como tocar os pelos das costas do Senhor Sorvete.

— Você está aqui para ver as fadas? — pergunta-lhe uma menina.

— Hein? — diz Phoebe, virando-se para ver quem falava.

A menina tem cerca de 10 anos, vestida de cor-de-rosa da cabeça aos pés. Traz presa à roupa uma bússola de plástico, pequena e barata como um brinde de caixa de cereal. Seus braços pálidos, saindo da blusa de manga curta de babados, estão marcados com vergões vermelhos.

— Achei que talvez você fosse como os outros. Que tivesse vindo ver as fadas. Porque eu posso lhe mostrar algo realmente especial que pertence ao próprio Rei das Fadas. Por cinco dólares eu lhe mostro.

Phoebe olha novamente para a janela, vê que o garoto foi embora. Procura nos bolsos de seu jeans, puxa uma nota de cinco amarrotada e dá a ela.

— Vem comigo — diz a menina.

Elas atravessam a multidão e as vans de reportagem, descendo a rua até uma casa branca. Entram no quintal e vão para os fundos, passando por um balanço e uma horta que precisa urgentemente ser regada. Em seguida, a menina entra na floresta e aconselha: — Fique perto de mim.

E Phoebe quer dizer a ela que esqueça, que não precisa ver. Que droga, ela não tem certeza de quanto tempo o Senhor Sorvete vai esperar, já são quase cinco horas agora, a esposa espera que ele chegue em casa a tempo para o jantar. A menina se move rapidamente.

— Espere! — chama Phoebe, indo atrás dela.

Ela se lembra da velha no noticiário: “A floresta não é lugar para crianças”.

Elas correm por entre as árvores, ao longo de um riacho, para onde o bosque fica mais escuro. Phoebe quer voltar, mas é tarde demais. Ela nunca vai encontrar o caminho de volta sem ajuda. Não há trilha, nenhum marco. É o mesmo em todas as direções: árvores e pedras, pedras e árvores. Descem uma colina onde a floresta se abre em uma clareira. E, então, Phoebe vê que à distância, à esquerda, a fita amarela de “cena do crime” foi passada em volta das árvores.

— Por aqui — diz a menina, levando-a em outra direção.

— O que é aquilo? — Phoebe pergunta. — O lugar em que Lisa sumiu? Aquilo é Reliance?

A menina sorri: — Tudo isso é Reliance, moça.

Então, enquanto caminha, a menina começa a cantarolar uma canção que Phoebe meio que reconhece. Enquanto ela prossegue, a melodia se transforma em “Crystal Blue Persuasion”, o que Phoebe sabe ser impossível, pois ninguém com menos de 40 anos escuta aquela música, mas é o que ela está ouvindo.

— O que é que você está cantarolando? — pergunta Phoebe.

— Eu? Eu não estou cantarolando — a garota de rosa responde.

— Espere aqui um minuto. Eu já volto. — A menina corre na frente, parando para olhar por cima do ombro a fim de se certificar de que Phoebe permaneceu no lugar.

Phoebe consulta o relógio, ansiosa para voltar à Main Street, para o Senhor Sorvete, que a espera na mercearia. Ela o imagina dando uma olhada nos cartões-postais pegajosos, nas balas velhas, nos repelentes de inseto. Puxando conversa com o proprietário. Ele parece se sentir como se fizesse parte de um clube, junto com todos os pequenos comerciantes: eles contra o mundo.

Está tudo quieto. Muito quieto. Phoebe não ouve um único pássaro ou

mosquito. Pensa na oração do Pai-Nosso. Que coisa louca para gravar na pedra. Por que não “Bem-vindo a Harmony”? Ela começa a recitar a oração, depois se detém. Idiota.

Onde, afinal, estão todos os pássaros?

Galhos estalam. Uma sombra se move por entre as árvores.

Phoebe prende a respiração, e então solta o ar quando avista a menina de rosa que passa por entre os arbustos logo adiante. Ela traz um saco de papel nas mãos. Phoebe a observa correr em sua direção, sorrindo, a pequena bússola sacolejando presa à blusa.

— Olhe — diz ela, empurrando o saco aberto para Phoebe, que o segura e espia lá dentro. A primeira coisa que percebe é o odor: cheiro de terra, vagamente podre. Então, percebe que o que está vendo são dedos, inchados e curvos.

Phoebe grita, deixa cair o saco, dá uns passos para trás.

A menina, desapontada, balança a cabeça negativamente para Phoebe e, em seguida, pega o saco, abre-o, enfia a mão lá dentro.

Phoebe quer gritar, pedir que não toque naquilo, não lhe mostre mais nada. Mas quando a menina puxa a coisa para fora, Phoebe constata que é apenas uma luva. Couro cru, espesso, conservando o formato da mão que antes cobria.

— É dele — fala a menina.

— De quem? — Phoebe pergunta, aproximando-se, querendo tocá-la, mas com medo. A luva é grande, coberta de manchas marrons e, de certo modo, toda esquisita. Há um dedo a mais costurado ao lado do dedo mindinho, pontos pretos e malfeitos, como suturas. Uma luva “Frankenstein”.

A menina sorri, acaricia suavemente o couro macio do dedo extra: — Do Rei das Fadas.

PRIMEIRO CONTATO

De *O Livro das Fadas*: Acasos não existem. Não existe sorte ou coincidência.

Imagine uma enorme e intrincada teia de aranha conectando tudo e todos.

Podemos ensinar você a enxergar essa teia.

Podemos ensinar você a ser a aranha e não a mosca.

Você compreenderá como nossos mundos estão intimamente ligados e que somos nós, as fadas, que traçamos o seu destino.

Logo você perceberá que nunca está só.

Capítulo 1

Phoebe

4 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Tem certeza de que está certo? — Phoebe perguntou, esforçando-se ao máximo para soar como uma garota animada, fã de aventuras.

Sam baixou os olhos para o mapa e as orientações.

— Positivo — respondeu ele, parecendo um pouco irritado.

Estava cansado de ter de dizer-lhe a toda hora que sim, estavam indo na direção certa. E não, eles não estavam perdidos.

Passaram-se quilômetros desde a última vez que avistaram uma casa. Mato alto, pastagem de gado, um lago estagnado e, depois, densas florestas de coníferas. Nenhum sinal de civilização. Phoebe sabia que já deveria estar acostumada àquilo depois de viver em Vermont por quinze anos, mas ainda se sentia inquieta quando não sabia onde ficava o McDonald's mais próximo.

— Existe uma antiga floresta aqui em algum lugar — disse Sam, tirando os olhos da estrada e relanceando o mapa aberto no assento entre eles. — Talvez a gente possa fazer trilha nela amanhã.

— Ah, que beleza — disse Phoebe. Sam a tinha levado a uma floresta daquelas antes: um monte de árvores velhas e enormes com uma placa na frente. Sam tirou fotos, fez anotações em seu pequeno diário de aventuras de capa preta. Alguns caras levavam as namoradas para jantar e ao cinema. Um encontro apaixonado com Sam envolvia mapas topográficos e muita granola.

— Ou você pode ficar aqui jogando paciência ou algo assim — Sam sugeriu.

Phoebe se esticou e apertou o braço dele:

— Se você vai caminhar, então eu também vou. Árvores velhas, aqui vamos nós! — ela soltou um entusiasmo *Hurra* e Sam riu.

Passar um fim de semana em uma cabana isolada na floresta não era a ideia que Phoebe tinha de uma escapada para relaxar.

Quando Sam falou sobre isso pela primeira vez, Phoebe foi logo pensando em dizer que não podia, tinha de trabalhar. Mas ela percebeu que precisava ir. Sam não via sua prima Evie desde que eram crianças, desde o verão em que Lisa desapareceu. Na semana anterior, Evie ligara do nada dizendo que tinha notícias sobre Lisa, algo que ela só podia contar a Sam pessoalmente. E, claro, Sam contou a Evie que encontrara o velho *Livro das Fadas* de Lisa, e os dois combinaram que precisavam se encontrar o mais breve possível. Evie alugara uma cabana no chamado Northeast Kingdom, a região nordeste de Vermont, para o fim de semana e voltara a ligar para Sam com as instruções sobre como chegar lá. O lugar ficava cerca de uma hora e

meia ao norte de onde Sam e Phoebe moravam.

— A gente vai até você — Evie dissera. — Faz séculos que não passeamos por Vermont.

A cabana em si ficava embrenhada na floresta e só se podia chegar a ela por uma antiga estrada de terra.

— Disseram que o caminho está em péssimas condições — informou Evie.

Quando Phoebe ouviu isso, queixou-se: — Por que não podemos simplesmente nos encontrar em um hotel? Ou numa pousadinha com café da manhã?

— Porque — explicou Sam —, com Evie, tudo tem de ser uma aventura. Ela sempre foi igual à Lisa nesse ponto. Não se podia simplesmente ir de bicicleta até a padaria comprar chiclete. A coisa virava uma missão de vida ou morte, uma batalha do bem contra o mal em que o chiclete de hortelã era, na verdade, um antídoto secreto para o veneno mortal de alguma bruxa.

Evie havia dito a Sam que estacionasse em um largo acostamento de terra batida às margens da Rodovia 12, uns oitocentos metros depois de uma placa de TRAVESSIA DE ALCES. Evie e o marido, Elliot, iriam buscá-los em seu jipe às cinco horas, na sexta-feira.

— Não esqueça o *Livro das Fadas* — Evie tinha dito —, e qualquer outra coisa que você tenha guardado daquele verão.

Esse foi o motivo que levava Phoebe a se juntar a Sam em sua excursão até a cabana: descobrir tudo que pudesse sobre Lisa (um assunto em que Sam raramente tocara até a semana anterior) e, talvez, finalmente conseguir conhecer o conteúdo do famoso *Livro das Fadas*.

DESCOBRIR TUDO QUE PUDER SOBRE LISA porque Sam, com toda a certeza do mundo, não vai me contar *nadinha* estava no topo de sua lista de coisas a fazer que anotara no bloquinho que carregava com ela para todo lado. Phoebe era viciada em listas. Nada parecia fazer sentido até que ela escrevesse em um papel, e nada parecia concluído até que ela tivesse riscado do papel. Ela também era ótima em fazer listas de prós e contras. Não tinha o menor medo de que Sam encontrasse seu bloquinho de anotações e visse seus pensamentos secretos, porque ele (e todo mundo) achava sua caligrafia indecifrável.

Hieróglifos, dizia ele. Era um sistema que tinha desenvolvido na infância, depois de pegar a mãe lendo o seu diário: abreviaturas, algumas letras ao contrário e palavras de trás para a frente, números e sinais de pontuação jogados no texto aleatoriamente e uma letrinha muito, muito miudinha. Quando queria, no trabalho ou em um bilhete para Sam, podia tornar sua caligrafia legível: letras maiúsculas e garrafais que ninguém tinha dificuldade para entender.

Sam, é claro, tinha letra bonita. Uma caligrafia clara e bem-feita quase idêntica à da mãe, que ensinara tanto a ele como à Lisa o conceituado método de caligrafia Palmer.

Eles encontraram o tal acostamento de terra batida com facilidade, mas Evie e Elliot atrasaram-se para pegá-los. Phoebe baixou o retrovisor e examinou-se no espelho. Não estava em má forma para seus 35 anos, mas já podia perceber pequenas linhas se formando em volta dos olhos cor de avelã. E, até aquele momento, só encontrara dois ou três grossos fios de cabelo branco misturados à sua longa e quase negra cabeleira. Arrancara-os sem que Sam os notasse. Phoebe sabia que Sam diria que não se importava, mas *ela* se importava. Sam tinha apenas 25 anos. Todos os amigos deles tiravam sarro, dizendo que Phoebe o “pegara para criar”. Uma “típica loba”, Sam brincava com ela, e Phoebe entrava na onda, uivando para o alto.

Ela tirou o batom da bolsa e aplicou-o cuidadosamente.

Suavizara bastante a maquiagem desde que estava com Sam: ele chamava aquilo de pintura de guerra e jurava que ela parecia mais sexy logo que acordava, antes de pentear o cabelo ou se maquiar.

Naquele instante mesmo, ele revirou os olhos enquanto Phoebe pintava os lábios.

— Eu não sei quem você está tentando impressionar — disse ele. — Evie sempre foi uma moleca.

Phoebe deu de ombros.

Uma hora e meia no carro com aquele cheiro — um misto de óleo queimado, café derramado antigo, e a enjoativa e natureba loção pós-barba de ervas de Sam — era mais do que Phoebe podia suportar.

Seu estômago estava se revirando de maneira hostil. O batom gorduroso foi a gota d'água.

— Acho que vou esticar as pernas — disse ela, a boca salivando como se a qualquer momento pudesse vomitar.

Sam se aproximou e pegou a mão dela, acariciando os nós dos dedos com o indicador.

— Você está bem, Bee (2)? Está meio pálida. — Ele sentiu a testa dela para ver se estava com febre. Foi um gesto carinhoso. Phoebe pegou a mão dele e beijou-lhe os dedos. As mãos de Sam eram calejadas pelo trabalho na floresta, e tinham manchas profundas nos vincos que pareciam nunca sair completamente: resina de pinheiro, graxa de motos-serra. Naquele instante, seus dedos cheiravam vagamente à gasolina e sabonete.

2 Diminutivo de Phoebe, mas que também significa “abelha”. (N. da T.)

— Estou bem — respondeu ela, guiando gentilmente as mãos dele para longe do rosto. — Estou no carro há muito tempo. Um pouco de ar fresco e eu fico nova em folha.

Sam concordou com a cabeça, consultando o relógio: — Não vá longe demais. Eles devem estar chegando.

Ela bateu continência, de gozação, e saiu às pressas do carro, fingindo consultar seu próprio relógio invisível (ela não suportava a sensação de qualquer coisa apertada em volta do pulso).

— Relógios sincronizados, capitão — disse ela. — De volta em dez minutos.

— E tente não se perder! — Sam gritou para ela. — Deixe uma trilha de migalhas de pão ou algo assim.

Respirando fundo para combater a náusea, Phoebe se abaixou para amarrar seus coturnos Dr. Martens verdes. Achara-os num brechó e agora eram o calçado padrão sempre que se aventurava pela natureza.

Com as botas duplamente amarradas, Phoebe dirigiu-se ao início da estrada de terra enquanto Sam permaneceu no assento do motorista, estudando o mapa para se certificar de que estavam no lugar certo. Sam era o tipo de cara que usava mapa e bússola, o que Phoebe achava reconfortante. Ela tinha o senso de direção de uma mariposa batendo inutilmente contra uma lâmpada.

Sam e Phoebe estavam juntos havia três anos, algo em que ela ainda não conseguia acreditar. Conheceram-se na clínica veterinária onde Phoebe trabalhava como recepcionista. Sam levava uma coruja-barrada ferida que ele encontrara enquanto fazia trilha.

— Não sei o que aconteceu — dissera ele, sem fôlego, com os braços sangrando nos pontos em que a coruja o havia arranhado com as garras ao se debater. — Eu a encontrei assim. — Trazia, embrulhada

em uma camisa de flanela xadrez vermelha, a coruja de cara clara e olhos castanho-escuros.

Sam tinha olhos parecidos: cor de chocolate, e com os cílios mais incríveis que Phoebe já tinha visto em um homem. Ela se encantou instantaneamente com sua sensibilidade — algo incomum para Phoebe, que normalmente era atraída pelo tipo cafajeste insensível. Ela tinha uma longa experiência em relações sem futuro com caras que achavam que o máximo de compromisso era aparecer para um encontro de sexta-feira à noite em um restaurante vagabundo do tipo rodízio. Até então, estava tudo bem para Phoebe, aquilo era algo conhecido, seguro. Mas alguma coisa aconteceu quando ela viu Sam embalando aquela coruja: como se uma porta se abrisse e ela desse uma espiada no que faltava em sua vida.

— Chumbo grosso — a dra. Ostrum disse assim que colocou a coruja na mesa de exame. Toda a luta terminara e agora a ave estava mole, com a respiração rápida e irregular, uma massa de penas pintalgadas de castanho e cinzento manchadas de sangue.

— A senhora pode salvá-la? — Sam perguntou, com os olhos vermelhos e úmidos, a voz suave e juvenil.

A dra. Ostrum sacudiu a cabeça.

— A melhor coisa que podemos fazer por esta coruja é a eutanásia.

O corpo de Sam desmoronou e ele se curvou para a frente, os braços apoiados

na mesa.

— Quem faria uma coisa dessas? — perguntou ele, com a voz embargada. — Quem atiraria em uma coruja?

E Phoebe fez algo que era tão pouco de seu feitio que sentiu como se não fosse mesmo ela fazendo aquilo. Estendeu a mão e colocou-a no braço retesado de Sam, que se contraiu ligeiramente ao contato. Pareceu a Phoebe que estava tocando algo selvagem e ferido, exatamente como Sam devia ter se sentido com a coruja nos braços.

— Às vezes — Phoebe disse a Sam —, coisas ruins acontecem e nós nem chegamos a entender a razão. — Os dois permaneceram na sala enquanto a dra. Ostrum, com rapidez e delicadeza, aplicava uma injeção na coruja. O subir e descer do peito emplumado desacelerou e depois cessou de vez. Phoebe ajudou Sam a limpar os braços e fez curativos.

— O batimento cardíaco dela estava tão rápido — lembrou Sam. — E aqueles olhos... Era como se tivessem mil coisas para dizer.

Phoebe balançou a cabeça concordando e partiu um pedaço de esparadrapo do rolo, sem ter ideia, na ocasião, de que aquele rapaz com os braços ensanguentados e lindos cílios era o Sam, o irmão da menina que saiu para ver as fadas e nunca mais foi vista. O garotinho com camiseta do Super-Homem que ela avistara através de uma janela.

Ele a convidou para fazer trilha no fim de semana seguinte, e ela aceitou, aparecendo de minissaia e chinelo.

— Você não é mesmo uma garota acostumada a passeios na natureza, hein? — Sam dissera.

Por insistência dela, fizeram o que haviam combinado. Ela saiu da floresta naquela tarde queimada de sol, com bolhas entre os dedos dos pés, e se coçando loucamente por causa das urtigas. Mas tinha valido a pena. Pela primeira vez em sua vida, realmente compreendera o velho ditado de que “os opostos se atraem”. Não combinavam nem um pouco e ele não era seu tipo (um cara graduado na universidade e membro do Partido Verde?), mas, de algum modo, isso tornava a atração mais forte, mais ousada.

Quando Phoebe depois perguntou a Sam o que vira nela, ele sorriu: — É só porque você é você, Bee. Nunca sei o que vai sair de sua boca ou que louca aventura você irá me propor a seguir. Você é intensa. Sem autocensura. Você não dá a mínima para o que as outras pessoas pensam. E o sexo é ótimo — disse ele, com uma piscadela.

Sam lhe dava uma base, fazia com que se sentisse segura. E ela lhe ensinava o que era ser um pouco menos pé no chão, um pouco menos seguro. Desde que estavam juntos, ela o convencera a experimentar furtar em uma loja (ele roubou um isqueiro de plástico barato, com o logotipo da NASCAR), sexo nos fundos de um ônibus intermunicipal e filmes de terror (de que ele fingia não gostar, embora fosse

sempre o primeiro a comentar quando um novo filme desses estreava).

Parecia a Phoebe, analisando tudo desde o começo, que os dois eram cada qual exatamente o que o outro precisava; a peça que faltava e fazia tudo se encaixar no lugar como em um passe de mágica.

E, ainda assim, mesmo quando Phoebe começara a se apaixonar por ele, não sabia sobre Lisa.

Levou meses (e a essa altura Phoebe já estava completamente louca por ele) para que se desse conta de quem Sam realmente era. O homem que a fazia se sentir segura, que afastara seus pesadelos, carregava seus próprios segredos, sua própria história sombria que, se fosse honesta consigo mesma, Phoebe não se aguentava de vontade de conhecer.

Depois de cinco minutos ou mais se desviando de barrancos e sulcos na terra, Phoebe parou para pegar uma pedrinha lisa alaranjada em formato de feijão que chamou sua atenção. Quando ela esvaziava os bolsos no final do dia, Sam costumava provocá-la, dizendo que ela tinha recebido o nome do pássaro errado (3): — Você é a minha pega-rabuda — brincava.

A casa deles estava cheia dos pequenos tesouros que Phoebe reunira ao longo dos anos: ninhos de aves, peles de cobra, moedas corroídas, dormentes velhos. O crânio de um esquilo. Sam dizia que sua coleção cada vez maior fazia a casa deles parecer a cova de uma sacerdotisa vodu. Quando ela o conhecera, a única coisa que decorava a casa dele eram mapas topográficos pregados nas paredes. Phoebe mandara emoldurá-los e os pendurara na sala de estar e no escritório, onde eles combinavam perfeitamente com as bugigangas de Phoebe.

Ela tinha comprado algumas almofadas e tirado do armário as mantas mexicanas de Sam, que usou para cobrir os móveis de segunda mão.

3 Em inglês, Phoebe significa “pássaro papa-moscas”. (N. da T.)

Sentia-se a perfeita dona de casa e começou a se perguntar o que havia acontecido com a velha Phoebe, que nunca teria se imaginado morando com um cara, muito menos bancando a rainha do lar. Ainda assim, tinha de admitir que parte dela estava esperando tudo desmoronar, achando que aquilo era bom demais para ser verdade e não iria durar. E, no fundo, sentia-se como se talvez não merecesse aquilo, que o lugar dela era com os ladrões baratos e os caras que bebiam cerveja no café da manhã.

Mas a vida de sonho continuou. Eles logo adicionaram algumas fotos emolduradas dos dois acampando e fazendo canoagem, parecendo um casal em um catálogo de uma loja de artigos esportivos.

Lentamente, o guarda-roupa de Phoebe mudou do sexy para o prático: as calças justas e camisolas rendadas foram substituídas por moletoms e meias-calças de lã. Ela deixou o cabelo crescer como uma garota hippie. Para o aniversário de Sam daquele primeiro ano, Phoebe comprou-lhe uma gravura de Audubon representando uma coruja-barrada, em homenagem à ave que os unira. A gravura foi pendurada na

parede acima da cama de casal, e os grandes olhos da coruja vigiavam do alto, lançando seu encantamento de ave sábia que os unia todas as noites.

Phoebe sentia-se segura com Sam. Pela primeira vez em sua vida, não havia pesadelos, nem vislumbres de vultos observando-a das sombras ou deslizando de debaixo da cama. Os medos tolos de sua infância e início da idade adulta desapareceram e agora pareciam algo distante, alguma coisa sonhada por outra garota.

Era a primeira semana de junho e os borrachudos estavam em pleno vigor. Rodeavam Phoebe, entrando em sua boca, orelhas e nariz. Já morava em Vermont, com algumas idas e vindas, havia quinze anos, mas ainda não se acostumara com os borrachudos. Eles não pareciam incomodar Sam. A teoria de Phoebe era a de que eles

preferiam o sangue de gente de fora, pois um nativo de Vermont carregava certo grau de imunidade natural.

Ela meteu a pedra laranja no bolso da frente de seu desgastado Levi's, que era sustentado por seu cinto de caminhoneiro (outro achado de brechó) que tinha uma fivela de prata enorme, com dois semirreboques sob as palavras REI DA ESTRADA. Sam tirava sarro dela por causa do cinto, mas ele o adorara, achava sexy. Ela fazia uma dança gingando os quadris, reluzindo a fivela, cantando a canção de Roger Miller num sussurro provocante: "I'm a man of means by no means, King of the Road..."(4). Ela puxou o bloquinho verde do bolso e folheou-o até a última página, em que havia escrito.

*METAS PARA O FIM DE SEMANA: Conhecer e fazer amizade com Evie
Descobrir tudo o que puder sobre Lisa e as fadas*

Olhava para o bloquinho quando teve a opressora sensação de que estava sendo vigiada. Sam tinha decidido se juntar a ela, afinal?

Virou-se para olhar o caminho por onde tinha vindo, meio que esperando vê-lo correndo em sua direção. Ela lhe diria: — Então, você não acreditou que eu não me perderia? — e ele riria.

Mas não havia nada, ninguém.

Ou havia? Ela podia jurar que vira uma sombra mover-se com a rapidez de uma flecha atrás de uma árvore à sua esquerda, a cerca de dez metros ao longo da trilha. Algo muito alto para ser uma raposa ou um coitote. O couro cabeludo de Phoebe se arrepiou. Os pelos de seus braços se eriçaram.

4 "Eu não sou homem de meios, não mesmo. Rei da Estrada..." (N. da T.)

— Olá? — chamou ela, a voz saindo esganiçada por causa do nó na garganta. Fechou o bloquinho e caminhou lentamente em direção à árvore. Nada. Solto um longo e trêmulo suspiro.

— Você ficou naquele carro tempo demais, só isso — sussurrou para si mesma. Phoebe estava uma pilha de nervos desde que Evie telefonara. Parecia estranho que

o *Livro das Fadas* houvesse aparecido ao mesmo tempo que a prima de Sam, que havia muito tempo ele não via. Sam não dera importância a isso, dizendo que a vida estava cheia de coincidências, que era supersticioso atribuir significado a cada uma delas.

Sentindo-se revigorada pela caminhada rápida e o ar fresco, Phoebe meteu os dedos no cinto e andou decidida na direção do carro, no melhor estilo caminhoneiro. Esquivando-se dos borrachudos, rezou para que Sam houvesse se lembrado de trazer o repelente. Não pôde deixar de andar um pouco mais rápido do que normalmente faria, ou evitar olhar por cima do ombro algumas vezes. Quando o carro estava à vista, sentiu-se aliviada e um pouco envergonhada.

Sam ainda estava no banco do motorista, mas nem reparou no andar de caminhoneiro com as pernas arqueadas de Phoebe, quando ela se aproximou. Ele estava olhando para o saco plástico com fecho hermético em seu colo, que guardava um tesouro: o *Livro das Fadas*.

Tudo o que ela tinha visto dele até aquele momento fora a capa, verde e gasta, com o título manuscrito agora manchado. À noite, Sam e Evie iriam abri-lo, lê-lo cuidadosamente, página por página. O que Sam tinha no colo poderia muito bem ser a maior pista do que acontecera com Lisa. O livro, assim como Lisa, desaparecera há quinze anos, e agora estava ali, equilibrado no colo de Sam enquanto ele ocupava o banco do motorista do sedã caindo aos pedaços.

— Você não acha que devemos mostrá-lo à polícia? — a mãe de Sam, Phyllis, perguntara depois que ele e Phoebe acharam o *Livro das Fadas*, na semana anterior, no entrepiso do sótão da casa dela.

Phyllis olhava para o livro preocupada, torcendo as mãos. — Por que você não o deixa aqui, eu telefono para a delegacia, e eles vêm e o buscam?

Sam balançou a cabeça negativamente: — Eu só quero um tempo para examiná-lo antes — Sam respondeu. — Daí, trago-o de volta e nós podemos chamar a polícia juntos.

Mas ele não o tinha examinado. Até onde Phoebe sabia, ele ainda não tinha sido capaz de abri-lo. Ele o lacrara em um grande saco plástico grande, como uma prova policial, e escondera-o em algum lugar tão secreto que não contou nem mesmo para Phoebe. Ela não o pressionou. Phoebe sabia que iria ver o livro em breve. Tinha apenas de ser paciente.

Tinham falado à mãe dele que encontraram o livro por acaso, quando Sam estava procurando no sótão por uma caixa de antigos *cards* de beisebol que poderiam valer algum dinheiro no eBay, mas não era verdade. O que realmente acontecera foi que Phoebe havia atendido ao telefonema de uma menina.

— Tem certeza de que era uma menina? De que idade? — Sam perguntara quando chegou do trabalho e ela lhe contou sobre a ligação. As palavras dele saíram duras e rápidas, num tom acusatório.

Como se ele suspeitasse de que Phoebe houvesse inventado a coisa toda.

— Eu não sei. Parecia jovem. Eu mal podia ouvi-la.

Phoebe deixara de fora sua principal impressão: ela parecia assustada. E quase sem fôlego.

— Ela falou: “Diga para Sammy procurar no entrepiso, por trás do isolamento”. Então, desligou o telefone.

Sam ficou pálido.

— Isso significa algo para você? —ela perguntou.

Ele balançou a cabeça afirmativamente: — É no sótão de minha mãe. Um lugar onde Lisa costumava brincar.

Às dez para as seis, a prima de Sam e o marido chegaram em um jipe preto com a capota arriada. Sam tentara ligar para eles, mas o celular estava fora da área de cobertura. O jipe tinha placa de Massachusetts.

— Achei que eles eram da Filadélfia — disse Phoebe.

— Hum? — Sam respondeu, e a pergunta se perdeu enquanto ele descia do carro para encontrar a prima.

— Desculpe pelo atraso — Evie disse ao sair do jipe e abraçar Sam. Ela o apertou com força e exclamou: — Meu Deus, nem consigo acreditar que é você. Faz tanto tempo, Sammy!

Sam tinha mostrado para Phoebe uma foto de Evie aos 13 anos: gordinha, corte de cabelo infeliz, vestindo um ensebado macacão de mecânico e enormes botas de trabalho. Aquela mulher não tinha nenhuma semelhança com a menina. Estava em excelente forma, o cabelo escuro era bem cuidado, com reflexos, e usava um batom vermelho num tom perfeito para a sua pele.

Elliot apertou as mãos de Phoebe e Sam e os ajudou a acomodar suas coisas na parte de trás do jipe. Era um tipo sociável, afeito ao ar livre, que vestia jeans, camiseta e um daqueles coletes com uns cem bolsos. Usava uma barba bem aparada e óculos de armação metálica fininha.

— Prontos? — ele perguntou. — Não é longe. Cerca de uns três quilômetros.

Phoebe e Sam sentaram-se no banco traseiro. Enquanto Elliot manobrava o jipe ao longo da estrada velha e esburacada, Phoebe percebeu que o que ela julgara, à primeira vista, ser um anel, era uma tatuagem: uma tira de nós celtas em torno do dedo anular da mão esquerda dele. Evie tinha uma tatuagem correspondente em seu dedo anelar esquerdo. Alianças permanentes de casamento. Evie também era, para desgosto mal disfarçado do pobre Sam, uma grande fã de abraços. Evie havia dado em cada um deles um total de três abraços — animados, apertados, de corpo inteiro — antes mesmo que houvessem entrado na cabana. Ela cheirava vagamente a patchouli (outra coisa que Sam odiava: dizia que isso era um tremendo clichê, embora Phoebe não estivesse bem certa de que um perfume pudesse contar como um clichê).

Phoebe e Evie estavam sozinhas na cozinha guardando as provisões, enquanto os homens tiravam as bagagens do jipe. Phoebe sentiu a outra mulher estudando-a. Parou o que estava fazendo para se virar e surpreender o olhar de Evie, acompanhado de um sorriso estranho no rosto.

Phoebe sorriu de volta, nervosa: — O que foi? — acabou perguntando, sentindo que devia haver alguma coisa que lhe escapara. Sentiu-se um pouco na defensiva, também, como se talvez a piada fosse a seu respeito e ela nem sequer percebera.

— O que foi? — Phoebe repetiu, quando Evie não parou de sorrir.

Evie olhou direto nos olhos de Phoebe e perguntou: — Para quando é?

Phoebe tropeçou com o choque da pergunta, colidindo com o gasto balcão de fórmica.

— O quê? — gemeu.

— Você está grávida, não está? — Evie perguntou.

— Grávida? Não, não estou. O que a fez pensar isso?

Phoebe olhou meio inconscientemente para o próprio corpo, se perguntando se a cerveja inglesa de que ela e Sam tanto gostavam começava a fazê-la criar uma barriguinha.

— Seus olhos — explicou Evie. — Sempre dá para perceber que uma mulher está grávida pela luz em seus olhos.

— Bem, eu não estou. — Definitivamente não. Phoebe tinha certeza de que ela nem mesmo era capaz de ter filhos. Ao longo dos anos, havia sido descuidada em inúmeras ocasiões e, mesmo assim, a cada 28 dias, sua menstruação chegava pontualmente, como um relógio. Exatamente como agora. Ela colocara absorventes na bagagem para o fim de semana, certa de que estava prestes a menstruar.

Evie riu, estendendo a mão e colocando-a sobre o ventre de Phoebe, um pouco acima da fivela REI DA ESTRADA: — Engano meu. Sinto muito.

Phoebe estremeceu um pouco, estranhando o gesto um tanto invasivo, mas em seguida recompôs-se e forçou um sorriso.

— Tudo bem — disse ela, lutando para se lembrar quanto tempo se passara desde a última menstruação.

Seria possível que estivesse atrasada?

Enfiou a mão no bolso para esfregar a pedrinha laranja. A pedra de preocupação (5).

5 As pedras de preocupação tiveram origem na Grécia Antiga. São gemas polidas, geralmente de formato oval, com uma reentrância do tamanho do polegar. O método básico de utilização consiste em se esfregar a área lisa da pedra com o dedo indicador e o polegar, a fim de aliviar o estresse. (N. da T.)

Capítulo 2

L i s a

6 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Quando Lisa ouviu os sinos pela primeira vez, foi como se toda a floresta estivesse cantando.

— Shh — disse ela a Sam e Evie, com o indicador sobre os lábios. — Ouçam.

Ao longe, abaixo da colina, soava um débil tilintar de sinos, que lembrava Lisa do sininho de sua primeira bicicleta. Nela a garota andava para cima e para baixo na entrada da garagem, fazendo o sino retinir enquanto fingia que estava dirigindo um caminhão de sorvete ou uma ambulância.

— O que é isso? — Evie perguntou, erguendo o rosto o máximo que podia, com uma careta. Evie tinha 13 anos, um ano a mais do que Lisa — e algumas pessoas, quando conheciam Evie, percebiam que era um tantinho lerda. Estava um pouco acima do peso, nunca penteava o cabelo e se vestia como um menino. Evie já tinha seios de verdade, não como as picadinhas de mosquito de Lisa, e ela tentava escondê-los, vestindo uma camiseta branca justa por baixo de roupas masculinas folgadas. Usava um par de botas de trabalho marrons com ponteiros de aço, vários números maior do que seus pés. Meus *coturnos*, ela chamava. Como toque final, levava uma enorme faca de caça em uma bainha de couro amarrada ao cinto.

Os sinos continuavam a tocar, chamando por eles.

Lisa balançou para trás sobre os calcanhares, olhando para o céu através da franja escura. Ela era a menina mais alta em sua classe, com uma estrutura longilínea, e quando estava ao lado da prima baixa

e atarracada, sentia-se como se fosse de uma espécie completamente diferente: — É como se a floresta estivesse falando conosco — comentou ela. — Não soa quase como vozes falando baixinho?

— Você está louca — disse o irmão. — Árvores não falam — ponderou Sammy, o sério.

— Bem, o que você acha que é então? — Evie perguntou, parecendo um pouco inquieta, nervosa.

— Eu não sei, mas as árvores, as folhas e as pedras não têm cordas vocais — respondeu ele.

— Há outras maneiras de falar — explicou Lisa, pensando que, às vezes, suas conversas com Sammy pareciam mais lutas de espadas: ataque, defesa, ataque. —

Às vezes, você escuta com os ouvidos; às vezes, é como se todo o seu corpo virasse uma antena e captasse tudo.

— O que ela não disse era que isso quase machucava, e podia causar uma dor de cabeça terrível, todas as vozes que se pode ouvir quando se tenta: os cardeais, as minhocas, os esquilos com a boca cheia de bolotas, todas as vozes se sobrepondo. Até as árvores tinham uma história para contar.

— Venham por aqui — Lisa disse a eles, disparando através do quintal e por entre as árvores, saltando sobre raízes e pedras.

— Espere! — Evie gritou, mas Lisa não diminuiu o ritmo.

Os garotos da cidade chamavam Evie de *Stevie*. Quando Evie não estava por perto, Lisa brincava com outras crianças. Como Gerald e sua irmã, Pinkie, que moravam no fim da rua. Mas Lisa os deixava de lado quando a prima os visitava, porque eram uns cretinos quando se tratava de Evie.

— Quer ir ao cinema com a gente, Lisa? — Gerald perguntava, ironicamente, acrescentando em seguida: — Ah, desculpe, esqueci que Stevie estava aqui. Divirta-se com seu *primo* favorito!

Todo mundo na escola dizia que Gerald tinha uma paixonite por Lisa, mas a garota odiava pensar nisso. Ela o conhecia desde pequena, e para Lisa era apenas o *nerd* Gerald, um menino muito

magro, com olhos cor de avelã, e que estava sempre coberto de tinta e cola, por causa das maquetes que fazia.

— Ele só está com ciúme — Sam dizia a Lisa. — Ele fica louco de raiva porque você prefere sair com Evie em vez de sair com ele.

Pensar em coisas como ciúme, paixonites, seios e meninas que pareciam querer ser meninos fazia o estômago de Lisa doer. Ela odiava que, de repente, tudo parecesse muito mais complicado. Esse negócio de crescer era uma droga. Tinha dias que ela desejava poder voltar no tempo em vez de avançar, ficando cada vez mais nova, até ser um girino dentro da barriga de sua mãe, em seguida, uma partícula e, depois, nada, apenas a ideia de Lisa O'Toole Nazzaro flutuando por aí no cosmos.

— Gerald pode ser um idiota, mas, na verdade, ele não é ruim — disse Sam.

— Eu só queria que ele e aquela irmã estranha dele não fossem tão malvados — respondeu Lisa. Estava decepcionada com Gerald e Pinkie, mas também com Evie. Se a prima ao menos tentasse, fizesse apenas uma pequena tentativa de se encaixar, as coisas poderiam ser mais fáceis. Mas, então, ela não seria Evie, seria?

No verão anterior, a prima recusara-se a pentear o cabelo durante um mês, até que ele se tornou um emaranhado parecido com um grande ninho de rato. Por fim, tia Hazel se cansou e passou a máquina no cabelo de Evie, fazendo a cabeça da menina parecer uma grande batata velha e descascada. Era para ser um terrível castigo, para lhe ensinar uma lição, mas Evie adorou. Ela saiu pedindo a todos que passassem a mão em sua cabeça: — Não é o máximo? — perguntava, arrulhando

como um animal, quando as pessoas acariciavam o restolho escuro.

— Quando estou com você — Evie dissera a Lisa —, simplesmente sei que algo mágico vai acontecer a qualquer momento.

— Evie acreditava em magia, em coisas como fantasmas e reencarnação.

— Nós nos conhecemos em muitas outras vidas — Evie falou para Lisa tarde da noite, quando estavam em sacos de dormir, no quintal, Sammy desmaiado ao lado delas. Os grilos cantavam. Evie cruzou os dedos de unhas roídas e irregulares, e disse: — Você e eu somos assim.

Lisa olhou para os dedos. Duas serpentes entrelaçadas.

— As meninas-serpente — murmurou Lisa, contorcendo-se dentro do saco de dormir, deslocando-se de modo a ficar sobre Evie.

Evie passou o braço em torno de Lisa, e disparou a língua no ouvido da prima: — *Hiss, hiss* — sibilou ela.

Eles voaram através da floresta, com o vento nos ouvidos, galhos espanando seus rostos. Sabiam o caminho de cor. O som dos sinos vinha do outro lado do morro. De Reliance.

Estava ficando escuro, mas a mãe de Lisa e tia Hazel deixavam que ficassem fora até tarde, especialmente agora que o pai tivera alta do hospital. Eles deveriam ficar em silêncio. Para deixá-lo descansar: — A última coisa de que seu pai precisa — a mãe de Lisa dissera — é três feras correndo pela casa. — Lisa pensou que, ao contrário, um pouco de corrida pela casa talvez lhe pudesse fazer algum bem. Mesmo assim, mordeu a língua e andou na pontinha dos pés em torno do pai, como se ele fosse um gigante adormecido. E isso era tudo o que ele parecia fazer desde que deixara o hospital: dormir.

Tia Hazel levava para ele as bandejas de comida, as xícaras de chá, e todos os remédios. Ela era enfermeira, o que a mãe de Lisa dissera ser uma grande ajuda naquele momento. Hazel sabia como cuidar de pessoas no estado em que o pai estava. Ele ficava no sofá, enterrado sob uma pilha de cobertores, com os olhos fechados a maior parte do tempo. Mesmo quando estavam abertos, era como se estivesse dormindo por trás deles. Ele olhava através das pessoas, como se elas fossem fantasmas.

— Buu! — Lisa dissera para ele, várias vezes, esperando uma reação, mas nada conseguira.

Reliance estava cheia de fantasmas. Pelo menos, era isso o que algumas pessoas na cidade falavam. As pessoas afirmavam avistar luzes verdes, uma névoa que se transformava em um homem que caminhava pela borda da floresta, murmurando numa língua que ninguém jamais ouvira. A sra. Mattock, que costumava gerenciar o Jenny's Café antes de seu quadril ficar muito ruim, dizia que havia algum tipo de passagem mágica escondida em algum lugar nas ruínas da antiga cidade: — As pessoas não desaparecem simplesmente sem deixar vestígios, desse jeito; pelo

menos não uma cidade inteira. Vocês, crianças, não deveriam brincar por lá.

O velho Carl Jensen dizia que tinha perdido dois cães em Reliance. Eles entraram na floresta e nunca mais saíram. Ele contava e recontava a história para quem quisesse ouvir: — O estranho é que, às vezes, quando eu ando por lá, continuo a ouvir os meus cães. Eu os chamo, eles uivam, mas nunca chegam.

Depois que você atravessa aquela passagem, já não pode voltar, não importa quanto queira.

Se houvesse uma passagem mágica em Reliance, Lisa tinha certeza de que eles já a teriam encontrado àquela altura. Havia brincado naqueles bosques a vida inteira, apesar das advertências.

Conheciam cada árvore, cada pedra, cada velho tijolo recoberto de musgo em cada buraco de porão. A mãe de Lisa e tia Hazel lhes contaram que antes havia cinco casas, dois celeiros, uma loja de ferreiro e uma igreja em Reliance. Tudo o que restava deles eram as fundações, buracos vagamente quadrados, de dois a quatro metros de profundidade, com bordas indefinidas, sufocados com ervas daninhas e folhas mortas, entulhados de alvenaria em pedaços. Vazios agora, como os buracos deixados na gengiva quando os dentes caem.

Outrora, o terreno hoje coberto pela floresta era pasto aberto, cheio de vacas, ovelhas e cavalos. Às vezes, quando Lisa estava lá ao entardecer, se ela apertasse os olhos na direção do sol que se punha, tinha certeza de que podia ver as antigas construções e os campos; às vezes, ela até conseguia vislumbrar um movimento rápido: um rosto na janela, uma porta se abrindo.

Um lugar assombrado, as pessoas na cidade diziam, e Lisa achava que talvez elas estivessem certas. Mas era um tipo bom de assombração. Se houvesse qualquer coisa maligna lá, Lisa teria sentido.

Na borda sudeste do antigo povoado, atrás do buraco de porão que eles supunham ser a fundação da igreja, havia um pequeno cemitério com cinco lápides, as ardósias tão gastas pelo tempo que era impossível ler os nomes ou as datas. No início do verão, Lisa colhia miosótis e deixava ramalhetes em cada túmulo.

Eles sabiam muito bem que deviam ficar longe do velho poço no lado norte da aldeia, que era profundo e escuro, circundado por pedras e cheirando a enxofre. Eles tinham o cuidado de não perturbar o que restava dos muros baixos de pedra que rodeavam Reliance. Ao longo dos anos, tinham descoberto que, se levassem uma pá e cavassem nos lugares certos, encontravam coisas: parafusos enferrujados, botões, garrafas de vidro opaco. Certa vez, encontraram um osso longo, manchado: — Um fêmur — afirmara Sammy. — Provavelmente de um animal, mas pode ser que não. — Evie levou o osso para casa, guardou-o em sua estante, e dizia a todos que eram os restos fossilizados de um homem das cavernas chamado Herb.

Lisa liderava Evie e Sam enquanto desciam a colina em direção ao som dos sinos. Era um leve tilintar, semelhante a um vidro delicado sendo quebrado.

— Espere! — disse ela, agarrando Sammy pela gola da camiseta. Ele parou, um

pouco sufocado. — Olhe — ela sussurrou, puxando-o para baixo até que os dois estavam acorados, como espiões. Evie, que tinha ficado um pouco para trás, alcançou-os e agachou-se com eles. Ela tinha asma, e quando corria, sua respiração ficava sibilante. Às vezes, ver a prima forte como um touro ofegar como um peixe fora d'água deixava Lisa apavorada.

Lisa piscou, ainda não acreditando no que estava vendo: — O que é aquilo? — perguntou ela. Na base do morro, dentro de um dos buracos dos antigos porões, pequenas luzes dançavam.

Dois pontinhos de luz branca e brilhante piscavam, voando de um lado do buraco para o outro, subindo e descendo, saltando de árvore em árvore, depois mergulhando de volta no buraco.

— Vaga-lumes? — respondeu Sammy, mas não eram insetos coisíssima nenhuma. Até o próprio Senhor Sammy Ciência sabia que não tinha como. Dava para Lisa perceber pelo som de sua voz.

— Aquilo — Evie disse, ofegante — não são — outra respiração ofegante — vaga-lumes. — Evie colocou a mão fria e suada no braço de Lisa, arrepiando-lhe a pele.

Lisa ficou parada, ouvindo. Mas não havia som algum. Somente o chiado de Evie. E o fraco tilintar dos sinos. Era como se o resto da floresta estivesse segurando a respiração.

— Venha — comandou Lisa, puxando Sammy para cima. — Evie — disse ela, preocupada com a respiração da prima, e dando-se conta de que ela não havia trazido sua bombinha —, fique aqui.

— Uma ova — Evie respondeu, pondo-se de pé.

Eles dispararam colina abaixo, mas, enquanto corriam, as luzes desapareceram. E o som cessou. Eles atravessaram o pequeno riacho, saltando como corças.

Quando chegaram ao buraco de porão, não havia nada, nem mesmo o som de um único grilo. Mas o ar estava elétrico e vivo, as moléculas zumbindo.

— Estão sentindo isso? — Lisa perguntou.

Evie estava curvada, com as mãos sobre os joelhos, lutando para recuperar o fôlego. Ela olhou para cima. Fez que sim com a cabeça: — Estão — ofegou — nos espiando.

Até Sammy Ciência parecia concordar: — Vamos sair daqui — disse ele.

Lisa percorreu as árvores com os olhos. Nenhum movimento.

Nada. Mas, ainda assim, podia sentir: em algum lugar ali, alguém, *alguma coisa*, observava-os.

Capítulo 3

P h o e b e

4 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Eles tinham truta frita com salada de brotos de rúcula e milho assado para o jantar. Evie e Elliot eram excelentes cozinheiros, especialmente em comparação com Phoebe, que tinha o talento único de conseguir queimar espaguete. Phoebe tomou uma taça de vinho, que lhe subiu imediatamente à cabeça. Era *rosé* e doce, com um sabor de framboesa caramelizada. Mas havia algo amargo por baixo, algo que fez a língua de Phoebe ressecar e encolher dentro da boca.

— É fabricado por uns amigos nossos — explicara Evie.

Phoebe não bebeu mais, mas os outros trataram de esvaziar a garrafa. Depois, outra. Estavam na terceira quando Sam acendeu o fogo. Phoebe não estava se aguentando de sono, esforçando-se para prestar atenção à conversa, mas sentia-se exausta e sobrecarregada de informações. Queria ir para a cama. Enfiar-se debaixo das cobertas e aconchegar-se a Sam.

Durante toda a noite, estivera dizendo a si mesma que não era possível, ela não poderia estar grávida. Mas, ainda assim, a preocupação a incomodava, remoendo-a como um cachorro velho mordiscando um osso. Tinha certeza de que sua menstruação viera na época do aniversário de sua amiga Franny, que fora no final de abril.

Mais de um mês antes.

— Mas, se imaginamos aquilo, quero dizer, se não foi real, então, como você explica o livro? — Evie perguntou. Ela estava inclinada em direção a Sam, seu rosto afogueado pelo vinho a apenas uns poucos centímetros de distância do dele. Phoebe ficou de olho.

Evie estava flertando com Sam? Ou aquela era apenas a maneira como primos se comportam? Nunca tinha sido próxima de qualquer um de seus primos. Já nem se lembrava mais de seus nomes agora, apenas uns poucos fatos, como o de que uma das primas ficara grávida aos 13 anos, outro primo gostava de provocar incêndios. A nata da sociedade, sua família. Então, supunha que não era nenhuma autoridade em primos, ou em família em geral. Mas, ainda assim, alguma coisa em Evie a deixava incomodada, dizia-lhe para ficar atenta.

Elliot parecia não se incomodar. Sentara-se em uma poltrona funda e estava aparando as unhas com um canivete pequeno, que tinha saído de um dos muitos

bolsos de seu colete. Um mágico precisa de um colete assim, Phoebe pensara: ao longo da noite, ele tirara dali fósforos, um saca-rolhas, um telefone celular, uma câmera digital, um GPS, balas de menta, palitos de dente em um estojinho de prata, um maço de cigarros mentolados, e até mesmo um minikit de primeiros socorros para pegar um Band-Aid quando Evie se cortou limpando o peixe. Ele tinha mais coisas no colete do que Phoebe jamais carregara em sua bolsa, que normalmente continha um telefone celular, batom, um ou dois caderninhos de anotações, e um livrinho de bolso de palavras-cruzadas acompanhado de um lápis curto e grosso.

— E quanto aos pequenos presentes que ele deixava para ela?

— Evie perguntou. — Que ela prendia na pulseira de balangandãs?

— Eu não sei — admitiu Sam, curvando os ombros enquanto se afundava na cadeira, parecendo menor, um menino. Phoebe se aproximou e segurou a mão dele.

Elliot, que tinha permanecido praticamente em silêncio, levantou-se, espreguiçou-se, serviu-se de mais vinho e, em seguida, caminhou até a janela perto da porta da frente. Ele abriu a janela, puxou um maço de cigarros do colete, e acendeu um, tomando o cuidado de soprar a fumaça para fora da janela.

— Nunca tinha ouvido falar de uma pulseira de balangandãs — disse Phoebe sonolenta, mas, de qualquer maneira, ela nunca tinha ouvido falar muito sobre a história. Pelo menos, não através de Sam.

Tudo o que ela sabia era o que se lembrava e que tinha descoberto fuçando a biblioteca e relendo as matérias de jornais antigos. Tinha

certeza de que nenhum deles havia mencionado uma pulseira. Mas os policiais faziam isso, não é? Escondiam certos detalhes para que pudessem discernir quem tinha informações reais de quem estava apenas buscando seus quinze minutos de fama.

— Meu Deus, ela adorava aquela coisa — disse Evie. — Era de prata e tinha um balangandã com o nome dela. E outro que era uma estrelado-mar, que ela ganhara no início do verão, em Cape Cod. Mas, então, as fadas começaram a lhe deixar presentes e ela os colocava na pulseira.

— Que tipo de presentes? — Phoebe perguntou, inclinando-se para a frente e esticando as pernas. Estava olhando para Sam, mas sabia que a pergunta seria respondida por Evie.

— Deixe-me ver. Tinha uma velha moedinha de um centavo, daquelas com a cabeça de índio, polida para brilhar. Uma medalhinha católica, também. São Cristóvão, eu acho. Havia algo mais, Sammy?

— Acho que não — respondeu Sam. Ele havia se encolhido ainda mais no assento, como se estivesse tentando desaparecer por completo.

— E o que aconteceu com a pulseira? — Phoebe perguntou.

— Não tenho certeza — disse Sam, baixando os olhos de um modo que fez Phoebe se perguntar se ele estava mentindo.

Phoebe só percebeu quem era Sam quando os dois já namoravam havia três meses e ele a levou à casa de sua mãe para apresentá-la. Quando entraram na cidade e passaram pela rocha com o Pai-Nosso entalhado, Phoebe sentiu um arrepio involuntário. Ela quase engasgou quando Sam parou em frente ao grande bangalô da Spruce Street, diante do qual ela mesma um dia ficara parada, perdida em uma multidão de curiosos.

Você está aqui para ver as fadas?

— Esta é a sua casa? — Phoebe perguntou, forçando as palavras através da garganta que se apertava rapidamente.

— Sim.

— Quero dizer, você realmente cresceu aqui? Não se mudou quando estava no ensino médio ou algo assim?

— A casa é nossa, Bee. Meu bisavô a construiu. Agora, vamos entrar. Minha mãe está morrendo de vontade de conhecê-la.

Ela seguiu Sam até a porta da frente, parando para olhar para a janela mais à esquerda no segundo andar, recordando-se do menino com a camiseta do Super-Homem. O menino que ela estava destinada a conhecer um dia, por acaso, quando ele entrou na clínica onde ela trabalhava, carregando uma coruja ferida embrulhada em uma camisa de flanela. O homem por quem ela iria se apaixonar. Era quase inacreditável, pensar que o vira de relance quando ele tinha apenas 10 anos, e que, de certo modo, fora testemunha de seus piores momentos.

Ela decidiu, enquanto seguia Sam para dentro da casa (que agora estava recém-pintada, com a varanda consertada, e tinha floreiras repletas de amores-perfeitos), que não contaria a ele sobre ter estado entre a multidão na rua na semana em que Lisa desaparecera.

Que bem faria isso? Mesmo depois, quando teve tempo para fazer uma lista, os contras em lhe contar superavam em muito os prós.

— Que casa adorável você tem! — disse ela ao apertar a mão de Phyllis na reluzente cozinha, determinada a causar uma primeira impressão favorável. — E que cidadezinha encantadora. Acho que já passei de carro por ela, mas nunca parei.

Sam colocou mais lenha na lareira. Elliot terminou o seu cigarro, jogando a bituca na escuridão pela janela, fechando-a em seguida. Phoebe estava tonta de sono. Ela se perguntava como Evie mantinha seu batom tão perfeito enquanto bebia vinho. Não chegava a encostar os lábios no copo? Estava mesmo bebendo o vinho ou só fingindo?

— Você trouxe o livro? — Evie finalmente perguntou, e Sam confirmou com a cabeça.

Phoebe endireitou-se com um sobressalto, sentindo o coração acelerar ao pensar que eles finalmente estavam prestes a abrir o livro que havia sido deixado por Lisa: um livro supostamente escrito pelo Rei das Fadas, um livro com instruções que Lisa seguiu para atravessar a passagem.

— Vamos deixar para olhá-lo amanhã de manhã — Evie disse, inclinando-se para trás para se alongar, sua mão apoiada no ombro de Elliot —, quando estivermos com a cabeça um pouco mais fresca. Está ficando tarde agora. — Ela olhou para o relógio.

Phoebe se inclinou para consultar o relógio de Sam: quase meia-noite.

— Mas, antes de irmos para a cama, quero lhe mostrar uma coisa — Evie disse. Ela enfiou a mão no bolso da calça jeans e tirou um pedaço de papel dobrado. Passou-o para Sam, que se sentou ereto para recebê-lo. Ele o desdobrou e alisou-o. Era um papelzinho para anotações. No canto superior esquerdo, uma reprodução de uma gravura botânica antiga. Lírio-do-Vale. Minúsculas flores com cabeça em formato de sino, pendente. Debaixo da gravura, algumas linhas escritas com tinta preta. Phoebe se inclinou para obter uma visão melhor da escrita.

Estou de volta da terra das fadas. Vejo vocês em breve.

Lisa

— Como você recebeu este bilhete? — Sam perguntou.

— Foi deixado em minha caixa de correio na semana passada.

Pouco antes de eu telefonar para você.

Ela esperou um minuto enquanto Sam o estudava e, então, perguntou: — Você acha que é realmente dela? Quer dizer, poderia ser?

Depois de todos esses anos?

— Não é possível — respondeu Sam. Seu rosto estava impassível, e nele Phoebe podia ler a mesma coisa que Sam recitara

durante anos: *Lisa se foi, foi levada, e não há nada que possamos fazer, a não ser seguir com nossa vida.*

O pragmático Sam. Esta era uma das coisas que Phoebe mais admirava nele, sua capacidade de deixar o passado para trás e seguir em frente.

— Mas parece um pouco com a letra dela, não é? — Evie perguntou. — Eu fui até a polícia com o bilhete, mas eles acharam que é apenas alguém fazendo uma brincadeira. Não levaram muito a sério.

Sam sacudiu a cabeça, demonstrando não estar pronto para acreditar.

— Diga a verdade, Sammy — Evie disse, inclinando-se para ele.

— Você não encontrou simplesmente do nada o *Livro das Fadas* no sótão, depois de todos esses anos, não é?

— Não — Sam admitiu. — Recebemos um telefonema. De uma menina.

— Uma menina?

— É — explicou Sam. — Phoebe falou com ela. Ela nos disse onde encontrar o livro.

— Ela disse mais alguma coisa? — Evie perguntou, olhando para Phoebe. Seu rosto estava preocupado, implorando por respostas.

— Não — disse Phoebe.

— Como ela lhe pareceu? — Evie perguntou.

— Assustada — Phoebe confessou. — Ela parecia assustada.

Todos os quatro, aparentemente, prenderam a respiração enquanto, com um dedo trêmulo, Sam traçou as palavras sobre o bilhete.

Estou de volta da terra das fadas. Vejo vocês em breve.

O silêncio foi destruído por uma forte batida na porta.

Todos congelaram e entreolharam-se com os olhos arregalados, todos eles, Phoebe sabia, com o mesmo e impossível pensamento: *É Lisa. Ela nos encontrou.*

Capítulo 4

L i s a

6 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Conte-me uma história — Evie implorou. — Por f-a-v-o-o-o-r! — Ela estava em seu saco de dormir, no chão, ao lado da cama de Lisa, debatendo-se sem parar de um lado para o outro como alguém tentando escapar de uma camisa de força. A fresta de luz por baixo da porta dava ao seu rosto um brilho fantasmagórico. Sua cabeça parecia grande demais, os olhos, buracos escuros escavados.

Escondida sob o travesseiro de Evie estava sua grande faca de caça. Lisa podia ver a borda da bainha de couro. Quem exatamente Evie estava esperando quando escondia a faca debaixo do travesseiro todas as noites?

Evie dizia às pessoas que a faca tinha pertencido a seu pai, o que era a mais completa mentira: Evie nunca conhecera o pai ou sequer fazia a mínima ideia de quem ele era. Ela encontrara a faca em uma velha caixa de apetrechos de pesca em seu porão. Hazel, a mãe de Evie, era um neotoma (6) e a faca poderia ter vindo de qualquer lugar.

Hazel frequentava mercados de pulgas e vendas de jardim e parecia ter estranho vício de comprar coisas que nunca teriam qualquer utilidade para ela. Quanto mais Evie contava a história de como a faca pertencera a seu pai, mais ela parecia acreditar que fosse verdade. Lisa nunca discutira com ela sobre isso; entendia que Evie merecia algum elo palpável que a ligasse ao próprio pai, mesmo que fosse inventado.

6 Roedor que tem o hábito de encher o ninho com bugigangas que chamam sua atenção, muitas vezes invadindo porões e até carros para roubar suas “preciosidades”. (N. da T.)

Ao lado do travesseiro estava seu caderno de desenho e suas canetas. Evie estava sempre rabiscando nele seus rápidos esboços de personagens de desenho animado, figuras grandalhonas e desengonçadas, com rosto comprido e olheiras profundas. Tudo que desenhava parecia feito por uma criança de 7 anos de idade — uma criança muito assustadora de 7 anos de idade que fazia todo mundo se parecer com um vampiro.

— Por favorzinho — Evie choramingou novamente.

Lisa virou-se na cama de modo a ficar de costas para a prima, com o nariz a

centímetros da parede. Acima dela estava pendurado o mapa da Terra Média, que havia feito quando lera *O Senhor dos Anéis*.

Sabia que aquilo era uma coisa muito *nerd* de se fazer, que as outras meninas de sua classe tinham pôsteres de astros de cinema e cantores bonitos presos na parede, enquanto a dela era coberta com mapas de lugares imaginários, unicórnios, e um desenho do troll embaixo da ponte, do conto “Os Três Cabritos Rudes” (7), que seu pai havia feito para ela, a nanquim, e que sempre a apavorara. O que a assustava não eram os dentes afiados ou as garras serrilhadas do troll, mas a fome em seus olhos.

— Por favorzinho com uma cereja em cima — Evie implorou.

Lisa puxou as cobertas sobre a cabeça: — Conto uma história se você admitir o que vimos em Reliance.

Desde que tinham voltado para casa, sempre que Lisa tocava no assunto dos sinos e das luzes, Evie desconversava, fingindo que já tinha esquecido aquilo. Ficava rabiscando em seu caderno, sem ao menos desenhar qualquer coisa de verdade, apenas espirais, Xs, e borrões. Ela pressionava a caneta com tanta força que o papel rasgava.

— O que é que eu tenho de admitir? — Evie chiou.

— Que eram fadas. Você sabe que eram, então por que não admite?

7 Popular conto de fadas norueguês. (N. da T.)

Lisa estava sufocando debaixo das cobertas, mas ela tinha mania de se submeter a pequenos testes para ver por quanto tempo poderia fazer coisas desconfortáveis, desagradáveis: prender o fôlego numa banheira, tocar fígados de galinha crus, ficar torrando sob as cobertas. Quando parecia que estava ficando sem ar, ela desistiu e tirou o lençol e o cobertor de cima do rosto.

O quarto escuro, de repente, parecia brilhante. Ela rolou para trás, para olhar para Evie, que movimentava as pernas espasmodicamente dentro do saco de dormir, com a respiração sibilante.

Do outro lado do quarto ficava a escrivaninha de Lisa. Perto dela, a estante, cheia de livros de contos de fadas e histórias fantásticas.

— As pessoas veem o que querem ver — Sammy havia lhe dito mais cedo, quando ela estava tentando convencer Evie e o irmão de que as luzes no buraco de porão eram fadas.

Talvez Sammy estivesse certo, talvez Lisa pensasse que eram fadas porque era exatamente isso que ela queria que fossem, o que ela estivera esperando a vida inteira para ver.

Mas e se a coisa funcionasse no sentido inverso?

E se as coisas acontecem — coisas especiais, mágicas — porque você está preparado para elas? E se, crendo, você abre uma porta?

— Diga que você sabe que eram fadas e eu conto uma história.

Uma verdadeiramente especial. E eu lhe darei um presente junto com a história,

um talismã mágico.

— Que tipo de talismã? — Evie perguntou.

— Você vai ver — prometeu Lisa.

Parecia um pouco de maldade manipular Evie assim. Mas a verdade era que Evie estava sendo má também. Vinha agindo como uma total aberração desde que voltara da floresta, fingindo que nada fora do comum tinha acontecido. Mas seu corpo se contorcendo mostrava que ela estava pensando naquilo, que estava enervada e ofegante. E Lisa poderia corrigir todas essas sensações desagradáveis.

Podia colocar Evie para dormir com seu remédio mágico.

Evie adorava as histórias de Lisa. Quando estava preocupada ou chateada, elas a acalmavam. Quando estava agitada na cama, se revirando, elas a embalavam até dormir. Mesmo quando estava tendo

o pior ataque de asma, se Lisa se aproximasse e sussurrasse “Era uma vez” em seu ouvido, os pulmões de Evie se abriam, e seu corpo contra o de Lisa ficava mole como o de uma boneca gigante. No verão anterior, Evie chegara a gravar Lisa contando histórias, para que pudesse levá-las para casa e ouvir, mesmo longe da prima. Evie tinha a fantasia de que um dia, quando estivessem crescidas, fariam um livro juntas, Lisa escreveria suas histórias e Evie as ilustraria.

— Tudo bem — Evie disse, finalmente sossegando dentro do saco de dormir.
— Você tem razão.

— Razão em quê? — Lisa perguntou. Não facilitaria as coisas para ela, iria obrigá-la a dizer as palavras em voz alta.

Evie gemeu.

— Está bem, está bem! Eu acho que existem fadas em Reliance.

Agora, conte-me a história e mostre-me o presente, ok? Trato é trato.

Lisa sorriu, colocou a cabeça no travesseiro, fechou os olhos.

Contar histórias não era inventar coisas. Era mais como convidar as histórias a chegarem até ela e deixarem-se ser contadas.

— Capriche — disse Evie.

— Mmm — disse Lisa, tomando fôlego e, em seguida, começando com as três palavras mágicas que iniciavam todas as histórias: — Era uma vez — disse ela, parando, esperando — duas irmãs, uma loura, outra morena.

— Hã — murmurou Evie, as palavras soando como um suave suspiro de aprovação. Sua respiração já desacelerara e perdera um pouco de sua aspereza.

— Elas moravam em um castelo que havia sido amaldiçoado por uma bruxa malvada. O castelo era escuro e sombrio. Todos que colocavam os pés dentro do lugar, todos, exceto as duas irmãs, enlouqueciam. A mãe delas havia se enforcado. O pai caminhava pelos corredores resmungando para si mesmo, parecendo não notar as filhas. Ele olhava através delas, como se fossem fantasmas.

Evie fez um *mmmm* baixo e virou-se de lado no saco de dormir.

— Era assim havia tanto tempo que elas começaram a se perguntar se não eram

mesmo fantasmas. Talvez houvessem enlouquecido também, e foram trancadas em algum calabouço profundo, pensando, em seu delírio, que eram sãs.

— “Só há uma coisa que podemos fazer”, disse a irmã de cabelos louros, “temos de deixar este lugar.”

— “Para onde vamos?”, perguntou a irmã de cabelos pretos.

— “Para longe. Procurar alguém ou alguma coisa que possa nos ajudar a quebrar o feitiço do castelo.”

Lisa parou, ouviu a respiração de Evie, que era lenta e profunda, pois estava quase dormindo.

— E assim ficou decidido — Lisa continuou. — Elas saíram do castelo naquela noite, sob o manto da escuridão, a cavalo. Levaram um saco com pão, queijo e frutas. A irmã morena carregava a espada de seu pai. E a loura, um arco e flechas de prata. Elas pegaram também a única lembrança que tinham da mãe: uma pequena chave de prata que ela guardava com todo cuidado; nunca lhes dissera em que fechadura a chave servia, mas prometeu-lhes que um dia a chave as salvaria. — Lisa se levantou da cama, passou por cima de Evie com cuidado, e foi até a escrivaninha. Abriu a gaveta e bateu até encontrar o que queria.

Então, engatinhou até Evie e abriu a mão dela.

— O que é isso? — Evie perguntou, meio dormindo.

— O presente que eu prometi. Sua própria chave mágica. — Era uma chave-mestra que Lisa tinha encontrado muito tempo antes, na gaveta da mesa do *hall* de entrada, junto com pilhas velhas, canetas sem carga, uma chave de fenda torta e outras chaves abandonadas porque ninguém conseguia se lembrar onde serviam. A chave-mestra era de prata manchada e tinha um dente grande com vários entalhes.

Evie segurou a chave firmemente e sorriu: — Será que vai me salvar um dia?

— Sem dúvida — respondeu Lisa. — Irá salvar nós duas.

Lisa estava montada no cavalo da história, os dedos segurando a sua crina branco-prateada. Ela se inclinou e sentiu o cheiro almiscarado e quente de seu pelo. O cavalo deslocava-se suavemente, com graça, sem fazer barulho. Pensou que Evie com certeza estaria atrás dela, mas Lisa estava sozinha.

O cavalo levou-a para a borda do quintal e, em seguida, para a floresta. Eles desceram o morro, atravessaram o riacho. Só que o riacho parecia mais fundo, mais largo. O cavalo teve de nadar. Lisa achava que deveria estar com medo, mas não estava.

— Os sonhos não são lindos? — ela falou em voz alta.

— Sim, eles são — respondeu o cavalo. — Shh — ele sussurrou.

— Agora, durma.

Quando ela acordou à primeira luz da aurora, estava de volta à sua própria cama, mas o intenso e misterioso cheiro almiscarado do cavalo continuava ao seu redor. Uma sombra se deslocou no cantinho de sua visão e, em seguida, foi embora.

A porta se fechou rangendo e ela tinha certeza de que ouvira o som de passos

afastando-se pelo corredor.

— Olá? — chamou.

Evie estava roncando suavemente no chão ao lado dela, com a faca debaixo do travesseiro e a antiga chave apertada na mão.

Um sonho. Apenas um sonho.

Os sonhos não são lindos?

Sim, eles são.

Ela se virou e viu que sobre o travesseiro, ao seu lado, havia um pequeno saco de veludo verde amarrado com uma fita dourada.

Seu coração saltou para a garganta.

Seus dedos tremiam enquanto desatava a fita e enfiava a mão lá dentro. Ela tirou três pedras lisas. Só quando acendeu a luz, entretanto, viu que não eram pedras. Eram grandes dentes: molares, marrons e desgastados.

— Oh! — exclamou ela, e Evie levantou com um salto, esperando uma luta.

— Onde ele está? — Evie perguntou, procurando a faca debaixo do travesseiro.

— Quem? — Lisa perguntou.

Evie olhou ao redor, espantando o sono de seus olhos: — Deixe pra lá — disse ela, largando a faca no colo.

— De algum tipo de ruminante, talvez — Sammy disse quando elas o acordaram para lhe mostrar os dentes. — Como uma vaca — supôs ele, revirando um dos dentes na mão. — Ou um cavalo.

Lisa sentiu um calafrio. Segundo Evie sempre dizia, aquilo significava que alguém estava andando sobre o seu túmulo.

— E você simplesmente acordou e os encontrou? — Evie perguntou, franzindo a testa.

— Eu já lhe disse isso umas cem vezes — Lisa se exasperou. — Eles estavam lá sobre o meu travesseiro.

Evie fez uma careta.

— Você acha que foram as fadas? — Lisa perguntou.

— Eu achava que a fada do dente vinha buscar dentes, não deixá-los — respondeu Sammy.

— A fada do dente é invenção — disse Lisa.

Sammy riu, deixou cair os dentes de volta no saco, e amarrou-o.

— Certo. E todas as outras fadas são totalmente reais.

Capítulo 5

P h o e b e

4 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

As batidas na porta da cabana ficaram mais altas, mais frenéticas.

Foi Evie quem finalmente se levantou e foi atender. Ela parou um segundo, com a mão na maçaneta, olhando para o grupo perto do fogo, seu rosto estampando uma pergunta: *Devo?* Mas que escolha ela tinha? Girou a maçaneta e abriu a porta.

Uma mulher idosa, de cabelos grisalhos e curtos, sorriu para eles. Usava um chapéu de palha enfeitado com espalhafatosas flores de plástico. Seu batom era de um vermelho berrante e parecia que havia sido aplicado por um orangotango, deixando-a com uma boca de palhaço e toda torta. Estava com uns óculos cor-de-rosa com uma grossa armação de plástico. Trajava um *muumuu* (8) de verão laranja com flores tropicais rosa choque e, sobre ele, uma capa de chuva. Nos pés, tênis vermelhos, quase puídos nos dedos.

— Hum... posso ajudar? — perguntou-lhe Evie.

A velha riu.

— A senhora está perdida? — Evie perguntou. — Gostaria de entrar?

E então, a princípio suavemente, a velha começou a cantar:

*Diga lá, coleguinha, diga lá
Saia e venha comigo brincar
Traga seus bonecos, um, dois, três
Suba na macieira outra vez
Role o meu barril de chuva
Para dentro do porão
E alegres amigos nós seremos, para sempre, de montão!*

8 Vestido havaiano largo, solto desde os ombros e florido. (N. da T.)

Evie virou-se e olhou para trás, para os outros, buscando ajuda.

Era óbvio que aquela senhora não batia bem.

Tanto Phoebe como Elliot se levantaram e caminharam em direção à porta aberta.

— Por favor, entre — disse Elliot.

— Sim — concordou Evie — vamos lhe preparar uma xícara de chá.

Evie lhe estendeu os braços e, por um breve momento, Phoebe teve certeza de que a estranha estava prestes a ser envolvida em um abraço com cheiro de patchouli, mas a velha virou-se e saiu andando para a floresta escura.

— Espere! — Evie gritou. — Volte! — mas a mulher tinha ido embora.

— Devíamos ir atrás dela — disse Phoebe. — Está claramente desorientada. Quero dizer, estamos a quilômetros de qualquer lugar. E ela não parece estar em condições de ficar sozinha na floresta.

— Sam e eu iremos — Elliot falou, pegando uma lanterna. — Vocês duas fiquem aqui.

— Vou preparar um pouco de chá — disse Evie.

Os dois saíram e ficaram fora por quase 45 minutos e, quando voltaram, disseram que não viram nem sinal dela.

— Está um breu lá fora — relatou Sam, balançando a cabeça.

— Acho que é hora de todos nós irmos dormir — disse Elliot, deslizando o ferrolho na porta da frente, trancando-a. Phoebe não poderia ter concordado mais. Estava exausta.

— Não me sinto confortável com isso — disse Evie. — Sinto que deveríamos estar fazendo mais. Aquela pobre mulher está lá fora, sozinha.

Elliot colocou a mão delicadamente na parte de trás do pescoço de Evie e massageou um pouco:

— Nós podemos procurar em volta mais um pouco pela manhã. E, depois, ir até a cidade e registrar a ocorrência, se isso vai fazer você se sentir melhor.

Evie assentiu.

Depois de desejarem boa-noite, Phoebe e Sam fecharam-se em seu quarto e foram direto para a cama. Phoebe esvaziou os bolsos, colocando a pequena pedra laranja no parapeito da janela ao lado da cama. Puxou o bloco de notas de seu bolso de trás, junto com um lápis grosso, e escreveu:

COISAS ESTRANHAS QUE ACONTECERAM HOJE

Evie achar que eu estou grávida (não pode ser, pode???) O carro deles tinha placa de Massachusetts Ver o bilhete de Lisa (não pode realmente ser ela, certo?) A mulher idosa na porta

— Traçando o seu plano para a paz mundial? — Sam brincou.

— Está mais para plano para dominar o mundo — Phoebe disse com um sorriso malicioso, enfiando o bloco em sua bolsa e, em seguida, observando Sam tirar a camiseta. Suas costas eram fortes, os braços musculosos de trabalhar na floresta. Ela sorriu por causa de sua camiseta engraçada, seu bronzado de garoto de fazenda. Mal podia esperar ir para a cama e sentir seus braços em volta dela, dizendo-lhe que ela estava em casa.

Ele se virou para encará-la, e os olhos de Phoebe bateram na pálida cicatriz logo abaixo da clavícula esquerda. Sam nunca falara muito sobre a cicatriz, e quando

Phoebe perguntou, ele disse que era muito pequeno e mal se lembrava do que tinha acontecido. A mãe dele também não se lembrava e disse apenas: — Meninos pequenos podem ser tão descuidados... não me lembro se foi quando ele se enroscou na cerca de arame farpado ou na vez em que tentou saltar com a bicicleta por cima de nosso fusca.

Phoebe ainda achava difícil imaginar que seu cauteloso Sam algum dia tivesse sido um diabrete imprudente.

Phoebe tirou as botas e despiu-se.

— Você acha que ela está bem? — Phoebe perguntou.

— Quem?

— Aquela senhora idosa. Odeio pensar que ela está sozinha lá fora, perdida na floresta.

Sam ficou um minuto em silêncio: — Foi a coisa mais estranha — disse ele finalmente, os olhos vidrados, as bochechas coradas de todo o vinho que bebera. — Como ela pôde desaparecer daquele jeito. E a música que ela cantou...

— O que tem a música?

— Nada — disse Sam, apagando a luz e se enfiando debaixo das cobertas. — Esqueça isso. Acho que eu bebi demais. Aquele vinho definitivamente sobe à cabeça, não é?

— *Aham.*

Phoebe deitou-se na cama ao lado dele. *Você deveria falar com ele, uma vizinha interior lhe disse. Conte que você acha que sua menstruação está atrasada. Conte-lhe o que Evie disse.*

Mas quando Sam se ajeitou em conchinha em torno dela, e Phoebe abriu a boca para tocar no assunto, encontrou-se, em vez disso, fazendo a pergunta que sempre quis fazer.

— Você realmente viu as fadas?

Ele ficou em silêncio por um momento, o corpo tenso contra o dela.

— Nós vimos alguma coisa — ele murmurou em seu cabelo.

Ela queria perguntar o que; queria saber os detalhes: eram pequenas figuras verdes vestidas de folhas? Ou apenas sombras? Mas, antes que ela pudesse perguntar, Sam adormeceu. E logo Phoebe se juntou a ele, a própria mão descansando sobre o ventre, como se estivesse questionando se poderia haver, de fato, um bebê ali dentro, nadando dentro dela.

O alçapão estava aberto. Ela ouviu o deslocamento e o ranger das dobradiças.

Deveria ter empilhado suas malas e sacolas debaixo da cama.

Sam teria tirado sarro dela, mas e daí? Pelo menos eles estariam a salvo.

Algo tinha rastejado através do alçapão. Ela sentiu a pressão em seu abdômen, abriu os olhos e olhou para baixo. Uma mão estava abrindo caminho para dentro dela através da pele rasgada, gordura e músculos.

Seus olhos, uma voz dizia. Sempre dá para perceber que uma mulher está

grávida pela luz em seus olhos.

Ela estendeu o braço, mas a mão desaparecera. E ela estava descoberta. Ao seu lado, Sam estava encapsulado em um cobertor fino que eles tinham encontrado sobre o colchão encaroçado na cabana.

Não foi um sonho, pensou Phoebe, percebendo ao mesmo tempo quão ridículo era tal pensamento, mas protegendo o ventre com as mãos, enquanto ela se sentava.

Sam não entendia sobre sonhos, e tinha pouca paciência para ouvi-la recontando-os.

— Eu não sonho — ele lhe disse umas cem vezes.

— Claro que sonha — Phoebe o contestava. — Todo mundo sonha. Você só não se lembra.

O quarto estava às escuras, mas Phoebe conseguiu perceber um vulto ao pé da cama.

O homem das sombras de sua infância retornara?

Não. Era a velha do chapéu florido, e estava mexendo nas coisas deles. Phoebe piscou, certa de que aquilo era só uma imagem de pesadelo, uma alucinação bizarra.

A mulher se virou, olhando direto para eles.

Aquilo não era um sonho.

Phoebe gritou, agarrou Sam, que se sentou ereto, olhando atordoado e incrédulo para a velha.

A velha piscou para Sam e, em seguida, correu para fora do quarto, quase derrubando Elliot, que saíra do próprio quarto só de cueca boxer e vinha pelo corredor querendo saber qual o motivo de toda a comoção. A velha disparou pela porta da frente aberta e desapareceu no amanhecer.

— O que ela estava fazendo? — Elliot perguntou.

— Estava mexendo em nossa bagagem — respondeu Phoebe.

— Mas como é que ela entrou? — Elliot quis saber. — Eu tranquei a porta ontem à noite antes de dormir.

Sam foi até a porta e verificou-a: — Não parece forçada — disse ele. Sua voz soou aguda e trêmula, como a de um menino.

— Talvez ela tenha entrado por uma das janelas — disse Evie, que seguiu Elliot. Vestia um quimono de seda vermelho e parecia menor, mais jovem, sem a maquiagem.

Sam verificou as janelas. Estavam todas fechadas e trancadas.

O alçapão debaixo da cama, Phoebe pensou. Foi assim que ela entrou.

Mas ela já não era mais uma menininha. E não existiam coisas como alçapões debaixo das camas, nem bicho-papão. Ela tinha que se lembrar de que já não acreditava nessas coisas. Aquela era a nova Phoebe: a mulher que não tivera um só pesadelo por três anos. Até aquela noite.

— Será que ela pegou alguma coisa? — Evie perguntou. Sam foi conferir e, em seguida, voltou para informar que não faltava nada.

— Bem, acho que devemos tomar o café da manhã e, depois, ir até a cidade para chamar a polícia — disse Evie.

— Eu não acredito que nenhum de nossos celulares esteja funcionando — Elliot murmurou, sacudindo a cabeça.

— É assim no estado inteiro de Vermont — disse Sam. — Muitas montanhas, e torres de celulares insuficientes.

— Vou preparar um pouco de café — disse Evie, dando um aperto tranquilizador no braço de Elliot. — Por que você não vai vestir suas calças?

Elliot olhou para suas pernas nuas com ar de quem só então se dera conta de que estava apenas de cueca. Mas não uma cueca qualquer: uma boxer com as palavras ESCRAVO DO AMOR estampadas na frente. Claro que não era coisa para ser exibida a familiares que não se viam há muito tempo. Suas faces ficaram um pouco vermelhas.

Quando Elliot se virou para caminhar de volta para o quarto, Phoebe percebeu uma tatuagem em sua panturrilha direita, um pequeno desenho tribal: um círculo do qual subia uma linha perpendicular cortada por um número quatro invertido. Uma letra grega? Coisa de fraternidade? Phoebe mal tinha completado o ensino médio, que dirá feito faculdade, então não tinha a mínima ideia. Mais tarde iria perguntar a Sam sobre aquilo.

Sam ficou parado na porta da frente, olhando para a floresta, balançando a cabeça:

— Quem diabos é ela? — perguntou, correndo os dedos pelos cabelos escuros cortados rentes. Phoebe veio por trás dele e esfregou-lhe os ombros. Seus músculos estavam rijos como bolas de golfe.

— Apenas uma pobre velha louca — disse ela.

Sam balançou a cabeça: — Aquela música idiota que ela cantou ontem à noite... — ele disse.

— É óbvio que ela é doente. Provavelmente tem Alzheimer ou algo assim e se afastou de casa — reiterou Phoebe.

— Era algo que Lisa costumava cantar o tempo todo.

Phoebe massageou os músculos tensos nos ombros dele.

— É apenas uma coincidência — ela sussurrou. — Muita gente conhece essa música.

Mas, no fundo de sua mente, Phoebe sabia que ela mesma não acreditava realmente naquilo.

Capítulo 6

L i s a

7 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Existem fadas em Reliance — Lisa anunciou no café da manhã. A luz das janelas da cozinha fazia a poeira flutuante brilhar e faiscar. As cerejas do papel de parede pareciam extraordinariamente vivas e alegres. A cadeira e as pernas da mesa cromadas refulgiam ao sol. A cozinha, como a maior parte da casa, não havia mudado muito desde que sua mãe e sua tia eram meninas. Os armários eram todos de metal branco e as bancadas de fórmica gasta, na cor amarelo-claro, combinavam com o papel de parede, num padrão de vistosas cerejas contra um fundo creme. O chão simples era de tábuas de pinho pintadas e repintadas, passados uns poucos anos, de branco brilhante.

A mãe de Lisa sorriu, olhando sua xícara de chá Earl Grey com leite e açúcar, mas não disse nada. Como sempre, havia se levantado cedo, feito ioga e tomado um banho. Estava vestida para o dia com calças folgadas de linho e uma blusa combinando, com botões em formato de pinhas. Seu cabelo ainda estava úmido e bem penteado.

Cheirava a sais de banho de lavanda e creme hidratante.

Se alguém iria acreditar nas fadas, seria a mãe dela, que havia lhe ensinado a amar os contos de fadas, a entender a magia contida nas palavras “Era uma vez”. A lembrança mais antiga de Lisa era a de sua mãe lendo para ela “João e Maria”, puxando o lençol sobre a cabeça como um xale e falando em voz rouca e trêmula quando lia as partes da bruxa. “Deixe-me sentir seu dedo, menininha”, ela dizia, estendendo a mão para a mãozinha de Lisa: “Oh, muito fino. Muito fino”.

Fora sua mãe quem lhe contara sobre Reliance, e de como as pessoas da cidade estavam certas apenas parcialmente: era um lugar encantado, mas a magia era positiva, não negativa.

— Um dia você vai ver — ela dissera a Lisa enquanto lhe escovava os cabelos antes de dormir. — Você vai ver a magia por si mesma. Isto é, se tiver sorte. Se acreditar.

E Lisa *realmente* acreditava. E passou a vida acreditando.

Agora, ela prendia a respiração, esperando. Sua tigela de Rice Krispies “falava” com ela (9). Tudo falava se você soubesse ouvir.

Do outro lado da mesa de fórmica vermelha, sentava-se o pai, com um pijama

sujo, olhando para sua caneca de café como se ali houvesse todo um mundo complexo: pequenas cidades, fazendas, ciclones. Ele adicionou um pouco de açúcar na caneca, fazendo nevar naquele mundo complexo.

Lisa ainda não tinha descoberto como ouvir direito o pai. Tinha de haver uma maneira, entretanto. Ele estava lá em algum lugar. Lisa prestou muita atenção, tentando ouvir com toda a sua força, mas o pai permaneceu em silêncio.

— Eu vi fadas, papai — disse ela, inclinando-se sobre a mesa, tentando olhar nos olhos dele. Ele manteve a cabeça baixa, estudando o café escuro em sua caneca. — Todos nós vimos — disse ela, elevando um pouco a voz, dessa vez. E teve certeza de que viu um leve esboço de movimento em seu olho esquerdo.

O pai nunca tinha estado tão mal antes. Claro que houve momentos em que ele não saía da cama por dias, não tomava banho ou comia, nem fazia muita coisa. Mas aquela era a primeira vez que ele havia desistido de falar. E o mais perto que ele chegara de morrer.

— Por que ele não fala nada? — Lisa havia perguntado para a mãe mais cedo.

9 Snap (estala), Crackle (crepita), e Pop! (estoura!) eram as três mascotes do cereal Rice Krispies, criadas no começo da década de 1930, que vinham desenhados na embalagem do produto. Seus nomes correspondem à onomatopeia dos sons que o cereal matinal produz quando mergulhado no leite. O famoso anúncio veiculado pelo rádio dizia: “Ouça a canção das fadas da saúde, o refrão feliz cantado pelo Rice Krispies da Kellogg’s, enquanto alegremente estala, crepita e estoura em uma tigela de leite. Se você nunca escutou um alimento falar, esta é a sua chance”. (N. da T.)

— Eu acho que ele não tem muito a dizer agora — respondera ela. — Dê-lhe tempo, Lisa. Ele teve alta do hospital há apenas poucos dias. Os médicos disseram que a overdose não causou nenhum dano físico permanente. As coisas vão voltar ao normal em breve.

O gato comeu sua língua? Era o que o pai costumava dizer a Lisa e Sam quando não respondiam a uma pergunta de imediato, e geralmente era um sinal de que eles tinham algo a esconder.

O pai não quisera ir com eles para Cape Cod no feriado do dia da Independência, o que deveria ter sido um aviso, já que ele adorava a praia. Ele dizia que a praia tinha *poderes restauradores*.

Desde que Lisa se entendia por gente, a família ia para Cape Cod no feriado do dia da Independência. Hazel e Evie sempre iam com eles. Ficavam em uma pequena casa na praia, acendiam fogueiras, procuravam mariscos e nadavam no mar, não importava o frio que estivesse fazendo.

O pai e Lisa passavam horas vasculhando a praia, procurando conchas e troncos, fazendo colares de algas. No verão anterior, o pai havia confeccionado uma peruca maluca toda feita de algas. Ele a colocou na cabeça e dançou agitando um pedaço de madeira, entoando uma canção, imitando um xamã. A areia em seu peito

nu brilhava e seus pés longos e finos deixavam rastros engraçados, como de aves, em um grande círculo na praia. Até mesmo Hazel chorou de tanto dar risada.

O pai era ceramista. Tinha um ateliê montado na garagem, com um forno, uma roda de oleiro e prateleiras repletas de esmaltes. Fazia canecas, tigelas e vasos que ele vendia em galerias e lojas de artesanato em todo o estado. Costumava dizer que cada uma das peças que produzia contava uma história. Não quisera ir para Cape Cod naquele ano porque estava trabalhando em algo novo, conforme explicou: — Uma coisa que os turistas de Nova York dariam o rim esquerdo para obter — dissera ele com uma piscadela. Então, beijara o topo da cabeça de Lisa: — Traga-me de lá uma pedra mágica. E chocolate. Muito chocolate.

— As coisas vão ser diferentes quando voltarmos — Evie falou para Lisa, certa noite na praia. Elas caminharam para longe dos outros e puseram-se a atirar pedras nas ondas.

— O que você quer dizer?

— Seu pai me disse. Pouco antes de sairmos. Ele falou que tudo iria mudar — Evie tinha um olhar distante; depois sorriu.

— Por que ele diria isso? — Lisa perguntou.

Evie deu de ombros: — Eu acho que nós vamos ter de esperar para ver.

Quando chegaram em casa na última terça-feira, bronzeados e carregados de chocolates e caramelos, chamaram por ele, mas o pai não respondeu, embora sua caminhonete estivesse na garagem.

Sammy e Lisa correram até o quarto, pularam sobre a cama, mas ele não acordou. A mãe ligou para o 911. Tia Hazel tomou-lhe o pulso, recolheu todos os frascos de medicamentos vazios para entregar aos socorristas da ambulância, para que soubessem com o que estavam lidando. Descobriram seu caderno na mesinha de cabeceira — ele sempre o utilizava para anotar ideias para novas peças de cerâmica.

Lisa folheou-o até a última página usada. Ele havia desenhado uma figura sombria e sinistra, um autorretrato, talvez. O rosto não passava de uma espiral de rabiscos, feitos com tanta força que o papel rasgara no centro.

No dia em que se despedira dela, ele já sabia o que iria fazer?, Lisa se perguntou, enquanto assistia o pai ser removido de ambulância. Ele tinha tudo planejado? Enquanto pedia chocolates e pedras mágicas estaria estocando secretamente comprimidos, sabendo que nunca mais voltaria a provar um doce de Cape Cod? Era isso que ele estava tentando dizer a Evie? E a grande questão que dava um nó no estômago de Lisa: por que dar a Evie sua enigmática mensagem de adeus? Por que não a ela e a Sam? Lisa desejava poder perguntar a ele.

Ela tentou se concentrar fortemente na questão, esperando que alguma parte “paranormal” de seu cérebro captasse a dúvida e lhe enviasse de volta uma resposta. Mas nada aconteceu.

— Fadas, papai — Lisa repetiu, pronunciando as palavras diretamente em sua orelha, que tinha dois pequenos pelos crescendo no topo, os quais ela nunca havia

notado e o faziam parecer uma espécie de lobisomem.

— Eram apenas vaga-lumes — disse Sammy.

Lisa chutou-o por baixo da mesa.

— Ai! — ele gritou.

Evie lançou um rápido sorriso a Lisa. Ela prendera a chave-mestra que a prima lhe dera em um longo cadarço de couro e o pendurara no pescoço. A chave estava escondida por baixo da camiseta, mas Lisa podia ver o cordão de couro em volta do pescoço.

Evie estava com o caderno de esboços e desenhava uma xícara de café, só que estava tudo errado: a alça era muito grande, o topo era um oval em vez de um círculo.

— Não eram vaga-lumes e você sabe disso — retrucou Lisa.

Sammy fez-lhe uma careta e, então, meteu na boca uma colherada de cereal, mastigando como um robô. Sammy não tirava prazer dos alimentos. Isso era uma coisa triste, de verdade.

— Conte-lhes, Evie — pediu Lisa.

Evie mordeu o lábio, e continuou olhando para o desenho. *Rabisca, rabisca, rabisca*. Ela dera braços e garras à xícara de café.

— Evie! — Lisa rosnou.

— Ha! — disse Sam, sorrindo. — Ameace a sua testemunha confiável.

Ele riu, balançando a cabeça e, em seguida, voltou para o seu cereal.

Lisa mordeu o lábio. Iria mostrar a ele. Provaria que as fadas eram reais, faria o Sammy Ciência — o Sammy Cético — engolir suas palavras.

— Você vai ver — Lisa sibilou. Então, enfiou a mão no bolso, tocou os dentes e começou a retirá-los: iria oferecê-los como prova.

Evie percebeu o que ela estava fazendo e lançou-lhe um olhar de advertência. Sua boca desenhava a palavra “não”, seus olhos pareceram tão ameaçadores que Lisa deixou os dentes no bolso.

Tia Hazel, que estava de pé diante do fogão, de costas para eles, do outro lado da cozinha, trouxe uma pilha de panquecas, que ela chamava de crepes.

— Quem vai ver o quê? — perguntou ela. Sempre o oposto de sua irmã, usava um roupão do avesso, arrastava uns chinelos velhos, e o cabelo estava desalinhado como um indomável ninho de cobras. — E já que estamos no assunto “ver coisas”, talvez um de vocês possa me dizer o que aconteceu com a geleia de morango que comprei ontem.

Vocês sabem como Dave adora geleia.

A tia Hazel era um pouco maluca, mas era boa em tomar conta das pessoas. Preparava um grande café da manhã todos os dias (panquecas, bacon, pãozinhos de canela) e nunca perdia a paciência com o pai de Lisa, mesmo quando ele fazia xixi nas calças ou se recusava a comer. Ela trabalhara principalmente em casas de repouso, por isso estava acostumada a lidar com velhos, com loucos. Mas

não conseguia manter-se nos empregos por muito tempo, por causa de seu problema com a bebida. Faltava demais por estar de ressaca ou aparecia para trabalhar cheirando a gim. Pelo menos, isso é o que Evie contava. E da última vez não fora diferente. De acordo com Evie, Hazel fora chamada para cobrir um turno da manhã no Cedar Grove Health and Rehab e ainda estava bêbada da noite anterior. Eles a despediram no ato; o que, descobriu-se depois, fora uma sorte, pois isso significava que agora Hazel não tinha pressa em voltar para casa. Poderia ficar e ajudar com o pai de Lisa até ele melhorar.

Hazel e Evie viviam em uma velha fazenda arruinada, gelada no inverno e sufocante no verão, a apenas uma hora de distância.

Como Hazel não gostava de dirigir, elas não os visitavam regularmente, mas quando o faziam, ficavam por lá vários dias, às vezes semanas inteiras, geralmente enquanto Hazel ainda não encontrava outro emprego. Sam e Lisa raramente iam visitá-las lá, pois Phyllis não aprovava a irmã como dona de casa e afirmava que em

várias ocasiões ao longo dos anos ela encontrara percevejos, piolhos e pulgas nas camas. Não podiam descer ao porão porque supostamente havia ratos do tamanho de gatos pequenos lá embaixo, junto com ratoeiras que podiam machucar os pés dos desavisados e iscas envenenadas. Lisa tinha certeza de que a verdadeira razão pela qual não eram autorizados a fazer muitas visitas eram as bebedeiras de Hazel. Quando ela vinha visitá-los, Phyllis podia manter um rígido controle sobre a irmã, mas em seu próprio ambiente, não. Ela tinha garrafas escondidas em qualquer lugar, até mesmo, como Lisa se lembrava, na caixa de descarga acoplada ao vaso sanitário.

— As crianças estão dizendo que há fadas em Reliance, Hazel — Phyllis disse à irmã.

Tia Hazel balançou a cabeça negativamente: — Bobagem — e lançou à mãe de Lisa um olhar de “não lhes dê corda”. — Eu diria que temos um bando de crianças com imaginação hiperativa. Seja isso uma bênção ou uma maldição, mas a verdade é essa. — Com isso, ela se virou e caminhou até a geladeira para pegar o melado, murmurando alguma coisa sobre a família inteira estar precisando ser medicada, não só o pai de Lisa. Ela parou diante da porta aberta, inclinando-se para a geladeira e remexendo as coisas nas prateleiras, enquanto murmurava para si mesma.

— Vocês devem deixar algo para elas — disse a mãe em voz baixa, para que Hazel não pudesse ouvir. — Fadas adoram presentes.

Sobretudo, doces. E coisas brilhantes, cintilantes. Nada de ferro, no entanto. Elas não gostam de coisas feitas de ferro.

Lisa sorriu. Tinha certeza de que sua mãe entenderia e saberia exatamente o que fazer.

— Conte-nos novamente, tia Phyllis — pediu Evie. — O que aconteceu com todas as pessoas que viviam em Reliance?

O pai de Lisa levantou os olhos da caneca lentamente, como se sua cabeça

fosse muito pesada. Ele tinha um fio de baba escorrendo do canto da boca e pela barba que cobria o rosto. Tia Hazel voltou, colocou o melado e a manteiga na mesa com um baque forte, enxugou delicadamente o rosto de Dave com um guardanapo e, em seguida, colocou uma pilha de panquecas na frente dele: — Não tem geleia, Dave, desculpe. E a razão disso é um grande mistério.

— Desapareceram — a mãe de Lisa respondeu, quase sussurrando. Estava usando o seu melhor tom de voz de contar histórias. O mesmo que ela usava todas as noites ao colocar Lisa para dormir, desde pequena, como a garota se lembrava. O que usara para lhe contar “João e Maria”, “Cinderela”, “Branca de Neve”. — A cidade inteira simplesmente desapareceu. Um dia eles estavam lá, no outro já não estavam mais. Havia pratos de comida deixados sobre as mesas, lareiras acesas, vacas à espera de serem ordenhadas, cavalos no estábulo. Tudo o que restou... — disse a mãe de Lisa, falando o mais baixo que poderia e ainda assim ser ouvida — foi uma criança. Um bebê em um berço.

— E o que aconteceu com o bebê? — Lisa perguntou, embora soubesse a história de cor.

— Ele foi adotado por uma família aqui na cidade.

— E ele foi nosso bisavô — Evie disse.

A mãe de Lisa assentiu: — Meu avô. Eugene O’Toole. Ele construiu esta casa.

— Cresceu e se tornou o médico da cidade — acrescentou Lisa.

— Foi para a escola de medicina em Boston, quando tinha apenas 16 anos — disse a mãe, com um sorriso orgulhoso no rosto. — Não havia nada que o homem não pudesse fazer.

Exceto explicar por que ele foi o único deixado para trás, Lisa pensou.

Phyllis e Hazel tinham crescido naquela mesma casa com seu avô Eugene e a filha deste, Rose, a mãe das meninas. O pai as havia deixado.

— A casa não era grande o suficiente para dois homens — Hazel sempre dissera, mas Lisa nunca entendera aquilo, pois a casa lhe parecia bem grande.

Lisa não conhecera o bisavô. Ele havia morrido logo depois que seus pais se casaram. Saiu para o quintal, certa noite, durante uma tempestade, e foi atingido por um raio. Se ele era tão inteligente, Lisa sempre se perguntou, ele não deveria saber que não devia segurar um guarda-chuva em uma tempestade? Daquele ponto em diante, guarda-chuvas foram proibidos em sua casa e Lisa nunca fora autorizada a possuir um.

Lisa se lembrava que sua avó Rose era frágil e cheirava à pomada mentolada que usava para a artrite. Tivera um derrame e não podia mover um lado do rosto. Morava em uma casa de repouso e morreu depois de sofrer outro AVC quando Lisa tinha 7 anos.

Às vezes, Lisa andava pela casa e tocava as coisas: a mesa vermelha da cozinha, a bomboniere de vidro leitoso, o cachimbo que pertencera a Eugene e que ficava sobre a cornija da lareira, e imaginava que cada objeto estava, de algum

modo, assombrado por sua avó e seu bisavô, e pelos fantasmas das crianças que um dia sua própria mãe e tia Hazel haviam sido.

O pai de Lisa, que não tocara em suas panquecas, deixou a cabeça pender novamente e voltou a olhar para o café, que estava em uma caneca branca decorada com um coração vermelho em um lado e um Cupido no outro. Lisa a tinha dado a ele no Dia dos Namorados, anos antes. Cheia de bombons em formato de coração, com dizeres como “Boca Doce” e “Seja você mesmo”.— Agora, coma tudo, Dave — Hazel disse a ele. — Você precisa recuperar as forças. — Então, ela se inclinou e começou a cortar as panquecas para ele.

Sammy ficou ali assistindo, olhos fixos no pai, como alguém que vê um acidente e não consegue desviar o olhar. Sua mãe remexeu-se desconfortavelmente na cadeira e disse: — Gostaria que vocês, crianças, tivessem conhecido o seu bisavô. Às vezes... — continuou ela, a voz baixa e grave novamente, como se estivesse contando uma história — tenho certeza de que vejo pedacinhos dele em cada um de vocês.

O pai de Lisa segurou o garfo que Hazel lhe entregou e espetou-o no prato aleatoriamente, errando por completo a panqueca.

Hazel resolveu pegar o garfo e alimentá-lo ela mesma.

A mãe de Lisa fez uma careta, contrafeita, mas quando percebeu que Lisa estava olhando para ela, forçou um sorriso. Então, dobrou o guardanapo, afastou a cadeira da mesa, e disse: — Bom, se todos estão bem por aqui, acho que vou para o jardim cuidar das plantas.

— Claro que estamos bem — disse Hazel, dando outra garfada para o pai de Lisa. — Não estamos, Dave? — uns pedaços de panqueca caíram-lhe da boca.

Lisa tocou os dentes feios e escuros no bolso. Perguntou-se como deveria ser enlouquecer. Talvez fosse mais ou menos como sair em uma tempestade com um guarda-chuva. Ou talvez começasse aos poucos, como achar que a mesa da cozinha e a bomboniere eram assombradas, ou insistir que acabara de ver fadas na floresta, mesmo que seu irmão e prima, que estavam lá com você, parecessem determinados a negar isso.

Capítulo 7

P h o e b e

5 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Estavam terminando o café da manhã de panquecas de morango, que Evie chamava de crepes.

— Assim como minha mãe — Evie disse —, você se lembra? — O que provocou em Sam uma espécie de sorriso sonhador que fez o estômago de Phoebe doer. Ela tinha pouquíssimas lembranças da infância, que dirá boas, e, mesmo se as tivesse, não havia ninguém com quem compartilhá-las. Não tinha primos saudosos com quem se reunir. Antes de sua mãe morrer, quatro anos atrás, falava com ela três, talvez quatro vezes por ano, e, mesmo assim, geralmente era porque a mãe queria lhe pedir dinheiro, e não para compartilhar lembranças de antigas receitas de família.

Phoebe sorriu para Evie. Não iria deixar que sua miserável infância obscurecesse o fato de que ela se sentia feliz por Sam. Embora fosse verdade que também sentia uma pontada de inveja quando olhava para Evie e entendia tudo o que ela e Sam haviam vivido juntos, estava determinada a não estragar tudo. Evie parecia ser a chave que Sam precisava para começar a se abrir sobre o seu passado.

Por mais que Phoebe o admirasse por ser capaz de seguir em frente, a curiosidade levava a melhor sobre ela. Queria saber sobre Lisa. Sobre o Rei das Fadas e a passagem secreta.

Passagens secretas. Alçapões.

Como o que a velha deve ter usado para entrar na noite anterior.

Pare com isso, ela disse a si mesma.

— Você vem de uma família grande, Phoebe? — Evie perguntou, e Phoebe gaguejou um pouco para responder: — Não, éramos apenas eu e minha mãe. Ela faleceu pouco antes de eu conhecer Sam.

— Sinto muito — Evie disse, olhando-a com ar compungido e inclinando-se sobre a mesa, como se estivesse pensando em lhe dar mais um abraço. — Vocês duas eram muito unidas?

Claro que não!, Phoebe queria dizer. Em vez disso, balançou a cabeça e olhou para os restos de panqueca no prato. Ela foi poupada de ter de dar mais explicações por uma batida urgente e frenética na porta.

— Pela madrugada! — Elliot exclamou, largando o garfo. — Não me digam que ela está de volta!

— Eu atendo — disse Evie, inclinando-se para apertar seu pulso. — Talvez ela se sinta menos intimidada se for só eu. Vocês todos terminem de comer.

Todos ficaram em silêncio, ouvindo os passos de Evie no assoalho de tábuas largas. Então, a porta se abriu e ela disse: — Olá de novo. Posso ajudar?

Isso foi seguido por um grito horrível, lancinante.

Phoebe sabia que a velha do chapéu florido voltara e que havia feito algo terrível. Ela correu para fora da cozinha e viu Evie segurando seu flanco, a camiseta branca manchada de sangue. E lá estava a velha, empunhando o saca-rolhas que Elliot tirara do bolso do colete e deixara sobre a mesa da cozinha na noite anterior.

Phoebe estava acostumada com sangue. Havia visto algumas coisas bem horríveis na clínica: cães e gatos atropelados e abandonados à própria sorte; um *poodle* mutilado por um *pit bull*, um *pastor* que havia ficado preso em uma armadilha por vários dias e roera a pata para se soltar.

— Deixe-me ver — disse ela, fazendo menção de levantar a camiseta encharcada de Evie, mas a outra mulher manteve a mão apertada sobre ela.

— Eu estou bem — Evie falou, parecendo pálida. — Não é muito profundo. Vá pegá-la!

— Vá! — Elliot gritou. — Vou colocar Evie no jipe e buscar ajuda. Peguem aquela filha da mãe!

Naquele momento, o mundo estava reduzido a um estreito túnel, e lá no fim daquele túnel estava o único fato de que Phoebe podia ter certeza: ela ia alcançar aquela velha, dominá-la e obter algumas malditas respostas. Mas, primeiro, ela precisava vomitar.

Phoebe saiu pela porta a tempo de vomitar as panquecas de morango e o café no caminho de pedra que levava até a cabana.

Através da terrível náusea, ela ouviu a velha cantando aquela mesma música da noite anterior, com a voz perversa, rouca e trêmula de uma bruxa:

Diga lá, coleguinha, diga lá Saia e venha comigo brincar.

— Quem diabos é você? — Sam estava na porta aberta atrás de Phoebe. A velha, que estava parada na borda da floresta, pulando de um pé para o outro como uma menininha apertada para fazer xixi, parou de cantar e piscou para ele.

Sammy, Sammy, Sammy, carneirinho fracote!, ela cantarolou.

Então, a velha deixou cair o saca-rolhas e embrenhou-se no bosque; Sam foi atrás dela. Phoebe se levantou e seguiu-o com as pernas trêmulas e o estômago revirado.

Correndo, correndo. Tropeçando em raízes e pedras. Ramos arranhando-lhe o rosto. Não perdia de vista o azul-claro da camiseta de Sam por entre as árvores. A velha estava em algum lugar à frente dele, mas estava tirando as roupas.

Primeiro, Phoebe avistou a capa de chuva largada no chão da floresta. Depois, o chapéu. E o vestido. Os tênis. Finalmente, viu uma maçaroca de cabelos grisalhos. Uma peruca.

A safada estava usando um disfarce.

Phoebe esforçou-se para ir mais rápido.

E se o ferimento fosse mais profundo do que Evie admitira? E se o hospital mais próximo não ficasse a menos de uma hora de distância? Quanto dano podia fazer um saca-rolha? E se uma artéria importante houvesse sido atingida? Ou um órgão? Phoebe tentou desesperadamente rememorar os esquemas de anatomia que ela estudara nas aulas de biologia do ensino médio. O que era mesmo que ficava ali? Os ovários? O baço? Ela estava perdida. Droga. Se em vez de recepcionista ela houvesse sido uma técnica em veterinária, alguém com alguma formação médica de verdade, poderia ter sido capaz de ajudar mais.

Há quanto tempo estavam correndo? Quão longe haviam ido?

Suas pernas latejavam, sua respiração sibilava. Afora as caminhadas de fim de semana com Sam, Phoebe não era muito de fazer exercícios. A velha corria como um coioote. Era apenas um borrão lá na frente deles.

E, depois, desapareceu.

As árvores foram rareando. Mais à frente, Phoebe viu um enorme prado de um verde vivo e artificial que estranhamente lembrava a grama plástica das cestas de Páscoa. A velha estava correndo através dele, nua.

Só que não era mais uma velha. Tinha o cabelo vermelho curto e o corpo magro e esguio de uma garota de vinte e poucos anos. E estava gritando.

— Socorro! Por Deus! Alguém me ajude!

É Lisa! Phoebe pensava. E teria dito em voz alta, se tivesse fôlego suficiente para falar.

— Por favor, alguém me ajude! — A moça ruiva e nua implorava, cruzando os braços defensivamente sobre o peito, cobrindo os seios pequenos. Sua pele era de um branco leitoso e sem máculas.

Suas faces estavam afogueadas, mas não suadas. Para Phoebe ela parecia perfeita demais para ser real.

E, então, através do campo, vieram três homens com tacos de golfe.

Eles seguiram-na até o meio de um maldito campo de golfe.

Um dos homens, o mais alto, que vestia calça xadrez, derrubou Sam.

Outro avançou para ele com o taco de golfe erguido como uma arma.

O terceiro homem agarrou Phoebe e segurou-lhe as mãos atrás das costas. Phoebe gritou: — Solte-me, seu idiota! Pegue-a! É ela que tem de ser presa! Ela esfaqueou Evie!

A mulher nua estava soluçando, tentando desesperadamente cobrir-se com os braços. Um dos homens a cobriu com um suéter amarelo.

— O que aconteceu? — perguntou o homem que estava prendendo Sam no chão.

— Eles... eles... — a mulher de suéter amarelo soluçava e engasgava: — Eu estava pedindo carona na Rota 12, na noite passada.

Eles me pegaram. Então, eles me levaram para a floresta. E eles... eles fizeram coisas... — sua voz falhou.

Phoebe e Sam se entreolharam, estupefatos: — Ela está mentindo! — Phoebe gritou. — Ela esfaqueou a prima de Sam com um saca-rolhas! Estamos hospedados em uma cabana na floresta e a velha apareceu...

— Que velha? — perguntou um dos golfistas.

— Ela! — Phoebe gritou. — Ela estava usando um disfarce! — ela só se deu conta de como aquilo soava absurdo depois que falara.

— Eles tiraram a minha roupa e me amarraram a uma árvore — disse a mulher com o suéter amarelo. Ela mostrou as marcas das cordas em seus pulsos.

Isso não está acontecendo, pensou Phoebe. Isso não pode estar acontecendo.

— O que é você? — Sam perguntou para a ruiva com o suéter amarelo. Ele parecia petrificado.

— Eu vou chamar a polícia — anunciou o homem que tinha dado o suéter à moça.

— Ótimo — disse Sam. — Diga-lhes que minha prima Evie e seu marido estão se dirigindo para a cidade na Rota 12 e que ela está gravemente ferida. Eles estão em um jipe preto com placa de outro estado.

Logo se juntaram a eles dois policiais estaduais uniformizados e o chefe de polícia local, cujo nome era Alfred e que cheirava como se tivesse sido interrompido no meio de suas tarefas na fazenda. Os jogadores tinham soltado Sam e Phoebe, mas estavam a postos com seus tacos, para o caso de eles tentarem fugir. Um dos homens fora até a sede do clube e arranjara uma calça de moletom e uma camiseta para a mulher nua. A camiseta do clube trazia escrito FERNCREST COUNTRY CLUB.

A mulher, pensou Phoebe, quem quer que fosse, era uma atriz maravilhosa. Sabia exatamente quando chorar, quando parecer uma criança assustada e quando demonstrar raiva. Todos os homens, com exceção de Sam, estavam à mercê dela, acreditavam em tudo o que dizia. Ela tocou cada um deles, agradeceu-lhes, fez com que se sentissem seus salvadores. Dava para ver o espanto e o orgulho nos olhos deles. E naqueles lacrimejantes olhos de meia-idade também não dava para ver algo mais? Phoebe reconheceu imediatamente: estavam enfeitiçados. Aqueles homens estavam claramente cativados por aquela linda donzela em perigo.

— Merda! — Phoebe murmurou baixinho. Ela e Sam estavam ferrados.

A misteriosa vítima exibiu as marcas de corda e contou sua história mais uma vez para a polícia, que tomava notas. Phoebe olhou para Sam com uma expressão de “que diabos está acontecendo?”. Os olhos dele pareciam atordoados e vidrados. Phoebe tinha a sensação de que, talvez, se ela se concentrasse o suficiente, acordaria de volta na cabana. De que ela estava apenas presa em um pesadelo sem sentido.

Quando todos eles tiveram a oportunidade de contar suas histórias, a polícia decidiu que a única coisa a fazer era dar uma volta pela floresta.

— Se o que você está dizendo é verdade — disse o policial Alfred para Sam —,

então não deveremos ter dificuldade para encontrar o disfarce da mulher.

— Todas as nossas coisas estão na cabana. Por favor, tentem encontrar Evie e Elliot. Eles vão confirmar a nossa história. E Evie foi ferida, sangrou por todo o lugar. Quero ter certeza de que eles conseguiram encontrar um médico.

Mas o problema foi que eles não conseguiram encontrar qualquer vestígio do disfarce da mulher.

Nada bom, pensou Phoebe. *Definitivamente nada bom.*

Eles se espalharam pela floresta e voltaram com as mãos abanando. Phoebe reconheceu os marcos: árvores e pedras por que ela passara, tropeçara e arranharam-lhe o rosto; então, ela sabia que estavam indo na direção certa. Mas a peruca da mulher e as roupas haviam desaparecido. Phoebe começou a sentir um arrepiante e desconhecido medo.

Por fim, acabaram chegando à cabana (Phoebe imaginou que fazia mais ou menos uma hora desde que começaram a perseguir a velha). O jipe de Elliot já não estava lá. Em seu lugar, havia uma picape Toyota maltratada.

Sam estava esmurando a porta da cabana fechada, chamando por Evie e Elliot.

Um velho de calças verdes e camisa de flanela atendeu. Seus olhos pareciam inaturalmente azuis e límpidos, como brilhantes bolas de gude em um rosto macerado e enrugado de boneca de cabeça de maçã seca.

— Olá, Danny — o policial disse para o velho. Danny cumprimentou-o com a cabeça e Alfred continuou: — Desculpe incomodá-lo tão cedo em um sábado. Mas houve um pequeno

problema na floresta. Essas pessoas afirmam que estão hospedadas aqui. É isso mesmo?

O velho focou seus penetrantes olhos azuis em Phoebe e Sam: — Nunca os vi antes — disse ele.

— E você esteve aqui a manhã toda? — perguntou um dos policiais estaduais.

— Desde ontem à tarde.

— Ele está mentindo — gemeu Sam. — Passamos a noite aqui.

No quarto dos fundos. Todas as nossas coisas estão lá dentro.

— Você se importa se dermos uma olhada? — perguntou o policial.

O velho escancarou a porta para eles: — Fique à vontade, Al.

O local havia sido limpo. Mas havia cinzas da noite anterior na lareira e o ar ainda cheirava a panquecas. Toda a louça do café da manhã havia sido retirada. Não havia sinal algum de Evie e Elliot. O quarto deles estava vazio, a cama feita. Quando chegaram ao quarto no final do corredor em que Phoebe e Sam haviam passado a noite, ele também estava arrumado. Suas malas haviam desaparecido. A cama estava feita.

— Nossas coisas! — Phoebe gritou. Tudo o que tinham levado sumira: as sacolas de lona, sua bolsa, a câmera deles. As únicas coisas que haviam sobrado eram as roupas que estavam vestindo. Nada daquilo fazia sentido, e ela começou a se

sentir como se estivesse no meio de um surto psicótico, sem saber o que era real e o que não era.

Então, ela olhou e lá no parapeito da janela estava a pequenina pedra laranja exatamente onde ela a colocara. Enquanto os outros saíam do quarto, ela pegou a pedra e guardou-a no bolso, consolada por ter um pingo de prova.

O que quer que estivesse acontecendo, ela não estava ficando louca. Eles haviam passado a noite ali. A polícia estadual colheu as informações do proprietário da cabana e, depois, todos voltaram para a floresta, a estranha metamorfa caminhando na frente.

— Há alguma notícia sobre minha prima e o marido dela? — Sam perguntou. — Ela foi ferida gravemente.

— Nada nos foi comunicado — um dos policiais respondeu. — E nenhuma mulher com um ferimento de arma branca deu entrada na emergência.

Phoebe pegou a mão de Sam. Um dos policiais seguia na frente deles, outro atrás, como se eles já estivessem presos.

— O que está acontecendo? — Phoebe sussurrou.

— Eu não sei — respondeu Sam, endireitando os ombros, tentando assumir o papel do namorado corajoso.

— Ela sabia o seu nome — disse Phoebe. — Pouco antes de você persegui-la pela floresta, ela disse o seu nome. Talvez ela o tenha descoberto quando estava fuçando as nossas coisas.

— Não — retorquiu Sam —, a coisa vai mais além. Aquele negócio de “carneirinho fracote” que ela disse era uma rima que Lisa usava para me provocar. Ninguém mais sabia daquilo. — E lá se foi o peito estufado de Sam, seus ombros voltando a cair, e ele assumiu a postura de um garotinho.

— Então, o que é? Você está dizendo que acha que essa garota aí é Lisa?

— Não! Definitivamente não. — O policial estava à frente deles se virou para olhar. Sam prosseguiu, baixando a voz: — Mas é como se ela a conhecesse. Ou soubesse coisas sobre Lisa.

— Talvez ela seja da terra das fadas — Phoebe arriscou, sabendo quanto aquilo soava ridículo.

Sam balançou a cabeça: — Pelo amor de Deus! Não há terra das fadas, Bee. Lisa foi levada por uma pessoa real para um lugar real. Ela provavelmente jamais conseguiu sair viva daquele bosque, caramba.

Phoebe sentiu uma onda de culpa. Deixara-se levar de tal modo pela ideia das fadas e do livro que se esquecera dos fatos: o mais provável é que Sam houvesse perdido a irmã num crime brutal e terrivelmente humano. Ela precisava ser mais delicada e solidária, começando por deixar de lado aquela conversa maluca sobre fadas.

Ela segurou a mão de Sam, endireitando os próprios ombros.

Ela seria a pessoa forte ali. Ela os tiraria daquilo. Ela tinha a pedra no bolso

como prova, droga, e aquilo valia alguma coisa.

Finalmente, chegaram a uma pequena clareira, e lá, na base de uma árvore, havia um pedaço de corda. E uma pilha de roupas junto com uma mochila pequena. Tudo como a ruiva havia descrito.

A moça remexeu a mochila e tirou de lá uma carteira. Ela mostrou aos policiais uma identificação de estudante de uma faculdade estadual que dizia que seu nome era exatamente aquele que lhes havia dito: Amy Pelletier.

— Tem carteira de motorista? — um dos policiais perguntou.

— Eu não dirijo — respondeu Amy.

— Talvez você devesse aprender — sugeriu o policial. — Eu diria que é hora de você desistir de pegar carona.

— Nem me fale — disse Amy, enquanto recolhia seus pertences. — Olhe, eu fiquei apavorada, mas não sofri nenhum dano, certo? Eu estou disposta a deixar pra lá a coisa toda.

— Mas essas pessoas cometeram um crime. Eles a amarraram contra a sua vontade.

— Talvez fosse apenas um jogo. Talvez a princípio eu tenha jogado também, ok? Eles são bonitinhos, eu estava na deles. Um pouquinho de *bondage* não faz mal a ninguém. Talvez eu tenha simplesmente entrado em pânico. Vamos esquecer isso, ok? Eu recuperei as minhas coisas. E só quero ir embora e fingir que isso nunca aconteceu.

— Você não quer dar queixa? — um dos policiais perguntou, confuso.

— Não. Eu só quero ir para casa.

O chefe de polícia, Alfred, puxou a moça de lado e conversou com ela calmamente por um minuto. Ela balançou a cabeça e disse algo que o fez rir.

— Se você tem certeza... — disse o policial. Então, ele se virou para os outros. Suas orelhas estavam completamente vermelhas, como estranhas alças brilhantes em sua cabeça em formato de jarro. — Vou dar uma carona para Amy até a cidade. Levá-la até uma lanchonete para tomar o café da manhã e poder se lavar, usar o telefone...

O policial colocou o braço em torno da moça, cumprimentou os policiais com a cabeça e, em seguida, levou-a para longe, com as orelhas e o pescoço mais vermelhos do que nunca.

— Acho que vocês dois devem se considerar pessoas de muita sorte — um dos policiais lhes disse. — Mas ela ainda pode mudar de ideia. Se no final das contas ela decidir apresentar queixa, sabemos onde encontrá-los. — Então, virou-se para ir embora.

— Espere! Como podemos encontrar o nosso carro? — perguntou Sam.

— Vão por ali — apontou um dos policiais. — A Rota 12 fica a cerca de oitocentos metros naquela direção.

— Eles caminhavam num silêncio atônito.

— Droga! — Sam murmurou. — Minhas chaves. Eu não estou com nenhuma chave. Elas estavam sobre a cômoda na cabana.

— Tem uma escondida na carroceria.

— Tem?

— Eu a coloquei lá no inverno passado, depois que eu me tranquei do lado de fora e tive de chamar a assistência. Lembra?

— Eu disse para você não fazer isso — disse Sam.

— Mas eu fiz assim mesmo, e agora você não está contente por isso?

Ele não respondeu.

— Você está com a sua carteira? — ela perguntou.

— É tudo o que tenho.

— O que vamos fazer?

— Voltar para casa. Nós vamos voltar para casa.

Eles caminharam em silêncio e, ao chegarem ao Mercury, estavam exaustos e famintos. Phoebe procurou na carroceria e encontrou a pequena caixa magnética sob o para-choque traseiro, exatamente onde ela a tinha deixado em janeiro. Havia enferrujado e precisou ser aberta com uma pedra. Estava levando a chave para Sam, fechada na palma da mão como um segredo, quando o viu remover um pequeno pedaço de papel que havia sido colocado no para-brisas.

— Uma multa? Você deve estar brincando.

— Não é uma multa — disse Sam. O pouco de cor que lhe restava no rosto foi drenado quando ele examinou o papel. Phoebe percebeu um leve tremor em sua mão. Ela se colocou ao lado dele e olhou para o papel. Não havia palavras, apenas uma figura simples.

Linhas e um círculo, o tipo de coisa que uma criança faria.

Era a mesma marca que ela vira na panturrilha de Elliot.

— Teilo — ele murmurou.

— O quê?

— Não é o que, é quem. Teilo. O Rei das Fadas.

Capítulo 8

L i s a

7 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Lisa pegou um pires de porcelana velho e lascado e colocou nele três cubos de açúcar, uma pedrinha plana que havia encontrado no riacho, um biscoito e um copo cheio de refrigerante sabor laranja.

— A única coisa que você vai atrair com tudo isso serão vespas — Sammy reclamou, enquanto eles atravessavam o quintal e rumavam para a floresta. Sammy usava uma camiseta preta com um mapa das constelações que brilhava no escuro. Seu cabelo estava muito comprido e bagunçado. O pai deles sempre cortava o cabelo de Sammy. Ele separava uma cadeira na cozinha, pegava uma tesoura e um pente, e anunciava: — A barbearia está aberta! — ele molhava o cabelo de Sam na pia da cozinha, depois amarrava uma toalha em volta do pescoço dele e cantarolava: — Barba e cabelo, vinte e cinco centavos! — Sam ria e o pai falava como um barbeiro: — O que vai ser hoje, filho? Um corte escovinha? Aparar um pouco dos lados? Finalizar com brilhantina? — Sam ria ainda mais. — Talvez um moicano? — o pai provocava, penteando as laterais do cabelo úmido de Sam para cima, de modo que tudo se juntasse no meio e, em seguida, mostrava-lhe o espelho. — Que tal o visual estegossauro? — Dave dizia. — É a última moda. Você vai fazer sucesso com as meninas. Nenhuma mulher resiste a esse penteado.

Lisa estava pensando que talvez ela devesse se oferecer para cortar o cabelo de Sam, mas imaginava que ele provavelmente iria recusar. Ele simplesmente deixaria o cabelo crescer até o pai melhorar, parecendo cada vez mais um menino-lobo. Sammy não se preocupava muito com coisas do tipo “estar apresentável”.

— Você não sabe coisa alguma sobre esse assunto — retrucou Evie. — Tia Phyllis disse que fadas gostam de doces.

— Ela só estava brincando — disse Sam.

— Então, se você não acredita em mim, por que veio? — Lisa perguntou, olhando enviesado para o irmão por cima do ombro.

— Porque eu quero ver a sua cara quando nada acontecer — ele respondeu.

Lisa caminhava com o máximo cuidado, como se estivesse andando na corda bamba, a fim de não derramar nada no pires. A colina que descia em direção a Reliance era irregular e íngreme em alguns trechos. O chão era esponjoso devido ao húmus resultante das folhas mortas apodrecidas. Havia o perigo de tropeçar nas

pedras e galhos caídos, mas se a pessoa sabia para onde olhar, existia uma trilha que as crianças mantinham limpa e que atravessava todo o caminho até Reliance. Ao redor deles, choupos e bétulas novas lutavam por fiapos de luz sob o dossel de faias e álamos bem crescidos. A floresta tinha um perfume rico e argiloso que sempre fazia Lisa respirar fundo repetidas vezes, avidamente. Embora fossem apenas dez horas da manhã, estava quente e era gostoso entrar na floresta e sair do sol. O suor que começava a secar em seus braços e pernas pinicava e refrescava.

— O que vocês estão fazendo? Um piquenique ou algo assim?

— perguntou uma voz bem à frente deles. Maravilha. Se havia algo de que eles não precisavam era aquilo. Gerald e Becca estavam voltando de Reliance. Gerald vestia calças de camuflagem e uma camiseta de *Jornada nas Estrelas*. Usava uns óculos grandes e quadrados, com armação de metal e lentes que escurecem no sol. O problema era que pareciam voltar ao normal muito lentamente, e agora que ele estava na floresta escura, precisava apertar os olhos, lutando para enxergar através dos óculos. Becca, como sempre toda de rosa, usava short e camiseta combinando, cor de algodão-doce. E sandálias de tiras no mesmo tom. Até seu cabelo estava amarrado para trás com uma fita rosa. Que coisa biruta. Ela estava no mesmo ano de Sammy na escola e

o garoto dizia que ela achava que era popular, mas secretamente todos meio que a odiavam: — Ela força a barra para parecer legal — explicara Sammy. — Ela força MUITO a barra. É até doloroso de assistir. — Os colegas a chamavam de Pinkie (10), e ela gostava disso. Lisa pensava que o apelido não era tão ruim, até o dia em que ela foi ao *pet shop* e descobriu que os ratinhos recém-nascidos que eram vendidos para pessoas que tinham cobras eram chamados de pinkies. Agora, sempre que via Becca, pensava naquelas minúsculas e cegas criaturas, quase embriões, que não tinham chance alguma.

— É isso aí — respondeu Lisa, disposta a tudo para se livrar deles rapidamente. De maneira alguma iria lhes dizer a verdade sobre o pratinho de presentes ou mencionar qualquer coisa sobre o que tinham visto na noite anterior. E não queria dar brecha a Gerald para ele começar a implicar com Evie ou chamá-la de Stevie.

— Parece um piquenique bem estranho — observou Gerald, olhando o conteúdo do pires agora que ele estava perto. Ele abaixara os óculos ainda muito escuros e estava olhando por cima deles. Seu cabelo castanho-claro estava um pouco ensebado, e sua testa, repleta de espinhas.

Gerald, pelo menos, não tinha quaisquer ilusões quanto a ser popular. Tinha o seu pequeno círculo de amigos — garotos que gostavam de jogos de computador, de construir maquetes, e de *graphic novels* — e isso bastava. Sentia-se satisfeito em se reunir com os amigos no laboratório de informática da escola, depois das aulas, onde estavam trabalhando na criação de um jogo que tinha como pano de fundo um universo alternativo microscópico, para o qual tinham de inventar toda uma nova linguagem, que chamavam de minariano. Lisa meio que admirava Gerald por ele

saber exatamente quem ele era e não fingir ser algo mais. Mas, mesmo assim, ele era provocado por alguns dos outros meninos — os populares, os garotos atléticos que já tinham namoradas, com as quais iam ao cinema nas noites de sexta-feira.

10 Rosada. (N. da T.)

— Comida de formiga — disse Sammy. — Estamos dando um piquenique para as formigas.

Gerald riu: — Vocês são tão estranhos. — Era a frase favorita dele. Algo que ele dizia a Lisa o tempo todo: *Você é tão estranha*. Mas ele dizia com um sorriso bobo no rosto, como se de alguma forma o fato de ela ser estranha o deixasse contente. Como se ele soubesse que ele também era estranho, e estivesse reconhecendo Lisa como parte de sua tribo.

Daquela vez, porém, o sorriso desapareceu rapidamente e seus olhos foram direto para Evie: — Como um *show* de aberrações — completou ele, roncando um pouco. Evie apertou as mandíbulas e sua respiração tornou-se sibilante. Seus dedos repousavam sobre a faca embainhada.

— Eu gosto de formigas — Pinkie falou, olhando para Sam, sorrindo.

— Não gosta, não — desmentiu-a Gerald, balançando a cabeça, empurrando os óculos para cima. — Você odeia insetos!

— Uma formiga pode levantar vinte vezes o próprio peso — disse Sam para Pinkie. — É mais ou menos como se você levantasse um carro.

Pinkie riu, coçando uma mordida de mosquito no braço.

— Taí uma coisa que eu gostaria de ver — disse Gerald, forçando uma gargalhada apatetada. Em seguida, ele puxou a irmã pelo ombro de sua camiseta rosa com mangas bufantes: — Vamos, Hércules — falou ele.

Pinkie o seguiu, ainda coçando a picada de inseto no braço, que agora estava sangrando: — *Au revoir!* — gritou para os outros que ficaram para trás, acenando-lhes como uma rainha, a mão em concha e mexendo apenas o pulso, de modo um tanto perturbador, como se fosse uma boneca Barbie.

Evie tirou a mão da faca.

— Graças a Deus — Lisa sussurrou. — Eu pensei que íamos ter de aguentar Gerald e Pinkie Bizarra o dia todo.

Sam balançou a cabeça: — Você, que está levando doces para as fadas, é que está chamando a Pinkie de bizarra? Odeio dizer isso, irmãzinha, mas perto de você, ela parece perfeitamente normal.

Alguns minutos depois, estavam atravessando o riacho, que era um pouco mais caudaloso apenas no início da primavera, e ficava reduzido a um mísero filetezinho o restante do ano. Era fácil transpô-lo com uma única passada e, mesmo quando se errava o salto, a água só chegava à altura do tornozelo. Às vezes, o riacho secava totalmente, mas sempre era um bom lugar para se encontrar salamandras de dorso vermelho debaixo das pedras.

Do outro lado do riacho, o bosque se abria, e dava para ver o que restava de Reliance: meia dúzia de buracos de porão revestidos de pedras e argamassa esfarelada, alguns lilases e macieiras raquíticos, o cemitério e o velho poço. Cercando tudo isso, havia um muro baixo de pedra, torto e quebrado. O buraco de porão mais próximo do riacho era onde eles haviam avistado as luzes na noite anterior, e Lisa foi direto para ele, Sammy e Evie atrás dela.

— Talvez fosse fogo-fátuo — ponderou Sam, andando por ali, olhando para o chão, depois para as árvores.

— O quê? — Lisa perguntou, olhando para dentro do buraco de porão, que parecia o mesmo de sempre. Tinha cerca de cinco metros quadrados: a “pegada” deixada por uma casa que não fora nem um pouco grande, mais ou menos do tamanho de uma sala de estar. Ela se lembrou da forte sensação que tivera na noite anterior, enquanto estavam naquele mesmo local... a de que eles estavam sendo observados.

— Dizem que o gás dos pântanos pode brilhar — explicou Sammy. — Provocar uma estranha luminosidade.

Evie sacudiu a cabeça, dando uma risadinha.

— Hum... alôôô! Terra para o Senhor Ciência: não há pântano aqui! — Lisa falou. Ela amava Sammy. Bem lá no fundo, amava. Mas, às vezes, ele era tão sem noção que fazia sua cabeça doer.

— Talvez o gás esteja escapando de um respiradouro no chão — especulou ele.

— Talvez — Lisa disse a ele, por fim. — Por que você não dá uma longa caminhada e tenta encontrá-lo...

Evie deu outra risadinha.

Sammy parecia imperturbável. Andou em círculos em torno do buraco de porão, mas não deu sinal algum de que iria mais longe. Sua testa estava toda franzida, como a de um homem de idade preocupado.

— Segure isso, ok? — pediu Lisa, entregando o pires a Evie, enquanto se preparava para descer ao buraco.

— Cuidado — Evie aconselhou com olhar preocupado e os lábios tremendo um pouco, como se Lisa estivesse se metendo em um ninho de cobras.

Eles já haviam entrado naquele e em todos os outros buracos de porão centenas de vezes, talvez até milhares. E brincado inúmeros jogos de esconde-esconde. Eles haviam matado dragões invisíveis com espadas de varetas e vencido guerras contra os vikings. Tinham cantado aquela canção boba que dizia “Diga lá, coleguinha”, enquanto perseguiam uns aos outros através da aldeia, fingindo que cada um tinha sua própria casa com porão e cisterna. Reliance era como uma segunda casa para eles. Mas, naquele dia, alguma coisa estava diferente. O bosque já não parecia ser só deles.

O buraco de porão não era profundo, tinha talvez um metro e vinte centímetros, com paredes de pedra arruinadas e um piso de terra com várias camadas de folhas

em decomposição que foram se acumulando ao longo de anos. Se Lisa apertasse os olhos, podia imaginar as paredes de pedra revestidas por lambris de madeira. Uma pequena porta e janelas. Havia antigos tijolos cobertos de musgo no lado norte, que deviam ter sido da chaminé e da lareira.

— Vocês acham que esta poderia ter sido a casa? — perguntou ela.

— O quê? — Evie não entendeu.

— A casa de Eugene — esclareceu Lisa. — Nosso bisavô.

Lembrou-se do que a mãe havia dito de manhã: “Às vezes, tenho certeza de que vejo pedacinhos dele em cada um de vocês”.

Evie assentiu: — Eu não ficaria nem um pouco surpresa. Com certeza, sua mãe deve saber. Deveríamos perguntar a ela.

Lisa olhou ao redor no fundo do buraco de porão. Árvores novas cresciam ali: álamos, pinheirinhos e moitas de samambaias.

— Talvez as luzes que vimos fossem... o fantasma dele ou algo assim — conjecturou Evie.

— Pode ser — disse Lisa, mas ela não pensava assim. Eram fadas. Definitivamente. Estava mais segura disso do que jamais estivera sobre qualquer outra coisa.

— Ei, meninas, vejam que estranho — Sammy gritou para elas, aparecendo na borda do buraco. — Achei isso logo ali, naquelas árvores.

Ele apontou para um ponto à esquerda, perto do antigo poço.

Lisa cruzou os braços sobre a borda do buraco de porão, encostando a barriga na parede, e olhou para cima. Sammy segurava um sanduíche parcialmente comido.

— Provavelmente, foi deixado por Gerald e Pinkie — Evie concluiu. — Droga de gente porcalhona!

Sam analisou o sanduíche, cheirou-o.

— Acho que é patê de fígado — disse ele, torcendo o nariz.

A única pessoa que Lisa sabia que comia patê era o pai dela, que, certamente, não estava em condições de fazer um piquenique no bosque.

— Que estranho — disse Lisa.

— Que nojo — retrucou Evie. — Acho melhor você jogar isso fora por aí. Algum animal pode comê-lo. Talvez. Se estiver com bastante fome.

Lisa se afastou da parede e virou as costas para Sam, Evie e o horrível sanduíche para estudar o interior do buraco de porão.

Lá no canto sul da antiga fundação, bem no lugar onde o pequeno Eugene devia ter sido encontrado sozinho, berrando em seu berço, Lisa notou que uma planta crescia. Estava carregada de flores, que lembravam uma sequência de sinos. As flores eram de um tom claro de roxo, salpicadas de manchas brancas que lhes desciam goela abaixo. Flores mágicas.

— Eu sabia! — exclamou Lisa, batendo palmas. Ela se inclinou e prestou atenção, certa de que ouviria o tilintar dos sinos.

— É uma dedaleira — disse Sammy lá de cima. — Tenha cuidado, é venenosa.

Lisa nunca tinha visto flores tão espetaculares, venenosas ou não. E não acreditava que qualquer coisa naquele bosque a machucaria.

Ela colocou o prato de presentes cuidadosamente na base da planta e, em seguida, com o coração batendo, sob os protestos de Sammy, estendeu a mão e tocou uma das flores. Era macia e suave, como o rosto de um bebê.

Quase podia escutar o distante choro de Eugene: um bebê sozinho na floresta, deixado para trás.

Capítulo 9

P h o e b e

5 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Quando Sam e Phoebe estacionaram em sua garagem, perto das três horas da tarde, Phoebe suspirou — nunca se sentira mais feliz por estar em casa. Tomaria banho, vestiria uma muda de roupa limpa, sentaria com Sam na vacilante mesa de cozinha deles, e entenderia tudo aquilo. Estar sã e salva em casa, longe da loucura na cabana, iria colocar as coisas em perspectiva.

Na verdade, era mais um chalezinho do que uma casa, propriamente, mas, ao longo dos últimos dois anos, tornara-se o lugar favorito de Phoebe no mundo inteiro, o único lugar em que se sentira verdadeiramente em casa. A construção, de telhado alto e pontiagudo, vitrais, e beirais com acabamento rendilhado, havia encantado Phoebe quase tanto quanto Sam. Tudo parecia bom demais para ser verdade. Quando, depois que namoravam havia seis meses, ele pediu a ela para se mudar para lá, ela não hesitou, embora ele fosse o primeiro homem com quem ela concordara em morar junto. Antes de conhecer Sam e ver a casa, ela sempre fora determinada a ter seu próprio espaço, a manter uma certa e confortável distância entre ela e seus namorados.

Mas Sam era diferente. Aquela casa era diferente. Sam vivia ali desde a faculdade, quando a alugara de um professor de História da Arte que a tinha restaurado. Depois, a esposa do professor adoecera e o casal se mudou para Boston. Ele vendeu a casa para Sam pela metade do que valia.

— Oh! — Phoebe se lembrava de ter exclamado quando a vira pela primeira vez. — Parece que saiu de um conto de fadas!

Mas, agora, quando se aproximou e percebeu que a porta da frente estava aberta, ela mais parecia o cenário de um romance de horror.

— Para trás — Sam advertiu-a, endireitando os ombros, segurando a pobre chave sobressalente do carro à frente dele como se fosse uma espada de samurai.

— Uma ova — respondeu Phoebe, mantendo-se bem ao lado dele. Ela apanhou uma pedra do tamanho de uma bola de beisebol ao lado dos degraus da frente.

— Acho que nós não nos esquecemos de trancar a porta — Sam disse, olhando para a porta da frente com receio. O ferrolho havia sido retirado da parede e a fechadura fora forçada com uma chave de fenda que havia sido deixada ali, pendurada. Phoebe prendeu a respiração, escancarou a porta com um chute de sua

bota verde, e conduziu Sam para dentro.

A casa estava um caos: móveis virados, gavetas e armários abertos, com todo o seu conteúdo esvaziado. Os mapas topográficos emoldurados estavam todos pelo chão, com os vidros quebrados.

— Santo Deus! — Phoebe resmungou. Ainda segurando a pedra, correu direto para os aquários no fundo da sala de estar para verificá-los. Os aquários eram as únicas coisas na casa deixadas intactas, e todos os seus habitantes pareciam incólumes. Ela largou a pedra e delicadamente pegou Horácio. O minúsculo porco-espinho farejou sua palma e dedos, em busca de guloseimas.

— Oi, amiguinho — disse ela, na vozinha cantarolante que reservava para pequenos animais e bebês, acariciando seus espinhos macios. — O que aconteceu por aqui, hein? — ela encostou no rosto o delicado animalzinho, de barriguinha clara, desejando que ele pudesse responder.

— Eles estão todos bem? — Sam perguntou. Com exceção da cobra, Sam os amava, e, de brincadeira, referia-se a eles como a *coleção de bichos* de Phoebe.

— Parecem estar — disse Phoebe, devolvendo Horácio para a sua gaiola.

No aquário seguinte, Orville e Wilbur (11), os dois ratos, estavam dormindo bem contentes, com as caudas rosadas enroladas em volta de seus corpos. Jackson, a píton caolha, estava descansando metade dentro e metade fora do seu pote de água.

Os animais eram todos provenientes da clínica, abandonados por variados motivos. Horácio havia mordido seriamente um menino em uma festinha de aniversário (por que razão os pais haviam deixado um bando de selvagens de 7 anos de idade ficar passando de mão em mão o aterrorizado porco-espinho era algo que escapava à compreensão de Phoebe). Jackson havia sido resgatada de uma casa com quatorze cobras, meia dúzia de furões e incontáveis coelhos, todos desnutridos e negligenciados. Orville e Wilbur haviam sido abandonados quando o dono foi para a faculdade e sua mãe se recusou a cuidar dos bichos.

— Ótimo. É um consolo saber que os psicopatas que nos atacaram pelo menos gostam de animais — disse Sam.

As pernas de Phoebe estavam bambas. Queria sentar, mas a mobília fora toda derrubada e quebrada.

Sam parou, atônito, no centro da sala de estar, procurando o telefone.

— Não devemos tocar em nada. Eu vou chamar a polícia. — Queria colocar sobre a mesa a correspondência que apanhara na caixa de correio lá fora, mas o móvel havia sido virado. Ele largou as cartas no chão e foi então que reparou: entre elas, havia um pequeno envelope com somente o seu nome escrito na frente, com uma bela letra. Nada de endereço nem selos. Ele o rasgou para abrir.

11 Prenomes dos Irmãos Wright, que dividem com Santos Dumont o crédito da invenção do avião. (N. da T.)

Voltei da terra das fadas.

Lisa

Eles passaram o restante da tarde arrumando a casa e fazendo o balanço. Não pareceu que houvessem levado coisa alguma.

Sam decidira que era melhor não envolver a polícia. Phoebe discutiu sobre isso com ele no início, mas, quando Sam lembrou-a da interação dos dois com os policiais naquela manhã, ela concordou. Sabe-se lá o que poderia acontecer se a polícia entrasse em cena. E se aquela garota tivesse mudado a história dela de novo? A polícia poderia muito bem estar a caminho naquele exato momento para prender Sam e Phoebe.

— Eu acho que parte de toda a armação desta manhã foi para nos fazer parecer uns embromadores, meio marginais. Foi uma jogada inteligente da parte deles — observou Sam. — Sabem que vamos pensar duas vezes antes de ir à polícia, porque seríamos vistos como gente maluca e não digna de crédito, não importa o que falemos.

— Mas nós sabemos o que vimos — disse Phoebe. — Aquela mulher esfaqueou Evie! O que aconteceu com ela? Você não pode simplesmente ir embora e desaparecer com um ferimento daqueles.

Sam balançou a cabeça, preocupado: — Eu não sei.

— E quem pegou todas as nossas coisas? Quem limpou a cabana daquele jeito? Por que diabos alguém iria armar tudo aquilo?

— É difícil dizer — Sam respondeu. — O fato de que este lugar foi destruído também é sinal de que estão procurando alguma coisa.

Talvez só estivessem atrás do *Livro das Fadas*, e agora que eles o têm, vão nos deixar em paz.

— Mas quem sabia que você tinha o livro? — Phoebe argumentou. — Sua mãe, Evie e Elliot. A garota ao telefone, talvez.

Ela puxou o caderninho do bolso e escreveu PESSOAS QUE SABIAM SOBRE O LIVRO com seus pequenos hieróglifos no topo de uma página em branco, e fez uma lista.

Sam balançou a cabeça, concordando, depois esfregou a nuca.

— E por que levar o livro? — Phoebe perguntou.

— Porque ele era uma prova, acho. Foi feito por quem levou Lisa. Eu devia ter ouvido a minha mãe e entregado o livro para os policiais no dia em que o encontrei.

— Você não pode se culpar — disse Phoebe.

— Não estou me culpando. Eu só queria, pelo menos, ter aberto a maldita coisa.

— Então, por que não abriu?

— Porque, quando Evie telefonou, no mesmo dia, ela me fez prometer que não o abriria sem ela. Queria estar lá.

Evie. Onde diabos estaria a pobre Evie? Será que quem fizera aquilo apanhara Elliot e ela?

— Ok, então, o que fazemos agora? — perguntou Phoebe. Ela abriu o caderninho na página seguinte e escreveu O PLANO.

— Nada — disse Sam. — Apenas prosseguimos com nossa vida.

Phoebe soltou um suspiro exasperado: — Não podemos simplesmente cruzar os braços! — disse ela, inclinando-se para a frente. — Sua prima pode estar sangrando até a morte em algum lugar, mantida refém por um bando de malucos. E seja quem for aquela garota na floresta, ela parecia saber coisas sobre Lisa. Coisas que só Lisa saberia. Você mesmo disse isso!

Sam mordeu o lábio, passou a mão pelos cabelos.

— Se tudo isso não bastar, pense na sua mãe. Se existe uma chance de Lisa ainda estar viva, você não acha que devemos isso a ela?

Descobrir? Caramba, é a *filha dela*, Sam! Sua irmã.

Sam aproximou-se do calendário da Humane Society pendurado na parede. — Ok. A Lua cheia é no dia onze. Sexta-feira.

Talvez possamos dar um passeio até Reliance e ver o que acontece.

— E nesse meio-tempo? — Phoebe perguntou.

Sam balançou a cabeça, parecendo desamparado.

— E nesse meio-tempo? — Phoebe repetiu. — O dia onze é daqui a seis dias, Sam! Devemos simplesmente nos sentar e esperar até lá?

— Enquanto isso — Sam disse, com hesitação —, eu acho que nós devemos tentar descobrir o que aconteceu com Evie e Elliot.

— Excelente plano! — Phoebe se inclinou e beijou-o na bochecha. — Você fica muito sexy quando banca o detetive.

Ele revirou os olhos enquanto ela abria novamente o caderninho de notas.

O PLANO

Encontrar Evie e Elliot Ir a Reliance na Lua cheia (sexta-feira) Fazer Sam me contar mais sobre aquele verão

Phoebe sabia que deveria adicionar “Comprar teste de gravidez” à lista, mas, de algum modo, a ideia de colocar aquilo por escrito tornava a possibilidade de estar grávida ainda mais real. Com tudo o que estava acontecendo, não podia se permitir pensar naquilo agora. “Mais tarde”, prometeu a si mesma.

Sam foi até o telefone e teclou o número do telefone celular que Evie lhe fornecera. Balançou a cabeça.

— Está fora de serviço.

— E quanto ao seu número na Filadélfia?

— Ela não me deu esse.

— Tente o auxílio à lista.

Não havia nenhuma Evie ou Eve O'Toole listada na área de Filadélfia.

— Droga — disse Sam —, ela provavelmente mudou de nome quando se casou. E eu não tenho ideia do sobrenome de Elliot.

Sam fez outra ligação.

— Oi, mãe — falou ele no aparelho. — Você poderia me dar o número da tia Hazel? Sim, eu espero. Aham. Aham. Não, nós não esquecemos. Vejo você, então.

Ele desligou o telefone: — Consegui. E ela me lembrou sobre o jantar de amanhã à noite. Nós temos de levar a sobremesa.

Phoebe gemeu. Ela amava a mãe de Sam, idolatrava-a mesmo, e definitivamente acreditava que ela tinha o direito de saber o que acontecera com sua filha, mas Phoebe sentia-se intimidada por sua casa limpa e acolhedora, a sua comida caseira. O olhar ligeiramente desapontado que eles receberiam quando aparecessem por lá com uma caixa de sorvete industrializado, em vez de biscoitos caseiros recémmassados. Phoebe sempre deixava a casa de Phyllis com a sensação de que nunca estaria à altura e se perguntando por que diabos Sam a tinha escolhido no lugar de alguém que soubesse cozinhar. Pior ainda, Phoebe secretamente fazia a promessa de que iria mudar. Para um dia surpreender Phyllis com um bolo de três camadas com cobertura de glacê perfeito. Ela podia até vê-lo de forma clara em sua cabeça, um bolo digno de primeiro prêmio em concurso de culinária, que seria a coisa mais deliciosa que qualquer um deles jamais houvesse experimentado.

Phoebe ficou olhando Sam teclar o número da tia.

— O que você vai dizer? — Phoebe perguntou.

Sam encolheu os ombros enquanto colocava o telefone no ouvido, escutando o som de chamada.

— Pelo amor de Deus, não diga a ela que acabamos de ver a filha dela ser esfaqueada por uma lunática na floresta!

Sam revirou os olhos.

— Claro que não! — ele sibilou.

Hazel finalmente atendeu e Sam passou uns incômodos quinze minutos no telefone colocando a conversa em dia. Com exceção dos cartões de Natal, não tinha qualquer contato com ela havia anos. Desde aquele verão.

— Hazel é um morcego velho e louco — ele disse a Phoebe em várias ocasiões. — Bebe como um gambá. Minha mãe e ela se desentenderam logo antes de Lisa desaparecer. Elas se falam de vez em quando, mas não são mais muito chegadas.

Quanto mais Phoebe ouvia falar sobre a tia Hazel, mais ela a achava parecida como sua própria mãe, embora nunca houvesse contado isso para Sam.

— Você nunca fala sobre a sua mãe — Sam comentara uma vez.

— Não há muito o que dizer — Phoebe respondera, encolhendo os ombros. — Nós não éramos muito próximas.

Eufemismo do ano. Mas, ainda assim, melhor do que dizer: *Minha mãe era uma bêbada desgraçada que tinha conversas mais significativas com a televisão do*

que com qualquer pessoa real.

— Eles não são reais, mãe — Phoebe lhe dissera uma vez, quando surpreendeu a mãe falando com os detetives da TV.

A mãe olhara para Phoebe, sacudira os cubos de gelo no copo e respondera:

— Quem é você para dizer? Você acha que algo só é real se puder tocá-lo? — ela se inclinou para a frente e deu um beliscão em Phoebe, torcendo-lhe a pele do braço.

— Ai! — Phoebe gemera.

— Se é isso que pensa, você não sabe porcaria nenhuma, querida.

Phoebe nunca chegara a mentir sobre a mãe para Sam, mas, decididamente, escondera-lhe informações cruciais. Por exemplo, como ela havia morrido.

Ela afastou o pensamento e concentrou-se em assistir Sam se contorcer durante a conversa com sua tia velha e bêbada. Ela lhe fez sinal com a mão para apressá-lo. Ele balançou a cabeça, concordando.

— O negócio é o seguinte, Hazel — ele disse ao telefone: — Esperava que você pudesse me dizer como entrar em contato com Evie e Elliot.

Ele esperou, mordeu o lábio:

— O marido dela? Elliot?

Calou-se novamente, ouvindo.

— Entendo — disse ele, balançando a cabeça no telefone. — Aham. Aham. — Você tem o número dela lá?

Sam escreveu algo em um bloco e, em seguida, agradeceu a tia e prometeu manter contato.

— Então — disse ele, depois de desligar: — A primeira coisa estranha é que Evie não é casada. A segunda, é que ela não vive na Filadélfia. Ela mora bem aqui, em Vermont. Em Burlington.

— Sim, eu diria que é bem estranho. Você vai ligar para ela? — Phoebe perguntou.

— Vou fazer melhor que isso. Vou pegar o carro e lhe fazer uma visitinha. Ver como ela está se sentindo depois de ser esfaqueada e tudo mais. Eu peguei o endereço dela. — Sam pulou do sofá, pegou a solitária chave e sua jaqueta “aviador”, de couro. — Você vem comigo?

— Sem dúvida — respondeu Phoebe, praticamente arrastando-o porta afora.

Capítulo 10

L i s a

7 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Às vezes, quando elas andavam de bicicleta juntas, Lisa imaginava que eram unidas, duas partes de um todo, gêmeas siamesas ligadas onde seu peito pressionava as costas de Evie. A camiseta preta Harley-Davidson de Evie estava úmida de suor enquanto ela ofegava e grunhia, bufando todo o trajeto como um antigo trem a vapor: *Acho que posso, acho que posso, acho que posso.*

Você pode, Lisa lhe dizia com a própria respiração. *Você pode fazer o que quiser, enquanto tiver a mim.*

Evie não tinha sua própria bicicleta, mas era a mais forte das duas, então, Lisa empoleirava-se no selim mantendo os pés para cima, os braços em volta da grossa cintura de Evie. Evie ficava de pé, pernas trabalhando, pés girando os pedais, dedos apertados no guidão, nunca apertando os freios, não importava a velocidade em que fossem.

Desceram a Spruce para entrar na Main Street, Sammy ao lado delas em sua BMX, subindo pelos meios-fios e calçadas, empinando a bicicleta.

Quando chegaram ao trecho em que a Main Street se bifurcava com a Lark Ridge, viraram à direita, na estrada de terra que acompanhava o riacho que passava pela fazenda dos Tuckers, as rodas zumbindo, os grilos cricrilando, o cheiro de feno recém-cortado no ar.

Depois, viraram novamente à direita, no antigo aceiro, que era pouco mais que uma trilha de bicicleta meio coberta de mato. O ar estava frio e úmido. Galhos chicoteavam-lhes os rostos. Lisa se agarrava firmemente, enquanto eles saltavam e batiam nas pedras e raízes, derrapavam na areia, esquivavam-se de um monte de esterco fresco de cavalo. Depois de uns quatrocentos metros daquilo, eles pararam, deixaram as bicicletas encostadas nas árvores e caminharam pela margem até o redemoinho. Não era realmente um redemoinho, mas as crianças o chamavam assim. Era um lugar onde uma pedra curva atravessava o riacho, retendo água suficiente para formar uma piscina profunda. O fundo estava coberto de pedras lisas e areia. Vairões nadavam ali e, se alguém ficasse parado por muito tempo, às vezes, eles vinham e mordiscavam os dedos dos pés. Insetos patinavam em toda a superfície; trutas se escondiam nas sombras. Os mosquitos e as moscas infernizavam, mas, se a pessoa permanecesse dentro d'água, ficava a salvo deles.

— O último é mulher do padre — Sammy gritou, tirando a camiseta de mapa estelar, chutando fora os tênis e mergulhando na água de short. Lisa tirou o short e a camiseta, e ficou só de traje de banho, que era azul e coberto com uma impressão mais clara de escamas de peixe. Evie chamava o maiô de “a pele de sereia” de Lisa.

Evie tirou as botas pesadas e o cinto com a faca. Ela usava seu short e camadas de camisetas para entrar na água. Não tinha maiô. Seus enormes calções de menino ondulavam na água e as camisetas grudavam na pele, as bordas de sua camiseta branca masculina, de gola em V, aparecendo por baixo da camiseta Harley-Davidson. Ela era péssima nadadora e passava a maior parte do tempo agachada no raso.

Sammy mergulhou até o fundo e reapareceu, cabelo alisado para trás e quase pelos ombros, agora que estava molhado.

— Você precisa de um corte de cabelo — Lisa disse a ele.

— E você precisa de um choque de realidade — retrucou Sammy, mergulhando para, em seguida, subir à tona de novo e cuspir um longo jato d’água na irmã. — Fadas! — ele disse, quando sua boca estava vazia. — Como você pode realmente acreditar nisso?

Lisa balançou a cabeça: — Como você não pode?

— Porque não existem criaturinhas verdes com asas rendilhadas. Odeio ser eu a lhe dar a notícia, mas a Sininho é inventada, Lisa. Você pode bater palmas quanto quiser, mas acreditar não vai torná-las reais.

Evie fez uma careta, com os braços cortando a água em círculos lentos ao redor dela, formando o seu próprio redemoinhozinho: — Talvez esteja errado — observou ela.

— O quê? — disse Sammy.

— Só estou dizendo — Evie continuou. — Talvez elas sejam reais, mas não sejam nada parecidas com o que imaginamos. — Ela puxou a frente de suas camisetas, afastando-as do corpo, mas, quando as soltou, elas voltaram para o lugar, mais coladas do que nunca.

— E como elas deveriam ser então? — Sammy perguntou.

Evie deu de ombros.

— Mais como nós, talvez. Foi isso que minha mãe me disse uma vez. Não como naqueles livros ilustrados bonitinhos... fadas reais se parecem com os seres humanos, só que não são. São como nossas sombras — disse ela. — Escuras. Mágicas. Estão aqui em um minuto e, no outro, foram embora.

Sammy riu o mais alto e forte que pôde. Mas logo a sua risada se misturou com o som de passos pesados e rápidos que desciam pela margem.

Lisa se virou: — Droga — disse ela. Gerald e Pinkie. E não estavam sozinhos.

Atrás deles vinham os dois melhores amigos de Gerald, Mike e Justin.

E uma menina que Lisa conhecia de vista na escola, uma amiga de Pinkie chamada Franny. A menina era tão pálida quanto Pinkie e usava aparelho.

— Vamos embora — Lisa disse para Sammy e Evie.

— Mas nós acabamos de chegar — Sammy reclamou. Lisa lançou-lhe um olhar furioso.

— Sim, fique — Gerald gritou. — Somos todos amigos, certo? — então, ele se virou para Mike e Justin e disse algo em minariano, a língua inventada por eles. Lisa conseguiu ouvir apenas as últimas palavras, “Bach flut nah”. Os outros meninos riram.

Gerald era moderadamente desagradável por conta própria, mas, quando estava perto de Mike e Justin, ele sempre agia como um completo cretino, exibindo-se e dizendo coisas estúpidas que não faziam nenhum sentido, mas que ele achava que impressionariam e o fariam parecer superesperto. Era ridículo, na verdade. Mike e Justin não precisavam ser impressionados, não havia qualquer perigo de eles deixarem de andar com Gerald. Eles eram *nerds* que curtiam jogos de computador e construir modelos de aviões, assim como Gerald. Três ervilhas de uma mesma vagem. Mas, por alguma razão, Gerald queria ser o Rei Ervilha. Lisa sorriu com o título que acabara de lhe ocorrer.

— O que é tão engraçado, Nazzaro? — Gerald perguntou.

Lisa encolheu os ombros: — É que sempre que você fala nessa língua inventada soa como alguém encatarrado, com um forte resfriado, pigarreando. — Para reforçar seu ponto de vista, ela fez a melhor imitação que conseguiu de alguém com o nariz entupido, tentando limpar a garganta.

O rosto de Gerald ficou vermelho.

— Oi, Sam! — Pinkie chamou, acenando com tanta força que ela quase caiu no riacho. Estava com mangas compridas, luvas de jardinagem, e um boné de beisebol rosa coberto com um mosquito.

— Oi — Sam respondeu, cumprimentando-a com a cabeça. — Você vai entrar na água?

Ela balançou a cabeça dizendo que sim.

Gerald riu.

— Ela só nada em piscinas. Não suporta a sensação de lama ou pedras sob os pés. E os peixes e os insetos são um pouco demais para ela. Becca é o que se pode chamar de delicada, não é, Bec? Você não é?

— ele perguntou, olhando para a irmã. — E tem também todas as doenças e parasitas, certo, Bec? Todos os tipos de sujeira flutuando por ali.

— Ah, cara, não vai me dizer que você andou mostrando aquele seu livro sobre parasitas para Becca de novo, vai? Isso é simplesmente cruel — disse Mike. Ele tirou a camiseta e revelou um peito pálido e afundado no centro, como se alguém houvesse esmagado o seu esterno com um taco de beisebol.

— Na verdade, é uma coisa fascinante — respondeu Gerald, sem tirar os olhos de Pinkie. — Disenteria amebiana, giárdia, criptosporidiose. E tem também o lance das bactérias: cólera, E. coli, febre tifoide. Essa água está repleta de minúsculos

organismozinhos procurando apenas um belo corpo quente para chamar de lar. — Ele piscou para Pinkie.

Mike deu um tapa brincalhão no ombro de Gerald.

— Não ligue para ele — Mike falou para Pinkie. — É um pouco obcecado pelo mundo microscópico. É por culpa da pesquisa que ele faz para o nosso jogo. Não há nada nessa água que possa fazer mal a você, Becca. — Com isso, ele deu uma corrida e saltou dentro d'água, e Justin o seguiu. Ambos os meninos guincharam ao sentirem a água fria.

— Veja, Becca, dá até para beber — Mike gritou, recolhendo um pouco de água na mão em concha e tomando-a ruidosamente.

— Você vai mijar protozoários — brincou Justin.

Mike tomou um segundo gole: — Que delícia de ameba!

— Na verdade — disse Sam, tentando parecer mais velho, engrossando a voz —, a maioria dos organismos microscópicos podem ser ingeridos sem problema. A verdade é que nosso corpo está cheio de bactérias o tempo todo. Até temos *E. coli* em nós, vivendo em completa simbiose a maior parte do tempo.

Lisa revirou os olhos. O que era aquilo? O ataque dos *nerds*?

Franny aproximou-se de Becca, inclinou-se e sussurrou algo em seu ouvido. Becca balançou a cabeça; então, as duas riram, olhando para Sam, e depois desviaram os olhos.

Lisa não suportava meninas assim, não importava a idade.

Meninas que ficavam de risinhos e murmuravam segredos umas nos ouvidos das outras. Meninas frescas que não queriam se sujar.

— Venha, cara — chamou Mike. — Você só sente que está congelando as suas bolas durante os primeiros trinta segundos mais ou menos.

Gerald tirou a camiseta com cuidado por cima dos óculos, ficou descalço e caminhou lentamente em direção ao riacho, pisando cuidadosamente sobre as pedras, como se seus pés fossem ultrassensíveis. Ele parou na borda.

— O que temos aqui? — ele perguntou, pegando o cinto de Evie e a faca.

Lisa inspirou profundamente. Aquilo era encrenca. Encrenca das grandes.

— Parece um facão de mato para mim — Mike gritou da água.

— Bach Gloon Neot?

Gerald riu e concordou com a cabeça: — Totalmente! — ele riu com desdém, empurrando os óculos escuros no nariz.

— Largue isso! — Evie rosnou de onde estava, agachada dentro d'água.

Gerald desembainhou a faca e assobiou.

— Uma lâmina de respeito. Daria para matar um elefante com essa coisa, provavelmente. E o que é isso no cabo? Um pouco de sangue seco? Caramba, Stevie, o que você andou cortando?

— Droga, cara, talvez seja mesmo sangue — disse Mike. — Você sabe o que dizem sobre o bisavô dela, sobre ele ter feito algum tipo de pacto com o diabo e

fazer sacrifícios e coisas assim no bosque?

Talvez Stevie só esteja seguindo os passos dele!

Gerald balançou a cabeça: — Pacto com o diabo? Que nada. Ouvi dizer que o velho doutor O'Toole era o próprio *filho do diabo*. Ele tinha poderes. Podia hipnotizar as pessoas com os olhos. Isso é o que minha mãe disse. Você tem uma árvore genealógica infernal, Lisa.

— Já chega, Gerald — advertiu Lisa, nadando em direção ao garoto.

— Eu só estou dizendo. Você pode estar em perigo, Lisa. Quero dizer, se o primo Stevie está andando por aí como um jovem psicopata fatiando gatos ou algo assim, você não deveria se preocupar? Você não sabe como Jeffrey Dahmer começou? Cortando cabeças de cães e gatos e empalando-as em varas.

— Que horror! — gemeu Pinkie.

— Mentira! — disse Franny.

— Mentira nada — retorquiu Gerald. — Totalmente verdade.

— Ponha isso no chão — Evie rosnou. — Ela ainda estava agachada, seu corpo uma bola compacta, a água até o pescoço.

— Ou você acaba comigo? Nada valente agora, hein? Agora que eu estou com a sua grande e maligna lâmina da morte aqui.

Pinkie e sua amiga pálida ficaram olhando em silêncio, ambas franzindo a testa. Mike e Justin andavam dentro d'água, observando.

Mike se aproximou da margem, caminhando em direção a Gerald, com água na altura de seu peito afundado.

— Para mim, parece uma lâmina de sacrifício, com certeza — ele gritou. — Eu teria cuidado se fosse você, cara. Pode ter algum feitiço sério.

Lisa chegou à margem e saiu da água, indo em direção a Gerald.

— Me dê essa maldita faca.

Gerald deu uma risadinha desagradável, roncando como um porco: — Cadê a sua macheza, Stevie? Deixando sua prima fazer o trabalho sujo para você. Ela é bonita. Você não acha? Eu sei que acha, Stevie.

— Ooh! — cantarolou Justin da água. — Stevie tem uma queda pela prima? Isso é tão doentio!

Evie se levantou, braços rígidos ao lado do corpo, fechando os punhos.

Gerald gargalhou.

— Bonito calção de banho!

O calção verde de Evie batia nos joelhos, a barriga protuberante saltando dele. Suas pernas eram brancas e cobertas de pelos escuros.

As camisetas molhadas grudavam em seu corpo, de maneira que dava para ver a curva dos seios, até mesmo o contorno dos mamilos debaixo da água de cabeça branca e a bandeira. As palavras LENDA AMERICANA estavam coladas à sua barriga, balançando enquanto ela caminhava.

Mike e Justin riram. Pinkie soltou um pequeno guincho e, em seguida, cobriu a

boca e desviou o olhar, dando risadinhas. Franny fez o mesmo.

Evie caminhou em direção a Gerald, com os olhos brilhando e um rosnado grave vindo do fundo da garganta.

Gerald recuou e, depois, ergueu a lâmina, agitando-a no ar como se fosse a batuta de um maestro ou uma varinha mágica.

— E eu não acho que já tenha visto peitos como esses em um garoto. E vocês, caras? Talvez Stevie seja um... como é mesmo o nome?

— Hermafrodita? — Justin arriscou.

— É, é isso mesmo. Nem menina, nem menino. Uma... coisa.

Evie parou de repente, a água do riacho na altura dos joelhos.

Cruzou os braços sobre os seios, o peito arfando depois que o rosnado cessou e os olhos cheios de lágrimas. Lisa podia ver o contorno da chave pendurada em torno do pescoço da prima. Os dedos de Evie tatearam por dentro do colarinho de sua camiseta, buscando a chave.

Isso irá salvar nós duas, um dia.

Lisa teve de desviar o olhar.

— Aqui está, Coisa — disse Gerald, deixando cair a faca e entrando na água, longe de Evie.

— Idiota! — Lisa gritou atrás dele.

Evie continuou sua lenta caminhada para a margem, onde ficou, curvada e pingando, calçando suas botas. Ela embainhou a faca e enrolou o cinto em volta da cintura, afivelando-o com dedos trêmulos.

Lisa começou a colocar as próprias roupas enquanto Evie passava por Pinkie e Franny. Esta lhe deu um sorriso sem graça. Evie ignorou-a e começou a subir o caminho.

— Vamos, Sammy — Lisa chamou.

Gerald disse algo a Sammy em voz baixa. Sammy não respondeu, mas os outros meninos riram.

Lisa enfiou os pés úmidos e cheios de areia em seus tênis e esperou pelo irmão. Finalmente, ele estava fora d'água, vestindo a camiseta.

— Vamos — repetiu.

— Até logo, Sam — Pinkie disse, enquanto eles passavam por ela apressados, Sam carregando os seus tênis. Ele lhe deu um meio aceno com a mão.

Quando chegaram ao aceiro no topo da colina, ambas as bicicletas ainda estavam lá, mas Evie não.

Capítulo 11

Phoebe

5 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

A única coisa boa sobre o caos daquele dia foi que Phoebe não teve muito tempo para ficar obcecada com a possibilidade de estar grávida. Mas agora que eles estavam de volta ao carro, dirigindo até Burlington pela Rodovia Interestadual 89, ela só conseguia pensar nisso.

Mais uma vez ela flertou com a ideia de dizer alguma coisa para Sam — mas ele já tinha o suficiente com que se preocupar no momento. Precisava saber com certeza antes de falar com ele. Iria à farmácia comprar um teste de gravidez. Talvez desse um jeito de sair escondida no dia seguinte, mas, se não, poderia esperar até segunda-feira, quando ambos sairiam para trabalhar.

Aliviada por ter um plano, Phoebe olhou pela janela à sua esquerda. Estavam rodando através de Waterbury e, à luz mortiça do crepúsculo, ela pôde ver o complexo do antigo hospital do estado com a sua chaminé gigante e as letras VSH, de Vermont State Hospital, elevando-se para o céu.

Ela olhou para Sam dirigindo, mãos no volante, olhos na estrada. Havia tantas pequenas coisas sobre ele que Phoebe amava: os longos cílios quase femininos; a forma como ele lambia os lábios antes de responder uma pergunta difícil; como suas pernas pálidas com joelhos nodosos pareciam engraçadas todo verão, quando ele finalmente sentia calor o suficiente para tirar sua calça jeans e colocar um calção de banho. Ela adorava a cicatriz acima de sua clavícula, cuja origem ninguém conseguia se lembrar. Às vezes, ela o beijava ali, sua boca sobre a fina linha branca, fazendo-a desaparecer.

E se ela estivesse grávida? Será que ficariam com o bebê? Sam nunca dissera explicitamente que não queria filhos, mas sempre que

ela falava nisso, o rosto dele se nublava e ele rapidamente mudava de assunto ou, às vezes, cheirava-lhe o pescoço e dizia: — Mas você é a minha família, Bee. Você é tudo de que eu preciso.

E quanto a ela? Phoebe realmente conseguiria ser mãe? Era uma ideia tão absurda que ela achava impossível visualizá-la. Entretanto, a alternativa, a ideia de praticar um aborto, apavorava-a também. Sua mãe havia feito um aborto uma vez, quando Phoebe estava na quinta série. Do que Phoebe mais se lembrava era a mãe descobrindo que estava grávida. Havia comprado um teste, foi para o banheiro e saiu

de lá pálida e trêmula. Não parecia muito feliz, isso era certo. Mas não aparentava estar chocada ou surpresa, tampouco. O que transpareceu a Phoebe foi que sua mãe estava com medo. Aterrorizada, na verdade.

— Mãe — disse Phoebe —, deu positivo? — Phoebe estava dividida. Parte dela secretamente desejava um irmãozinho ou irmãzinha, mas sabia, no fundo, que desejar trazer um bebê indefeso para aquele seu triste arremedo de família era cruel.

A mãe não respondeu, foi direto para a vodca, bebendo até desmaiar no sofá. Phoebe foi cobri-la com uma manta antes de ela mesma ir para a cama. A mãe despertou, apertou os olhos para focar Phoebe, e disse: — Tadinha de você. — Phoebe sorriu para a mãe, deixou-a levantar a mão com suas unhas quebradas e dedos manchados de nicotina e alisar os cabelos de Phoebe. A mãe sorriu-lhe de volta, dizendo carinhosamente, com amor: — Eu devia ter afogado você quando nasceu. — Phoebe deu um passo para trás, deixando a mão de sua mãe cair de volta no sofá. A mãe fechou os olhos, murmurando baixinho: — Isso teria salvado você.

Pela manhã, ela marcou um horário e partiu para a clínica de saúde da mulher em Worcester. A mãe agiu como se não fosse grande coisa, como se ela tivesse ido extrair um dente podre no dentista.

Phoebe sabia que não iria ser assim com ela. Mas, que diabos, ela provavelmente nem estava grávida e, nesse caso, estava sobrecarregando o seu cérebro com pensamentos frenéticos à toa.

Ela fechou os olhos e ouviu em sua cabeça a voz suave, grave e pastosa de uísque de sua mãe: “não faz sentido algum você se preocupar com o que já aconteceu ou com o que vai acontecer. Você só precisa fazer o seu melhor agora, no presente. E confiar que todo mundo está fazendo o mesmo”.

Talvez a única coisa inteligente que sua mãe lhe dissera.

Quase todo o resto eram completas bobagens. Como o que ela havia dito a primeira vez que Phoebe lhe contara sobre o Homem das Sombras.

— Tem uma coisa no meu quarto — ela gritou, com o coração disparado e as mãos suadas. Tinha 7 anos e elas estavam no apartamento da rua Belcher. Acabara de dar meia-noite e Phoebe havia fechado os olhos e saído correndo de seu quarto, encontrando a mãe na cozinha. A mãe cambaleou para trás e encostou no balcão, espremendo o rosto em uma careta, de modo que olhava para Phoebe através de um só olho e da nuvem de fumaça do cigarro.

— O que foi? — ela perguntou com voz arrastada. Sua mãe tinha vivido na Carolina do Norte apenas até os 6 anos, mas, às vezes, quando estava muito bêbada, Phoebe ainda podia perceber o sotaque sulista.

— Um homem — respondeu ela.

— E como ele é, querida?

— Escuro. Como uma sombra.

A mãe pareceu surpresa, e depois sorriu: — De onde ele veio, esse seu Homem das Sombras?

— De debaixo da minha cama. Há uma porta ali.

— É melhor você descobrir uma maneira muito boa de mantê-la fechada. Se o Homem das Sombras vem, ele volta. E depois que ele entra dentro de você... — ela estremeceu e se virou para despejar outra dose no copo. — Tome um gole bem grande disso, querida. É como remédio. Vai ajudá-la a dormir.

— Sam?

Ele tirou os olhos da estrada e olhou piscando para ela.

— Algum dia você acreditou que Teilo fosse real?

Ele balançou a cabeça.

— Na época não. Mas agora, sim. Eu não acho que ele seja um ser fantástico ou algo assim, mas acho que havia um cara lá, brincando com a minha irmã.

— E Evie, o que ela achava?

— Ela achava que Lisa devia ficar bem longe da floresta.

— Por que você parou de falar com Evie? — Phoebe perguntou.

— Quero dizer, parece que vocês dois eram muito chegados quando crianças.

Sam virou-se para olhar para ela, o rosto iluminado pelos faróis dos carros no sentido contrário.

— Sam — disse ela — estamos juntos nessa. Você precisa se abrir um pouco comigo para prosseguirmos. Existem capítulos inteiros, enormes, de sua vida sobre os quais eu não sei nada.

— Você não é exatamente o que se pode chamar de um livro aberto — retrucou ele.

Touché.

— Ok, eu faço um acordo com você — disse Phoebe. — Você começa a se abrir e eu farei o mesmo. Droga, eu mesma vou começar.

— A mente dela foi direto para a possibilidade de estar grávida, mas, então, deixou isso de lado, buscando outra coisa, uma grande revelação que fosse capaz de ajudar a construir uma ponte entre eles, porque uma gravidez, ao contrário, poderia separá-los.

— Tudo bem — disse ela, agarrando-se à próxima melhor coisa.

— Você sempre me pergunta sobre minha mãe, e a verdade é que eu não tenho sido exatamente sincera. Minha mãe era... alcoólatra. Não do tipo socialite bem-vestida, que bebe martíni, mas o tipo de bêbada que baba, fede e acorda em meio ao próprio vômito. Ela era uma péssima mãe. Ela mentia o tempo todo, dizia coisas horríveis para mim, mexia com a minha cabeça. Depois que me formei no colégio, tratei de cair fora de lá. Para nunca mais voltar. Nem mesmo na única vez que ela me pediu. Imediatamente antes de morrer. Ela me implorou. Disse todo tipo de loucuras, mas eu não voltaria lá.

Sam ficou em silêncio.

— Sua mãe é perfeita, Sam. É só olhar para ela para saber que você teve berço. Eu tinha medo de que, se você soubesse a verdade, se você realmente soubesse o

tipo de pessoa que minha mãe era, o tipo de pessoa que eu era quando estava perto dela, você me veria de modo diferente. Quero dizer, estamos falando de uma mulher que era uma bêbada tão patética que se afogou na própria banheira, e completamente vestida. Droga, as roupas inclusive estavam viradas do avesso. Ela não conseguia sequer se vestir direito.

O queixo de Phoebe tremeu. Ela fechou os olhos com força, pensando nos detalhes que ela tinha deixado de fora: todas as coisas estranhas que estavam na banheira com a sua mãe — facas de cozinha, uma frigideira de ferro fundido, um cortador de unhas, uma caixa de parafusos e arruelas. De como o proprietário tivera que arrombar a porta quando a água da banheira transbordando começou a pingar no apartamento de baixo. Ele a encontrou deitada de bruços na banheira, o tampão fechando o ralo, o chuveiro correndo a todo vapor.

Sam estendeu a mão para colocá-la no braço dela: — Phoebe, eu sinto muito.

— Não — ela disse. — Eu não quero a sua solidariedade nem a sua pena. É por isso que eu não falo sobre esse assunto com as pessoas.

As coisas são como são, Sam. Não é possível alterar de onde se vem, certo? Só tentar fazer o melhor onde se está agora.

Sam concordou com a cabeça.

— Eu nunca pensaria em você de outra forma— disse ele. — Não importa o que você me contasse.

E se eu lhe contasse sobre o Homem das Sombras? Phoebe se perguntou. *O que Sam pensaria de mim, nesse caso?*

— Então, agora é a sua vez — disse ela. — Fale-me sobre aquele verão. Sobre você e Evie.

Ele balançou a cabeça em anuência e olhou para a frente novamente.

— Tudo mudou depois que Lisa desapareceu — disse ele. — E antes. Naquele verão. Minha mãe e Hazel brigaram feio. Hazel estava cuidando do meu pai. Ele tinha tido... um colapso nervoso, eu acho, quando estávamos todos longe, em Cape Cod. De qualquer forma, quando voltamos, ele tinha tomado uma overdose de tranquilizantes.

Ligamos para o 911, fizeram uma lavagem estomacal e ele ficou bem.

Mais ou menos. Não estava falando ou... agindo normalmente, mas estava vivo. — Sam mordeu o lábio inferior e respirou antes de continuar. — Quando ele saiu do hospital, o levamos para casa e Hazel estava cuidando dele; como ela era enfermeira, isso fazia sentido. Não era possível que ela não soubesse que meu pai estava em risco de cometer suicídio, isto é, ele tinha tentado antes, não tinha? Seus remédios deveriam ficar trancados num armário. Sempre estavam trancados. Mas, de algum modo, uma noite, pouco antes de Lisa desaparecer, não estavam. E ele os encontrou e tomou tudo. Ele não sobreviveu. Minha mãe culpou Hazel.

— E você?

Se Phoebe raramente falava sobre a mãe, Sam fazia a mesma coisa com relação

ao pai dele. Phoebe não sabia quase nada sobre David Nazzaro, e o pouquinho de informação que obtivera fora graças à mãe de Sam, não através dele. Phoebe sabia que o pai de Sam era um ceramista e que lutara com o transtorno bipolar durante anos. Também sabia que o jovem Sam adorava o pai e passava horas em seu ateliê, apenas observando-o trabalhar, estudando-o, na verdade.

— Às vezes — Phyllis lhe havia contado —, eu pegava Sammy olhando para o pai e pensava: “Lá vai ele de novo, tentar resolver o enigma de Dave”.

— Não — disse Sam. — Eu não encarei dessa maneira. Mas não vimos muito Hazel e Evie depois disso. Acho que eu deveria ter ficado triste, mas, na verdade, não fiquei. Evie traiu Lisa de uma maneira horrível. Contou às pessoas sobre as fadas. Caramba, ela até mostrou o *Livro das Fadas* de Lisa para todas as crianças do bairro. Eu acho que isso foi a gota d’água. Lisa parou de falar com ela. Eu costumava achar que, se Evie não tivesse feito isso, então talvez Lisa não houvesse ido para o bosque naquela noite. Ela e Lisa eram muito unidas. Era como se ela tivesse perdido sua maior aliada. E o pai dela tinha acabado de tomar uma porrada de comprimidos e era óbvio que ele não iria sobreviver. Quem não gostaria de deixar tudo isso para trás?

— Sabe o que eu pensava? — Sam perguntou, apertando o volante tão forte que os nós dos dedos estavam brancos, e cravando-lhe as unhas. — Que Lisa tinha escolhido o mais fácil. Simplesmente desaparecer. Ela não teve de dizer adeus para o pai ou ir ao enterro ou lidar com as coisas depois. Ela apenas escapou, e eu estava com inveja dela. Isso é coisa de maluco, não é? — ele olhou rapidamente para Phoebe e, então, voltou a pôr os olhos na estrada. Ela estendeu a mão e acariciou o braço dele.

— Não — ela respondeu. — Nem um pouco. Eu teria me sentido da mesma forma.

O endereço que Hazel tinha dado para Sam era de um apartamento de porão na Loomis Street, não muito longe da universidade. Havia uma periclitante pilha de caixas de pizza do lado de fora da porta que dava nos degraus para baixo.

— É este o lugar? — Phoebe perguntou, pensando que talvez encontrariam uma república de estudantes. Lembrou-se da tatuagem na perna de Elliot. Não uma letra grega, mas o símbolo de Teilo.

— Você tem certeza? — Sam tinha perguntado quando ela lhe contou sobre a tatuagem.

Phoebe balançara a cabeça, confirmando: — Positivo.

O que quer que estivesse acontecendo, Evie e aquele tal de Elliot estavam profundamente envolvidos.

— É este o lugar — confirmou Sam, tocando a campainha.

Eles não haviam discutido o que fariam quando encontrassem Evie, o que, de repente, parecia um mau planejamento. Não deveriam ter ensaiado algumas falas? Decidido sobre que linha de interrogatório usar — algo como bancarem o tira bom e

o tira mau — para quebrá-la, levá-la a lhes dizer o que diabos estava acontecendo?

Eles ouviram alguém subindo a escada e, então, a cortina da janela da porta foi puxada de lado e uma mulher magra com olheiras que pareciam hematomas sob os olhos fulminou-os com o olhar.

Mechas de seu cabelo escuro, na altura dos ombros, escapavam do rabo de cavalo frouxo, caindo-lhe sobre o rosto.

— O que vocês querem? — ela gritou através da porta. Seus lábios estavam tão secos e rachados que sangravam.

— Estou procurando por Evie — Sam gritou de volta. — Sou o primo dela, Sam.

A mulher mediu-os com os olhos, mordendo uma unha por alguns instantes, considerando a questão e, em seguida, abriu a porta.

Ela lhes virou as costas e desceu a escada mal iluminada antes que eles pudessem dizer mais alguma coisa. Sam encolheu os ombros para Phoebe e os dois entraram. No fim da escada, eles seguiram o pálido fantasma da mulher através de outra porta, que dava em uma sala de estar.

O apartamento em que se encontravam era pequeno e escuro e cheirava a mofo e a suor. Havia umas janelas estreitas e retangulares que possibilitariam uma visão do nível da rua, se fosse possível olhar através delas. Estavam cobertas por um pesado pano vermelho que havia sido grampeado sobre elas.

O mobiliário era gasto e o tapete estava manchado e corroído em vários pontos. Havia outra pilha de caixas de pizza ao lado da porta inferior. Ao longo do teto da sala corria um pesado cano de PVC branco. Alguém em um apartamento no andar de cima deu a descarga no vaso sanitário e a água correu através do tubo sobre suas cabeças.

Sam olhou para cima nervosamente.

— Eu espero que isso nunca vaze — disse ele.

A mulher sorriu e sentou-se em uma puída cadeira estofada.

Ela era de altura mediana e estava abaixo do peso, como alguém viciado em drogas ou com uma doença terminal. Usava uma regata branca apertada que acentuava suas clavículas salientes e um jeans rasgado e desbotado. Seus pés estavam descalços, as unhas pintadas com esmalte cintilante azul. Trazia em volta do pescoço uma corrente que parecia ter sido comprada em uma loja de ferragens para ser usada para acender uma lâmpada. Pendurada nela, uma antiga chave-mestra de prata.

Ela tinha os olhos mais escuros que Phoebe já havia visto.

— Então, Evie está por aqui? — perguntou Sam.

A mulher magra riu, roeu uma unha já curta e cuspiu no tapete o pedaço que tirara.

— Não está reconhecendo sua própria prima, Sammy? — ela perguntou, com um ligeiro chiado. — Você também recebeu um telefonema? É por isso que está

aqui? — Sua voz era rouca, mais grave do que Phoebe teria imaginado.

Sam ficou parado ali, olhando para a mulher na cadeira, piscando como se tivesse acabado de sair de um lugar escuro para outro iluminado.

— Você é Evie? — Phoebe perguntou.

— O que você esperava? — disse a mulher.

— Você pode provar isso? — Phoebe insistiu.

— Bee... — interveio Sam.

Evie riu um riso chiado que a lançou em um ataque de tosse.

Logo que se recuperou, ela enfiou a mão no bolso de trás e tirou um maço de cigarros. Ela acendeu um, soprando a fumaça neles. Então, mexeu no outro bolso e, dessa vez, puxou uma pequena carteira de pano. Ela folheou alguns cartões até que chegou a uma carteira de motorista de Vermont, que ela entregou a Sam.

— Meu nome é Eve Katherine O'Toole. Nome da minha mãe, Hazel. A última vez que o vi, Sammy, você estava vestindo sua camiseta favorita: a do Super-Homem. Você já a estava usando havia dias, mas ninguém se importava. Lembro-me de manter meus olhos naquele grande S vermelho através do para-brisa traseiro do carro e ver você ficar cada vez menor, enquanto a minha mãe me levava embora. — Ela estudou as unhas irregulares e, em seguida, deu mais uma tragada no cigarro.

— É ela — disse Sam. — Esta é Evie.

— Então, quem era a outra Evie? — perguntou Phoebe, recordando-se da imagem de Sam com a camiseta de Super-Homem encarando-a da janela de seu quarto.

— Outra Evie? — perguntou a mulher na cadeira. — Santo Deus, como se uma não fosse suficiente.

— Ela também sabia coisas — disse Phoebe. — Ela sabia sobre a pulseira de balangandãs.

— A pulseira de balangandãs de Lisa? — aquela nova Evie magra perguntou. — O que tem ela?

— Você se lembra de como Lisa a conseguiu? — Sam perguntou.

— Claro que me lembro. — Evie pareceu indignada. — Ela a ganhou de presente de aniversário no começo daquele verão. Sua mãe deu a ela quando estávamos todos em Cape Cod, no feriado do dia da Independência. Tinha o nome dela. Então, no dia seguinte, fomos até uma barraquinha de suvenires na orla e ela escolheu o segundo balangandã, uma estrelado-mar. Você e eu compramos tapalhos e espadas de plástico e passamos o resto da viagem brincando de esgrima e procurando tesouros para enterrar. Tínhamos até nomes secretos de piratas. O meu era Capitão Malvado. Não me lembro do seu. Algo Sammy ou Sammy Algo. Você não era muito criativo.

Sam olhou para Phoebe, balançou a cabeça, e deu de ombros.

— É ela.

— Tudo bem — disse Phoebe. — Portanto, se essa é Evie, então, quem diabos

era a outra mulher? E quanto a Elliot?

— Elliot? — Evie perguntou, olhando para baixo para esmagar o cigarro não terminado.

— Você conhece algum Elliot? — Sam perguntou.

— Caramba. Conheço. Eu costumava sair com um cara chamado Elliot. Nós éramos praticamente noivos.

Aquilo fazia sentido, pensou Phoebe. Uma pista. Elliot era um ex-namorado de Evie — por isso o impostor sabia tanto sobre a verdadeira Evie. As peças estavam se encaixando.

— Você sabe onde podemos encontrá-lo? — Phoebe perguntou, sentindo-se, de repente, como um inteligente policial daqueles seriados que passavam tarde da noite e que ela raramente assistia. Ela até chegou a tirar do bolso o seu caderninho, para que pudesse anotar todas as conexões. ELLIOT, escreveu ela.

Evie olhou para longe.

— Vocês não podem. Ele está morto.

Agora, além de meninas desaparecidas, fadas e trocas de identidade, eles ainda tinham de lidar com fantasmas. MORTO?, escreveu ela.

— Você tem certeza? — Sam perguntou.

— Pode apostar o seu rabo que sim — disse Evie. — Eu estava dirigindo o carro quando sofremos o acidente.

Bebiam Mountain Dew — Evie tinha engradados do refrigerante — e encomendaram pizza, enquanto Evie lhes contava fragmentos da própria vida. Enquanto ela falava, Phoebe olhava de Evie para Sam, percebendo uma semelhança após a outra: o cabelo escuro com um discreto bico de viúva, o nariz delicado — até os lábios eram parecidos. Não havia dúvida de que eles tinham um parentesco.

Evie lhes disse que tinha feito faculdade de artes plásticas e estava prestes a ter sua primeira grande exposição em uma galeria,

quando ela e Elliot sofreram um acidente voltando do jantar, uma noite.

— Já era tarde. Talvez eu tivesse bebido um pouquinho. Elliot definitivamente bebera — por isso, era eu quem estava dirigindo. Um cervo saltou para o meio da estrada, bem no nosso caminho, um animal enorme e velho, com uma galhada tão grande quanto o meu carro. Eu não tive tempo de parar. Desviei instintivamente, sabe? Nós batemos em uma árvore.

Ela roeu uma unha, revolvendo o pedaço cortado em sua boca por alguns segundos antes de cuspi-lo.

— A lateral do carro foi esmagada. O banco do passageiro foi totalmente empurrado para trás. Olhei e tudo que dava para ver eram os pés dele. Ele estava usando umas botas Frye de motoqueiro, pretas, que ele acabara de comprar. Mas elas estavam todas cobertas de sangue e pequenos cacos de vidro. Lembro-me de pensar como Elliot ficaria chateado com as botas novas estragadas daquele jeito. É engraçado as coisas que a gente pensa. — Evie fechou os olhos. — Engraçado —

ela murmurou, colocando os polegares na parte superior das órbitas dos olhos e esfregando forte.

Quando ela abriu os olhos, eles estavam vermelhos e molhados, parecendo quase tão em carne viva quanto seus lábios e cutículas.

— Então, eu olhei para fora do para-brisa quebrado e ali, ao nosso lado, estava o maldito cervo. Olhando para nós. Totalmente ileso. Ele mergulhou na floresta, com a cauda branca agitando-se atrás dele, como uma grande bandeira velha.

— Não tive meu *vernissage*. Parei de pintar depois do que aconteceu. Passei umas temporadas no hospital, perdi o nosso *loft* porque não consegui pagar o aluguel sozinha e blá, blá, blá.

Mudei-me para este pequeno palácio.

Agora, ela explicou, vivia com a aposentadoria por invalidez e só deixava o apartamento uma vez por semana, quando tomava um táxi (sempre com o mesmo motorista, ela disse) para as sessões de terapia.

— Agorafobia — ela lhes disse, com um suspiro rouco. — Você lê sobre isso e acha que é invencionice: como pode ser tão assustador sair pela porta da frente da própria casa? Mas, depois, pouco a pouco você vai se tornando a patética protagonista dessa história e tem de pagar um garoto qualquer para levar seu lixo para fora e comprar o seu papel higiênico.

Phoebe balançou a cabeça compreensivamente, arrasada de pena. Tentou imaginar Evie limpa, alguns quilos mais gorda. Na verdade, ela tinha uma beleza natural: olhos escuros e lábios carnudos vermelhos.

— Então, agora você não desenha nem pinta mais? — Phoebe perguntou.

Evie sacudiu a cabeça, e brincou com a chave de metal em sua corrente.

— Sabe? — Evie disse, olhando para Sam. — Isso pode parecer estranho, mas acho que minha vida ficou do jeito que ficou por causa do que eu fiz tantos anos atrás. Naquele verão.

— O que quer dizer? — perguntou Sam.

— Eu traí Teilo. As fadas deveriam ser o nosso segredo. Eu sabia disso. Caramba, Lisa nos fez jurar não contar a ninguém. Mas fui eu quem mostrou o livro para as pessoas. E então, uma semana depois...

Ela não terminou a frase. Não precisava. Uma semana depois, Lisa desapareceu.

— Você disse alguma coisa sobre um telefonema? — Sam perguntou.

Evie assentiu.

— Cerca de uma semana atrás. A princípio, achei que era uma menina. Ela falava tão baixinho, apenas um sussurro.

— O que ela disse?

— Ela disse: “Eu voltei da terra das fadas. Vejo você em breve”.

Aí, ela desligou o telefone.

— Lisa — disse Phoebe.

— Isso simplesmente não me pareceu possível — disse Evie. — Mas quem iria brincar com uma coisa dessas?

Sam e Phoebe trocaram um olhar.

— Então, agora é a sua vez — disse Evie. — Conte-me sobre essa outra Evie. Diga-me o que fez você me procurar depois de todos esses anos.

E assim, em meio a uma refeição de pizza de pepperoni (como Phoebe estava se sentindo enjoada novamente, ela beliscou apenas a borda, alegando que estava muito ansiosa para sentir fome) e Mountain Dew, Sam e Phoebe contaram sua história. Começaram pela ligação, na semana anterior, da mulher que dizia ser a prima de Sam e terminaram com eles batendo à porta do apartamento de porão de Evie, uma hora antes. Evie balançava a cabeça, demonstrando que estava acompanhando, fez uma ou outra pergunta, mas, na maior parte do tempo, apenas escutou o relato até que os dois terminaram de falar.

— Então, eles estão com o Livro das Fadas? — ela perguntou.

— Sim, e tudo o mais que nós levamos. Roupas, a bolsa de Phoebe, a nossa câmera digital, que tinha algumas fotos dessa outra Evie e de Elliot: praticamente a única prova que tínhamos da existência deles.

— Mas nada foi levado da sua casa?

— Não que tenhamos percebido — disse Sam.

— Ele é um filho da mãe ardiloso, não é? — Evie perguntou. O rosto dela, Phoebe chegara à conclusão, era felino. Maçãs do rosto proeminentes, queixo triangular e olhos grandes.

Sam cruzou os pés, olhando para eles.

— Quem? — Phoebe perguntou.

— Teilo — Evie disse, com um suspiro ofegante. Ela tirou outro cigarro do maço. — Eu não sei o que ele está fazendo, mas, boa coisa não é. Tenham cuidado. Esse é o meu único conselho.

Phoebe balançou a cabeça.

— Você não está dizendo que ele é uma pessoa real, está?

Evie acendeu o cigarro e depois sacudiu o fósforo para apagá-lo, com dedos trêmulos.

— Real, sim. Uma pessoa? Não. Ele é muito mais do que isso.

Com Teilo, as regras normais não se aplicam. E nada é o que parece.

Por enquanto, ele está apenas brincando com vocês. Mas, quando ficar sério, vocês saberão.

Capítulo 12

L i s a

8 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Eles se esgueiraram silenciosamente para Reliance antes do café da manhã do dia seguinte. O jardim e o bosque estavam molhados com o orvalho, ensopando os seus sapatos. Passarinhos saudavam o raiar do dia escondidos no alto das copas das árvores. Evie havia falado muito pouco desde que aparecera para jantar na noite anterior.

Ela ainda estava usando o mesmo calção e a camiseta Harley-Davidson, mas eles estavam secos. Quando Lisa perguntou onde ela se metera a tarde toda, Evie apenas deu de ombros e disse: “Por aí”. Eles não falaram sobre o que tinha acontecido no redemoinho. Lisa queria, pensando que talvez, se pudesse encontrar um jeito de fazer uma piada sobre aquilo, tudo ficaria bem. Mas o que acontecera fora sério demais para qualquer piada estúpida e as palavras certas não chegaram. Tudo o que ela pôde pensar em dizer foi “eu sinto muito”, mas ela tinha certeza de que isso só iria piorar tudo.

A melhor coisa a fazer era fingir que nada acontecera e nunca mais tocar no assunto.

— O que diabos... — Sammy disse quando olhou para baixo da borda do buraco de porão. Evie soltou um gritinho abafado de garota, que não era nem um pouco a cara dela.

O pires de porcelana lascado estava vazio, assim como o copo de refrigerante de laranja. E ali, ao lado dele no pires, havia uma moeda de um centavo, polida até brilhar.

Lisa tinha certeza de que seu coração ia explodir. Ela pulou para dentro do buraco e os outros a seguiram.

Ela pegou a moeda de cobre e viu que era antiga, um centavo com as espigas de trigo (12), de 1918, com uma pequena perfuração na parte superior.

— Deixe-me ver — Evie disse, estendendo a mão para a moeda.

Lisa a entregou.

Evie aproximou-a do rosto, meteu a língua para fora e encostou a pontinha dela no reluzente centavo.

— Que diabos você está fazendo? — Sammy perguntou.

— Usando todos os meus sentidos — explicou Evie. Sam revirou os olhos.

Lisa estava arrependida de ter deixado que eles a acompanhassem. Parecia tudo errado, eles ali no buraco de porão com ela. O presente era para ela, a única que acreditava, certo? E se eles ficassem zombando, as fadas poderiam não voltar.

— Dá para parar com isso, vocês dois? — Lisa perguntou. Ela olhou para as árvores, perguntando se eles estariam sendo observados.

A gralha azul deu um grito de repreensão. Um esquilo tagarelou.

De repente, a floresta parecia cheia de espiões.

— É um presente surpreendente e maravilhoso — disse Lisa, falando tão alto quanto podia sem gritar.

— Eu me pergunto: para que serve o buraco? — Sammy perguntou, pegando o centavo de Evie, que o estava segurando perto do ouvido, escutando.

— Doida — disse-lhe Sammy.

— Ei — advertiu-o Lisa, lançando-lhe o seu olhar mais maligno.

Evie tinha sofrido o suficiente no dia anterior. Ela não precisava de nenhuma chacota adicional.

12 A moeda de um centavo de dólar apresenta a efígie de Abraham Lincoln desde que começou a ser cunhada, em 1909. Até o presente, entretanto, seu reverso já foi modificado várias vezes. A primeira versão, que circulou entre 1909 e 1958, é conhecida como “wheat penny”, por trazer duas espigas de trigo. (N. da T.)

— Eu quis dizer, de um jeito bom — falou Sam. — As melhores pessoas são um pouco doidas, certo? Até Einstein. — Timidamente, ele encolheu os ombros algumas vezes.

— Espere um segundo — disse Evie, pegando o centavo de volta das mãos de Sam. Seus dedos pareciam grossos e desajeitados enquanto seguravam a moeda brilhante. Suas unhas eram roídas até o sabugo, as cutículas descascadas: — Olhem só: 1918. Não foi o ano em que toda a cidade de Reliance desapareceu?

Lisa balançou a cabeça, confirmando: — Todos, menos o bisavô Eugene.

Às vezes eu o vejo em cada um de vocês.

— Não pode ser coincidência. Imagine quando contarmos isso para a sua mãe! — Evie disse. — E talvez até minha mãe finalmente acredite em nós, se mostrarmos a prova.

Lisa pegou de volta o centavo, fechando a mão firmemente em torno dele.

— Não. Nós não podemos contar a ninguém. Isso é algo especial, só para nós. O que acontece aqui permanece em segredo. Ok?

Evie olhou para ela um segundo, com o cenho franzido.

— Evie — Lisa disse em tom de súplica.

Por fim, Evie fez que sim com a cabeça, sem muita convicção.

Sam ia ser um pouco mais difícil de convencer.

— Estou falando sério, Sammy — disse Lisa. — Digamos que as fadas existam. A última coisa que elas querem é que a gente traga o mundo inteiro aqui para baixo. Aí, com certeza elas vão embora.

Vamos esperar e ver o que acontece antes de contarmos para qualquer pessoa. Pense nisso como um experimento científico. Um experimento ultrassecreto. Você pode usar o método científico para tentar explicar o fenômeno: levantar uma hipótese, coletar dados, tudo isso.

Ele franziu um pouco a testa e, então, murmurou: — Ok. Mas eu não acho que sejam fadas.

— Bem, o que é então? — Lisa perguntou.

— Minha hipótese atual — disse Sam, sorrindo — é que você tem um admirador secreto.

Evie enrijeceu, com a mandíbula inferior projetada como a de um *bulldog*.

Lisa riu.

— Bem, há apenas uma maneira de saber ao certo, não é? Esta noite, eu vou descer aqui sozinha. Vou trazer outro prato de doces, me sentar e assistir.

— Mas nós temos que vir com você! — Evie protestou.

— Sim — concordou Sam. — Como vou poder coletar dados para apoiar a minha teoria se você não nos deixar vir com você?

Lisa sacudiu a cabeça negativamente.

— Nós não queremos assustá-las.

— Eu não gosto disso — reclamou Evie. — Nós não sabemos com quem ou com o que estamos lidando. Elas podem ser perigosas.

— Não — Lisa argumentou. — Se elas quisessem fazer algum mal, não teriam deixado isso. — Ela segurou a moeda no alto, observando a maneira como refletia a luz da manhã, ela própria um pequenino sol de cobre.

— O que você tem aí?

Lisa sobressaltou-se e meteu a moeda de um centavo no bolso do short, como se estivesse escondendo provas. Ela se virou. Gerald e Pinkie estavam chegando até a borda do buraco de porão. *Vão embora!*, Lisa gritou dentro de sua cabeça.

Gerald estava vestido da cabeça aos pés com estampa de camuflagem e Becca usava um macacão num tom pastel de cor-de-rosa e uma blusa de gola rulê e mangas compridas da mesma cor, o que era uma loucura, já que fazia muito calor.

Sammy se inclinou e sussurrou: — Lembra da minha hipótese? Isso só confirma o que falei. Ele queria ver você encontrar a moeda.

Lisa deu um passo para longe de Sammy. Olhou para Evie, cujos olhos dardejavam. Evie estava respirando rápido, o peito produzindo estranhos sons de acordeão. Lisa precisava afastar Gerald e Pinkie imediatamente, antes que as coisas saíssem do controle.

— Eu disse: o que você tem aí? — Gerald gritou para baixo, olhando para eles por cima dos óculos com as lentes escurecidas. Ele estava bem na borda do buraco agora, mãos nos bolsos, agitado, balançando para a frente e para trás e chacoalhando as moedas que levava consigo.

— Nada — respondeu Lisa. Ela espremeu os olhos com força, como que para

desejar que eles desaparecessem. Mas quando voltou a abrir os olhos, eles ainda estavam lá. Droga. Muito para desejar. Ela tinha de pensar em alguma outra forma mais mundana para fazê-los dar o fora. Mas tinha de fazer isso com muito tato. Não queria deixá-los desconfiados.

— O que vocês estão fazendo aqui tão cedo? — Sam perguntou.

— Nada. Apenas caminhando. Tomando ar puro. Fazendo um pouco de observação de pássaros, talvez.

— Observação de pássaros? — Lisa ergueu as sobrancelhas com ceticismo. — Não vai me dizer que de repente você virou um especialista em tordos eremitas e toutinegras?

Gerald sorriu: — Não, mas nunca é tarde para aprender, certo? — ele assoviou imitando um passarinho, olhando para as árvores.

— Você esteve aqui ontem à noite? Você deixou alguma coisinha para trás? — Sam perguntou.

Idiota! Será que ele realmente achava que fora Gerald que deixara a moeda de um centavo? Ela lançou um olhar ameaçador para fazer Sam calar-se, mas duvidava de que fosse surtir efeito.

— Por que você está tão agasalhada, Pinkie? — Lisa perguntou, mudando de assunto o mais rápido possível. — Esperando neve?

— Ela é alérgica a picadas de mosquito — disse Gerald. — Parece que não consegue parar de se coçar, por isso minha mãe a cobriu de loção de calamina e mangas compridas. Que bom que não vivemos onde os mosquitos podem transmitir febre amarela ou malária. Você seria um caso perdido, com certeza — disse ele, dando uma piscadela para Pinkie. — Mostre a eles, Bec. Mostre-lhes o que aqueles horríveis insetos fizeram com os seus braços.

Pinkie arregaçou a manga esquerda para mostrar como seus braços estavam pintados de rosa e cheios de vergões vermelhos por baixo.

— Que horror — Evie disse.

Sammy balançou a cabeça, concordando.

— Os mosquitos estão terríveis este ano porque tivemos uma primavera muito úmida. — Pinkie sorriu para ele estupidamente.

Santo Deus. Será que a Pinkie bizarra tinha uma queda pelo Sam?

— Então, o que era aquilo? — Gerald disse a Lisa.

— Hein? — Lisa disse.

— Eu vi algo brilhante em sua mão.

Pinkie confirmou com a cabeça, sacudindo os cabelos que pareciam brancos de tão louros que eram, e fez um som estranho de estalo para mostrar que concordava. Havia algo repulsivo nela.

— Não era nada — disse Lisa, metendo a mão no bolso. — Só a minha chave de casa. — As portas de sua casa nunca ficavam trancadas. Lisa nunca tivera uma chave de casa. Ela esperava que Gerald não pedisse para vê-la.

Gerald olhou para ela, sacudiu a cabeça e ajeitou os óculos.

— Certo, Lisa. Ceeeeerto. — Sua voz soou como um zumbido lamentoso, não muito diferente do som de um mosquito. — A verdade é que você é uma péssima mentirosa. Então, eu tenho de me perguntar: “Por que ela não quer contar a verdade? O que a boa amiga Lisa pode estar escondendo de você?”. Então, o que é, Lisa? Será que o Stevie lhe deu um anel de compromisso ou algo assim? Você e o Primo Coisa vão sair juntos agora?

Evie se moveu mais rápido do que Lisa teria acreditado ser possível, sua respiração rápida e ritmada, como um trem. Ela agarrou o tornozelo esquerdo de Gerald e puxou. Ele cambaleou para a frente, braços girando como um catavento enquanto ele tentava se equilibrar e, em seguida, foi para dentro do buraco. A queda em si aconteceu em câmera lenta; pareceu que ele ficou no ar por muito tempo, agitando os braços desesperadamente, tentando lutar contra a gravidade. Ele aterrissou ruidosamente, bem aos pés de Lisa.

Mas o pior ruído, de longe, era o som produzido por Pinkie: o grito estridente de um porco ao ter a garganta cortada.

— Sua cretina! — Gerald berrou. — Eu vou acabar com a sua raça por causa disso, sua maldita aberração da natureza! — ele estava deitado de lado no chão, rangendo os dentes e ofegando. Evie estava sobre ele, a mão direita apoiada sobre a faca embainhada pendurada no cinto. Ela desamarrou a tira de couro que mantinha o cabo da faca no lugar.

Lisa gentil, mas firmemente, tirou Evie do seu caminho.

— Basta — disse à prima e, então, foi ajudar Gerald.

— Tire as mãos de mim! — ele disparou. Gerald sentou-se e Lisa viu que os olhos do garoto estavam cheios de lágrimas. Ao se levantar, ele segurou com cuidado o braço esquerdo, que parecia estar dobrado para cima em um ângulo estranho, como se tivesse outro cotovelo no meio do antebraço.

O coração de Lisa começou a bater forte e sua boca tinha um gosto metálico. Aquilo não era nada bom. Evie estava bem enrascada.

— Becca, me dê uma mão aqui — disse Gerald.

Pinkie estendeu para baixo o braço coberto por uma manga comprida cor-de-rosa, e Gerald o agarrou com a mão direita, contorcendo-se para subir e sair do buraco, com os dentes cerrados e produzindo horríveis sons toda vez que mexia o braço esquerdo.

— Meu nome é Evie, idiota — disse a prima de Lisa, a faca desembainhada na mão, a lâmina reluzindo.

Capítulo 13

Phoebe

7 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Estrogonofe de tofu e cogumelos. Haveria algo mais grotesco ou enjoativo na face da Terra? Pedacos pálidos de tofu e cogumelos pegajosos, cozidos além do ponto, em um molho leitoso cinzento, servido sobre massa de ovos. O tipo de refeição que se poderia esperar num hospital, refeitório escolar ou na prisão. Mas, para Phyllis, era boa comida caseira à moda antiga, estilo vegetariano.

A mãe de Sam parecia ter livros de receitas cheios de receitas vegetarianas radicais: cozidos, bolinhos e ensopados carregados de tofu, tempeh, e o tão temido glúten. Sopas espessas e sem gosto, servidas com biscoitos integrais densos o bastante para serem usado como calços de porta. Substanciais refeições sem carne que de certo

modo combinavam com a antiquada aparência anos 1950 da cozinha: armários de metal branco, papel de parede estampado com cerejas, balcão amarelo-claro, e a velha mesa com tampo vermelho de fórmica e pés cromados. Sam lhe explicara: — Minha mãe não é muito chegada a renovações.

— Não está com fome, querida? — Phyllis perguntou.

— Receio que não. Mas está delicioso. — Phoebe lhe deu um sorriso caloroso, agradecido, afetando estar satisfeita.

Sam chutou Phoebe por baixo da mesa.

Ela pegou uma grande garfada de macarrão pingando grude cinzento, forçou-o para dentro da boca e tentou mastigar sem sentir o gosto.

— Será que está ficando doente, Bee? — Phyllis perguntou. — Você está muito pálida.

— Pode ser — respondeu Phoebe, baixando o garfo, enxugando a testa úmida com as costas da mão (era impressão dela ou estava terrivelmente quente ali?). — Estou preocupada com o trabalho.

Era mentira, mas isso provocou um aceno de cabeça compreensivo de Phyllis, que misericordiosamente removeu o prato de Phoebe.

Sam revirou os olhos para ela, quando a mãe não estava olhando.

Phoebe esperava que sua incapacidade para limpar o prato não significasse que Phyllis presumiria que ela estava doente demais para os deliciosos sorvetes de baunilha e cereja que ela e Sam tinham levado.

— Deixe-me ajudá-la com os pratos — Phoebe ofereceu, mas Phyllis recusou. Será que ela pensava que, só porque Phoebe não sabia cozinhar, também era inútil como lavadora de pratos?

Ela adorava Phyllis, mas a mãe de Sam definitivamente a deixava completamente insegura e paranoica. Às vezes, era exaustivo ficar perto dela, esforçando-se tanto para agradar, sorrindo tanto.

Desejava que pudesse ter em relação a Phyllis a mesma atitude que tinha para com a maioria das outras pessoas — se não gosta de mim, que se dane —, mas a mãe de Sam importava. Crescer com uma péssima mãe levava Phoebe a ter fantasias secretas, nas quais ela fugia e era adotada por uma família normal, com uma mãe que era uma mistura de todas as mães clássicas da TV. Mães que preparavam ensopados. Phyllis era tudo isso e muito mais.

— Eu só vou colocá-los na pia — disse Phyllis. — Eles podem esperar. Vamos para a sala de estar, está bem?

Eles seguiram a mãe de Sam para fora da cozinha alegre e congelada no tempo, e foram para a sala de estar com o mobiliário que Sam dizia que já estava lá quando ele nascera. E que havia sobrevivido aos anos muito bem. Quaisquer manchas que porventura existissem estavam agora engenhosamente disfarçadas por almofadas, mantas e rendas de crochê. O aposento cheirava ao *potpourri* floral que Phyllis

mantinha em jarros. Havia uma lareira de tijolos, que era acesa no dia de Ação de Graças e no Natal, cuja cornija estava coberta de fotos de família emolduradas: Phyllis e sua irmã, Hazel, quando crianças; o rosto severo do bisavô de Sam, que construía a casa. Lá estava o instantâneo do pequeno Sam e de Lisa, que Phoebe havia notado em sua primeira visita à casa, anos antes. Na ocasião, Phyllis a surpreendera olhando e explicara: — Sam tinha uma irmã. Nós a perdemos. — E Phoebe havia fingido que não fazia ideia, de que tinha apenas uma vaga lembrança de ter ouvido a história no noticiário.

Tudo naquela sala — na casa inteira, na verdade — gritava *lar* para Phoebe. Não que tivesse condições de avaliar. Phoebe havia sido criada em uma série de apartamentos do plano de habitação popular, encardidos e velhos, por sua mãe solteira, cuja ideia de um toque caseiro era pulverizar o ambiente com spray de desinfetante, vez por outra, para encobrir o cheiro de cigarros, maconha e da sujeira e decadência generalizada. Não fazia mesmo o gênero dona de casa 130

feliz. O único tipo de estrogonofe que ela fez na vida foi daqueles semiprontos, de caixinha e, mesmo assim, para ela isso era perder tempo demais cozinhando. Ela era mais o tipo de mãe que servia espaguete pronto direto da lata, acompanhado de achocolatado para beber.

Os amigos de Phoebe achavam que sua mãe era muito legal.

Phoebe podia chegar e sair quando quisesse, ter bolo de chocolate e Pepsi como café da manhã, ter os próprios cigarros ou fumar maconha sempre que quisesse. “Sua mãe é o máximo!”, seus amigos comemoravam quando se reuniam na casa dela

depois da escola para fumar uns baseados. “Ela é como um de nós”.

— Somos diamantes em estado bruto, você e eu — sua mãe costumava dizer. Mas Phoebe achava que estavam mais para ouro dos tolos.

Phyllis sentou-se pesadamente ao lado de Phoebe no sofá e endireitou um paninho bordado na mesinha de centro. Phyllis era uma mulher bem cuidada, na casa dos 50 anos. Usava o cabelo grisalho na altura do queixo, roupas folgadas de linho e tamancos com meias imaculadas, tricotadas à mão. Ela trabalhava para um grupo ambiental sem fins lucrativos angariando fundos, fazendo lobby junto aos legisladores. Até já tinha sido presa duas vezes: num protesto antinuclear e quando ela e um grupo se acorrentaram a um caminhão de toras, tentando interromper uma operação de desmatamento.

Quando Sam era pequeno, sua mãe saía em viagens para manifestações em Washington e o deixava com a vizinha, uma doce velhinha chamada sra. August, cuja casa tinha cheiro de biscoito de gengibre e naftalina. Depois que Lisa desapareceu, as viagens aumentaram. Phyllis mergulhou em seu trabalho, imaginando que, se ela não podia salvar sua filha, faria o melhor para salvar o mundo das armas nucleares e fábricas de produtos químicos, e das pessoas que estavam, em suas palavras, “violentando a Mãe Terra”.

Partia o coração de Phoebe imaginar Sam e a mãe naquela casa sozinhos depois do desaparecimento de Lisa e da morte do pai de Sam.

Phyllis mantinha o quarto de Lisa do jeito que era.

— Era realmente assustador — dissera Sam a Phoebe — ficar naquele ambiente mais tarde, quando eu já estava no colégio e tudo continuava igual por lá. Estava crescendo e Lisa ficara presa no limbo, um fantasma de menina assombrando seu antigo quarto, com unicórnios nas paredes e bichos de pelúcia sobre a cama.

Mas, Phoebe entendia. Phyllis ainda estava esperando a filha voltar. E se Lisa voltasse, queria que as coisas estivessem do jeito de que ela se lembrava.

Você conseguiu falar com Hazel? — Phyllis perguntou a Sam.

— Sim, consegui. Obrigado — respondeu Sam, olhando para longe. Mas Phoebe sabia que Phyllis não iria deixar passar assim tão fácil. Era evidente que o fato de Sam ter pedido o número do telefone da tia após quinze anos sem falar com ela despertaria a curiosidade da mãe.

— Como ela está? — Phyllis perguntou, fazendo uma ligeira careta, como se perguntar aquilo, de certo modo, fosse penoso para ela.

Phoebe olhou para a foto de infância de Phyllis e Hazel, ambas de marias-chiquinhas, sorrindo com cara de sapecas para a câmera.

Não havia fotos de Hazel adulta em nenhum lugar da casa. Ela, como Lisa, de algum modo ficara congelada no tempo ali.

— Está bem, eu acho. Trabalhando em uma casa de repouso. Na verdade, eu liguei para ela porque queria entrar em contato com Evie.

A mãe de Sam endireitou o corpo e olhou para o filho por cima dos pequenos

óculos retangulares, que ela levava pendurados em uma corrente em volta do pescoço.

— Evie? — ela perguntou, como se o nome não fosse nem um pouco familiar a ela: “Evie? Quem diabos é Evie?”

Sam pigarreou.

— É. Achei que talvez já fosse hora de fazer uma reaproximação.

Phyllis olhou para ele.

— E você fez?

— Sim. Nós fizemos. Phoebe e eu jantamos com ela. Ela mora em Burlington. Phoebe se lembrou da pizza e do refrigerante Mountain Dew. Não exatamente o jantar com toalha de mesa branca que Phyllis provavelmente estava imaginando.

— Ela se casou? — Phyllis perguntou. — Tem filhos?

Sam balançou a cabeça negativamente.

— Que pena — disse Phyllis. — Eu não sei o que há com vocês, jovens. Eu me casei com o seu pai quando tinha 19 anos.

Sam assentiu. Baixou a cabeça. Ele sabia onde aquilo ia dar. Era inevitável que ela trouxesse o assunto à baila toda vez que a visitava.

— É tão errado querer ver os filhos felizes? Querer netos?

Crianças de verdade, quero dizer, não apenas uma cobra, um ouriço e um casal de ratos.

Phoebe mordeu o lábio. Estivera com Sam durante todo o dia e não tinha tido oportunidade de se esgueirar para fora de casa e comprar um teste de gravidez. Trataria disso no dia seguinte, a caminho do trabalho, para fazer isso assim que chegasse lá.

O teste iria mostrar que ela não estava grávida e a preocupação terminaria. Que diabos, quem sabe sua menstruação não chegaria naquela noite mesmo, e ela nem precisaria gastar dinheiro no teste.

Sam empertigou-se, passando a mão pelo rosto.

— Não, mãe. Não é errado. E eu sou feliz. Bee e eu estamos muito felizes com as coisas exatamente do jeito que estão.

Phoebe sorriu e estendeu a mão para pegar a de Sam.

Phyllis aquieceu, franzindo a testa. Phoebe entendia, até se sentia mal por ela. Sam era o único filho que lhe restara — sua única chance de ter netos — e, até agora, não demonstrara nenhum interesse nisso. Mas, de fato, *eles eram felizes*. E a ideia de que um casal só pode ser completo e conhecer a verdadeira felicidade produzindo um par de filhos simplesmente irritava Phoebe.

— Ah, Phoebe — disse Phyllis. — Tenho algo que acho que vai interessá-la. Uma coisa com a qual gostaria que me ajudasse.

Ótimo. Ela estava mudando de assunto. Isso os livraria da velha lenga-lenga de quando-é-que-vocês-dois-vão-criar-juízo-e-resolver-se-casar-e-começar-a-ter-bebês. Pelo menos, por enquanto.

Phyllis meteu a mão no bolso da calça e tirou um saquinho amarrado com um cordão.

— Depois que vocês encontraram o Livro das Fadas no sótão, na semana passada, eu subi e dei outra olhada lá. Sentei por um tempo, lembrando-me de como Lisa costumava passar horas lá em cima, brincando.

Sam concordou com a cabeça, desviando o olhar.

— De qualquer modo — Phyllis continuou —, encontrei isto enfiado entre as vigas, debaixo do isolamento, no canto.

Sam se inclinou para a frente, franzindo a testa. Mas a mãe entregou o saquinho para Phoebe, não para ele, como se Phoebe de repente fosse mais digna de sua confiança do que o próprio filho.

Phoebe o pegou, abriu-o devagar, e olhou dentro.

— Dentes — disse Phyllis. — De um animal de grande porte.

Deve ter sido um tesouro para Lisa. Eu esperava que, talvez, com o seu trabalho na clínica, você pudesse ter alguma ideia de a que animal eles pertencem.

Phoebe puxou um deles para fora do saquinho. Era amarelo acastanhado. Grande. Parecia estranhamente pesado em sua mão.

Sam olhou para o dente com um olhar de repulsa.

— Eu não sei — admitiu Phoebe, largando-o de volta no saco, limpando a mão em sua calça jeans. — Mas a dra. Ostrum ou Franny devem saber. Eu posso levar o saquinho para o trabalho e perguntar.

— Seria ótimo — disse Phyllis. — Eu lhe agradeço por isso. Sei que realmente não importa, não vai ajudar em nada, mas estou curiosa.

Phoebe pegou o saquinho com os dentes, apertando-o firmemente na mão.

— Você fez alguma coisa com o Livro das Fadas? — Phyllis perguntou.

— Não — Sam mentiu. — Ainda não.

— O livro deveria ser entregue à polícia. É uma prova, afinal de contas. Eu tenho os nomes dos dois detetives que trataram do caso, se isso vai ajudar. Eu nem sei se eles ainda estão na ativa, mas seria um ponto de partida.

— Claro — disse Sam. — Se você pudesse anotá-los para mim, seria ótimo.

Phyllis pediu licença e deixou a sala por uns instantes.

Enquanto isso, Phoebe lançou a Sam um olhar de e-agora-o-que-vamos-fazer. Sam encolheu os ombros e sussurrou: — Não podemos dizer a ela que o livro foi roubado, não é?

— Não — Phoebe concordou. — Mas não podemos continuar mentindo para sempre.

— Não para sempre — disse Sam. — Vamos adiar até que tenhamos alguma ideia do que realmente está acontecendo.

Phoebe balançou a cabeça, concordando, apertou o estranho saquinho de dentes, e se perguntou se algum dia eles seriam capazes de dar sentido a tudo aquilo.

— Foram o primeiro presente, acho — disse Sam, apontando para o saquinho

na mão dela.

— O quê?

— Os dentes. Lisa acordou certa manhã e encontrou-os em seu travesseiro. Pensamos que ela só estava brincando conosco, que ela mesma colocara os dentes lá. Mas, agora, penso que o filho da mãe, de fato, entrou na casa enquanto estávamos todos dormindo e deixou-os em seu travesseiro. Pode imaginar uma coisa dessas? Quem se arriscaria desse jeito?

Alguém que sabia que não seria pego, Phoebe pensou, enquanto chacoalhava os dentes no saquinho como dados.

Capítulo 14

L i s a

8 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Lisa andara pensando sobre tudo e chegara à conclusão de que, talvez, todos aqueles testes que ela própria se impusera ao longo dos anos — prender a respiração até ficar roxa, ficar frente a frente com cães bravos, tocar carne sanguinolenta —, talvez tudo aquilo tivesse sido apenas treinamento. Era uma maneira de ensinar a si mesma a não deixar que o medo a atrapalhasse. Preparando-a para um dia ir à floresta e conhecer as fadas, não importava o que pudesse acontecer.

— Conte mais da história — Evie implorou, lambendo os lábios como se estivesse com fome. — Sobre as irmãs. Elas tinham acabado de sair do castelo, certo?

Estava tentando distrair Lisa, para fazê-la esquecer de ir sozinha para a floresta. A própria floresta da qual Lisa havia acabado de ver Evie voltando, o que constituía um mistério muito esquisito.

Evie saíra sozinha, furtivamente, depois do jantar e, uma hora e meia mais tarde, Lisa a vira entrar no quintal, vindo do bosque. Lisa se perguntou se Evie estava começando a acreditar e resolvera procurar as fadas por si mesma.

— O que você estava fazendo? — Lisa havia perguntado.

— Nada — Evie respondera, sem olhar nos olhos dela. — Venha, estamos congelando aqui fora. Vamos entrar.

Agora, as duas estavam de volta ao quarto de Lisa, vestindo agasalhos, porque a noite esfriara. Logo que se enfiou no seu pulôver cinza folgado, Evie pegou seu caderno e folheou-o até um desenho que ela vinha fazendo nos últimos dois dias, o buraco de porão com a dedaleira no canto. Só que, na versão de Evie, cada flor tinha na ponta uma horrível caveira.

— Tudo bem — disse Lisa. — Mas só se você me disser o que estava fazendo na floresta.

Evie deu um suspiro de frustração.

— Examinando. Checando se é segura, sabe? — ela riscava com força, sombreando o fundo do buraco de porão.

Lisa assentiu com a cabeça, mas de algum modo sabia que Evie não estava dizendo a verdade. Não podia acreditar que Evie fosse capaz de mentir para ela. Mas também não podia acreditar que a prima fosse capaz de machucar Gerald tão

gravemente. Lisa não parava de pensar na maneira como Evie ficara sobre o corpo indefeso do garoto e desembainhara a faca. O que teria acontecido se Lisa não a tivesse parado? Até onde ela teria ido? Lisa estremeceu. Dependia dela manter Evie sob controle, para ter certeza de que não voltaria a ferir ninguém. Por isso, agora, preocupava-se que, de alguma forma, pudesse estar perdendo sua influência sobre Evie.

— Vamos lá, Lisa, a história! — Evie cobrou.

— Tudo bem, vamos lá. Elas saíram a cavalo, lembra? — Lisa tocou os dentes em seu bolso, lembrando-se de seu estranho sonho.

— Lembro — disse Evie, deixando o caderno de lado e fechando os olhos. — Cavalgando velozmente através da floresta. — Ela enfiou a mão pela gola da camiseta e puxou a chave, segurando-a com força.

— Longe do castelo escuro e amaldiçoado — disse Lisa —, elas cavalgaram a noite toda. E então chegaram a um rio. Era fundo e largo.

Elas procuraram uma maneira fácil de atravessá-lo, mas não encontraram. Aí, um sapo pulou fora da água e falou. Ele disse: “Se vocês conseguirem decifrar o meu enigma, irmãs, eu atravessarei vocês”.

— “Muito bem”, respondeu a irmã morena.

— “O que retém a água, mas é cheio de buracos?”, perguntou o sapo, sorrindo maliciosamente.

— A irmã loura gemeu. “Sapo desgraçado. É impossível. Nada que tenha buracos pode reter a água.”

— Mas a outra irmã disse: “Não desista tão rápido. É uma esponja. A esponja retém água e é cheia de buracos”.

— E, assim, o sapo pulou ao longo da margem até um pequeno arvoredor e mostrou às irmãs um barco escondido.

— A esponja! — Evie exclamou. — Você é a contadora de histórias mais inteligente da história do planeta!

Lisa sorriu.

— Continuo a história depois. Preciso ir até Reliance.

Elas seguiram para o quintal, onde Sammy estava esperando.

— Você vai mesmo lá? — ele perguntou, olhando apreensivamente para a floresta escura.

Lisa fez que sim com a cabeça.

— Tome isso — Evie disse, apertando na mão de Lisa a faca de caça embainhada. Era mais pesada do que Lisa esperava.

— Não — Lisa disse, entregando a faca de volta. — Eu não quero assustá-las. E lembra o que minha mãe disse? Sobre elas não gostarem de ferro? Então, provavelmente não gostam de facas e coisas assim.

— Estou com um mau pressentimento sobre isso — Evie disse, parecendo estranhamente nervosa. — Eu não acho que você deva ir.

Não sozinha.

— Não se preocupe — disse Lisa. — Além disso, você mesma acabou de checar a floresta, não foi? Certificou-se de que não havia armadilhas ou um exército furioso de homenzinhos verdes à minha espera para me amarrar e me sequestrar?

Evie bufou, revirando os olhos.

— E se Gerald e Becca voltarem? — Sam disse. — Eu acho que eles são a única coisa com que pode ter que se preocupar lá embaixo.

— Não é comigo que eles estão zangados — Lisa disse, olhando para Evie. — E Evie tem a faca.

— Nós vamos ficar aqui no quintal esperando você — disse Evie. — Qualquer problema, grite o mais alto que puder. Vamos ouvi-la. — Ela e Sammy haviam levado seus sacos de dormir para fora. O de Lisa estava ao lado deles, uma crisálida vazia.

Lisa desceu a colina lentamente e passou por cima do riacho, imaginando se haveria ali algum sapo esperando para lhe propor um enigma, e chegou a Reliance. O luar projetava as sombras das árvores com suas folhas agitadas pelo vento; elas pareciam monstros peludos se contorcendo no chão da floresta. De repente, a paisagem toda lembrava um dos desenhos de Evie.

Lutando contra o desejo crescente de fugir, ela caminhou até a borda do buraco de porão, certa de que ouvira passos atrás de si.

Prendeu a respiração e escutou.

— Sam? Evie? — chamou.

Silêncio.

Lisa estava suando apesar da brisa fresca.

— Se vocês dois estiverem me seguindo, eu vou torcer o pescoço de vocês. E esfolá-los com faca de Evie.

Nos contos de fadas, a garota não consegue nada a não ser que se arrisque.

Carregando o prato de guloseimas, Lisa desceu com cuidado até o fundo do buraco, aproximadamente no mesmo lugar em que Gerald havia caído. Ela pensou no ângulo estranho que o braço dele fazia quando se levantou.

— Espero que ele esteja bem — disse ela em voz alta. E era verdade. O garoto era apenas um idiota que tinha encontrado alguém ainda mais baixo do que ele na cadeia alimentar social e não conseguira resistir a se aproveitar. Não deveria ter dito aquelas coisas horríveis para Evie, mas não merecia um braço quebrado.

No canto do antigo buraco de porão, ao lado da dedaleira, Lisa colocou o prato com um copo de refrigerante de laranja, um par de drops de cereja, um bolinho de chocolate com recheio de baunilha desembrulhado. Ela mal conseguia ver as formas irregulares no escuro — ofertas doces e indistintas.

Lisa recuou engatinhando para trás pelo chão de terra, sem tirar os olhos das guloseimas. Então, encostou-se à parede de pedra áspera, de frente para o prato, olhou para o pedacinho de céu estrelado que conseguia enxergar através das árvores.

Fechou até em cima o moletom vermelho com capuz, tocou o saquinho de dentes no bolso. E, depois, a moeda de um centavo, que ela havia pendurado na pulseira de balangandãs.

1918. O ano em que todos na aldeia haviam desaparecido.

Menos o pequeno Eugene.

As pessoas simplesmente não desaparecem sem deixar vestígios desse jeito.

Lisa bocejou. Estava cansada. Com os ossos cansados. Essa era uma expressão que a tia Hazel usava e ela sempre achava engraçada: ossos não podem se cansar. Pelo menos, ela achava que não. Mas os dela sentiam-se cansados agora. Deixou que seus olhos se fechassem.

Se alguém entrasse no buraco de porão, ela acordaria.

Alguns segundos depois (ou seriam minutos? Ou mesmo horas?), ela abriu os olhos. Passos. Chegando mais perto. Ela disse a si mesma que estava ouvindo coisas, era apenas sua imaginação hiperativa pela qual era famosa.

— Olá? — ela chamou, a voz estalando estranhamente no escuro. — Eugene — disse, hesitante.

E se fantasmas existissem? E se todo mundo que desaparecera em Reliance ainda estivesse preso lá, de alguma forma? Talvez fosse isso que as luzes eram.

Galhos estalaram. Pés se arrastaram através do chão coberto de folhas mortas, mas ela não era capaz de dizer se estavam se aproximando ou se afastando.

Fechou os olhos. Disse as três palavras mais reconfortantes que conhecia: “Era uma vez”.

Um encantamento.

Proteja-me. Abra a porta e deixe-me ir para outro lugar.

Ela prendeu a respiração, levantou-se devagar e espiou o chão pela borda do buraco.

Talvez fosse apenas Gerald, no final das contas, zangado com Evie e à procura de vingança.

Mas não havia ninguém lá.

Apenas seus ouvidos pregando-lhe peças. Talvez os passos fossem parte do sonho que havia tido, algo sobre dentes, chaves e portas.

Estava prestes a sair e ir para casa quando um grito encheu os bosques, ricocheteou nas paredes do buraco de porão, por entre as árvores — um grito tão alto que ela tinha certeza de que não poderia ser proveniente de nenhum ser humano. Com certeza, o bosque, os animais, e até mesmo o suave luar estavam todos gritando ao mesmo tempo.

Capítulo 15

P h o e b e

8 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Tinha sido uma segunda-feira como outra qualquer, a não ser pelo fato de que Phoebe havia passado todos os momentos livres relatando para a sua chefe, a dra. Ostrum, e Franny, a técnica da clínica, sobre o seu estranho fim de semana, na esperança de obter alguma luz a respeito dos acontecimentos. E contar a história a impedia de pensar sobre o teste de gravidez, que permanecia fechado dentro de sua bolsa. Ela prometera a si mesma que o faria antes de voltar para casa. Tinha de fazer.

Ela passara na Farmácia O'Brien a caminho do trabalho. Não querendo ficar enrolando muito tempo diante da prateleira e chamar atenção para si mesma, pegou o teste mais caro, pensando que qualidade importava em um caso assim. A mulher atrás do balcão era corpulenta, com o cabelo tingido de laranja e duro de laquê. Suas sobrancelhas naturais pareciam ter falhas, mas ela havia desenhado umas falsas com um lápis laranja do mesmo tom do cabelo. Ela trabalhava na O'Brien desde sempre, só que seu perfume com aroma de gardênia parecia a Phoebe particularmente enjoativo naquele dia.

— Encontrou o que queria, querida?

Phoebe confirmou com a cabeça e depositou o teste no balcão.

A mulher passou o produto pelo leitor de códigos de barra.

— Dezoito dólares e oitenta e nove centavos — anunciou a mulher. Suas unhas estavam pintadas de coral, com aplicações de strass.

Phoebe enfiou a mão na bolsa para pegar uma nota de vinte.

— Você não é a garota de Sammy Nazzaro? — perguntou a mulher, franzindo o rosto.

Phoebe congelou, sem saber o que responder. Se dissesse que sim, então o boato de que ela havia comprado um teste de gravidez correria tão rápido que, na hora do jantar, Sam já estaria sabendo.

Phoebe negou com a cabeça, sorriu sem jeito, e olhou para baixo, entregando o dinheiro que devia. Lembrou-se, então, das dezenas de vezes em que ela havia parado ali com Sam, nos últimos três anos, para comprar papel higiênico ou Tylenol ou xampu. Quantas vezes aquela mesma mulher os atendera, mentalmente catalogando as compras deles, avaliando, julgando? Phoebe amaldiçoou a si mesma por não ter feito a compra em uma drogaria grande e anônima da cidade mais

próxima.

A mulher olhou de soslaio para Phoebe e estalou a língua.

— Ainda bem — disse ela, virando-se para a caixa registradora e voltando, em seguida, para dar o troco para Phoebe. — Porque aquela família é amaldiçoada. Natimortos, meninas desaparecidas, suicídios. E aquele velho, o dr. O'Toole — ela afetou um dramático calafrio —, era a própria imagem da morte. Tinha até uma musiquinha que as crianças cantavam sobre ele.

— É? — disse Phoebe num tom em que esperava mostrar que não estava interessada, porém, com educação; enfiou o troco em um bolso e pegou a sacola, já meio que se virando para sair.

Mas, a mulher continuou, cantarolando com uma voz que era ao mesmo tempo aguda e áspera:

Não fique doente, não falte à escola Porque seu pai vai chamar o Doutor O'Toole; Ele vai comer seu coração, amarrá-lo à cama, Colocar sonhos ruins na sua cachola.

Ela fez uma pausa para rir e dar de ombros. Phoebe respondeu com o mesmo gesto, e saiu caminhando em direção à porta tão rápido quanto podia sem correr.

— Tenha um bom dia! — a mulher lhe gritou.

Phoebe, Franny e a dra. Ostrum estavam reunidas em torno do balcão da recepção um pouco antes da hora de fechar o consultório.

Phoebe estava desligando o computador e se preparando para ligar a secretária eletrônica dos telefones. O piso fora varrido e limpo com desinfetante, o que dava ao ambiente o familiar aroma de pinho. Os assentos na sala de espera haviam sido escovados, as brochuras sobre doença do verme do coração, obesidade, controle de pulgas, assistência odontológica e seguro de saúde animal, arrumadas.

— Mas, por que eles se dariam ao trabalho de fingir uma facada? Isso parece um pouco demais, não é? — a dra. Ostrum perguntou.

— Foi uma maneira de levá-los a persegui-la — Franny disse, tirando o jaleco e soltando o cabelo castanho e indisciplinado de seu rabo de cavalo. — Se o objetivo era tirá-los da cabana por um tempo.

Nunca subestime o que as pessoas estão dispostas a fazer para conseguir o que querem. Por alguma razão, eles queriam alguma coisa que vocês tinham na bagagem.

Franny era uma moradora da região. Tinha frequentado a escola com Lisa e Sam, fora da classe de Sam. Quando todos eles se reuniam para beber, Franny e Sam conversavam sobre o que teria acontecido aos antigos colegas, ao professor de ginástica com lábio leporino, sobre a vez em que o time de futebol perdeu uma aposta e todos tiveram de ir para a escola fantasiados de mulher.

Phoebe concordou com a cabeça.

— Havia um velho livro. O tal que Lisa disse ter encontrado no buraco de porão naquele verão. *O Livro das Fadas*. Eles o levaram, junto com o restante de

nossas coisas.

A dra. Ostrum franziu os lábios e sacudiu a cabeça. Tinha quase 60 anos e era uma mulher miúda, com os cabelos branco-prateados curtos. Ela lembrava a Phoebe uma águia americana, embora isso fosse algo que jamais diria em voz alta. E não só pela cor do cabelo: havia

algo de imponente e digno em suas feições bem marcadas e postura perfeita. Ela nunca perdia a calma e era completamente equilibrada em todas as situações. E, talvez, a melhor coisa sobre ela — a coisa que fazia Phoebe ser absolutamente dedicada à dra. Ostrum — era que a veterinária achava Phoebe inteligente. Nunca a olhara com superioridade por Phoebe não ter um diploma universitário, nunca sugerira que Phoebe aprimorasse sua educação, frequentando cursos para adultos. Ela escutava as reflexões e opiniões de Phoebe, deixava-a cuidar do consultório do jeito que achava melhor. E quando Phoebe tinha uma boa ideia, a dra. Ostrum elogiava-a por isso, fazia com que se sentisse valorizada. Era diferente de qualquer trabalho que ela já tivera.

— Você acha que o governo pode estar envolvido nisso de algum modo, Bee? — Franny perguntou. — Eu sempre me perguntei se eles tinham algo a ver com o desaparecimento de Lisa. Talvez, ela e Sammy se depararam com algum segredo militar na floresta ou algo assim.

Phoebe admirava os poderes de dedução de Franny, mas não a sua paranoia. O mundo de Franny se resumia em nós contra eles, e a melhor maneira de sobreviver era “voar abaixo do radar”. Ela acreditava que o governo tinha câmeras de espionagem nas casas das pessoas e nos locais de trabalho, estava monitorando todas as conversas telefônicas e mantinha o controle sobre as compras de cada cidadão por meio dos cartões de crédito. Por isso, Franny não tinha cartões de crédito nem conta bancária. “Eles não podem monitorar quem usa apenas dinheiro”, afirmava ela. Franny utilizava telefones celulares pré-pagos, jogava-os fora poucos meses depois e alugava uma caixa postal a três cidades de distância. Franny e o marido, Jim, moravam em uma casa que eles mesmos haviam construído e que não era servida por rede elétrica, mas alimentada por painéis solares, um moinho de vento e um gerador. Eles tinham um tanque de combustível no subsolo, um porão com enlatados e provisões secas suficientes para durar dois anos, um abrigo à prova de precipitação radioativa com paredes de sessenta centímetros de concreto armado, e armas de fogo e munição suficientes para abastecer uma pequena guerrilha. Franny e Jim diziam que estavam apenas se preparando, no caso de o pior acontecer, mas, nas poucas ocasiões em que Phoebe visitara o que o casal chamava de “nosso complexo”, ela teve a impressão de que era algo que eles estavam esperando ansiosamente.

— Só que isso tudo me parece um pouco exagerado. Um pouco teatral demais — a dra. Ostrum observou sobre as aventuras de Phoebe no fim de semana.

— Também acho — disse Phoebe. — Sejam quem forem, essas pessoas têm um gosto pelo dramático.

— É como uma daquelas histórias loucas na TV, sobre pessoas desaparecidas — disse Franny. — Uma mulher desaparece durante quinze anos, só para voltar e virar a vida de todo mundo de cabeça para baixo.

— Mas não há muitas pessoas desaparecidas afirmando que estavam na terra das fadas — objetou Phoebe.

— Eu não sei quanto a fadas — Franny disse —, mas algo estranho está acontecendo naqueles bosques. Uma cidade inteira desaparecendo do nada, anos atrás. Pratos de comida sobre as mesas.

Vacas esperando para serem ordenhadas nos estábulos...

A dra. Ostrum sacudiu a cabeça: — Não foi isso que aconteceu — ela disse.

— O que você quer dizer? — Phoebe perguntou.

— Receio que não seja a história de mistério em que as pessoas gostam de acreditar. Se você realmente pesquisar, descobrirá que a verdade é que a cidade murchou lentamente, como tantas outras. As pessoas fizeram as malas e partiram para onde havia trabalho.

Mudaram-se para perto da estrada de ferro, das pedreiras, melhores pastos para os animais. Mas isso é entediante e não rende uma boa história. Assim, ao longo dos anos, as pessoas foram embelezando-a e a transformaram nessa estranha lenda. O misterioso desaparecimento da cidade chamada Reliance.

— Mas a mãe de Sam contou o que aconteceu. O avô dela foi encontrado lá — disse Phoebe.

A dra. Ostrum balançou a cabeça: — Ora, Phoebe, pense bem. O que é mais provável, que ele tenha sido deixado por fadas? *Fadas!* Ou que ele era uma criança que alguém teve fora do casamento, talvez um órfão, a velha história da criança abandonada dos tempos em que não se tinha acesso ao controle de natalidade ou muito menos ao aborto seguro, legal?

Histórias contadas em família nem sempre são verdadeiras. Você sabe disso.

— Eu ainda digo que há algo de sinistro naqueles bosques — Franny insistiu. — E o que dizer da Oração do Pai-Nosso gravada na rocha no caminho para a cidade? Ouvi dizer que o cara que fez isso estava tentando proteger Harmony do que havia naqueles bosques.

A dra. Ostrum sacudiu a cabeça, rindo: — Só outra história — disse ela. — E, mesmo que não seja, o homem que fez isso obviamente estava muito impressionado com as lendas.

— E quanto a todo o lance das fadas? — perguntou Franny. — E o que dizer de Lisa? Uma garotinha simplesmente não iria desaparecer assim.

— Não — a dra. Ostrum concordou. — Claro que não. Alguém de verdade, alguém real e tangível a levou. Sem dúvida, alguém que se aproveitou de sua ingenuidade e superstição. Há forças malignas nessa história, mas eu diria que elas são, definitivamente, da espécie humana, por menos charmoso que isso pareça. Acho que a melhor coisa que você pode fazer, Phoebe, é deixar tudo isso para lá. Informe

a polícia sobre o bilhete, o telefonema, os impostores na cabana, suas coisas roubadas, tudo isso. Deixe-os solucionar o problema, que é o trabalho deles. Alguém está brincando com o pobre Sam, e isso não é certo. Mas, quanto mais longe vocês levarem essa história, mais difícil será se livrar dela depois.

Phoebe balançou a cabeça, concordando:

— Eu acho que você está certa.

— Ah, quase me esqueci, tome. — A dra. Ostrum entregou para Phoebe o saquinho de veludo com os dentes. — Dei outra examinada.

São de cavalo. Sem dúvida alguma, de cavalo. — Ela vestiu o casaco e se dirigiu para a porta.

— Obrigada — disse Phoebe, enfiando o saquinho dentro da bolsa ao lado do teste de gravidez fechado.

Elas se desejaram boa-noite e a dra. Ostrum caminhou em direção ao estacionamento e deu a partida em seu Saab. Quando Franny estava prestes a atravessar a porta, Phoebe gritou: — Você pode esperar um segundo?

— O que foi? — Franny perguntou, virando-se.

— Você já fez um desses antes? — Phoebe perguntou, segurando a caixa de papelão rosa e branca, que continha o teste de gravidez.

Os olhos de Franny se arregalaram e a boca tomou o formato de um pequeno O, mas nenhum som saiu. Apenas a respiração dela, que parecia estranhamente alta.

— É que eu nunca fiz e estou um pouco assustada — disse Phoebe. — Eu estava esperando que você pudesse ficar um pouco comigo.

Franny deixou cair o casaco e a bolsa, fechou a porta, e virou a placa para FECHADO. Ela deu a volta no balcão e envolveu Phoebe em um grande abraço. — Deixe-me ver esse negócio — disse ela, pegando a caixa e lendo as instruções. — Não poderia ser mais simples. Você faz xixi sobre a vareta e espera três minutos. Se um sinal de mais aparecer, é positivo.

Phoebe balançou a cabeça, compreendendo, e pegou a caixa de volta.

— Eu acho que eu vou cuidar do primeiro passo, então.

Franny segurou-a pelo braço.

— Tem certeza, Phoebe? Você não gostaria de fazer isso em casa, com Sam? Será que ele pelo menos faz ideia?

Phoebe sacudiu a cabeça negativamente.

— Não. Eu preciso saber com certeza antes de dizer a ele.

Franny assentiu: — Vá fazer xixi e, em seguida, volte para cá. Vamos esperar juntas.

Foram os três minutos mais longos da vida de Phoebe.

— Já está na hora? — ela ficava perguntando.

Franny tinha os olhos fixos no relógio, recusando-se a deixar Phoebe olhar antes do tempo.

— Agora — ela finalmente disse, e as duas correram, disputando a passagem,

para o banheiro, onde a vareta de plástico descansava na parte de trás do vaso sanitário. E lá, no pequenino visor, como uma mira telescópica, havia um brilhante e azul sinal de mais.

Phoebe chegou em casa às seis horas, depois de passar na mercearia, onde descobriu que, de algum modo, havia perdido a lista de compras. Teve de se virar, contando apenas com sua memória de queijo suíço. (Será que era de ovos que eles precisavam ou era de leite?

Ela comprou as duas coisas. E sorvete. Três tipos diferentes. Pensou em adicionar pickles ao carrinho, levá-los para casa e montar na frente de Sam seu próprio sundae especial, contando-lhe a notícia dessa maneira.) Enquanto estava na loja, vagou pelo corredor de produtos para bebês, estudando as fraldas, cremes, lenços umedecidos, colheres, mamadeiras, latas de leite em pó e pequenos potes de alimentos. Ao olhar para as prateleiras abastecidas, percebeu como ela se sentia totalmente despreparada e incompetente. Quem poderia imaginar que existem escovas especiais para limpar mamadeiras? Ou pelo menos sete tipos diferentes de leite em pó para se escolher? Será que sem soja era melhor? E quem daria ao seu bebê leite de cabra em pó? ORGÂNICO, a embalagem dizia. Esta, sem dúvida, seria a escolha de Sam. Mas amamentar no peito não seria melhor do que tudo isso? De repente, deu-se conta de que seus seios estavam doloridos, parecendo enormes e inchados. Mãe. Ela ia ser mãe.

Ela chorara ao ver o sinal de mais; então, a negação batera forte e rápido.

— Os testes podem dar errado — ela dissera a Franny.

— Não — Franny respondera. — Os falsos negativos, sim. Mas é impossível obter um falso positivo com essas coisas. Confie em mim.

Eles se sentariam e conversariam sobre isso. Phoebe iria para casa, prepararia um jantar maravilhoso para Sam, e contaria.

— Mas, ele não quer um bebê! — ela protestou. — E se ele achar que eu estou tentando prendê-lo?

Franny esticou o braço e acariciou-lhe os cabelos.

— Bee — ela disse —, é do Sam que você está falando. Ele é uma das pessoas mais amáveis, mais inteligentes e mais compreensivas que eu conheço. E ele a ama perdidamente. Tudo vai ficar bem. Basta ir para casa e contar a ele. Vocês vão digerir essa novidade juntos.

Então, Phoebe parara na loja para comprar os ingredientes para o espaguete e a salada, uma das refeições prediletas de Sam. Ela colocou uma garrafa de merlot no carrinho e um par de velas douradas, que pareciam de bom agouro. Ela iria preparar um jantar romântico, servir-lhe um pouco de vinho e contar sobre o bebê.

Quando terminou de fazer as compras, estava morrendo de fome; então passou no *drive-thru* do McDonald's e pediu um quarterão com queijo, batatas fritas e um milk-shake de chocolate. Parecia maluquice comer quando estava prestes a fazer o jantar, mas ela só almoçara alguns biscoitos cream cracker e uma maçã verde.

Precisava encontrar uma maneira de se cuidar melhor, pois estava comendo por dois, afinal de contas. Talvez devesse ter comprado umas vitaminas pré-natais na loja. Parou no estacionamento a fim de terminar o milk-shake com o motor ligado. Sam odiava o McDonald's e era praticamente vegetariano; por essa razão, Phoebe mantinha essas pequenas infidelidades para si mesma. Sempre tinha o cuidado de jogar fora todas as embalagens, para não receber um sermão sobre como ela estava apoiando um império corporativo do mal que tinha o propósito de envenenar o mundo. Quando Sam comia carne, insistia que fosse orgânica, produzida na região, livre de crueldade (um termo que não fazia sentido para Phoebe... eles matavam o animal, certo? Como podia não ser cruel?).

A caminhonete de Sam não estava na garagem. Equilibrando as sacolas, Phoebe abriu a porta e levou tudo para dentro. A secretária eletrônica estava piscando e ela apertou o PLAY, ainda equilibrando as compras nos braços. A primeira mensagem era de Sam. A empresa para a qual trabalhava, podando árvores, estava limpando um terreno e ele iria chegar em casa tarde.

A secretária apitou uma segunda vez e a voz de Franny soou: — Oi, Bee. Eu só queria lhe dizer que eu a amo e estou torcendo por você. Se precisar de alguma coisa, é só ligar. Ah, e eu me lembrei de uma coisa que talvez a interesse. Há uma garota chamada Becca Reynolds. Ela era da mesma classe que eu e Sammy. Eu meio que era amiga dela, mas, em grande parte, por pena. Enfim, ela e o irmão moravam duas casas depois da de Sam e Lisa. Todos andavam muito juntos. Eles se mudaram logo após o desaparecimento de Lisa, para Massachusetts, acho. Enfim... Eu encontrei Becca outro dia, ela voltou para Vermont e está trabalhando no departamento de flores da loja Price Chopper, em St. Johnsbury. Eu achei que talvez você e Sam pudessem querer falar com ela. Quem sabe ela se lembra de algo da ocasião em que Lisa desapareceu. Pelo que me lembro, ela adorava essas coisas de fadas, andava dizendo a todos que tinha visto o próprio Rei das Fadas. Enfim... Espero que tudo corra bem esta noite. Eu sei que vai. Vamos nos reunir em breve, hein? Talvez sexta-feira, depois do trabalho? A gente combina.

A terceira mensagem era de Evie.

— Sam? — disse uma voz trêmula na máquina. — Eles estiveram aqui. Meu apartamento está todo revirado. Me deram uma pancada na cabeça. Tenho medo de que voltem. Não sei o que fazer. Se ouvir isso, por favor... Houve um pequeno sopro ofegante e, então, a linha ficou muda.

Phoebe largou as sacolas de compras, pegou o telefone e discou o número de Evie. Deixou tocar doze vezes antes de desistir e tentar falar com Sam no celular dele. Caiu direto no correio de voz.

— Que droga! — ela xingou. Ou Sam deixara o telefone na caminhonete ou o aparelho estava fora da área de cobertura. Ela desligou o telefone e rabiscou um bilhete rápido para Sam.

Fui resgatar Evie.

(Ouça o recado na secretária)

Amo você, Bee

Capítulo 16

L i s a

8 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Uma luz iluminou o caminho que cortava a floresta.

— Lisa? Lisa! Onde você está?

— Aqui — ela chamou, com uma vozinha murcha. Ela se agarrou à parede de pedra úmida do buraco de porão, e viu que a luz se aproximava.

Não tinha sido capaz de sair do buraco desde que ouvira o grito, aterrorizada com o que poderia estar lá fora. Mas, agora, eles estavam vindo para resgatá-la.

De repente, a luz estava em seu rosto. Brilhante. Ofuscante. Luz de interrogatório. Ela levantou as mãos para proteger os olhos.

— Você está bem? — era a voz de Evie, sibilante e frenética. — Nós caímos no sono. Meu Deus, eu sinto muito! Eu ouvi você gritar.

Foi isso que me acordou. O que aconteceu? Caramba, tire essa luz do rosto dela, Sam.

Lisa ouviu Evie tentando recuperar o fôlego: ela devia ter corrido todo o caminho desde o quintal.

— Não fui eu — disse Lisa, baixando as mãos. Ela olhou para cima e viu Evie e Sam na borda do buraco de porão, dois rostos pálidos olhando para baixo, fazendo ela se sentir como um tigre num fosso do jardim zoológico. — Eu não gritei. — Lisa viu que Evie apertava a faca de caça na mão.

— Bem, quem diabos gritou, então? — Evie perguntou, guardando a faca.

— Eu não sei. Eu não consegui localizar de onde veio — Lisa admitiu.

Ela apertou os olhos, vasculhando o bosque escuro para além do irmão e da prima, procurando qualquer sinal de movimento.

— Talvez, uma marta pescadora — disse Sammy. — Ou uma coruja.

— Aquilo não foi uma maldita coruja — contestou Evie, parecendo um pouco assustada, enquanto olhava ao redor do bosque e, em seguida, de volta para Lisa. — Vamos lá. Vamos dar o fora daqui. Vamos voltar para casa. — Ela estendeu a mão.

— O que é aquilo? — Sam perguntou. A lanterna estava apontada para uma pequena moita de samambaias no fundo do buraco de porão, bem ao lado de Lisa. Nela, como um ovo, estranho e disforme, havia um embrulho de pano amarrado com várias voltas de barbante.

— Dê a lanterna para mim! — disse Lisa, esticando a mão.

Ela examinou o canto e viu que o prato de doces e o copo estavam vazios.

— Droga! — ela exclamou. Como ela podia ter perdido aquilo?

Não conseguia acreditar que ela se permitira dormir.

Desviou a luz para as samambaias e pegou o pacote. O pano era gasto e sujo: o que um dia fora branco ou bege, agora estava marrom de sujeira. O barbante era fino e ceroso.

— Traga aqui para cima — Evie instruiu, estendendo a mão para ajudar Lisa a sair do buraco. — Deixe-me ver — Evie disse, agarrando o pacote, mas Lisa segurou-o firme.

— Não — disse ela. — Eu vou abri-lo.

Prendendo a lanterna entre a cabeça inclinada e o ombro, Lisa começou a desamarrar o barbante. Evie se deslocara, de modo que, agora, estava cara a cara com Lisa, sua cabeça batendo na da prima quando as duas olharam para baixo ao mesmo tempo.

— Cuidado — alertou Evie. Lisa parou o que estava fazendo, de repente, assustada com o que poderia estar lá dentro. Mais dentes?

Alguma outra parte do corpo?

O que fora aquele grito na floresta? Será que o que o produzira ainda estava por lá, assistindo?

Afastando as perguntas de sua cabeça, Lisa voltou a tentar desembrulhar o estranho pacote ovalado.

Lisa finalmente conseguiu soltar o barbante e, lentamente, abriu o pano manchado e gasto. Dentro, uma medalha de prata redonda com as palavras SÃO CRISTÓVÃO, PROTEGEI-NOS PELO CAMINHO em torno da borda. No centro havia a imagem de um homem com um cajado e barba, carregando uma criança nas costas.

— Ele está roubando o garoto? — Sammy perguntou, inclinando-se para olhar mais de perto.

— Não, bobão — Evie disse. — Este é Cristo. Veja o halo. Ele está ajudando Cristo a atravessar o rio. Você não conhece a história?

Sammy fez que não com a cabeça.

— Esse cara, São Cristóvão, é o santo protetor das viagens. Você deve rezar para ele e tal quando for fazer uma viagem. Dá sorte levar a medalha com você quando for pegar um avião, um barco ou algo assim.

— Como você sabe tudo isso? — Lisa perguntou. Ninguém na família era religioso. Quando ela perguntou certa vez se ela e Sammy haviam sido batizados, seus pais riram como se fosse a pergunta mais ridícula do mundo. Quando contou a eles que Gerald e Pinkie disseram que ela não iria para o céu se não fosse batizada, eles riram ainda mais. — Nem todo mundo acredita em Deus e no céu — O pai explicou. — As pessoas que acreditam tendem a pensar que elas estão certas e que qualquer pessoa com crenças diferentes está errado.

— Bem, então, no que *nós* acreditamos? — Lisa perguntou. O pai olhou para a mãe de Lisa, que sorriu.

— Que a religião organizada é o ópio do povo — a mãe dela disse.

— Hein? — Lisa não entendeu.

— Que as pessoas devem receber educação suficiente para fazer suas próprias escolhas — disse o pai.

A mãe de Lisa bufou.

— Certo — ela disse. — Tenho certeza de que vai acontecer a qualquer momento, querida. E vai chover limonada cor-de-rosa do céu e teremos neve feita de grandes e fofos marshmallows.

Lisa olhou para a medalha de São Cristóvão e, em seguida, para Evie.

— Ah, é? — ela disse. — E o que faz de você uma especialista em santos de uma hora para outra?

Ela odiava quando Evie sabia algo que ela não sabia. Era Lisa que lia o tempo todo. Evie só tirava notas baixas na escola, nunca ia à biblioteca.

— Eu vou à igreja, às vezes — Evie disse, afinal, parecendo envergonhada, como se isso fosse um segredo e ela não devesse ter contado.

Lisa olhou para a prima, perplexa. Não sabia o que era mais estranho, a ideia de Evie ir à igreja ou o fato de que a prima tivesse escondido isso dela.

— O quê? — Com a sua mãe? — Lisa perguntou.

— Não — Evie disse. — Não diga nada para ela, hein? Ela me mataria. Eu vou sozinha. Há uma igreja cerca de dois quilômetros de nossa casa. Às vezes, vou de bicicleta até lá. Eles servem rosquinhas depois.

— Então você está começando a procurar Deus por causa das rosquinhas?

Assim que falou, sabia que não deveria tê-lo feito. Só estava chateada por Evie ter mantido aquilo em segredo.

— Esqueça isso — disse Evie. — Vamos voltar para a casa. — Ela se virou e começou a caminhar em direção à pequena colina através da escuridão. Lisa e Sam a seguiram, Lisa segurando a lanterna em uma mão, a medalha de São Cristóvão na outra.

— Bem — disse Sammy, enquanto caminhavam. — Uma coisa é certa: se a medalha é usada para proteger alguém quando viajar, ela foi encontrada pela pessoa errada. Lisa nunca vai a lugar algum.

Naquele instante, das árvores escuras à esquerda, veio outra voz, a voz de uma menina em pânico.

— Vocês... vocês também o viram? — todos eles congelaram.

Lisa apontou o feixe da lanterna em direção à voz e localizou Pinkie, parcialmente escondida atrás de uma árvore.

— Vimos quem? — Lisa perguntou.

— O bicho-papão — disse Pinkie.

— O que você quer dizer? — Evie perguntou, movendo-se lentamente em

direção Pinkie, que estava agachada atrás da árvore.

— Fica longe de mim — disse Pinkie. — Você quebrou o braço de Gerald, sabia? Ficamos no hospital por horas. Minha mãe ficou aborrecida de verdade, teve de faltar ao trabalho e tudo mais. Ela pode contratar um advogado e processar você.

Evie parou. Deu um passo para trás.

— Becca — disse Sam, chegando perto o suficiente para tocá-la —, o que você está fazendo aqui? O que você viu?

— Eu queria saber. Vejo vocês aqui embaixo o tempo todo. Eu queria saber qual era o grande segredo. Fiquei de olho esta noite. Eu estava lá, perto do quintal de vocês. Primeiro, vi Evie ir para a floresta.

Depois, Lisa. Então, eu esperei. Aí, eu vim aqui para baixo e vi.

— Viu o quê? — Sam perguntou.

— Vou levá-los até onde ele estava — Pinkie disse, saindo de trás da árvore e caminhando para a esquerda, embrenhando-se mais fundo na floresta. Eles andaram em silêncio por alguns minutos, seguindo Pinkie.

Havia uma luz lá adiante.

— Eu não gosto disso — disse Evie.

Lisa estendeu a mão e pegou a da prima, que estava fria e úmida. A respiração de Evie sibilava em seu peito.

Becca os levou a uma clareira. Uma lanterna cor-de-rosa estava largada no chão da floresta, lançando um feixe de luz fraco, as pilhas quase no fim.

— Ele estava bem aqui — Pinkie disse, girando a cabeça em torno, apertando os olhos para sondar as sombras. Ela se abaixou e pegou a lanterna, dando-lhe uma ligeira sacudida, tentando torná-la mais brilhante.

— Quem? — Sammy perguntou.

— O bicho-papão.

— Como ele é? — Evie perguntou.

Pinkie ficou em silêncio um momento, pensando.

— Como um homem feito de sombras — disse ela, finalmente.

— E quanto ao rosto dele? — Sammy quis saber.

— Ele não tinha rosto — respondeu Pinkie.

Lisa estremeceu.

— Sem rosto — disse Evie. — Certo...

— Mas ele estava usando um chapéu — Pinkie disse.

— Um chapéu? — Sammy perguntou.

— Sim, sabe? Como um boné de beisebol.

Evie riu: — Então quer dizer que o bicho-papão é fã de beisebol, é? Será que ele joga na posição de interbases?

— Eu sei o que vi, *Stevie* — Pinkie disparou. — Eu gritei, deixei minha lanterna cair e fugi o mais rápido que pude.

Lisa assentiu, aliviada por finalmente saber de onde o horrível grito tinha vindo.

— Sabe o que eu acho? — Evie perguntou. — Eu acho que você está inventando essa besteira toda.

Pinkie não disse nada. Coçou o braço, fazendo uma das picadas de mosquito sangrar.

Lisa olhou para longe. Algo no chão, atrás de Sammy, chamou sua atenção e ela caminhou lentamente para lá.

— Lisa? — Evie chamou, enquanto a prima se afastava do grupo, apontando a lanterna para o objeto no chão. — Você encontrou alguma coisa?

— Não — Lisa disse, sua voz soando baixinho, enquanto se esforçava para mentir. Ela apagou a lanterna e se abaixou para pegar na grama o objeto desbotado e respingado de tinta. Ela o reconheceria em qualquer lugar. Lisa escondeu-o debaixo do moletom e caminhou de volta para onde os outros estavam, com o coração disparado.

— Você está bem? — Evie perguntou, colocando a mão no ombro de Lisa, fazendo-a se sobressaltar.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu só quero ir para casa.

— É isso aí — disse Evie, olhando ao redor da floresta. — Vamos dar o fora antes da Pinkie Espiã aqui inventar mais maluquices.

Lisa seguiu-os, cruzando os braços sobre o objeto escondido em seu moletom.

Era o boné dos Red Sox de seu pai.

Capítulo 17

P h o e b e

8 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

A porta de Evie havia sido arrombada, a estrutura de madeira estava estilhaçada como se tivesse sido atingida com um aríete. Phoebe respirou fundo, empurrou a porta com a ponta dos dedos e viu que os degraus estavam às escuras. Ela tateou em torno, procurando um interruptor de luz. Seus dedos encontraram um e ela o acendeu. Nada aconteceu.

Phoebe deixou a escada e voltou para o Mercury, onde pegou uma grande e possante lanterna no porta-malas. Sam a havia colocado ali junto com algumas ferramentas, alguns foguetes luminosos de estrada, e uma manta isotérmica, daquelas prateadas. Sam acreditava que era bom estar sempre prevenido.

— Isso, com certeza, seria muito mais fácil se você estivesse aqui comigo — ela murmurou. Se Phoebe descobrisse mais tarde que ele estava bebendo umas cervejas com alguns dos companheiros do trabalho, enquanto ela arriscava a vida para salvar a prima dele, ela o mataria.

— Bom, vamos ver no que vai dar.

Segurando a lanterna com ambas as mãos, como uma arma, ela desceu os degraus até a caverna escura que era o apartamento de Evie.

Evie não tinha exagerado. O lugar estava um caos, cortesia da mesma equipe de decoradores que havia visitado sua casa no fim de semana. Um pensamento horrível ocorreu-lhe: Será que ela e Sam os levaram até Evie? E se tivessem sido seguidos desde a casa deles, no sábado à noite?

Entretanto, fosse como fosse que eles tivessem chegado ali, a cena parecia muito familiar.

Cadeiras derrubadas, o estofamento rasgado e gavetas e armários esvaziados. A televisão fora arrebatada. Livros e papéis estavam espalhados. Phoebe encontrou outro interruptor de luz e tentou ligá-lo: nada.

— Evie? — sua voz soou trêmula quando ela chamou, apenas um tantinho mais alto do que um sussurro. — Você está aqui?

Nada. Nem mesmo um murmúrio. Então, de repente, veio um som estrondoso de cima. Phoebe segurou a lanterna como um bastão de beisebol e agachou-se, pronta para bater no que viesse em sua direção. Mas fora apenas a água na tubulação do esgoto. Alguém no apartamento de cima tinha dado a descarga.

Phoebe deu uma risada fraca para se consolar.

Segurando a lanterna diante dela, foi até a cozinha, onde havia pratos e copos espatifados sobre o linóleo rachado. Em seguida, deslocou-se pelo corredor. À esquerda ficava o banheiro. A cortina do chuveiro tinha sido rasgada de alto a baixo, o espelho no armário de remédios estava aos pedaços. À direita, ficava o que ela adivinhou ser o quarto de Evie. A porta estava aberta apenas um pouquinho, e coberta de tinta vermelha — não era sangue, definitivamente, não era sangue, Phoebe assegurou a si mesma. Mas, traçado às pressas, malfeito, estava o que ela reconheceu em um segundo. O mesmo símbolo que Sam encontrara em seu carro quando eles deixaram a floresta.

Teilo, Sam havia sussurrado. *O Rei das Fadas*.

Phoebe prendeu a respiração e empurrou a porta suavemente com a ponta do pé, oscilando o corpo uma e outra vez diante da ombreira da porta, apontando a lanterna como se fosse uma arma e secretamente desejando que fosse mesmo.

E o que ela achava que ia ver? Uma fada? A Sininho ela até conseguiria suportar. Agora, os filhos da mãe que estavam por trás do que acontecera com eles na cabana eram uma questão completamente diferente. Mas não viu nenhum movimento, nenhum sinal de vida, humana ou não.

O colchão fora derrubado e eviscerado. Penas de um edredom cobriam o chão como neve fofa de Natal. Revistas e livros haviam sido espalhados, assim como as roupas. Uma pequena cômoda fora esvaziada, todas as gavetas puxadas para fora e estraçalhadas em pedaços inúteis. As portas de correr do armário estavam fechadas e, por trás delas, Phoebe ouviu um pequeno baque surdo e, depois, um som de arranhado.

Phoebe congelou, escutando.

Sua mente recuou até os sons que ela ouvia à noite, quando era criança, algo se deslocando e arrastando embaixo de sua cama. Ela se deitava com a cabeça debaixo do travesseiro, usando toda a sua força de vontade para tentar convencer a si mesma de que era apenas sua imaginação. Então, acabava precisando de ar e levantava o travesseiro lentamente, dizendo a si mesma que iria manter os olhos fechados, mas ela sempre olhava. E ele sempre estava lá. Ao pé de sua cama.

Houve outro baque abafado dentro do armário de Evie.

Um suor frio umedeceu a testa de Phoebe.

Costumava pensar que era culpa da mãe dela. Que ele só entrava nas casas com mães bêbadas que nunca verificavam como as suas filhas estavam; que talvez, na verdade, ele houvesse vindo buscar sua mãe, e estivesse apenas esperando Phoebe adormecer para que pudesse ir atrás dela.

Ela dizia a si mesma que talvez aquilo tudo fosse apenas sua imaginação. Talvez ela estivesse enlouquecendo. Certa vez, sua mãe bebera demais e alucinara, vendo baratas em todo lugar. Talvez fosse assim também com ela.

Mas sabia que não era verdade.

E o que ela achava agora, aos 35 anos? Agora que deveria ter mais discernimento?

Houve outro baque de dentro do armário e Phoebe sentiu suas entranhas congelarem.

Você já está bem crescidinha para ter medo de bicho-papão, disse a si mesma.

Ergueu a lanterna, contou até três e empurrou a porta.

Evie estava lá dentro, agachada no piso do guarda-roupa, entre pés de sapatos descasados, apenas de calcinha e sutiã. Ainda tinha a corrente com a antiga chave de prata pendurada. Seus lábios tremiam, e seu rosto fino estava vermelho e molhado de lágrimas. Tinha penas do edredom no cabelo emaranhado. Seu olho esquerdo estava inchado e quase fechado. Segurava nas mãos uma arma pequena, que estava apontada diretamente para o peito de Phoebe.

Phoebe afastou o fecho de luz dos olhos de Evie e iluminou o próprio rosto.

— Evie — ela disse, com seu tom de voz mais calmo —, sou eu, Phoebe. Estou aqui para ajudar. Largue a arma.

Não houve sinal de reconhecimento nos olhos da outra mulher.

A arma continuou apontada para o peito de Phoebe, e a mão que a segurava tremia.

Phoebe umedeceu os lábios, respirou. Se Evie atirasse nela agora, mesmo que fosse um acidente, estaria matando duas pessoas.

No que ela estava pensando quando fora até lá? Não era apenas a sua vida que ela estava colocando em perigo. Que tipo de futura mãe faz escolhas como aquela?

— Eles vieram — Evie choramingou. — Eles disseram que iriam voltar.

— Então, é melhor se mexer, ok? — Phoebe sussurrou. — Vou levá-la para algum lugar seguro. Basta baixar a arma, você se veste e a gente sai, está bem?

Lentamente, quase com relutância, Evie baixou a arma. Ela parecia tão vulnerável ali, agachada no fundo do guarda-roupa, em trajes íntimos. Ossos e tendões visíveis sob a pele, fazendo-a parecer mais um fantoche do que uma pessoa de carne e osso. Phoebe estendeu-lhe a mão.

— Peguei você — disse ela, ajudando Evie a se levantar. — Você está a salvo agora.

Onde você estava? — Sam exigiu saber. Então, enquanto ela entrava pela porta, seus olhos caíram sobre a sua prima.

— Evie? O que diabos aconteceu? — perguntou ele.

— Você não viu o meu bilhete? — Phoebe perguntou, afastando Sam para passar e pegar um pouco de gelo na cozinha. — Você não ouviu a mensagem na secretária eletrônica? — Ela embrulhou o gelo em um pano de prato limpo.

— Eu não vi nenhum bilhete — disse Sam. — E não havia recados na secretária. Cheguei em casa há uma hora, vi as compras ainda nas sacolas na cozinha, sorvete derretido e fiquei terrivelmente preocupado. Tentei ligar no seu celular, mas você deixou a maldita coisa no balcão da cozinha. Eu telefonei para

todo mundo que conhecemos. Eu estava prestes a chamar a polícia.

Phoebe voltou para a sala e procurou pelo bilhete, verificou a secretária eletrônica, e viu que a mensagem havia sido apagada.

— Eu não entendo — disse ela.

— Teilo — Evie disse, balançando a cabeça. — Isso é o tipo de coisa que ele faz.

Certamente ninguém havia entrado na casa, apanhado o seu bilhete e apagado a mensagem. Phoebe deve ter apagado a mensagem por acidente. E quanto ao bilhete... droga, não havia explicação para o sumiço do bilhete. Ela sabia muito bem que o deixara lá.

— Eu acho — Phoebe disse, virando-se para Evie — que você deve começar do início. Conte-nos tudo o que aconteceu. Mas, antes— disse ela, entregando-lhe o gelo —, coloque isso no olho. Talvez o gelo diminua um pouco o inchaço.

Ela não havia tentado falar com Evie sobre o ataque. Pegara um jeans e uma camiseta para Evie, tirara do apartamento e caíra na estrada. Evie deitou-se enrolada em posição fetal no banco traseiro, com uma jaqueta por cima da cabeça. Phoebe ouviu Evie repetir a contagem regressiva a partir de cem várias vezes. Olhou no espelho retrovisor e viu o corpo todo de Evie tremendo debaixo do casaco.

— Eu estava em casa. Lógico... dã — Evie disse, batendo na testa levemente com a mão que não estava pressionando contra o olho o pano de prato cheio de gelo. — Eu estou sempre em casa. Quero dizer, onde mais eu estaria? — ela ainda estava trêmula, porém, um pouco menos. Ela umedeceu os lábios e olhou em volta do apartamento com o olho bom, que caiu sobre os aquários. — Que diabos é tudo aquilo? — perguntou ela. — Ratos de laboratório ou algo assim?

— A coleção de animais de Phoebe — Sam explicou. — Aqui é o lar dos ferrados e rejeitados. Um porco-espinho que morde, uma cobra de um olho só e um par de ratos que ninguém, com exceção de Phoebe, poderia amar.

— Não brinca? — Evie disse, dando um passo em direção aos tanques. — Você realmente tem um porco-espinho ali dentro?

Phoebe confirmou com a cabeça.

— Eu apresento você a ele mais tarde. Enquanto isso, por que não continua nos contando o que aconteceu na sua casa?

— Certo — Evie disse, sentando-se no sofá. — Eu estava assistindo a uma bobagem qualquer no canal de vendas, sabe? Do tipo “Siga o nosso programa e você vai perder quinze quilos, aumentar sua autoconfiança, e ter uma fila de belos pretendentes em sua porta implorando por um jantar romântico com você”. Eu estava sentada na poltrona reclinável e devo ter cochilado. Tudo que eu me lembro depois é que abri os olhos e estava escuro. Sem TV. Nada de luz. E eu tenho umas cortinas pesadas nas janelas, então a luz do dia praticamente não entra lá.

Phoebe balançou a cabeça, concordando, lembrando-se de como o apartamento estava escuro e nenhum dos interruptores de luz tinha funcionado.

— E a sala estava... cheia de pessoas. — Evie arregalou o olho ileso, em pânico com a memória.

— Quantas pessoas? — Sam perguntou.

— Tive a impressão de que eram umas dez, mas podem ter sido apenas três ou quatro. Eu não sei. Elas estavam se movendo muito rápido. Realmente muito rápido. Meio que sobrenaturalmente rápido.

Phoebe se lembrou de como a velha correria velozmente, livrando-se de roupas e anos até tornar-se jovem.

— Como assim? Você está dizendo que fadas destruíram o seu apartamento? — Sam perguntou.

— Não — Evie disse, olhando para as unhas roídas. — Não eram fadas. Pelo menos, não como as que vimos quando éramos crianças. Não eram pequenas luzes cintilantes. Eram pessoas. E dispostas a tudo. Elas me surraram antes que eu pudesse me levantar da poltrona. Eu mal revidei. Fui posta a nocaute no segundo soco.

Quando voltei a mim, eu ainda estava na poltrona, mas só de roupa de baixo. E todos haviam ido embora. Com exceção de um. Ouvi a voz dele soando do topo das escadas. “Nós vamos voltar”, ele disse. E eu pensando, “Oh, meu Deus, não”. Então, acho que devo ter desmaiado de novo ou algo assim. Quando voltei a mim, telefonei para vocês.

Então, lembrei-me da arma que guardo em meu armário, dentro da minha bota de inverno esquerda. Eu a comprei logo depois que Elliot morreu, pois eu pretendia usá-la em mim, mas nunca tive coragem.

Patético, não? — ela olhou para Phoebe quando disse isso.

Phoebe discordou com a cabeça. Ela teve vontade de tomar a outra mulher em seus braços, reconfortá-la, encontrar uma maneira de consertar o que estava quebrado.

— De qualquer maneira — Evie disse, mastigando uma unha e cuspiando no chão a lasquinha que tinha tirado —, eu rastejei para dentro do armário, encontrei a arma exatamente onde eu a tinha deixado e simplesmente fiquei por ali. Eu estava apavorada demais para fazer qualquer coisa.

— Você conseguiu dar uma olhada em algum deles? — Sam perguntou.

— Não. Estava escuro. E como eu disse, todos eles se moviam muito rápido.

— O que você acha que eles estavam procurando? — Phoebe perguntou.

— Eu não sei, mas, seja o que for, com certeza eles não encontraram. Eu não posso voltar para lá. Droga. — Ela baixou o pano de prato com gelo e olhou para Phoebe, com um olhar frenético e infantil. — O que eu vou fazer?

— Você vai ficar aqui — Phoebe disse a ela. — Com a gente. O tempo que precisar. O tempo que levar para chegarmos ao fundo de tudo isso.

Evie deu-lhe um sorriso de alívio e Phoebe esticou o braço, pegou a mão dela e apertou-a. Os dedos de Evie eram ossudos e frios.

— Você deve estar morrendo de fome — disse Phoebe. — Eu vou preparar um

jantar para nós todos. Sinta-se em casa.

— No que você estava pensando? — Sam sussurrou quando foi atrás dela na cozinha. Phoebe estava enchendo uma panela de água para cozinhar o macarrão. — Ela não pode ficar aqui.

Phoebe não conseguia acreditar em seus ouvidos. Ela colocou a panela no fogão e acendeu o fogo.

— Ela é sua prima, Sam. Ela não tem para onde ir.

— Mas nós não temos espaço. Nós mal a conhecemos. — Aquele não era o Sam que ela conhecia. O Sam que ficava feliz em deixar velhos amigos de faculdade que não encontrava havia anos ficarem hospedados na casa dele sempre que estavam de passagem pela cidade.

Phoebe deu-lhe um olhar perplexo: — Mas, Sam...

— A mulher é, obviamente, doida, um caso totalmente perdido — disse Sam.

Ouviram uma tossezinha embaraçada e se viraram para a porta da cozinha, onde Evie se encontrava, encostada na ombreira. Seus

ombros ossudos estavam curvados, seu olho esquerdo inchado e lacrimejante.

— Você está certo — disse ela a Sam, com a mandíbula apertada. — Eu vou embora. Posso telefonar para a minha mãe. Talvez ela possa vir até aqui de carro e me pegar.

— Não — Phoebe protestou imediatamente. — Você vai ficar conosco. Você pode nos ajudar a encontrar uma explicação para tudo o que está acontecendo. Você estava lá naquele verão.

Ela não iria deixar escapar aquela ligação com o passado de Sam. Evie era a única pessoa, além de Sam, que poderia ter alguma percepção real sobre o que acontecera com Lisa. E, verdade seja dita, ela realmente gostava de Evie. Queria conhecê-la melhor, para poder ajudá-la. Evie não tinha mais ninguém, e Phoebe lembrava-se muito bem de como era isso. Antes de Sam, ela não tinha ninguém. Pelo menos ninguém com quem pudesse contar.

— Esse tal de Teilo parece estar interessado em você também, de algum modo, Evie — Phoebe continuou. — Parece que todos nós temos algo que ele quer. Temos de nos unir, para conseguirmos sair dessa situação. — Ela olhou para Sam, mas ele desviou o olhar, abriu a geladeira e, em seguida, fechou-a, batendo.

— Você se esqueceu da cerveja — disse ele. — Vou sair para comprar. — Ele deixou a cozinha pisando forte, sem olhar Evie nem Phoebe nos olhos. — Sam? — Phoebe chamou, mas ela ouviu a porta da frente fechar. Depois, o barulho do motor da caminhonete sendo ligado na garagem.

— Filho da mãe — murmurou Phoebe. Ela não podia acreditar que Sam agira daquela maneira. Não tendo certeza do que fazer, ela se voltou para a preparação do jantar, pegando uma cebola da cesta pendurada sobre a pia. Ele nunca a deixara falando sozinha daquele jeito antes. Aquilo era exatamente o que ela teria esperado dos caras com os quais costumava sair: os delinquentes para os quais o máximo de

comunicação era perguntar se ela queria se embriagar primeiro ou simplesmente ir direto para o quarto.

— Eu devia ir embora — disse Evie. — Sam, obviamente, não me quer aqui.

Phoebe começou a fatiar a cebola e sacudiu a cabeça negativamente.

— Ele vai mudar de opinião. Sinto muito por ele estar sendo um idiota. Ele só está um pouco sobrecarregado neste momento. Sam não lida bem com mudanças, e muita coisa aconteceu nos últimos dias.

E isso tudo sem contar o bebê que ela estava esperando. O que iria acontecer quando ela lhe contasse?

Seus olhos começaram a lacrimejar, e ela enxugou-os com as costas da mão. Droga. Ela não ia chorar. Phoebe não chora. Não na frente das pessoas.

Evie mudou de lugar para ficar ao lado dela.

— Eu costumava gostar de cozinhar — Evie lhe disse. — Antigamente, quando Elton e eu... — Sua voz foi sumindo.

Elton? Quem diabos era Elton?

Ela devia ter-se atrapalhado, Phoebe disse a si mesma. Porque certamente, se ele era o grande amor de sua vida, ela não iria se esquecer de que seu nome era Elliot e não Elton, certo?

— Sam e eu odiamos cozinhar — Phoebe confessou. — Se pudéssemos viveríamos de quentinhas.

— Se você se encarregar das compras, eu posso muito bem cozinhar. Não existem mercearias que façam entregas em Burlington, então eu vivia com o que o rapaz da pizza pudesse entregar: eu ficaria feliz se nunca mais visse outra caixa de pizza na vida.

— Combinado — disse Phoebe.

Evie apontou o pão branco em cima do balcão (era de Phoebe, pois Sam só comia pão de trigo integral orgânico).

— Posso?

Phoebe fez que sim com a cabeça. Evie cortou uma fatia de pão, passou manteiga e, em seguida, espalhou açúcar por cima. Era uma gostosura que Phoebe não experimentava desde criança.

— Quer um? — Evie perguntou com um sorriso travesso.

— Claro!

Estava tão bom que as duas repetiram.

Capítulo 18

L i s a

9 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Você esteve na floresta na noite passada? — Lisa sussurrou para o pai antes do café da manhã no dia seguinte. Ele ainda estava no sofá, em seu pijama velho e esfarrapado. Só olhava para a frente, um pouco de saliva escorrendo do canto da boca curvada para baixo. Não parecia notar que ela estava lá.

— Achei o seu boné dos Red Sox — ela disse. Nenhuma resposta.

O que exatamente Pinkie vira? Um bicho-papão sem rosto usando o boné do pai? Não fazia sentido algum. Ela tinha ido ao ateliê dele na garagem e encontrara os macacões, mas nenhum boné. A garagem estava destrancada, como sempre. Qualquer um poderia ter entrado e levado o boné. Mas, por quê?

Seria possível que o pai houvesse se levantado e se arrastado pelo bosque como um zumbi?

Sua mãe e a tia Hazel estavam na cozinha, em meio a uma de suas discussões sussurradas enquanto Hazel fazia o café da manhã.

Lisa ouviu apenas algumas palavras: *Muito. Lembra. Longe demais.*

Elas já estavam brigando assim havia dias. Quanto mais tempo seu pai continuava doente e em silêncio, sem qualquer sinal de melhora, mais tensas as coisas se tornavam. Agora ela ouvia sua mãe questionando Hazel sobre a medicação e se ela tinha certeza de que a estava administrando corretamente. Seus sussurros quase haviam se transformado em berros.

— Você prefere contratar uma enfermeira? Uma estranha? — Hazel retrucou.

A mãe murmurou algo que Lisa não conseguiu entender.

— Então, deixe-me fazer o meu trabalho — disse Hazel.

Depois de um minuto, Lisa sentiu um cheiro de queimado.

— Tem alguma coisa no fogo? — Lisa gritou da sala de estar.

— Droga! — Hazel exclamou. Depois, houve um barulho e o som de água corrente.

O caos na cozinha foi interrompido por uma batida alta e ritmada na porta da frente. *Estranho*, pensou Lisa — passava um pouco das sete da manhã. A mãe de Lisa cruzou a sala de estar para atender, parecendo exausta e irritada, mas respirou fundo e sorriu antes de abrir a porta. Após uma breve saudação, ela saiu para a varanda, fechando a porta atrás de si. Lisa levantou-se e inclinou-se na extremidade

do sofá para que pudesse espiar pela janela. Gerald e sua mãe estavam na varanda. Gerald tinha um gesso no braço. Ele olhava para baixo, sem dizer coisa alguma. A mãe dele estava conduzindo a conversa: falava alto, fazendo gestos rápidos e curtos com os braços.

Lisa sabia que o pai de Gerald os havia abandonado alguns meses antes e a mãe trabalhava em tempo integral como garçomete no Jenny's Café, além de cozinhar e limpar e assegurar-se de que Pinkie tivesse suas aulas de oboé. Agora, ela tinha de lidar com o fato de que alguma criança do bairro quebrara o braço do filho. Não uma criança qualquer, mas Evie.

E o que Pinkie havia dito, se é que dissera alguma coisa, sobre o que ela tinha visto na floresta na noite passada?

Gerald passava o pé ao longo da pintura descascada das tábuas do assoalho, enquanto a mãe dele falava sem parar. Ela era uma mulher magra, com cabelos descoloridos e dentes ruins. Estava vestindo seu avental azul de garçomete e sapatos brancos nada elegantes. Lisa observou sua própria mãe assentindo, braços cruzados apertados sobre a barriga. Não parecia estar falando muito. Por fim, eles se despediram e a mãe de Lisa entrou em casa, o rosto inabalável.

— Alguém sabe onde Evie está? — perguntou ela.

— Dormindo. No meu quarto — Lisa respondeu.

Hazel saiu da cozinha, enxugando as mãos em um pano de prato.

— O que ela fez agora? — quis saber.

— Parece que houve um problema no bosque ontem. Mas, não se preocupe — disse a mãe de Lisa. — Eu vou cuidar disso. Preocupe-se apenas com o café da manhã.

— Mas eu... — Hazel começou, porém, a mãe de Lisa fulminou-a com o olhar e ela tratou de calar a boca.

Lisa ouviu os passos da mãe subindo as escadas. Um abrir de porta, um fechar de porta. Sua mãe começou a gritar. Era difícil entender o que estava dizendo, mas Lisa capturou a essência da conversa: Evie havia passado dos limites. A mãe de Lisa nunca tivera muita paciência com Evie — por qualquer coisinha perdia a calma com ela e recriminava Hazel por deixar Evie correr solta da maneira como fazia.

Evie começou a gritar de volta e, então, houve um ruído de algo se quebrando. Lisa correu para a escada, pensando que faria o que pudesse para manter Evie longe de mais encrencas. Evie daria ouvidos a ela. Lisa estava no primeiro degrau, quando Hazel agarrou seu ombro.

— É melhor não — aconselhou Hazel.

— Talvez você devesse ir lá. Só para ver se elas estão bem — a voz de Lisa soava chorosa e desesperada. Ela não estava certa por quem temia mais — se por sua mãe ou Evie. Ela se lembrou do modo como a mão de Evie buscou por sua faca quando Gerald caiu no chão.

— Sua mãe tem tudo sob controle, eu tenho certeza — confortou-a Hazel.

Lisa balançou a cabeça concordando, e voltou para o sofá.

Tudo ao seu redor estava de cabeça para baixo. E no centro daquilo tudo, o pai, parecendo tranquilo e alheio. Lisa queria, mais do que qualquer coisa, juntar-se a ele em seu mundo.

— Como é o lugar onde você está, pai? — Lisa perguntou. E gentilmente encostou a cabeça na dele. A pele do pai estava quente e ele cheirava ardido, como pão fermentado.

— Seu pai está aqui conosco — disse a tia Hazel. Segurava um copinho plástico com os comprimidos dele em uma mão e um copo de água na outra. Hazel parecia cansada. Mais descabelada do que o habitual. E Lisa sentiu o cheiro adocicado e nauseante de bebida vindo dela. Que tipo de pessoa começa a beber às sete da manhã?

— Parece que ele nem consegue me ouvir.

Hazel sorriu.

— Oh, ele a ouve. Ele sabe tudo o que está acontecendo. Não é, Dave? — então, gentilmente, com cuidado, ela entreabriu seus lábios, colocou os comprimidos em sua língua e lhe deu um pouco de água.

— Engula agora, Dave — pediu-lhe. — Isso mesmo. Bom menino.

— Ele poderia se levantar por conta própria? E dar um passeio ou algo assim?

Hazel sacudiu a cabeça.

— Não. Mas, em breve, será capaz, não é verdade, Dave?

A água escorreu por seu queixo e uma das pílulas foi junto.

Hazel delicadamente devolveu-a à sua boca.

Lisa se levantou, e afastou-se da criatura arruinada que apenas vagamente lembrava seu pai.

E então ela parou, ali mesmo, fechou os olhos, e forçou-se a se lembrar de três coisas que amava nele: a forma como falava com um sotaque italiano ruim quando cozinhava espaguete com almôndegas toda sexta à noite; a música sobre Lydia, a mulher tatuada, que ele cantava quando se barbeava; a maneira como ele a chamava de Pé de Feijão.

— Continue crescendo assim e você chegará ao céu, Pé de Feijão — ele dizia, alisando o cabelo de Lisa. — As nuvens vão se acomodar em cima de sua cabeça como perucas velhas e empoeiradas.

— Talvez eu encontre um gigante lá em cima — ela brincava.

— Que nada, você vai *ser* o gigante!

Ela ria, gritando “Fi Fo Fum!” (14), e o pai saía correndo pela casa, com Lisa atrás dele, fazendo tremer o assoalho com seus passos pesados.

Mas, já naquela época, tudo parecia uma fantasia. De certo modo, inventado. Como algo de uma história que começava com *Era uma vez*.

Ela abriu os olhos a tempo de pegar Evie descendo a escada furiosa, atravessando o corredor, até a cozinha. Seu rosto estava vermelho, molhado e

parecia inchado.

— Evie? Espere!

— Me deixe em paz! — Evie rosnou, saindo para o quintal pela porta lateral da cozinha. Lisa parou diante da pia, olhando pela janela acima dela, assistindo Evie correr para o bosque, para Reliance.

Ela esperou por Evie quase o dia inteiro, mas a prima não retornou. Lisa ficou entrando e saindo de casa, andou pelo quintal, colheu alguns morangos no jardim que havia sido tomado pelas ervas daninhas e comeu-os como almoço. O jardim tinha se transformado em um matagal — apará-lo sempre fora tarefa do pai. Às vezes, Sammy o ajudava, mas ele não estava conseguindo fazer o cortador de grama funcionar.

— Onde está Evie, afinal? — Sammy perguntou quando pegou Lisa jogando paciência na mesa da cozinha.

Lisa encolheu os ombros. Sam fez um sanduíche de manteiga de amendoim e voltou ao quarto dele para continuar a fazer o que quer que estivesse fazendo lá — lendo, realizando experiências com seu kit de química ou observando sua fazenda de formigas.

14 Bordão do gigante em João e o Pé de Feijão. (N. da T.)

Era quase hora do jantar, quando Lisa finalmente decidiu ir procurar Evie. Atravessou a grama alta do quintal e foi para o bosque, que parecia escuro e frio. Cada som a sobressaltava. Galhos quebrando. Aves guinchando. Tudo parecia alertá-la para que fosse embora. Que fugisse dali imediatamente. Ela ouviu um estranho canto de pássaro, algo triste e desconhecido — um som que foi direto para a barriga dela e lá permaneceu.

— Evie? — ela gritou.

Que bobagem. Não havia necessidade de ficar tão apavorada.

Ela respirou fundo e caminhou lentamente, mostrando à floresta que não tinha medo.

Ela continuou seu caminho, descendo a colina em direção ao riacho, mas havia mais sons do que apenas o das aves e da água corrente. Vozes. Vindas de mais adiante. Ela parou pouco antes do riacho, esgueirou-se atrás de um grande bordo-açucareiro, com o coração disparado. Do outro lado do riacho, Evie estava falando com Gerald. Não discutindo ou pulando em seu pescoço, mas realmente conversando. Estranho. Evie estava com sua mochila preta, que parecia cheia e pesada. O braço de Gerald estava apoiado em uma tipoia, a parte inferior envolvendo o espesso molde de gesso. Seus dedos, inchados e roxos, projetavam-se para fora do molde. Ele balançava a cabeça concordando com o que quer que Evie estivesse falando. Pinkie estava em pé ao lado deles como um pequeno cão de guarda, com sua mandíbula inferior projetada para frente. Ela estava coçando uma mordida de inseto em sua mão, fazendo-a sangrar.

— Por que deveríamos acreditar em você? — Pinkie perguntou.

Evie murmurou alguma coisa que Lisa não conseguiu ouvir. Ela tirou a mochila das costas e a entregou a Pinkie, que puxou o zíper para abri-la. Pinkie e Gerald espiaram o que havia dentro.

— Apenas façam o que eu disser e vocês verão — disse Evie.

Gerald apanhou a mochila, deslizando-a desajeitadamente sobre o ombro bom com uma só mão.

Evie acenou para eles e, então, afastou-se, caminhando desengonçada como um pato, suas grandes botas de trabalho arrebatando galhos, samambaias e brotos de plantas. Lisa escondeu-se atrás de uma árvore, prendendo a respiração enquanto Evie atravessava o riacho e passava por ela, não mais de um metro e meio de onde ela estava.

Gerald e Pinkie observaram-na ir embora, então retornaram para o bosque, em direção a Reliance.

— Acho que ela está querendo curtir com a nossa cara — comentou Gerald. Os dedos de Lisa se agarraram à casca da árvore que a escondia. O que Evie estava fazendo com aqueles dois? — Ela só está tentando nos fazer parecer idiotas — Gerald continuou.

— Mas pense um pouco — Pinkie disse, sua voz toda meiga e sonhadora. — E se ela estiver certa?

Capítulo 19

P h o e b e

11 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Terapia cognitiva para paciente agorafobo? — Franny agitou a página que tinha acabado de sair da impressora. — Que diabos é isso?

Normalmente, quando Phoebe usava o computador e a impressora do trabalho para coisas pessoais, era para consultar seu horóscopo ou imprimir umas palavras cruzadas para fazer em seu horário de almoço. Era um hábito que havia herdado de sua mãe (um dos poucos, graças a Deus), que sempre dizia que palavras cruzadas mantinham a mente ágil e que era um fato comprovado que pessoas ocupadas com esse tipo de entretenimento eram menos propensas a ter mal de Alzheimer. Sua mãe era capaz de ficar sentada no sofá o dia todo, a TV sintonizada em programas de entrevistas e novelas, com um copo de bebida em uma mão, um lápis na outra, às voltas com as revistas de passatempo que escolhia na fila do caixa. Era a coisa mais construtiva na vida de sua mãe.

Phoebe não era muito de ler, mas gostava de um bom passatempo. Havia algo de profundamente satisfatório em dar sentido a todas aquelas letras misturadas, transformando-as em uma palavra ou frase que se pudesse realmente ler.

— Quero dizer — Franny sussurrou, inclinando-se para baixo de modo que os ombros delas se tocassem —, você não deveria estar pesquisando sobre nomes de bebê ou algo assim? — ela lançou um sorriso de cumplicidade para Phoebe que, por uma fração de segundo, sentiu um desejo ardente — o de que sua mãe estivesse ali para que pudesse compartilhar com ela a notícia de sua gravidez, pedir-lhe sugestões de nome. Mas, então, a realidade a golpeou e Phoebe soube que, mesmo que sua mãe estivesse viva, ela seria a última pessoa na Terra a quem Phoebe faria confidências ou procuraria para conselhos maternos.

Afinal de contas, tratava-se da mulher que viajara até a Flórida na garupa da Harley de algum perdedor, quando estava grávida de cinco meses de Phoebe, ligadona com anfetaminas, jogando sinuca em paradas na estrada.

— Foi a coisa mais próxima de uma família que eu já tive — sua mãe explicou melancolicamente a Phoebe, anos depois.

— Ele era meu pai? — Phoebe perguntou.

Sua mãe riu.

— Al? Não!

— Então, quem era? Meu pai?

Os olhos da mãe estreitaram-se como se ela se concentrasse em algum objeto distante que Phoebe não conseguia ver.

— Seu pai era apenas um vagabundo que me largou assim que soube que eu estava grávida. Sumiu sem deixar rastros.

— Mas você devia saber algo sobre ele. Qual era o nome dele?

De onde ele era?

Sua mãe sacudiu a cabeça.

— Seu nome não importa. Você não pode sair procurando por ele. Ele não era de lugar algum, Bee. Ele pulava de cidade em cidade colhendo frutas e tabaco, esvaziando caminhões. Ia onde estava o trabalho ou onde quer que houvesse uma bela garota para lhe pagar uma bebida. Ele era bonitão, disso pode estar certa. Atraente como um galã de filme antigo. — Sua mãe sorriu e, depois, sacudiu a cabeça. — Então, eu conheci Al. Quando Deus fecha uma porta, abre outra. Al e seus amigos motoqueiros me acolheram. Eles me chamavam de Mamãe Ursa. Foram eles que fizeram essa tatuagem que eu tenho no peito. O pequeno coração. Foi para você. Eu queria algo com seu nome, mas, como não sabia ainda como você seria, pedi-lhes para escrever a letra “S”. “S” de Sweetheart (15).

15 Doçura. (N. da T.)

Phoebe crescera achando que a tatuagem malfeita e borrada devia ser o “S” de Super-Homem.

— Você não ficou com medo de pegar hepatite? Aids? E você pelo menos usou um capacete enquanto andava de moto? — Phoebe perguntou.

Sua mãe riu.

— Às vezes, minha doçurinha, você precisa simplesmente viver. Sentir o vento no cabelo.

Phoebe piscou perplexa para Franny e sacudiu a cabeça.

— A prima de Sam, Evie — explicou ela, guardando o bloquinho em que estava fazendo anotações. — Ela vai ficar conosco esta semana.

— E ela tem agorafobia?

Phoebe assentiu.

— Não brinca. Ela toma medicamentos?

— Não. Ela já experimentou, mas diz que só a fizeram piorar.

Os remédios só lhe deram mais uma coisa com que se preocupar.

— Deus, eu meio que me lembro dela de quando éramos crianças. Ela visitava os primos de vez em quando. Uma garota meio corpulenta. Tinha asma. As pessoas eram más com ela.

Verdadeiramente más. É horrível as coisas que as crianças fazem umas às outras. — Franny estremeceu. — Então, como ela é agora?

Phoebe pensou por alguns segundos.

— Cautelosa. Na defensiva. Reservada, mas acho que está se abrindo para mim. Pelo menos, parece menos assustada perto de mim.

Phoebe atribuíra à boa e velha ansiedade o fato de que Evie trocara o nome de Elliot. Uma mulher com um distúrbio grave daqueles em um ambiente totalmente desconhecido — é claro que poderia se enganar. Além do mais, desde então, ela o havia chamado pelo nome correto várias vezes, sem hesitação.

Com Sam trabalhando horas extras para a madeireira e o horário de Phoebe reduzido na clínica por causa do verão, ela estava passando muito tempo a sós com Evie. Comprara alguns itens básicos de higiene para Evie e também novas calças e camisetas no Walmart (outro local de consumo de massa que Phoebe adorava e Sam não aprovava).

Quando estavam juntas, Phoebe era responsável pela maior parte da conversa. Evie ouvia sorrindo, como se tudo que saísse da boca de Phoebe fosse vagamente divertido para ela. E Evie estava apaixonada pelos animais, especialmente a cobra, que todo dia ela retirava do aquário e enrolava em volta do pescoço. Ela até havia preparado umas saladinhas para os ratos e o porco-espinho.

Quando não estava paparicando os animais de estimação, Evie passava os dias lendo e limpando a casa. À noite, ela cozinhava. Evie parecia adorar as mesmas comidas quebra-galho e semiprontas com as quais Phoebe crescera e havia parado de comer por completo quando foi morar com Sam. Phoebe comprou hambúrguer de micro-ondas, macarrão instantâneo de queijo, pão branco e mortadela. Certa noite, comeram macios sanduíches de manteiga de amendoim, rindo como garotinhas. Sam raramente jantava com elas — ou voltava tarde ou alegava que já tinha comido e não estava com fome. Ele não fazia muita questão de esconder sua repulsa pela nova dieta na casa.

Ele pegava as embalagens e lia a lista de ingredientes em voz alta.

— Tripolifosfato de sódio, amarelo cinco, amarelo seis, glutamato monossódico. Santo Deus, você faz ideia do que essas coisas são? Do que isso faz ao organismo? Esses corantes artificiais causam câncer em ratos de laboratório, sabia?

— Ainda bem que não somos ratos de laboratório — Phoebe retrucava, devorando seu jantar com satisfação.

Phoebe sabia que aquilo não deveria aborrecê-la, que Sam estava apenas preocupado com sua saúde e não tentando impor sua crença nos benefícios da alimentação saudável; porém, os hormônios da gravidez tornavam difícil para ela manter as emoções sob controle.

Quando ele terminava de dar seu severo parecer sobre o jantar delas, ia para o escritório usar o computador. Toda noite, passava horas sozinho, conectado à Internet, arrastando-se para a cama só à uma ou às duas da madrugada. Phoebe acordava assustada e olhava para o relógio na mesinha de cabeceira, onde também repousavam um copo de água, lápis, blocos de notas, o estranho saquinho com dentes de cavalo e as revistas de palavras cruzadas que ela fazia até cair no sono.

— Você só está vindo para a cama agora? — ela perguntara na noite anterior quando o flagrara, certa de que o sentira ao seu lado momentos antes, seu corpo quente, sua respiração ligeiramente mais rápida do que a dela própria.

Ela deveria estar sonhando.

— Sim — respondeu Sam, ajeitando-se ao lado dela na cama. — Eu estava no computador.

— No que você está trabalhando? — Phoebe perguntou.

Sam deu de ombros. — Nada. Apenas me distraindo.

— Então, você e Sam estão gerenciando uma espécie de casa de reabilitação agora? — Franny perguntou.

Phoebe lembrou-se do que Sam havia dito quando Evie viu os animais de estimação pela primeira vez: *coleção de bichos da Phoebe. Lar dos ferrados e rejeitados.*

— Você está tentando curar essa prima? — Franny quis saber.

Phoebe sacudiu a cabeça.

— Eu só quero ajudar. Essa pobre garota não tem mais ninguém.

Mas a verdade é que ela realmente queria curar Evie, não queria? Era de sua natureza recolher o que havia sido quebrado e tentar consertar. Um psiquiatra provavelmente lhe diria que era porque ela tinha passado a infância toda desejando que pudesse consertar a mãe, e se sentindo completamente impotente. Esse tipo de masoquista arraigado precisava continuar tentando de novo e de novo até acertar e realmente salvar alguém. E não é que, em algum discreto nível, foi o que a levou a Sam? Ela se apaixonava pela fragilidade das pessoas, por suas feridas interiores. Mas quanto mais fundo ela mergulhava nas coisas que fizeram Sam se quebrar, mais ela se perguntava se era possível consertá-lo. Será que o retorno de Lisa resolveria as coisas? Se eles viajassem naquela noite até Reliance, como estavam planejando, e a encontrassem sob a Lua cheia, Sam de algum modo voltaria a ser inteiro?

Consertar Evie parecia ser mais realista. Especialmente agora que ela tinha um mapa de como fazê-lo. A chave, de acordo com sua pesquisa, parecia ter a ver com dessensibilizá-la. Ela iria devagar, incentivando Evie a dar pequenos passos: sair na varanda para pegar a correspondência. Depois, ir até a garagem. Em seguida, da entrada da garagem até a rua. Antes que Evie se desse conta, estaria dando a volta no quarteirão.

— Então, ela e Sam são bem chegados, não?

Phoebe sacudiu a cabeça negativamente.

— Nem um pouco. Eles eram, quando crianças. Passavam todos os verões juntos. Mas, agora, são como estranhos. Sam realmente ficou bravo por Evie estar hospedada em casa. Ele está sendo meio idiota.

Meio idiota? O próprio fato de Phoebe sentir necessidade de minimizar o modo terrível como Sam estava agindo a preocupava. A verdade era que Phoebe estava horrorizada com o comportamento de Sam com relação à prima, que variava desde

praticamente ignorar Evie até a completa hostilidade, disposto a qualquer coisa. Nos últimos cinco dias, Sam havia se afastado de Phoebe e transformara-se em alguém que ela mal reconhecia.

— Talvez ele esteja com medo — sugeriu Franny.

— Medo?

Franny encolheu os ombros.

— É só um palpite. Não sou eu quem está lendo tudo que é texto de psicologia na Internet. — Ela deu uma piscadela para Phoebe.

— Talvez — disse Phoebe.

Naquela manhã mesmo, quando ela havia interrogado Sam sobre por que ele estava sendo tão frio com a prima, ele disse que havia um monte de coisas que Phoebe não entendia. Eles ainda estavam deitados, falando em voz baixa.

— Como o quê? — ela perguntou.

Sam pulou para fora da cama, vestiu a calça jeans.

— Havia alguma coisa acontecendo entre Lisa e ela naquele verão.

— O que você quer dizer? — Phoebe ficara intrigada.

— Eu não sei. Elas ficavam juntas o tempo todo, cochichando.

Vestindo as roupas uma da outra. Começaram a trancar a porta do 184

quarto. — Ele se sentou na beirada da cama amarrando as botas.

— Eu não acho que isso seja tão estranho, Sam — Phoebe havia concluído, puxando as cobertas até o queixo. — Elas tinham 12 e 13 anos. Estavam apenas agindo como meninas.

Sam sacudiu a cabeça.

— Há outras coisas, também.

— Que coisas?

Sam desviou os olhos.

— Nada. Esqueça isso. Tudo o que eu estou dizendo é que Evie não é confiável. Eu não gosto que você passe tanto tempo a sós com ela. — Ele se levantou e dirigiu-se para a porta.

— O que... ela é alguma pervertida ou algo assim? Ou até mesmo perigosa? Por causa da criança que você lembra que ela era aos 13 anos? Eu olho para ela e sabe o que vejo, Sam? Uma mulher destruída. Não sei o que é mais triste: o jeito como ela está hoje ou o modo como eu vejo você tratá-la.

Sam saiu do quarto sem responder.

— Eu acho — Phoebe argumentou, voltando-se para Franny — que Evie o faz se lembrar de Lisa. Do que aconteceu com ela. Sam passou anos construindo um muro em torno dessa parte de sua vida. E agora Evie chega com uma grande e velha marreta.

Franny fez uma anotação em uma tabela e colocou-a sobre a mesa para ser arquivada.

— Pobre criatura — lamentou ela, e Phoebe não teve certeza a qual deles se

referia: Sam ou Evie.

— Então, como ele recebeu a notícia? — Franny perguntou.

— Hã? — Phoebe não entendeu.

— Sam — Franny disse. — Ele ficou feliz à beça com o bebê, certo?

Phoebe mordeu o lábio.

— Eu... hã... ainda não disse a ele exatamente.

— Você o quê? — Franny recuou um passo e lançou a Phoebe um olhar de perplexidade. — Por que não, caramba?

— É que temos andado um pouco preocupados, entende? Com Evie lá com a gente. E você se lembra daquele cartão maluco que recebemos? É esta noite que supostamente nos encontraremos em Reliance com a irmã dele há muito desaparecida.

— Você vai também? Embrenhar-se naquela floresta?

Phoebe assentiu.

— Esse é o plano. Embora eu duvide que alguém vá aparecer. A dra. Ostrum provavelmente tem razão: alguém está apenas brincando com Sam. Mas, ainda assim, temos de verificar, não é?

— Você quer que eu e Jim acompanhemos vocês? Poderíamos chamar uns amigos nossos, também. Pode ser mais seguro ir com mais gente. E armados, talvez.

Phoebe sacudiu a cabeça, sabendo que, mesmo se houvesse uma chance mínima de que Lisa pudesse estar esperando por eles lá, a última coisa no mundo que queriam era assustá-la com um desfile de loucos paranoicos empunhando armas.

— Obrigada, mesmo assim. Acho que Sam e eu ficaremos bem.

— Vai ser uma boa oportunidade para você contar a ele sobre o bebê.

Phoebe concordou com a cabeça.

— As coisas estão tão loucas ultimamente. Simplesmente não surgiu a oportunidade certa.

Franny sacudiu a cabeça.

— Se você continuar esperando pelo momento perfeito, Bee, ele não vai descobrir até que você esteja em trabalho de parto! Você precisa dizer a ele. Agora. Hoje à noite.

Phoebe assentiu.

— Eu vou — ela prometeu.

Franny e a dra. Ostrum estavam ambas em uma cirurgia de emergência. A gata da sra. Laluk, Queenie, tinha engolido um pedaço de mais de um metro de fita. Phoebe consultou o relógio. Ainda eram só três e meia. Mais uma hora e meia até o fim do expediente. Estava louca para sair dali, chegar em casa e ir com Sam a Reliance logo que escurecesse. Ela puxou um espelho da bolsa reserva que vinha utilizando e retocou o batom. Parecia estúpido, na verdade, carregar uma bolsa somente para o batom, o caderninho de notas, as chaves e o celular. Teria de aceitar o fato de que sua carteira estava perdida para sempre e comprar uma nova. As coisas que haviam

sido levadas da cabana não iriam aparecer milagrosamente. Ela teria de enfrentar uma fila para obter uma nova carteira de motorista. Phoebe pegou o telefone para ligar para Sam novamente e sentou-se.

Até aquele momento, havia tentado telefonar para Sam em seu celular quatro vezes para confirmar, assegurar-se de que o plano ainda estava de pé, mas ele não atendera. Tinha deixado três mensagens e ele ainda não tinha ligado de volta. Uma coisa era ser rude com a prima, mas cortar a comunicação com Phoebe era indesculpável. E isso tornava a notícia sobre a maldita gravidez quase impossível de ser dada. Seus pensamentos estavam andando em círculos enquanto ela lia superficialmente os textos sobre agorafobia, incapaz de se concentrar. Ela colocou as páginas impressas na bolsa e puxou de lá o bloquinho de notas.

Apanhou uma caneta e escreveu:

PISTAS E PROVIDÊNCIAS

Ela mastigou a extremidade da caneta, pensando, e então escreveu:

Placas de Massachusetts no carro da falsa Evie Bilhetes de Lisa? Parece a caligrafia de Lisa.

O apartamento de Evie foi revirado — por quê?

Eles sabiam sobre Elliot — como?

O homem na cabana deve saber alguma coisa — voltar e falar com ele?

Garota metamorfa: Amy Pelletier, Castleton State College Uma garota chamada Becca que pode se lembrar de algo — LIGAR PARA ELA!

Reliance: lendas. O que aconteceu com todas aquelas pessoas? Tem alguma coisa a ver com o desaparecimento de Lisa?

Satisfeita por ter pensando em algumas ações que poderia pôr em prática imediatamente, Phoebe pegou a lista telefônica e encontrou o número do Castleton State College.

— Sim, eu estou tentando contatar minha sobrinha. Ela estuda aí. Houve uma emergência familiar e é muito importante que entremos em contato com ela. Seu nome é Amy Pelletier.

— Sinto muito, senhora, é contra a nossa política fornecer qualquer tipo de informação sobre os alunos.

— Mas eu sou da família! E isto é uma emergência.

— O melhor que posso fazer é anotar o recado e providenciar para que ela o receba. Qual é mesmo o nome da aluna?

— Pelletier. Amy Pelletier.

Phoebe ouviu a digitação no teclado.

— Sinto muito. Não temos nenhuma Amy Pelletier registrada aqui.

— Tem certeza?

— Positivo. Não é uma estudante ativa, e ela também não está listada como ex-

aluna.

— Obrigada — agradeceu Phoebe. Não deveria estar surpresa.

Ela mesma, um dia, já tivera uma carteirinha de faculdade falsa que usava em bares quando tinha 19 anos — era bastante fácil de se obter.

A garota poderia ser qualquer uma, de qualquer lugar.

Phoebe virou-se para o computador e efetuou uma pesquisa sobre “Reliance, Vermont”. Não apareceu muita coisa. Poucas e breves menções aqui e ali. E, então, encontrou o trecho de um livro fora de catálogo chamado *Vermont Perdida: Uma Perspectiva Histórica*.

Pouco se sabe sobre o vilarejo de Reliance. Tudo o que resta são as fundações e os buracos de porão de várias residências e celeiros, uma igreja e uma ferraria. Um pequeno riacho corre ao longo da borda oeste. No canto noroeste encontra-se um pequeno cemitério, os nomes e datas ilegíveis nas lápides. Em 1918, segundo a lenda local, toda a população da cidade (aproximadamente quarenta habitantes) desapareceu.

— Dã — Phoebe resmungou em voz alta. Ela saiu clicando inutilmente por mais uns cinco minutos, e então desistiu.

Em seguida, Phoebe procurou pelo número da Price Chopper em St. Johnsbury, discou-o e pediu para falar no departamento de floricultura.

— Oi, estou procurando uma funcionária chamada Becca?

— Sou eu. Quem fala?

— Isso pode ser um pouco inesperado, mas sou uma amiga próxima de Sam Nazzaro. Eu gostaria, se possível, de lhe fazer algumas perguntas.

— Sério? Como você me encontrou aqui?

— Franny Hunt me disse que topou com você no trabalho.

— É sobre Lisa? — Becca perguntou, sua voz muito mais animada. — Encontraram Lisa?

— Não — disse Phoebe. — Eu estava pensando se você poderia me contar sobre aquele verão. Parece-me que você e seu irmão eram amigos de Lisa, Sam e Evie.

Santo Deus. Ela estava falando como um policial da TV. E um muito ruim.

Becca riu.

— Não de Evie. Ninguém gostava de Evie. Ninguém, a não ser Lisa. Mas tenho certeza de que Sam já lhe disse isso tudo. Aposto que ele comentou como elas eram próximas. Como dois pombinhos. Meio doentio, na verdade.

— Hã-hã — confirmou Phoebe. Ela estava fazendo anotações em seu bloquinho: *pombinhos. Ninguém gostava de Evie.*

— Presumo que também haja coisas que ele não lhe contou. Um monte de coisas.

— Como o quê? — Phoebe perguntou, desenhando um ponto de interrogação nas margens.

— Ele sabe que você está me ligando?

— Não, juro. Franny me disse que vocês eram amigas. Que você poderia me dar novas informações. Não direi a Sam que conversamos.

Eu prometo.

— Sammy Nazzaro. Deus, eu não pensava nele há anos. Nós nos mudamos da cidade naquele outono, logo depois que Lisa desapareceu. Acho que minha mãe estava tentando nos manter seguros... longe daquele bosque. E longe daquela família.

— A família de Sam?

— Evie quebrou o braço do meu irmão Gerald naquele verão.

Sammy não lhe contou?

— Não — admitiu Phoebe.

— Evie... ela era biruta. Uma vez tentou nos convencer de que seu sangue era verde. Que ela era uma espécie de alienígena ou algo assim. “Eu vou provar”, ela ficava dizendo; então, golpeou a coxa com sua maldita faca de caça grande e velha. Droga! Seu sangue não poderia ser mais vermelho. A menina era doida de carteirinha. Mas isso era de família. Todos naquela casa eram lunáticos.

— Eram?

Phoebe ouviu Becca cobrir o telefone e dizer: — Sim, eu sei. Eu vou sair para um intervalo.

— Se este não for um bom momento... — Phoebe começou a dizer.

— Está tudo bem — disse Becca. — Ligue-me de volta no meu celular em dois minutos. Vou estar lá fora, no meu intervalo.

Phoebe anotou em seu bloco de notas o número que Becca lhe deu, aguardou dois minutos e ligou. Becca atendeu ao primeiro toque.

— Onde estávamos? — ela perguntou.

— Você disse que todos na família eram loucos.

— Hã-hã. Bom, para começar, havia o pai de Sam e Lisa, certo?

Ele era um tipo esquisito. Temperamental que só. Quase nunca saía de casa, um verdadeiro eremita. Ele se matou naquele verão. Já tinha tentado antes, mas o encontraram a tempo.

Ambas ficaram em silêncio por alguns segundos. Pelo modo como Becca estava respirando, Phoebe imaginou que ela estivesse tragando um cigarro.

— Tinha também a avó, mãe da mãe deles — Rebecca continuou. — Ela era tão pirada quanto se pode ser. Morou com o pai a vida toda, até sofrer o derrame. Não admira que seu marido a tenha abandonado. Seu pai era um velho assustador, é o que minha mãe sempre dizia. O médico da cidade, mas quase todo mundo ia se tratar na cidade vizinha, porque não queria ser tocado por aquelas mãos frias

dele. Agora, a mãe de Sam e Lisa, Phyllis, ela acabou ficando normal.

Mas Hazel bebia como um porco, escondia garrafas na garagem e entre os arbustos. Às vezes, Gerald e eu as encontrávamos e tomávamos um gole. Bebida

barata, daquelas que ficam na prateleira de baixo. Não é à toa que ela vivia bêbada. Crescendo naquela casa. Engravidando tão jovem.

— Você quer dizer de Evie?

— Não, isso foi antes de Evie. Ela teve o bebê em casa. Seu avô fez o parto. Natimorto, foi o que disseram. Mas, as pessoas na cidade, minha mãe, por exemplo, diziam que ouviram um bebê chorando naquela casa durante algum tempo.

— Então, o que aconteceu com ele? — Phoebe perguntou.

Rebecca suspirou.

— Não sei. Talvez ele realmente tenha acabado morrendo.

Talvez o assustador vovô o tenha sacrificado ao lorde das trevas e bebido seu sangue.

Phoebe estremeceu.

— Brincadeira — emendou Rebecca. — Provavelmente o garoto sortudo foi adotado por outra família, normal.

— E Lisa? — Phoebe perguntou. — Como ela era?

Becca ficou em silêncio por um instante.

— Todo mundo dizia que ela era apenas cheia de imaginação.

Mas havia mais do que isso. Ela via coisas. Ouvia vozes. Dizia que as árvores, os pássaros, os sapos e toda aquela porcaria falavam com ela.

Você diria que uma garota assim é apenas cheia de imaginação ou que ela precisava de uns bons psicofármacos pesados?

Phoebe concordou com a cabeça, mesmo que Becca não pudesse vê-la.

— Então, o que você acha que aconteceu a ela?

— Eu acho o que eu sempre achei. Teilo foi buscá-la e a levou para a terra das fadas.

— Sério? — Phoebe se surpreendeu.

— Olha — Becca respondeu —, eu tenho de ir. Eu nem deveria estar falando com você. Se ele descobre...

— Ele quem? — Phoebe quis saber.

— Esqueça isso. Se você quer saber o que aconteceu com Lisa, pergunte a Sammy o que ele viu no bosque naquela noite.

— Mas Sam não estava no bosque — comentou Phoebe.

Becca riu.

— Pergunte a ele como conseguiu aquela grande e antiga cicatriz no peito — instruiu ela, desligando depois.

Capítulo 20

L i s a

10 E 11 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Você estava me espionando? — A respiração de Evie era quente em sua bochecha. Lisa tinha acabado de sair do bosque depois de observar Gerald e Pinkie descerem até Reliance com a mochila que Evie havia lhes dado. Evie tinha se deitado na grama alta, esperando, e assim que Lisa entrou no quintal, Evie saltou, atacando-a. Agora, Evie estava em cima dela, imobilizando-a.

— Não, eu não estava espionando — Lisa respondeu, lutando para recuperar o fôlego. — Eu só fui dar uma volta.

Evie estava sentada em sua barriga, inclinando-se sobre seu peito. Ela prendeu os braços de Lisa acima da cabeça. Evie pesava pelo menos uns dez quilos a mais que Lisa. Ela não tinha a menor chance de se livrar. A chave no cordão deslizou pelo pescoço de Evie, atingindo o rosto de Lisa.

— Mentira. Você estava me seguindo.

— Eu nem sabia que você estava aqui fora. Agora, saia de cima de mim!

Evie aplicou mais pressão nos braços de Lisa.

— Por favor? — Lisa implorou. — Estou quase sufocando aqui.

Evie rolou de cima dela.

— Eu acho que você devia ficar longe do bosque. Pare de ir àquele buraco de porão — Evie advertiu. Ela desembainhou a faca e começou a usá-la para cortar uma folha de grama de cada vez, formando uma pequena pilha organizada.

— Por quê? — Lisa perguntou, olhando para a prima. — Você não entende? O que quer que esteja acontecendo em Reliance é a coisa mais mágica que já aconteceu comigo, com qualquer um de nós. Você não quer descobrir o que está acontecendo aqui?

Não que Evie quisesse desistir de alguma coisa ou deixar qualquer mistério sem solução. Evie não vinha agindo muito como Evie naqueles dias. A antiga Evie teria dado uma bela surra em Gerald em vez de conspirar com ele na floresta.

Mas, por outro lado, ninguém em sua família estava agindo muito normalmente. Talvez todos eles estivessem enfeitiçados. Uma maldição de uma bruxa malvada.

— Porque isso está ficando muito estranho. No começo, achei que fosse apenas alguém fazendo uma brincadeira, sabe? Mas agora estou pensando que é meio

assustador. E se for tipo uma... uma armadilha ou algo assim? — Evie se virou, continuando a aumentar sua pilha de grama.

Lisa riu.

— Não é uma armadilha — ela afirmou.

— Como você sabe? — Evie perguntou.

— Porque elas não fariam algo assim.

— Elas?

— As fadas — explicou Lisa.

Evie sacudiu a cabeça.

— Pelo amor de Deus! — ela fincou com força a faca no gramado, de modo que somente o cabo ficou para fora. — Esta não é uma de suas malditas histórias, Lisa. É a vida real.

— Exatamente — disse Lisa. — E é por isso que eu continuo voltando. Porque isso está realmente acontecendo. Elas estão lá embaixo. E antes que o verão acabe, eu vou encontrar uma maneira de provar isso.

— Vamos dizer que você esteja certa — Evie começou. — Digamos que as fadas sejam reais. E se foram elas que fizeram a cidade toda desaparecer?

— Exatamente! — exclamou Lisa, animada por que Evie finalmente estava começando a entender a importância do que estava acontecendo.

Evie sacudiu a cabeça, arrancou a faca do solo e limpou a lâmina suja em sua manga.

— Se eles fizeram isso com uma cidade inteira, imagine o que poderiam fazer com uma menina de 12 anos de idade.

Lisa respirou fundo e observou Evie limpar a faca. As fadas não eram perigosas. Como Evie poderia achar que eram?

— Você não deveria ir lá sozinha — aconselhou Evie.

Talvez não fosse o caso de Evie estar preocupada ou com medo do que estava acontecendo em Reliance. Talvez ela estivesse apenas com ciúmes.

— Ok — Lisa concordou, cruzando os dedos atrás das costas. — Da próxima vez, iremos juntas.

— Promete que não vai sair de fininho sozinha?

— Prometo.

Evie colocou a faca na bainha e deitou-se de costas na grama ao lado de Lisa. Ela soltou um suspiro longo e dramático.

Lisa virou-se para Evie.

— Eu acho muito fofo de sua parte querer me proteger — ela sussurrou. — Mas eu realmente não preciso de proteção. Ela sentiu o corpo de Evie enrijecer ao seu lado. Lisa girou sobre o cotovelo e pôs-se a estudar a prima. O corpo de Evie parecia todo errado para Lisa. Sua testa era muita larga, o nariz pequeno demais para o rosto redondo. Era como se Evie fosse montada a partir de um monte de peças que não combinavam.

— Evie?

— Sim?

— Eu ouvi minha mãe gritando com você hoje, mais cedo.

Sobre o Gerald. Pareceu ruim.

Evie mordeu o lábio inferior e encolheu os ombros.

— Não foi tão ruim, acho. A tia Phyllis disse que eu tinha ido longe demais. E que eu preciso ficar longe de Gerald. A mãe dele está realmente furiosa. O braço dele quebrou em três lugares. — Ela deu um levíssimo sorrisinho.

Lisa assentiu, pensando que o aviso de sua mãe não havia funcionado nem um pouco se Evie já estava tendo encontros secretos com Gerald.

— A sua mãe tem falado alguma coisa para você ultimamente?

Quero dizer, sobre o meu pai?

Evie ficou quieta por um minuto, olhando para o céu.

— Não — respondeu ela finalmente.

— O que você acha? Sobre o papai? Ele parece estar melhor, na sua opinião?

— Eu não sei, Lisa.

— Besteira. Diga a verdade, Evie. É comigo que está falando.

Ela suspirou, virou-se para o lado, avançando um pouco mais perto na direção de Lisa. Seu hálito era doce, cheirava a frutas.

— Ele parece o mesmo, eu acho. Nem melhor, nem pior.

— Ele está como um zumbi — constatou Lisa. — Há dias em que eu olho para ele e não acho que ele esteja mesmo lá dentro. Eu falo com ele, me aproximo de seu rosto, sussurro em seu ouvido e ele só olha através de mim.

Ela pensou no boné dos Red Sox que havia encontrado na floresta — aquele que o bicho-papão de Pinkie andara usando. Seria possível que o pai houvesse se levantado? Se não fosse ele, quem teria pegado o seu boné?

— É como se ele fosse uma casca vazia — Lisa continuou. — Eu não sei se é a doença ou o efeito de todos os remédios que ele toma.

Evie mordeu o lábio, pensando a respeito.

— Um pouco das duas coisas, provavelmente. Mas ele ainda está lá. Eu posso dizer que está.

Lisa abanou a cabeça.

— Na verdade, sinto como se não tivesse mais um pai. — Assim que disse isso, percebeu que era uma coisa idiota de se dizer a Evie, que nunca havia conhecido o próprio pai. Ninguém sequer sabia quem era o pai dela. Quando Hazel ficou grávida aos 16 anos, todos tinham suas teorias — era um homem casado que tinha uma família; ela fora estuprada; era o zelador retardado na casa de saúde onde ela trabalhava nos fins de semana; era um dos residentes da casa. Lisa tinha crescido ouvindo todos ao seu redor discutirem o assunto em conversas cochichadas: seus pais, o pessoal do Jenny's Café, até velhinhas que faziam trabalho voluntário na biblioteca da cidade — todos se perguntavam quem poderia ser o pai de Evie.

— Sinto muito — Lisa disse a ela. — Isso foi uma coisa estúpida de se dizer. Evie sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe com isso.

— Você já pensou a respeito? — Lisa perguntou. — Quem poderia ser o seu pai?

Ela não respondeu.

— Evie?

— Ninguém acreditaria se disséssemos.

Lisa sentou-se.

— Como assim? Você está dizendo que sabe quem ele é? Ela lhe contou?

— Esquece — desencorajou-a Evie.

— Evie. — Ela colocou a mão no braço da prima. — Você não tem permissão para guardar segredos de mim, lembra? Especialmente sobre algo tão importante.

Evie franziu a testa, arrancou um punhado de grama.

— Há muita coisa que você não sabe — ela revelou.

— Então me conte — pediu Lisa. Ela cruzou os dedos, mostrou-lhes para Evie.

— Nós somos assim, você e eu. Lembra-se?

Evie fechou os olhos.

— Lembra do que eu disse sobre como comecei a ir à igreja?

— Sim.

— Há uma imagem lá, num vitral. É a Virgem Maria. Ela está vestindo um manto azul e seu rosto é totalmente sereno e tranquilo.

Então, você olha para baixo, e lá, sob o seu pé descalço, está uma enorme serpente. E Maria a está prendendo lá, esmagando-a.

Lisa assentiu. Ela não podia imaginar aonde Evie estava querendo chegar com aquilo, mas desejava que ela continuasse falando. Talvez fosse como uma bola rolando ladeira abaixo — uma vez que ela havia começado, não iria parar, indo cada vez mais rápido, até que tudo fosse revelado e não houvesse mais segredos.

— Às vezes, quando estou lá, eu só me espremo no banco da igreja e olho para a janela. E você sabe no que fico pensando? Eu fico pensando... eu sei como é sentir isso. A cobra é como... como o mal, como os segredos, e ela está tentando mantê-los ali, esmagá-los. E talvez ela possa, porque ela é Maria, é a mãe de Jesus, mas quem sou eu? Eu não sou ninguém. — Os olhos de Evie estavam cheios de lágrimas.

— Evie — Lisa disse, estendendo a mão para alisar os cabelos rebeldes da prima. — Se você tivesse...

— Bioluminescência! — Sammy surgiu aos pés delas, com um pote cheio de vaga-lumes em uma mão, e uma rede na outra.

— O quê? — Lisa sobressaltou-se, furiosa por ele as ter interrompido. Agora, Evie nunca iria falar. Evie sentou-se, esfregando os olhos com força, piscando perplexa para Sam.

— Pirilampos. Vaga-lumes. Vida marinha abissal. Talvez existam outros

insetos que possam fazer isso. Algo que ainda não foi descoberto. Talvez seja isso que vimos no bosque.

Ele estava estudando os vaga-lumes no recipiente de vidro, piscando luzes verdes.

— O que vimos não eram vaga-lumes! — Lisa retrucou. — Ou qualquer primo distante dos vaga-lumes.

— Certo — Sam concordou. — Porque as fadas são uma escolha mais lógica. Por que não *leprechauns*?

Evie riu e falou: — Sim, como o cara do Lucky Charms (16). Magicamente delicioso.

16 Marca de cereal, produzido pela General Mills, cuja mascote da embalagem é um duende chamado Lucky, o Leprechaun. (N. da T.)

— Será que você pode levar isso a sério? — Lisa a repreendeu.

Evie balançou a cabeça e disse: — Eu estou levando muito a sério. Isso é importante, Lisa. *Muito* importante. Talvez seja o povo pequenino e eles vieram para levá-la a um pote de ouro no final do arco-íris!

Lisa não conseguia acreditar que era a mesma pessoa que havia acabado de contar a ela sobre o vitral colorido.

Sammy começou a cantar uma horrível e zombeteira versão de “Além do Arco-íris”, enquanto Evie só parava de rir tempo suficiente para respirar: — Chega! Você vai me fazer molhar as calças!

— Vocês podem parar com isso? — Lisa gritou. Eles apenas gargalharam com mais intensidade, ambos com os rostos quase roxos de tanto rir.

— Vocês só estão com inveja — provocou Lisa, mas eles estavam muito ocupados tirando sarro até mesmo para ouvir o que ela dizia.

Ela afastou-se de Evie e Sam, olhou para o centavo antigo e a medalhinha de São Cristóvão em sua pulseira. Não importava o que os outros pensavam. Talvez aqueles presentes tivessem um propósito, uma razão. Talvez eles contassem uma história. Ou talvez fossem algo que ela iria precisar em algum momento — amuletos mágicos.

Talismãs.

Havia uma coisa da qual ela estava certa — estava pronta para dar o próximo passo. E Evie e Sam não fariam parte disso.

Naquela noite, quando teve certeza de que Evie estava dormindo, Lisa esgueirou-se de volta para o buraco do porão sozinha e deixou ali um bilhete cuidadosamente dobrado sob uma pilha de cubos de açúcar.

Eu quero conhecê-lo. Por favor.

Capítulo 21

P h o e b e

11 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Estamos sozinhas esta noite — Evie falou da cozinha quando Phoebe entrou pela porta, atraída por um aroma inebriantemente doce.

— Assei um bolo — Evie declarou. — Com a mistura para bolos que você comprou. Eu ia fazer macarrão, mas, como somos só nós duas, pensei que talvez pudéssemos pular a massa e atacar direto o bolo.

— Onde está Sam? — Phoebe perguntou, dando o melhor de si para não parecer irritada ou decepcionada. Ela se dirigiu à cozinha, e observou Evie (que estava usando a cobra enrolada no pescoço como um cachecol) espalhar glacê de baunilha enlatado no bolo cor-de-rosa de morango. Só de olhá-lo, os dentes de Phoebe doíam. Mas a ideia de bolo para o jantar parecia perfeita. Era algo com que Sam jamais consentiria. E a comida que eles preparavam em casa era sempre tão saudável — que era bom fazer uma pequena pausa. Mesmo quando eles saíam para jantar fora, geralmente era num restaurante vegetariano que Sam adorava, onde tudo tinha gosto de cola e uma vez ela teve a infelicidade de pedir macarrão com “queijo”, não se dando conta de que seria macarrão de trigo integral coberto por purê de tofu e feijões brancos.

Bolo como o jantar provavelmente não era a melhor coisa para o bebê, mas era melhor do que nada, certo? E levando-se em conta como andava com o estômago embrulhado naqueles dias, estava agradecida que alguma coisa lhe abrisse o apetite, mesmo que fosse açúcar puro.

— Ele deixou uma mensagem na secretária. Vai trabalhar até tarde, depois jantar com a mãe dele.

Phoebe sentiu-se enrijecer. Sam jantava regularmente com a mãe uma vez por mês, e quando o fazia, sempre levava Phoebe com ele. Isso queria dizer que ele iria direto para Reliance sozinho de lá?

Ele contaria à mãe a verdade sobre tudo? Iria se abrir com ela agora que havia praticamente se fechado para Phoebe?

— Ótimo — mentiu ela, com um sorriso falso estampado no rosto. — Sobra mais para você e para mim.

Phoebe permitiu-se uma cerveja, embora soubesse que não deveria. Ela justificou isso dizendo a si mesma que, de qualquer modo, ela poderia resolver não ter o bebê.

Não com as coisas com Sam do jeito que estavam. Mas se fossem fazer uma escolha, *essa* escolha em particular, teriam de agir rápido, o que significava que ela precisava dar o primeiro passo e dizer-lhe que estava grávida. Mas como, se ele estava tão distante? O que ela deveria fazer — deixar-lhe uma mensagem de celular? Enviar-lhe um e-mail? Um bilhete dobrado sob o para-brisa da caminhonete?

— Isso está realmente bom — elogiou Phoebe, partindo para o seu segundo pedaço de bolo. — Espere até Sam descobrir o que perdeu. Ele provavelmente está sofrendo com uma das caçarolas de tofu de sua mãe neste exato momento — comentou Phoebe. Idiota.

Como ele pôde simplesmente dispensá-la daquele jeito? E justamente naquela noite?

Ela enfiou a mão no bolso de sua calça cáqui e tocou o saquinho de dentes. Era bobagem, realmente, ficar andando com ele. Mas Phoebe sentia que o saquinho de dentes, de certo modo, a mantinha ligada a Lisa. Como se, agarrando-se àquilo, talvez ela tivesse uma chance de descobrir a verdade. Phoebe não se considerava uma pessoa supersticiosa, mas acreditava que havia mais coisas neste mundo do que os olhos podem ver. E carregar alguns velhos dentes de cavalo para dar sorte não iria machucar ninguém, certo? Quando ela ligou para a mãe de Sam para relatar o que a dra. Ostrum havia dito sobre os dentes, Phyllis lhe agradecera. Phoebe ofereceu-se para levá-los de volta para ela, e Phyllis disse: — Não precisa se preocupar, querida. Por que você não fica com eles? Parece um item adequado para a sua coleção de coisas estranhas.

Se os dentes eram um tesouro de Lisa, quem sabe Evie não se lembraria? Talvez ela até soubesse a história por trás deles.

Phoebe puxou o saquinho do bolso e colocou-o sobre a mesa.

Evie afastou-se em sua cadeira, quase perdendo o equilíbrio, como se Phoebe tivesse acabado de jogar um membro amputado em cima da mesa.

— Onde você conseguiu isso? — Evie olhou para Phoebe com medo e desconfiança.

— Eram da Lisa — contou Phoebe.

— Eu sei — confirmou Evie. — Os dentes. Aqueles dentes feios e amarelados. Esse foi o primeiro presente que ele deixou para ela.

Antes mesmo que Lisa soubesse quem ele era. Entrou em seu quarto e os deixou em sua maldita cama.

— Ele?

— Teilo. Onde você os conseguiu, Phoebe? Foi Sam? Ele estava com os dentes de Lisa?

— São dentes do cavalo. Antigos dentes de cavalo.

— Eu sei o que são — retrucou Evie. Ela estava ofegante agora, lutando um pouco cada vez que respirava. — Mas não acho que você saiba. Você não deveria estar com eles, Phoebe. Qualquer coisa que tenha vindo de Teilo está cheia de

magia. Magia ruim. Isso conecta você a ele. Está entendendo?

Phoebe fez que sim com a cabeça, guardou os dentes no bolso novamente.

— Eu não acredito em magia — revelou ela.

— Você vai acreditar — afirmou Evie.

Elas comeram em silêncio, garfos arranhando pratos. Parecendo mastigar mais ruidosamente do que seria natural.

Desculpe por me alterar assim — Evie disse, enquanto limpava a mesa. Havia sobrado apenas uma fatia de bolo, e elas decidiram guardá-la para Sam. — Os dentes sempre me apavoraram. E eu não estava esperando vê-los novamente. Pensei que Lisa estivesse com eles quando foi embora. Os dentes e a pulseira de balangandãs.

As duas coisas que estavam sempre com ela. Seus malditos presentes das fadas. — Evie colocou os pratos de volta sobre a mesa, e enfiou a mão no bolso, apanhando os cigarros. Phoebe sabia que devia detê-la, sabia que Sam teria um ataque quando chegasse em casa e sentisse o cheiro de fumaça de cigarro, mas o que ela deveria fazer? Não podia dizer a Evie para fumar *lá fora*. — Então, onde você os conseguiu, Phoebe? Sam estava com eles?

— Não. Claro que não. Por que Sam estaria com eles?

— Não sei. Pensei que talvez você pudesse me dizer. Ele foi o último a vê-la naquela noite. E eu sempre pensei que...

— O quê? — Phoebe intrigou-se, parecendo mais na defensiva do que pretendia.

— Que ele sabia mais do que estava dizendo.

Phoebe levou isso em consideração, imaginando se Sam sabia algo mais sobre o desaparecimento de Lisa. O Senhor “Lisa Foi Levada E Não Há Nada Que Possamos Fazer Sobre Isso Então Vamos Apenas Prosseguir com Nossas Vidas”. Seria possível que ele estivesse escondendo alguma coisa delas? Algum segredo que esteve guardando por quinze anos, mas que, lentamente, foi arranhando seu caminho para a superfície? Isso certamente ajudaria a explicar por que ele estava agindo como uma aberração nos últimos tempos.

Ela se lembrou de sua conversa com Becca: *há coisas que Sam não está lhe contando*.

— Eu sei que tem sido difícil para vocês dois ficar comigo aqui — reconheceu Evie.

Phoebe sacudiu a cabeça.

— Nem um pouco. — Ela forçou outro sorriso, mas sentiu que Evie não engoliu a mentira. Evie afastou o cabelo dos olhos.

— Já faz algum tempo que não visito o cabeleireiro — ela falou, meio que se desculpando.

— Eu poderia cortá-lo — ofereceu-se Phoebe, preocupada de que houvesse parecido um pouco entusiasmada demais. — Digo, se você quiser que eu corte. Eu corto o cabelo do Sam. E também faço tosa na clínica... não que eu esteja

comparando você a um *poodle* nem nada assim, mas sou hábil com uma tesoura.

— Eu adoraria — confessou Evie. — Faça o que quiser. Quando eu era criança, uma vez deixei meu cabelo ficar tão terrivelmente emaranhado que minha mãe passou a máquina nele. Algumas pessoas têm cabeça bonita para ficar careca. A minha é toda irregular. Lisa disse que eu parecia uma batata com a barba por fazer.

Phoebe riu.

— Nada de corte de cabelo estilo batata. Eu prometo.

Elas afastaram a mesa da cozinha para o lado. Evie pegou uma cadeira e Phoebe foi buscar a tesoura.

— Então, qual é a história disso? — Phoebe perguntou, tocando a chave pendurada na corrente em torno do pescoço de Evie.

— Lisa me deu. Naquele verão, ela me contou uma história sobre duas irmãs que passaram por uma aventura com uma chave mágica que deveria salvá-las. Ela disse que essa era a chave.

Phoebe circundou Evie, tentando visualizar como transformar o emaranhado de cabelos escuros em algo um pouco mais elegante.

— Quer ouvir uma coisa maluca? Tenho usado isso desde então. Acho que, de certo modo, fiquei com essa ideia de que um dia teria a chance de usá-la... que talvez essa chave boba me ajudaria a salvar Lisa. Besteira minha, não é?

— Não acho que seja nenhuma besteira.

— Pensei que você não acreditasse em magia — lembrou Evie.

— Não acredito. Mas acredito na esperança. — Ela voltou a estudar o cabelo de Evie, perguntando-se por onde começar.

— Hoje é noite de Lua cheia — comentou Evie, como se Phoebe não soubesse.

— É — disse ela.

— Você acha que ele está indo? — Evie perguntou. — Para Reliance?

— Não faço ideia — admitiu Phoebe. — Estávamos planejando ir juntos, mas ele não fala nada sobre isso há dias. Talvez tenha decidido deixar a coisa toda para lá. Para tentar esquecê-la. Ele meio que se aperfeiçoou nessa arte durante todos esses anos, então, por que mudar alguma coisa agora? — ela mordeu o lábio, pensando que tinha falado demais. A cerveja havia subido à cabeça e a fez sentir-se afável e aberta. Ela correu os dedos pelos cabelos de Evie, decidindo começar pela frente.

Os avisos de Sam ecoaram em sua cabeça: *Evie não é confiável.*

Havia alguma coisa acontecendo entre Lisa e ela naquele verão.

— Sam nem sempre foi assim, sabe? — Evie lhe disse enquanto ela começava a cortar.

— Assim como?

— Reservado. Quando ele era pequeno, era um garoto doce, de olhos brilhantes... animado o tempo todo, falando sem parar sobre o que lhe viesse à cabeça. Ele não conseguia guardar um segredo nem se o pegassem. Até as fadas aparecerem. — O rosto de Evie nublou-se.

— Então, você estava lá quando isso aconteceu? — Phoebe perguntou, puxando a franja de Evie, encurtando-a vários centímetros com um corte rápido da tesoura. — Como eram? Quando apareceram pela primeira vez?

Evie fechou os olhos, sorriu.

— Primeiro, foram os sinos. Estava anoitecendo e nós deveríamos estar de volta ao quintal antes de escurecer, mas seguimos Lisa até o outro lado da colina. Ouvimos aqueles sinos, eram quase como sinos de vento, um suave tilintar vindo de Reliance. Lisa os viu primeiro. Pequenos pontos de luz, voando de um lado para o outro.

— O quê? Como vaga-lumes? — Phoebe perguntou. Ela aparou cuidadosamente o cabelo em volta da orelha esquerda de Evie, notando que havia sido furada em três lugares, mas que ela não usava brincos.

Evie sacudiu a cabeça.

— Não mesmo. Eram luzinhas brancas, brilhando e dançando de folha em folha, de galho em galho, perseguindo umas às outras pelos antigos buracos de porão. Nós as perseguimos, mas todas elas desapareceram. Lisa sabia exatamente o que eram. “Fadas”, ela disse.

Estava tão animada. No dia seguinte, voltamos ao buraco de porão e deixamos presentes. Lisa disse que talvez, se deixássemos presentes, elas nos deixariam vê-las.

— E deixaram? — Phoebe quis saber, fazendo uma pausa e recuando um passo para analisar a parte de trás do cabelo antes de continuar cortando. Ela decidiu tentar criar algumas camadas na parte de trás, algo que Sam nunca a havia deixado fazer. Agora que estavam penteados e limpos, ela via como os cabelos de Evie eram realmente lindos. Fartos e naturalmente ondulados.

— Não. Pelo menos nem Sammy nem eu. Era Lisa que elas queriam. Foi por ela que Teilo veio. — O rosto de Evie contraiu-se um pouco. Phoebe tentou imaginar como devia ter sido duro para ela, sendo sempre a menina rejeitada e deslocada. Aquela que não foi escolhida pelo Rei das Fadas. E se Evie e Lisa eram tão próximas como Sam sugeriu, então, deve ter sido horrível ver Lisa ser escolhida pelo Rei das Fadas em vez dela.

— Então, você nunca o viu? Nunca o ouviu?

Evie sacudiu a cabeça, que Phoebe segurou com ambas as mãos, lembrando Evie de mantê-la imóvel enquanto ela estava cortando.

— Só Lisa. Ela disse que era a escolhida.

— Mas como você sabe que ela não estava inventando? Ou que esse tal de Teilo não era apenas algum pervertido esquisito escondido no mato fingindo ser o Rei das Fadas?

Evie suspirou e ficou quieta por um instante. Phoebe trabalhou com a tesoura atrás de sua cabeça.

— Eu não sei, acho. Quer dizer, estávamos um pouco descrentes, especialmente Sammy. Mas ela estava tão... tão envolvida com aquilo. Tão empolgada. E ela saía

daquele buraco de porão com aquelas pequenas bugigangas, presentes de Teilo. Eram uma prova.

— Mas eles eram apenas objetos comuns, certo? Uma moeda, uma medalhinha católica? Não há nada de sobrenatural nisso.

Evie levou os dedos aos lábios, roendo as unhas.

— Acho que não — admitiu ela, afinal. — Nós éramos crianças, Phoebe. Lisa nos disse que as fadas eram reais, que o rei delas apareceu, e não havia por que discutir com ela. Acho que você tinha de ter conhecido Lisa para isso fazer sentido. Ela era tão teimosa. Aliás, mais que isso. Ela estava sob uma espécie de encantamento.

Exatamente o tipo de pessoa pela qual o Rei das Fadas viria.

Evie disse isso com uma expressão ao mesmo tempo melancólica e ligeiramente amarga.

Phoebe havia aparado a parte de trás do cabelo até as laterais da cabeça, e agora encarava Evie, procurando igualar o lado direito e o esquerdo.

— Então, o que você acha que aconteceu com Lisa depois? — perguntou ela.

— Eu acho — Evie hesitou, fechou os olhos, em seguida, abriu-os. — Eu acho que ela foi embora com Teilo.

— O quê? Para o reino das fadas? Qual é, Evie! Você não está me dizendo que realmente acredita nisso.

— Talvez descobriremos esta noite.

— Você acha realmente possível — indagou Phoebe, recuando para admirar o corte de cabelo finalizado —, que Lisa ainda esteja viva? Que essa realmente possa ser ela?

Evie espanou os cabelos dos ombros e se levantou.

— A maior lição que aprendi naquele verão, a única que eu carreguei comigo por toda a minha vida, é que tudo é possível.

Phoebe sorriu para ela, estendeu a mão para a de Evie, que estava fria e pegajosa.

— Você realmente acredita nisso? — Phoebe insistiu.

— Com certeza — Evie confirmou, sorrindo.

— Então, venha comigo — convidou Phoebe.

Ela levou Evie à porta da frente.

Evie afastou-se dela, seu rosto suado e em pânico.

— Eu não posso — disse ela.

Phoebe agarrou novamente sua mão.

— Apenas um passo para fora da porta. Eu estarei lá com você.

Um passo, Evie. Lembre-se, tudo é possível.

Evie mordeu o lábio inferior, fechou os olhos e estendeu a mão para a outra mulher. Phoebe abriu a porta e elas a atravessaram juntas.

Pararam no primeiro degrau da escadinha que dava para a entrada da garagem,

a Lua que nascia iluminando seus rostos.

— Abra os olhos — pediu ela com sua voz mais tranquila.

Evie obedeceu.

— Veja — disse Phoebe. — Você conseguiu. — Evie fixou os olhos nos dela.

A princípio, Evie parecia assustada; então, por uma fração de segundo, foi como se uma persiana se erguesse e Phoebe pudesse ver alguém lá dentro. Uma pessoa corajosa, segura de si. Mais confiante até mesmo do que a própria Phoebe.

E então, Sam chegou dirigindo a sua picape. A persiana desceu novamente e Evie agarrou a mão de Phoebe, sugando o ar com o desespero de um peixe fora d'água. Sam pulou para fora do carro, com o rosto afogueado.

— Estou indo para Reliance — disse ele. — Você vem?

Capítulo 22

L i s a

12 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Em todas as histórias, é sempre a mesma coisa. A garota é comum. A garota é desinteressante. Mas ela é gentil, tem um bom coração. Talvez tenha uma madrasta malvada. Talvez suas meias-irmãs sejam gordas e feias e tenham vestidos muito melhores do que os dela. Talvez seu pai a tenha levado ao coração da floresta para deixá-la ali.

Lisa sabia que sua própria história começava exatamente como a delas: *Era uma vez*.

Era uma vez uma menina que podia falar com os animais. Uma menina que morava perto de uma aldeia onde todas as pessoas haviam desaparecido. Todas, exceto seu bisavô, um pequeno bebê deixado para trás berrando, rios de lágrimas e ranho escorrendo pelo rosto cor-de-rosa de porquinho. O sangue dele corria em suas veias. E o sal que havia nele dava-lhe sorte, ao que parecia.

Pois ela era uma garota de sorte. E sabia disso agora, mais do que nunca. Porque havia recebido um presente mágico, algo saído de um conto de fadas: um livro escrito pelo próprio Rei das Fadas, em carne e osso.

— Você mesma colocou o livro lá — duvidou Sammy.

— Como você pode dizer isso? — Lisa indignou-se. — Basta olhar para ele! Veja como é antigo.

— Você prometeu que não iria voltar lá sozinha — reclamou Evie. — Você prometeu! — a voz dela falhou e, pela primeira vez, Lisa pensou que Evie fosse bater nela. Ela esperou pelo golpe, preparou-se, mas Evie ficou ali parada, com a respiração cada vez mais alta.

Lisa havia encontrado o livro no buraco de porão naquela manhã: um presente embrulhado em largas folhas verdes, amarradas com cipós finos, enfeitado com uma flor de dedaleira roxa, com o interior salpicado de branco.

O bilhete que ela havia deixado para as fadas desaparecera.

Ao abrir o pacote, Lisa encontrara um livro de capa verde, toda gasta e esfarrapada. O papel parecia antigo, a capa era costurada com linha preta grosseira. Ela correu os dedos sobre as letras do título: *O Livro das Fadas*. Acima dele, um estranho símbolo pintado em dourado — um círculo do qual subia uma linha perpendicular cortada por um número quatro invertido.

Ela abriu o livro, apertando os olhos para conseguir distinguir as palavras na débil luminosidade do alvorecer. Folheando-o, Lisa encontrou seções chamadas “História das Fadas”, “Lendas das Fadas”, “Fadas e seres humanos”. No final do livro havia uma página que começava assim: *Se você deseja atravessar a passagem para a terra das fadas...*

Havia uma receita para o chá de fadas que envolvia mergulhar na água as flores e folhas da dedaleira, acrescentar mel e deixar a mistura descansar por vários dias.

Lisa havia fechado o livro e saíra do buraco de porão com o coração batendo forte, porque sabia que agora ela conseguira: tinha uma prova de que as fadas existiam.

— Isso é fácil de falsificar — disse Sammy. — É só manchar o papel, chameuscar as bordas. Você já levou essa história fajuta de fadas longe demais, Lisa.

— Então eu me dei ao trabalho de escrever todo o livro, falsificar página por página, e cuidadosamente colocar tudo numa letra manuscrita que não se parece nada com a minha? Certo. Ora, vamos, Senhor Lógica. Seja lógico, tá bom?

Sam sacudiu a cabeça, descrente.

— Basta olhar o livro, Sam. Está cheio de todo tipo de informações. O Rei das Fadas, por exemplo: seu nome é Teilo. Ele vive por aqui há muito, muito tempo. E eu sei o que precisamos fazer a seguir. Aqui no livro está escrito o que temos de fazer se quisermos conhecê-lo.

O rosto de Evie se contorceu em uma expressão de dor.

— O quê?

— Nós temos apenas que prometer a ele algo que... prove que nós estamos levando isso a sério, entende? E ele vai conceder os nossos desejos. E vai nos deixar vê-lo. Dá pra acreditar? Dá pra acreditar que temos tanta sorte?

Sammy sacudiu a cabeça novamente.

— O que não dá pra acreditar é como você está biruta. Nem morto eu vou prometer qualquer coisa para um de seus amigos invisíveis!

— O que você acha, Evie? — Lisa perguntou. — Você faria isso, não é? Ele está se oferecendo para nos conceder qualquer desejo, e para 211

se mostrar para nós — Oh, que beleza. Pergunte a ela — disse Sammy. Ele saiu andando aborrecido através da grama alta, que ondulava com o vento.

— Acho que devemos contar às pessoas sobre as fadas — Evie respondeu, fazendo uma cara de buldogue determinado, com o maxilar inferior se projetando. — Mostre a elas o livro.

— Não — Lisa protestou. — O livro diz que temos de manter tudo isso em segredo. Se contarmos, as fadas vão embora e nunca mais voltam. E, se não guardarmos o segredo, coisas ruins podem acontecer.

Evie ergueu as sobrancelhas: — Coisas ruins?

— Eu não sei exatamente, mas o livro alerta para não contarmos. As fadas podem conceder desejos, trazer boa sorte, mas se você provocá-las, elas mostram o

seu lado ruim...

Evie estremeceu.

— Mas, Lisa, se houver uma raça de seres totalmente diferentes habitando o outro lado da colina, seria a maior descoberta de todos os tempos. E bem aqui — disse ela, brandindo o livro — está a prova! Nós poderíamos ser famosos em todo o mundo.

— Eu não quero ser famosa — disse Lisa, arrebatando o livro das mãos de Evie.

— O que você quer? — perguntou ela.

Lisa pensou por um minuto.

— Eu quero saber como é lá. Do outro lado. No mundo do Teilo.

E talvez, pensou, talvez esse livro fosse a chave. Talvez as fadas tivessem uma poção que poderia trazer o pai de volta. No final do livro havia instruções de como fazer a travessia para o Reino das Fadas, não havia? Será que ela teria coragem de segui-las? Coragem de deixar para trás tudo o que ela conhecia e amava?

— Prometa — disse Lisa. — Jure que não vai contar a ninguém.

Evie assentiu solenemente.

— E pense no que eu disse. Com uma pequena promessa a Teilo, podemos conseguir qualquer coisa que pedirmos.

Evie mordeu o lábio.

— Se você pudesse desejar qualquer coisa — Lisa disse —, não importa quão grande e impossível seja, o que você desejaria?

Evie não respondeu. Ela chutou o chão com sua enorme e pesada bota. Lisa abraçou *O Livro das Fadas* contra o peito.

A pergunta pairava no ar entre elas como uma bolha dourada, toda brilhante e radiante, nenhuma das duas se atrevendo a responder em voz alta.

Capítulo 23

P h o e b e

11 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Eu pensei que ela não podia sair de casa — disse Sam, com os olhos fixos na estrada.

— E ela não pode. Não consegue. Estou tentando ajudá-la, Sam.

Estive fazendo algumas pesquisas sobre agorafobia.

— Que ótimo, Bee. Isso é ótimo. — Ele segurou o volante com força, apertando-o com os polegares. A cabine da caminhonete de Sam era organizada: nada de migalhas ou embalagens de comida. Sua caneca de viagem, com o logotipo da Rádio Pública de Vermont, estava descansando no porta-copo. Phoebe não precisava abrir o porta-luvas para saber que estava limpo e arrumado — seguro e licença em cima, manual e os mapas embaixo. O dela estava recheado de sachês de ketchup vazando, guardanapos e recibos.

Eles viajaram em silêncio por alguns minutos, passando o Maple Hills Credit Union e uma concessionária de carros usados.

Phoebe imaginava o que iria encontrar quando chegassem a Reliance — se era realmente possível que Lisa estivesse lá, esperando por eles.

A Lua cheia brilhava sobre as montanhas, um tanto vermelha. Como sangue, Phoebe pensou; mas, então, se conteve. Como uma framboesa, ela decidiu. Groselha. Amora, talvez. As luas todas têm nomes, ela sabia, mas qual era o nome daquela? Lua de agricultor? Lua de Morango?

Tocou o ventre.

Conte a ele, implorou a si mesma. *Abra a maldita boca e fale.*

Ela estendeu a mão e pegou a dele, que repousava sobre a alavanca de câmbio. Ela a apertou de leve.

— Eu amo você, sabia? — disse ela. Ele resmungou, mantendo os olhos na estrada.

Não era segredo que todo mundo esperava que Sam escolhesse uma mulher melhor do que Phoebe. E ela sentia que alguns — a mãe de Sam, em particular (embora Phoebe soubesse que Phyllis nunca diria aquilo na cara dela) — culpavam Phoebe pela aparente incapacidade de Sam para fazer jus ao seu potencial. Afinal de contas, ele tinha feito faculdade, estudara filosofia e arte, e estava cortando árvores para viver. A própria Phoebe não era nenhuma história de sucesso, tendo completado

o ensino médio a duras penas e, em seguida, se contentado com uma série de empregos mal pagos, vendendo sorvete, servindo mesas, atendendo a telefones. Quando jantavam com os amigos de faculdade de Sam e todos começavam a conversar sobre filósofos franceses e política, sua mente ficava dormiente.

— Bem, o que você acha, Bee? — perguntava-lhe uma garota bem-intencionada, trajando roupas caras, de fibras naturais. Phoebe encolhia os ombros ou dava alguma resposta totalmente inconclusiva, que fazia com que todos na sala olhassem para ela com ar de que-pena-que-o-brilhante-Sam-acabou-com-uma-completa-idiota. Então, se ela tivesse bebido o suficiente, ela brincaria, agindo como uma caipira estúpida, praguejando a torto e a direito, e dizendo: “né não” e comendo os “s” no final das palavras: *Eu sei das coisa, né não?* Sam revirava os olhos, divertido e irritado ao mesmo tempo, mas ele nunca conseguiu entender de verdade porque ela fazia aquilo. Phoebe não era do mundo deles e nunca seria. Sam dizia que não tinha importância, que ele a amava por quem ela era, mas Phoebe sabia muito bem. Um dia ele acordaria e perceberia que ela era dez anos mais velha do que ele e, em matéria de cultura estava anos-luz atrás. E dizer-lhe que estava grávida poderia ser interpretado apenas como uma tentativa triste e desesperada de segurá-lo, de levá-lo a se comprometer com um relacionamento que era, obviamente, indigno dele.

— Que patético — ela murmurou em voz alta.

— O quê? — perguntou ele.

— Umas coisa aí, nada não — disse ela, falando errado de propósito, afundando-se no assento.

Eles estavam entrando em Harmony, agora. Os faróis da caminhonete iluminaram a rocha com a Oração do Pai-Nosso.

Sam virou à direita, na Main Street. Eles passaram a mercearia com o sinal em neon de FECHADO aceso. O quadro de avisos diante da Igreja Metodista dizia: FESTA DO MORANGO, sábado, 01/09. BOLOS, TORTAS E A MUNDIALMENTE FAMOSA GELEIA DA SRA. LAROUCHES!

— Obrigada — disse Phoebe, sentando-se ereta novamente, brincando com a fivela de seu cinto de caminhoneiro para dar sorte àquilo tudo —, por ter vindo me buscar. Pensei que, talvez, você resolvesse ir sozinho.

Sam não respondeu. Apenas dirigiu em silêncio, mastigando o lábio inferior, um gesto de menino que fez Phoebe se lembrar de Evie.

Então, pensou na descrição que Evie fizera de Sam.

Animado o tempo todo, falando sem parar sobre o que lhe viesse à cabeça. Não conseguia guardar um segredo nem se o pagassem. Até as fadas aparecerem.

Eles viraram na Spruce Street.

— Então, qual é o plano? — Phoebe perguntou.

— Plano?

— Você não vai estacionar perto da casa da sua mãe, vai?

Estavam passando por ela exatamente naquele instante. As luzes estavam todas apagadas, as cortinas fechadas. Phoebe lembrou-se do rostinho de Sam na janela do andar de cima, tantos anos antes. A garota de rosa perguntando: “Você está aqui para ver as fadas?”.

Lembrou-se da luva que ela lhe mostrara: de couro manchado, um dedo a mais costurado com linha preta grosseira.

— Não. Eu pensei em dar a volta e estacionar ao longo da Ranglely Road. Teremos de atravessar o bosque, mas, acho que vamos conseguir encontrar o caminho.

E o que faremos se a encontrarmos? Phoebe queria perguntar.

Sam tinha uma lanterna, mas de pouco adiantava. O bosque era denso, escuro e impenetrável. A Lua acima deles parecia quase tão brilhante quanto o sol, entretanto, pouco da luz era capaz de atravessar o dossel espesso de folhas acima deles. Phoebe se agarrava às costas da camiseta de Sam, certa de que, se a largasse, ficaria para trás, perdida.

— Tem certeza de que está indo pelo caminho certo? — Phoebe perguntou, seu tornozelo batendo de novo em outra pedra. Ela odiava a maneira como, às vezes, ela agia feito uma mulherzinha frágil quando estava com ele. *Homem forte e corajoso, por favor, tranquilize minha mente tola e débil reafirmando que tem tudo sob controle.* Dava vontade de vomitar.

— Não, Bee, eu não tenho certeza. Eu acho que sim.

— Parece que estamos perdidos.

Sam deu um suspiro exasperado.

— Estamos indo na direção certa. A colina está a nossa frente e Reliance fica em algum lugar do lado de cá da colina. Eu nunca fui lá partindo dessa direção. E, caramba, eu não estive aqui nos últimos quinze anos! As coisas cresceram um pouco desde então. O bosque me parece totalmente diferente.

Se ele tivesse um mapa e uma bússola, Phoebe sabia que ele os estaria consultando agora.

— Você nunca mais voltou? Depois que Lisa desapareceu?

Ele parou de andar e suspirou.

— Não é verdade. Eu tentei vir algumas vezes, mas me pareceu completamente errado. Como se eu estivesse invadindo. — Ele começou a andar novamente, o facho da lanterna passando de árvore em árvore. As bétulas, com seus troncos claros, pareciam fantasmas com os braços erguidos. Uma coruja soltou um pio sinistro.

— Coruja-barrada — explicou Sam, porque esse era o jeito dele, não era? Estava sempre ensinando coisas a ela, enchendo-lhe a cabeça com essas pepitas de ouro.

Ela se lembrou da coruja que ele havia levado para a clínica, agonizante e cheia de chumbo grosso. O braço de Sam era uma confusão de cortes e arranhões que a coruja lhe infligira, debatendo-se, sem entender que ele estava tentando salvá-la. Ele

ainda tinha uma leve cicatriz perto do cotovelo direito, sabendo-se ao certo onde procurá-la.

Ela pensou no conselho de Becca: *Pergunte ao Sam o que ele viu no bosque naquela noite. Pergunte a ele como conseguiu aquela cicatriz grande e antiga no peito.*

Sam havia estado realmente ali na noite em que Lisa foi levada?

O que ele viu?

— É difícil imaginar que um dia existiu uma cidade aqui — Phoebe disse, olhando para a floresta fechada.

O que ela estava pensando realmente era: é difícil imaginar que ela já tenha estado em algum lugar perto dali. Difícil imaginar-se aos 20 anos, sendo conduzida pelo bosque por uma menina vestida de corde-rosa e com os braços cobertos de cicatrizes. Difícil acreditar que alguma parte daquilo tudo era real: a fita amarela da polícia, a estranha luva de seis dedos dentro do saco de papel.

Ela tinha os seus segredos. Sam tinha os dele. E parecia que era tarde demais para começarem a confessar agora.

— Foi há muito tempo — disse Sam. — E não poderia ser chamada de cidade pelos padrões atuais. Estava mais para uma pequena aldeia. Meia dúzia de casas, alguns celeiros, uma loja de ferreiro e uma igreja. Há um velho poço aqui, também. Temos de ter cuidado onde pisamos.

Maravilha, pensou Phoebe. Como se ela pudesse ver onde estava pisando.

Ela pensou nos boatos sobre Reliance: a cidade inteira sendo engolida, pessoas perdendo os seus cães, a música e as vozes que algumas disseram ter ouvido no fundo daqueles bosques.

Seria possível que um lugar fosse maligno?

Havia realmente passagens para outros mundos?

Não parecia provável, mas a ideia ficou girando em seu cérebro sem parar, como um hamster correndo em uma rodinha na gaiola.

— Então, o que exatamente nós estamos procurando? — Phoebe perguntou.

— Pedras. Alguns poços grandes e quadrados no chão, onde as fundações das casas costumavam ficar. É isso.

— Pelo amor de Deus — disse Phoebe. — Eu não acho...

— Shh! — Sam sussurrou, parando de repente, fazendo com que Phoebe trombasse com ele. — Ouça.

Segurando a ponta amassada da camiseta de Sam entre os dedos de uma das mãos e passando o outro braço em torno de seu peito, Phoebe se agarrou a ele, prestando atenção. A coruja estava em silêncio, agora. Ela ouviu os grilos. O coaxar estridente de um sapo.

Mas havia algo mais ao longe, algo que não pertencia àquele ambiente.

— Sinos — disse ela. O corpo de Sam retesou-se.

— Venha por aqui — indicou ele, e partiu rapidamente, soltando-se de Phoebe,

a camiseta escorregando da mão dela.

— Espere — ela sussurrou, correndo atrás de Sam, sem tirar os olhos do pequeno fecho de luz que cortava a escuridão enquanto ele corria com a lanterna.

Tropeçou em uma raiz e quase perdeu o equilíbrio, salvando-se de cair por estender as mãos às cegas e agarrar-se a uma árvore fina, que vergou com seu peso. A luz da lanterna de Sam estava mais à frente agora, apenas uma miragem cintilante por entre as árvores.

— Sam! — Phoebe chamou-o. — Devagar! —ela se obrigou a continuar e tateou lentamente em meio à escuridão, para encontrar o caminho. Ela arrastava os pés com cuidado, evitando pedras e árvores, com os braços balançando em grandes arcos à frente do corpo, enquanto lutava para manter os olhos na luz de Sam, agora mais longe do que nunca.

O som dos sinos ficou mais alto.

Ela se lembrou das palavras de Sam: *Nós vimos alguma coisa.*

Mas o quê?

E o que ela veria quando e se finalmente o alcançasse?

E o que, Phoebe se perguntou em um momento de pânico cego, faria se não conseguisse alcançá-lo? E se ela chegasse a Reliance e descobrisse que ele também desaparecera? Sua lanterna e sapato deixados para trás no fundo de um antigo buraco de porão.

— Sam — ela gemeu. — Por favor.

Não me deixe.

Ela tocou a barriga.

Não nos deixe.

Phoebe cambaleou para a frente, galhos arranhando seus braços nus e o rosto, enquanto ela se movia em direção ao som dos sinos, em direção à tênue luz que dançava entre as árvores. Parecia esverdeada.

Era a lanterna de Sam? Ou outra coisa?

Mais adiante, um trecho da floresta estava mais claro, brilhante e cintilante.

Ela foi andando para lá, e viu que as árvores foram ficando espaçadas. Lembrou-se das histórias que tinha ouvido a respeito da névoa verde em Reliance e de como algumas pessoas afirmavam que haviam visto um homem saindo dela.

De novo, Phoebe prendeu o pé em uma pedra e tropeçou, mas, dessa vez, não havia nada que detivesse a sua queda.

— Droga! — ela gritou. Seus cotovelos ficaram esfolados e ela bateu o joelho esquerdo com força contra alguma coisa. Olhando em volta, viu que havia várias pedras delgadas e altas projetando-se do chão em torno dela. Só que não eram meras pedras. Eram lápides.

— Sam! — ela gritou, lutando desesperadamente para se pôr de pé.

O pequeno cemitério estava à margem de uma clareira não muito larga, sobre a qual a Lua cheia brilhava, iluminando a paisagem.

Uma brisa soprou, e as sombras das árvores dançaram à luz do luar aos pés de Phoebe. Cerca de dez metros à sua esquerda estava Sam, segurando a lanterna, apontando-a para baixo. Phoebe correu para ele, cuidadosamente evitando buracos, valas, montes de pedras e árvores.

— Sam! — ela exclamou, lançando os braços em torno dele, ainda virado de costas para ela, molhado de suor por baixo da camiseta. Sam. O seu Sam. Ele não estava perdido para sempre. Ela espiou por cima do ombro dele, viu que o facho da lanterna estava apontado para baixo, para dentro de um buraco de porão revestido de pedras.

E ali, agachada no canto como um animal preso em uma armadilha, estava uma mulher com rosto pálido e cabelos escuros emaranhados. Ela olhou para cima: seus olhos eram redondos, negros e sem expressão. Em volta de seu pescoço, uma série de sinos presos a um cordão, com um saco de tecido velho e sujo amarrado na parte inferior.

— Lisa? — Phoebe perguntou baixinho. A mulher sorriu, mas não respondeu. Estendeu a mão e continuou balançando os sinos.

O POVO DAS SOMBRAS

De *O Livro das Fadas*: Se você receber um resente das fadas, guarde-o como um tesouro. Saiba que, não importa quão comum o objeto possa parecer, é infundido com a magia das fadas. Proteja esse objeto como a sua própria vida. Não diga a ninguém de onde ele veio.

Quando tamanha dádiva encontra-se em seu poder, você e as fadas estão ligados por um vínculo.

Capítulo 24

Phoebe

11 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Você acha que é ela? — Evie sussurrou. Ela estava com Phoebe e Sam na cozinha. A garota do buraco de porão estava na sala comendo sua terceira tigela de flocos de milho com um quarto de xícara de açúcar polvilhado por cima. Antes disso, ela devorara o bolo de morango que havia sobrado.

— Eu não sei — respondeu Sam, abrindo uma garrafa de cerveja. — Pode ser. Mas eu também fui enganado por aquela mulher na cabana fingindo ser Evie. O que você acha? — perguntou ele, virando-se para a prima.

— Eu não tenho certeza — Evie respondeu, mordendo o lábio inferior rachado, espiando ansiosamente através do vão da porta, enquanto Lisa, sentada no sofá da sala, chupava ruidosamente o leite de sua tigela. — Pode ser. Mas seus olhos não são como eu me lembro.

Mais do que qualquer coisa, Evie parecia amedrontada com a garota. Ela mantinha distância e olhava para baixo ou para longe quando a garota olhava em sua direção. E estaria Evie assim tão errada? Havia algo de assustador na garota. Até os animais captaram; do nada, todos eles entraram em pânico em suas gaiolas, como se um cachorro houvesse entrado na casa.

— Droga, Evie. Nada nela é parecido com a Lisa de que me lembro. Mas isso significa que não é ela? Eu não sei. E se não é ela, quem diabos é, e por que está fingindo ser a minha irmã? Se for ela, onde esteve todos esses anos? E nenhuma de vocês duas se atreva a mencionar a maldita terra das fadas.

— Mas Sam, a carta que ela deixou... — ponderou Evie.

— Não existem fadas! — Sam disse. — É tudo uma armação para atrair meninas ingênuas e assustar pessoas idiotas sem discernimento. — Sam parecia furioso. — Vamos cair na real, está bem? — disse ele, olhando diretamente para Evie. — Se esta for Lisa, como vamos saber?

Phoebe calculava que a jovem mulher que eles acolheram tinha vinte e tantos anos, talvez trinta, mas havia uma qualidade fantasmagórica nela que a fazia parecer eterna. Seu cabelo escuro era comprido e desalinhado, e ela usava uma calça jeans preta com buracos nos joelhos. Vestia uma blusa rosa-choque de mangas compridas amarrada com cadarços, que parecia uma sobra de fantasia de pirata. Nos pés, que estavam cobertos de sujeira, sandálias de tiras baratas, daquelas que podem ser

encontradas em supermercados. Sua pele era pálida e os dentes estavam em péssimo estado: amarelados, marrons em alguns lugares. Não carregava coisa alguma consigo. Em volta do pescoço, pequenos sinos de bronze presos em um cordão; e, amarrado na ponta, um saco de pano sujo. Por todo o trajeto até a casa de Sam, ela foi cantarolando para si mesma e brincando com os sinos no pescoço. Até aquele momento, havia ignorado todas as perguntas deles.

— Eu simplesmente não sei, Sam — Evie falou. — Eu me pergunto se, talvez, não seria o caso de chamarmos sua mãe.

— Não! — Sam gritou. — A última coisa de que ela precisa é que nós a enchamos de esperança, para depois descobrirmos que se trata de uma farsa.

— Eu só pensei que, já que ela é a mãe e tal, ela pudesse saber, pudesse ter alguma intuição de mãe ou qualquer coisa assim — conjecturou Evie.

— Nós não vamos chamá-la — disse Sam. — Não antes de termos certeza de que essa mulher é realmente Lisa.

— Mas como vamos saber? — Phoebe perguntou. Ela concordou que procurar Phyllis imediatamente era uma má ideia, mas não tinha certeza de onde deveriam começar.

Sam gemeu.

— Isso é ridículo! Tem de haver alguma maneira de descobrir.

— Há os testes de DNA — Phoebe sugeriu.

— Isso seria extremamente demorado — descartou Sam. — Deve haver alguma coisa que possamos fazer agora. Algo que podemos perguntar a ela e que só Lisa saberia.

Evie pigarreou.

— Eu não sei se ela seria capaz de responder. Ela não tem sido muito cooperativa até o momento. Nós nem sequer sabemos se ela é capaz de falar.

— Bem, nós temos que tentar — disse Sam, deixando a cozinha e entrando na sala. A garota da floresta estava balançando em seu lugar, sorrindo para a sua tigela vazia.

— Gostaria de mais cereal? — Phoebe perguntou.

A jovem fez que não com a cabeça. Mechas emaranhadas de cabelos escuros caíram sobre o seu rosto. Phoebe lembrou-se das histórias que ouvira sobre crianças selvagens, meninos e meninas criados por lobos. Mitos, certamente.

— Qual é o seu nome? — Sam perguntou.

Ela bateu a colher contra a lateral da tigela. *Toque, toque, toque.*

Talvez ela estivesse tentando se comunicar por código Morse.

— Se você é realmente Lisa, então, onde você esteve todos esses anos? — insistiu ele.

Ela bateu a colher com tanta força, que Phoebe ficou com medo de que ela quebrasse a tigela. Então, a garota olhou para os restos de leite e migalhas de cereal encharcadas.

— Diga alguma coisa, caramba! — Sam explodiu em um tom que deu calafrios em Phoebe. Ele estava de pé, inclinando-se sobre a hóspede deles.

A garota deixou cair a colher e rosnou para Sam, mostrando os dentes como um cão raivoso. Sam recuou.

Evie, que ainda estava parada na porta da cozinha, lançou a Sam um rápido olhar de “Santo Deus, o que foi isso?”.

— Lisa — Phoebe disse, colocando a mão suavemente no braço da garota. — Ela não tinha a menor ideia se aquela era realmente Lisa, mas, por ora, a garota precisava de um nome, e, então, ela fez a escolha óbvia. — Parece que você teve uma jornada longa e difícil. Gostaria de um banho quente e roupas limpas?

Lisa encolheu os ombros. Seus lábios não haviam relaxado completamente após rosnar, o que lhe deixou a aparência de um sorriso escarninho e assimétrico.

— Por que você não vem comigo? — propôs Phoebe. — Eu acho que você vai se sentir muito melhor. Depois nós vamos colocá-la na cama. Já é muito tarde.

Lisa concordou com a cabeça e levantou-se, seguindo Phoebe.

Quando estava quase fora da sala, parou e virou-se para Sam: — Eu acho que, primeiro, queria minha pulseira de volta — disse ela, com a voz incerta de uma criança.

— O quê? — Evie quis se certificar de que realmente ouvira aquilo.

Sam encarou-a boquiaberto, como um peixe fora da água, lutando por ar.

— Pulseira? — ele gaguejou.

— Eu dei a você na noite em que fui embora. E fiz você prometer que não iria contar. Você não se lembra, Sammy?

Sam fez um movimento brusco e saiu correndo da sala para a cozinha.

— Sam, o que está acontecendo? — Phoebe perguntou. Ela e Evie o tinham seguido até lá e agora o observavam se equilibrar precariamente em um vacilante banquinho de madeira, remexendo o armário do alto, onde eles guardavam as coisas raramente utilizadas: uma velha garrafa de melaço já cristalizado, sal kosher, vinho de cozinha. A garota estava parada na porta, sorrindo.

Sam empurrou de lado a garrafa de vinho cheia de sedimentos e puxou uma caixa empoeirada de fósforos de cozinha com ponta azul.

A caixa parecia estar lá desde muito antes de ele se mudar para a casa.

Será que ainda fabricavam fósforos de cozinha com ponta azul?

— Aqui está — ele disse, descendo, limpando a poeira da caixa de fósforos de papelão em sua desbotada camiseta Green Mountain Club.

Ele deu um passo em direção à garota e abriu a caixa. Os dedos de Sam afastaram delicadamente a camada superficial de fósforos e tiraram um pequeno volume, embrulhado em papel de seda branco amassado. Ele o segurou cuidadosamente na palma da mão e desdobrou o papel. Uma pulseira escurecida apareceu.

— Você disse que não sabia o que tinha acontecido com ela — Phoebe cobrou,

sua voz soando fino e frágil como papel. — Eu perguntei a você quando estávamos na cabana.

Há coisas que Sam não está lhe contando.

Ela olhou para Evie, mas os olhos da prima de Sam estavam concentrados na pulseira.

Sam passou os dedos sobre os balangandãs. O nome de Lisa. A estrelado-mar. A medalha de São Cristóvão. Uma antiga moeda de um centavo.

Phoebe ainda não conseguia entender por que uma fada deixaria presentes tão “humanos”. Será que bolotas de carvalho, flores e pedras bonitas não fariam mais sentido?

— Estava com você todos esses anos — disse Evie, chupando o lábio inferior. — Nós todos imaginamos que ela devia estar usando a pulseira quando desapareceu. Lisa estava com ela naquela noite, no jantar. Ela nunca a tirava.

Sam entregou a pulseira para a garota, que sorriu, pegou-a e fechou-a em seu pulso ossudo. Ela tocou o balangandã com o nome *Lisa* e soltou uma risadinha que soou mais como um suspiro.

Phoebe encheu a banheira e despejou dentro dela alguns sais de banho de lavanda:

— Adoro o cheiro de lavanda — disse para a garota. — Algumas pessoas acham que é um perfume de velhinha, mas, para mim, é tão reconfortante. A mãe de Sam — ela hesitou, perguntando a si mesma se ela não deveria ter dito *a sua mãe* — nos deu uns pequenos sachês de lavanda e eu os coloquei nas minhas gavetas. Sam diz que é coisa de gente velha, mas quando eu abro as gavetas, elas têm cheiro de verão o ano inteiro.

Lisa despiu-se, deixando suas roupas molambentas em uma pilha no chão. Phoebe respirou fundo, controlou-se e, em seguida, forçou um caloroso sorriso “está tudo bem”.

Lisa era magra como um graveto, com os ossos visíveis sob a pele pálida. Não foi só sua magreza que chocou Phoebe, mas as tatuagens. A garota (e Phoebe claramente pensava nela como uma menininha, embora ela fosse adulta) estava coberta de tatuagens: desenhos de bonecos palitos, estranhos símbolos parecidos com letras.

Lisa se aproximou, abaixou-se lentamente na banheira fumegante. Lá, entre as omoplatas, estava a marca de Teilo — a mesma tatuagem que ela vira em Elliot, na cabana. Parecia inacreditável que aquela noite na cabana havia acontecido apenas uma semana antes.

— Vou levar as suas coisas e lavá-las — disse Phoebe, com a voz um pouco trêmula. — Vou trazer algo aconchegante para você vestir. E vou preparar a sua cama. Você pode ficar no nosso quarto, é o mais confortável. Sam e eu podemos dormir no escritório. Nós temos um colchão de ar.

Lisa não respondeu. Ela estava abrindo e fechando a mão debaixo da água,

olhando para os dedos como se não pertencessem a ela. Ela não tirara a pulseira e brincava com os balangandãs, estudando-os, resmungando alguma coisa baixinho. Phoebe apanhou as coisas dela: calcinhas brancas largas e manchadas, jeans preto esfarrapado, blusa de renda que se rasgara em alguns lugares e estava cheia de folhas e agulhas de pinheiro da floresta. Debaixo daquilo tudo estava o colar de sinos, que ela colocou dentro das roupas sujas para que não fizessem barulho.

Phoebe saiu do banheiro e jogou as roupas no chão da sala, na frente de Evie e Sam.

— Vocês deveriam vê-la — disse Phoebe. — Pode-se praticamente contar seus ossos. E ela está coberta de tatuagens.

Incluindo a marca de Teilo. Fica entre as omoplatas.

Sam estremeceu.

— Santo Deus! — exclamou Evie.

Phoebe começou a remexer os bolsos da calça jeans de Lisa e encontrou apenas duas moedas de dez centavos e um níquel. — Eu disse a ela que ia lavar essas roupas, mas acho que seria melhor jogá-las fora.

— É tudo que ela tem — disse Sam. — Eu acho que é melhor lavá-las.

Phoebe assentiu com a cabeça, pensando, *Agora está mais parecido com ele. Este é o Sam que eu conheço*. Ela pegou o colar. Sentiu o saco de pano amarrado na parte inferior.

— Tem algo aqui dentro. — Seus dedos desamarraram o cordão que mantinha o saco fechado. Ela o abriu e o virou de cabeça para baixo, sacudindo-o.

Quatro coisas caíram no chão: dois pedaços de giz colorido (um azul, outro amarelo), uma chave amarrada em um cordão e um cartão de plástico laminado que Sam imediatamente arrebatou e analisou.

— O que é isso? — Phoebe perguntou.

— Um cartão de biblioteca. Da Biblioteca Pública Aldrich, em Barre.

— Tem um nome? — Evie perguntou, inclinando-se para ver melhor.

— Tem uma assinatura no verso. Ela diz Mary Stevens.

— Quem diabos é Mary Stevens? — Evie perguntou.

— Não faço ideia — respondeu Sam. — Mas há uma coisa que eu sei com certeza. Ninguém mais sabia que eu estava com a pulseira.

Somente Lisa e eu.

Capítulo 25

L i s a

13 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Alguém viu a minha cesta de costura? — a mãe de Lisa perguntou. Todos os outros terminavam o café da manhã, mas Phyllis andava pela casa agitando a parte de cima do pijama com estampa de trutas que pertencia ao marido.

— Eu não — respondeu Lisa. Os outros também negaram com a cabeça. Ninguém tinha visto. Sua mãe segurava o pijama contra o peito, como se os peixes debaixo de seus dedos fossem trutas vivas lutando para se libertar. Ela pareceu mais magra para Lisa, mais frágil.

Entretanto, mais preocupante era o fato de que ela continuava a perder coisas: a espátula de jardinagem, a tesoura de cozinha e agora sua cesta de costura.

— Um botão está faltando — disse Phyllis, puxando o tecido onde deveria estar o botão. — Pensei em consertar. Pensei que eu poderia fazer... — Sua voz foi sumindo.

— Dave tem uma porção de outros pijamas — Hazel disse, forçando uma colherada de flocos de milho na boca do cunhado. Ele manteve os lábios firmemente fechados e ela bateu a colher contra eles com delicadeza, persuadindo-o a abri-los e deslizando o cereal para dentro. O leite escorreu pelo queixo dele.

Phyllis olhou para ela.

— Acho que estou bem ciente de quantos pijamas meu marido tem. Mas o que você pode não saber, Hazel, e somente uma esposa sabe, é que este é o favorito dele! — ela saiu correndo da cozinha.

Sammy assistiu de queixo caído a cena feita por sua mãe, como um personagem de quadrinhos prestes a falar, mas as palavras não vieram.

Evie terminou seu cereal bebendo o leite ruidosamente e arrotando forte e alto. Era a cara dela tentar aliviar o clima sendo idiota de propósito, mas aquilo simplesmente foi muito grosseiro.

— Talvez — disse Hazel em tom inseguro —, talvez um de vocês deva ir ajudar Phyllis a encontrar a cesta de costura. — Sua mão tremeu um pouco quando ela pegou a caneca e tomou um grande gole de café, que estava tão fortemente batizado com conhaque que Lisa podia sentir o cheiro do outro lado da mesa.

— Eu vou — disse Lisa, ansiosa para ficar longe de Evie, que agora estava fazendo outros sons repulsivos ao chupar os dentes. Lisa se levantou e seguiu a mãe

até o andar de cima. A porta de seu quarto estava trancada.

— Mãe? — ela chamou, batendo.

Não houve resposta.

Mas ela sabia o que fazer. Encontraria a cesta de costura que sumira e a deixaria do lado de fora da porta de sua mãe. Não era muito, mas era uma pequena coisa que ela podia fazer para restaurar a ordem no mundo, para fazer sua mãe um pouco feliz. Ela começou a procurar no armário do corredor e encontrou roupas de cama, rolos extras de papel higiênico, embalagens lacradas de xampu, mas nenhuma cesta de costura. Conferiu o quarto de hóspedes, ocupado por Hazel, e que estava com um cheiro adocicado e etílico. Abrindo a gaveta da mesinha de cabeceira, Lisa encontrou uma garrafa de conhaque e alguns Valium. Mas nada da cesta de costura. Não era perigoso misturar álcool e Valium? Hazel saberia se fosse. Ela era enfermeira, afinal de contas.

Debaixo da garrafa de conhaque e do frasco de comprimidos havia um livro de bolso. Lisa o pegou. Era um dos romances baratos que Hazel costumava ler, com um cara bonitão na capa, segurando uma mulher desfalecendo em seus braços. Contos de fadas para adultos, é o que eram. Evie havia dito que alguns deles tinham partes sujas, cenas em que as relações eram consumadas de maneira às vezes picantes. O estômago de Lisa doía só de pensar. Mas, ainda assim, estava curiosa. Ela o folheou. Perto do meio, encontrou uma fotografia escondida entre as páginas. Lisa a puxou para fora e piscou de tão perplexa. Era o seu pai, com uma aparência jovem e feliz. Sem óculos, sem pés de galinha ou rugas de preocupação na testa. Seu cabelo era comprido e rebelde. Na frente dele, envolta em seus braços, estava uma Hazel magra e jovial, com cabelos perfeitamente penteados e um sorriso um pouco irônico.

O rosto de Lisa se contraiu. Sua cabeça começou a latejar.

De onde saíra aquela foto? E o que Hazel estava fazendo com ela agora, escondida assim? Lisa percebeu imediatamente que não queria saber as respostas a estas perguntas. A melhor coisa a fazer era se livrar da foto, certificando-se de que mais ninguém a encontraria.

Ela amassou a foto, enfiou-a no bolso, e jogou o livro de volta na gaveta.

Levantando-se, Lisa olhou para o quintal através da janela. Lá estava Evie, lançando uma rápida olhada para a casa antes de se embrenhar no bosque, carregando sua mochila. A mesma que tinha entregado a Gerald.

Agradecida por ter algo para distraí-la da foto, Lisa desceu os degraus de dois em dois, correu pela cozinha e saiu para o quintal.

Quando Lisa finalmente alcançou Evie, ela estava em Reliance, conversando com Gerald e Pinkie. Lisa agachou-se atrás de uma árvore próxima. Como não havia árvores grandes o suficiente para se esconder atrás na clareira dos buracos de porão, teve de ficar afastada e, por isso, não conseguia ouvir bem. Um mosquito que zumbia em torno de seu rosto pousou em seu ouvido. Ela tentou espantá-lo, mas errou o alvo. O ar estava úmido e cinzento. O céu escurecia, ameaçando chover a

qualquer segundo.

Mais uma vez, Lisa observou quando Evie tirou a mochila e a entregou a Gerald. Ele fez um aceno de cabeça e disse: — Obrigado, Stevie — mas ela não pareceu se importar. Não levantou o punho ou colocou a mão na faca; nem mesmo vacilou. Ela apenas se afastou lentamente, parecendo humilde e derrotada. Aquela não era a Evie que Lisa conhecia. Evie fez uma lenta e arrastada caminhada em direção à casa, mais parecendo um estranho gorila corcunda do que uma menina.

Será que eles a estavam chantageando? Jurando que iriam deixá-la em apuros por quebrar o braço de Gerald se não os pagasse?

Mas o que Evie teria para lhes dar?

Determinada a chegar ao fundo daquele mistério, de um jeito ou de outro, Lisa esperou até que Evie subisse a colina e, em seguida, disparou atrás de Gerald e Pinkie. Eles estavam andando em outra direção, entrando mais fundo na floresta. Se continuassem andando, acabariam saindo na Ranglely Road, que passava atrás do bosque.

Virando à esquerda, na Ranglely, chegava-se à Hill Road, que levava ao centro da cidade. Estariam eles apenas tomando o caminho mais longo para a casa?

— O que vocês dois estão fazendo com Evie? — Lisa exigiu saber, assim que os alcançou. A floresta era mais densa ali e não havia trilhas bem definidas. O chão parecia úmido e esponjoso sob seus pés.

Gerald e Pinkie se viraram, surpresos. Eles estavam parados em uma moita de samambaias.

— Nós não estamos fazendo nada — respondeu Gerald, ajustando a mochila com o braço bom. Seu gesso estava decorado com pequenos desenhos e coisas escritas: aviões, personagens de desenhos animados e uma enorme e enfeitada assinatura BECCA, feita com marcador cor-de-rosa. Havia uma caveira e ossos cruzados que poderia parecer durona e legal no braço de outra pessoa, mas, no dele, só parecia idiota. Quando Lisa olhou com mais atenção os desenhos sobre o gesso, seu olho foi atraído para uma das caricaturas. Um rosto magro, vampiresco, com círculos escuros debaixo dos olhos. Trabalho de Evie, sem dúvida.

— O que há na mochila? — Lisa perguntou.

— Não é da sua conta — Pinkie disse. Ela tinha uma mancha de sangue na bochecha esquerda, devido a uma picada de mosquito.

Havia uma bússola de brinquedo pequena e barata presa à sua blusa.

— Vocês dois estão se metendo com a minha prima, por isso, é da minha conta, sim. Agora, você vai me deixar ver o que há na mochila, Gerald, ou eu terei de descobrir quebrando o seu outro braço? — andar tanto na companhia de Evie estava começando a afetá-la.

— Credo! — Gerald, disse, ajustando os óculos. — Você pode olhar. Tudo bem. — Ele escorregou a mochila do ombro e estendeu-a para ela. Lisa abriu-a e espiou dentro, prendendo a respiração.

Não era dinheiro, nem a prata da família, partes de um corpo, ou drogas.

Era comida.

Manteiga de amendoim e sanduíches de geleia. Maçãs. Um pacote de bolinhos cor-de-rosa surrupiado de uma caixa da despensa de sua casa. Uma lata de pêssegos em calda.

— Que diabos é tudo isso? — Lisa perguntou.

— Um piquenique — Gerald respondeu, sorrindo.

— Mas não para as formigas — Pinkie acrescentou.

— Por que Evie daria isso tudo a vocês?

Gerald encolheu os ombros.

— Porque a gente estava com cara de fome, acho. — Ele riu e acrescentou algo em sua ridícula língua inventada, uma longa série de sons parcialmente engolidos.

— O quê? — Lisa quis saber. Sua cabeça girava. Odiava ser a única que não sabia de nada. Como Evie podia fazer aquilo com ela?

— Nada — disse Gerald, rindo para si mesmo. Seu cabelo estava mais ensebado do que nunca e as espinhas na testa pareciam dolorosas. Pinkie riu junto com ele, embora Lisa tivesse certeza de que ela não tinha ideia de como falar uma palavra em minariano.

— Eu não sei que tipo de poder vocês dois têm sobre Evie, mas, seja o que for, vão ter de parar de se meter com ela. Se não pararem, vão sofrer as consequências.

Gerald riu, balançou a cabeça.

— Consequências, certo — disse ele. — Você não faz a menor ideia.

Pinkie deu um sorrisinho nervoso e disse: — Você acha que é tão especial, Lisa. Mas eu também sou especial. — Ela esfregou a mancha de sangue em sua bochecha, espalhando-a. Então, tocou a pequena bússola, olhando para baixo enquanto balançava a agulha.

— Que bom para você, Pinkie. Bom para você. — Lisa virou-se para caminhar de volta para casa. Estava começando a chover.

— Ela nos contou, sabe? — Gerald gritou atrás dela.

Lisa parou e virou-se para enfrentá-los.

— Contou o quê?

A garoa aumentou e a chuva começou a cair em gotas enormes, pesadas.

Gerald estava colocando a mochila no ombro. Seu cabelo já estava molhado e colado à testa.

— Sobre o buraco de porão — disse ele, as palavras quase afogadas pela chuva que batia forte no dossel de folhas acima deles.

Lisa respirou fundo e prendeu o ar, enquanto se afastava de Gerald e Pinkie e continuava andando debaixo da chuva forte. *Aja como se não fosse grande coisa. Não pergunte o que Evie lhes contou. Aja como se não importasse.*

Mas aquilo realmente importava.

Evie a havia traído.

Capítulo 26

P h o e b e

11 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Phoebe estava revirando o armário do escritório, procurando o colchão inflável, quando descobriu a velha mochila verde de Sam socada bem fundo no canto de trás, debaixo de um saco de lixo cheio de contas e recibos triturados para serem reciclados. Que estranho.

Sam mantinha seus equipamentos de camping e trilha no armário do hall da entrada. Puxou a mochila para fora, percebendo por sua forma e peso que havia algo dentro dela. Phoebe largou-a sobre a mesa e, então, foi até a porta escutar. Ouviu o leve ruído de Lisa no banho. Na sala de estar, Sam e Evie estavam conversando sobre se deveriam ou não levar Lisa a um médico.

— Pense nisso, Sam — Evie argumentou. — Eles vão querer saber o nome dela. Seu parentesco com ela. Droga, provavelmente vão chamar a polícia. Não estou dizendo que é uma má ideia. Só estou me perguntando se não seria melhor adiarmos isso. Antes, precisamos descobrir o que for possível sozinhos.

Era estranho ouvir Sam e Evie se dando tão bem — confiando um no outro de uma forma totalmente nova. Quase não importava se a garota acabasse não sendo realmente Lisa — ela servira para reaproximar Sam e Evie e isso parecia ser uma incrível dádiva. Phoebe encostou a porta do escritório, foi até a mesa, e hesitou diante da mochila. Era de Sam. E, obviamente, ele não queria que ela visse o que estava lá dentro.

E se fosse um presente de aniversário antecipado e ela estragasse a surpresa?

Mas e se não fosse?

Mais uma vez, ela pensou sobre o que Becca havia dito ao telefone: *Há coisas que ele não está contando a você.*

A porta de correr do armário estava aberta e ela teve certeza de que percebera um ligeiríssimo movimento no canto esquerdo de trás.

Ela piscou. Impossível, disse a si mesma. Não havia nada ali. Com o coração disparado, deu um passo para a direita, colocando-se diretamente na frente do que quer que fosse. Chutou o saco de lixo cheio de papel picado. Então, respirando fundo, afastou para o lado os casacos de inverno.

Nada.

Claro que não era nada. O que ela estava esperando?

Sacudindo a cabeça, recriminando a própria maluquice, voltou para a mesa, abriu a mochila devagar e espiou lá dentro.

Estava recheada de papéis. Enfiou a mão na mochila e puxou-os para fora, espalhando-os sobre a mesa. Páginas impressas no computador misturavam-se com folhas de papel ofício preenchidas pela caligrafia perfeita de Sam.

— Filho da mãe — disse Phoebe, sentando-se na cadeira em frente à mesa. Suas pernas estavam tremendo, como se a terra inteira houvesse se deslocado debaixo dela e o próprio chão já não fosse confiável.

Ali estava, afinal, a resposta para o mistério do que ele ficava fazendo no computador todas as noites.

Com a bela letra de Sam estavam registradas estranhas histórias, com anotações nas margens citando as fontes das quais provinham, livros e endereços na Internet.

No século XII, em Suffolk, Inglaterra, um menino e uma menina apareceram na abertura de um buraco na terra. A pele deles era verde e eles falavam uma língua estranha. O menino morreu. Com o tempo, a menina aprendeu inglês e foi capaz de explicar que eles tinham vindo de um mundo subterrâneo chamado Terra de São Martinho.

Uma história comum nos julgamentos de bruxas na Escócia, entre 1550 e 1670: uma mulher encontra um homem vestido de preto ou verde.

Ele pede à mulher que seja sua serva, oferecendo-lhe algo em troca (às vezes, o dom da clarividência). Os dois fazem sexo e geralmente o homem deixa uma marca nela.

A lenda escocesa narrada na Balada de Tam Lin: uma donzela colhe uma rosa em um castelo abandonado. Um belo homem trajando verde aparece. Dormem juntos e ela fica grávida. Ele diz que já foi um homem mortal, capturado pela Rainha das Fadas. Agora ele é um ser híbrido, que perambula entre dois mundos.

Quanto mais Phoebe lia, mais inquieta ficava. Aquelas não eram as fadas meigas e aladas de que ela se lembrava das histórias da infância. Eram sombrias, taciturnas, seres sobrenaturais com o poder de mudar de forma, ler mentes, seduzir e capturar jovens inocentes.

Mas Sam não acreditava em nada disso. Tinha sido inflexível quanto a isso. Ele era a voz da razão. O cara do mapa e da bússola com quem Phoebe sabia que jamais se perderia.

A próxima folha de papel era uma impressão tirada da Internet que Sam tinha destacado e enfeitado com estrelas:

Boston, 1919: uma jovem mulher chamada Jenny Hobbs foi presa depois de afogar o filho recém-nascido em uma tina de lavar roupa em seu quarto alugado. Ao ser interrogada pela polícia, ela contou uma história peculiar. Alegou que a criança era apenas metade humana. Seu pai, ela insistiu, era o próprio diabo, um homem das sombras, sem rosto, que dizia ser o Rei das Fadas. Quando perguntaram de onde ela viera, onde ela conhecera o tal homem, recusou-se a responder, dizendo

apenas “de uma pequena vila ao norte”. “Já não há ninguém ali”, ela disse à polícia. “As fadas os levaram todos.” Miss Hobbs mais tarde foi internada no Danvers State Hospital, onde caiu doente de pneumonia e morreu.

Phoebe passou a mão trêmula pelos cabelos. Teria Jenny Hobbs vindo de Vermont? De Reliance?

Ela leu outra página de anotações que Sam tinha feito:

Capacidade de mudar de forma? Para aparecer como um humano ou um animal?

Meus sonhos com o homem das sombras sussurrando.

Phoebe marcou essa linha com o dedo. *Eu achava que você havia dito que não sonhava, Sam.*

Seu coração batia forte. Ela pensou no alçapão debaixo de sua cama na infância, o homem das sombras que ela tinha conhecido, mas de quem nunca falava.

Não pense nisso.

Será que Sam também conhecera um homem das sombras?

Ela continuou a ler:

Uma viagem ao reino das fadas é como uma viagem xamânica — poucos que partem retornam. Aqueles que o fazem geralmente ficam loucos.

(Papai?) Ou possuem algum dom — clarividentes, videntes, mestres da profecia. Às vezes, uma pessoa é levada e uma fada metamorfa é deixada em seu lugar. Feia, doentia. Há histórias de seres humanos que vão para o mundo das fadas, onde passam um dia, mas, quando retornam, cem anos se passaram aqui e todos os que conhecia estão mortos. Será que Lisa ainda seria uma menina? Seria possível que dez anos em nosso tempo poderiam significar apenas dez minutos por lá?

O mundo das fadas é o oposto do nosso mundo, como o negativo de uma foto.

Alguns dizem que fadas são os mortos. Como fantasmas aprisionados em seu próprio mundo. Se Lisa retornar, ela estará viva ou morta? Será humana ou fada?

Para se proteger de fadas: carregar consigo coisas feitas de ferro, ficar dentro ou perto de água corrente, sinos, carregar um trevo de quatro folhas e usar suas roupas do avesso.

Por uma fração de segundo, tudo era vertigem — havia um zumbido em seus ouvidos e as palavras na página pareciam pulsar com um ritmo

doentio. A descrição que o proprietário e a polícia haviam lido sobre como sua mãe havia sido encontrada — afogamento acidental, eles disseram. Nível de álcool no sangue de 0,35. Bêbada, é claro, mais do que bêbada — por que razão entrar na banheira com as roupas pelo avesso, carregando um monte de frigideiras, facas e itens sortidos de ferragens e deixar o chuveiro correndo no máximo?

Apenas uma coincidência arrepiante, Phoebe disse a si mesma.

Mas e se...

Phoebe se conteve e voltou para as anotações de Sam.

As fadas são mestres do disfarce: pessoas, plantas, animais.

Elas podem se parecer com quem quiserem ou com qualquer coisa, muitas vezes surgindo com a forma que o humano espera encontrar.

(Os falsos Evie e Elliot? A velha/moça?)

— Bee? — Sam chamou da sala de estar.

— Sim? — ela juntou os papéis para enfiá-los de volta na mochila.

— Parece que a água está sendo drenada da banheira. Eu acho que ela já terminou lá dentro.

— Estou indo! — Phoebe gritou, guardando a mochila onde a encontrara.

— O que você está fazendo? — Sam perguntou. Ela se virou e o encontrou em pé na soleira da porta atrás dela.

— Estava procurando o colchão inflável.

— Está no armário do *hall* de entrada — ele disse —, debaixo dos sacos de dormir. Deixe que eu encho o colchão. Acho melhor você entrar no banheiro e levar umas roupas limpas.

— Já estou indo — respondeu Phoebe, mantendo os olhos no chão, com medo de que, se olhasse para ele, Sam saberia o que ela havia encontrado. Se é que ele já não descobrira.

Phoebe foi ao quarto deles procurar um pijama para Lisa, mas sua mente estava a mil. A coruja emoldurada sobre a cama de casal olhava feio para ela.

Phoebe pegou um par de calças de moletom e uma camiseta em sua gaveta, sabendo que iriam ficar largos na criatura na banheira, que era só pele e ossos; as palavras das anotações de Sam assombravam-na:

Elas podem se parecer com quem quiserem ou com qualquer coisa, muitas vezes surgindo com a forma que o humano espera encontrar.

Capítulo 27

L i s a

13 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Eu encontrei uma coisa no bosque — disse Sammy. Ele estava sem fôlego, vestido com sua capa de chuva amarela, coberto de lama e folhas. Seu short, tênis e meias estavam encharcados. Ele entrou pela porta da garagem aberta, saindo da chuva. Poças se formavam a seus pés.

Evie e Lisa estavam sentadas no chão sujo e manchado de graxa da garagem. Ao fundo, o forno e a roda de oleiro do pai, e prateleiras com esmaltes, pincéis e projetos não finalizados. A parte da frente da garagem era onde eles guardavam ferramentas, material de jardinagem e tralhas que não tinham outro lugar para ficar. Pelo que Lisa sabia, a garagem nunca havia sido realmente usada para abrigar um carro — com todas as outras coisas lá dentro, não havia espaço para um.

Evie vestia seu macacão e tentava fazer o cortador de grama funcionar. Ela o tinha desmontado, fingindo saber exatamente o que estava fazendo. Havia uma lâmina aqui, um filtro acolá — porcas e parafusos cilíndricos e cônicos espalhados por toda parte no piso de cimento queimado. Lisa tinha certeza de que Evie jamais conseguiria montar tudo de volta direitinho. Um dos maiores defeitos de Evie era que ela sempre imaginava ser mais inteligente do que realmente era.

Durante todo o tempo em que Lisa ficou assistindo Evie destruir o pobre e indefeso cortador de grama, ela ficou preocupada sobre o que Gerald dissera: *Ela nos contou, você sabe. Sobre o buraco do porão.*

O que exatamente Evie havia dito?

Lisa tocou a pulseira de balangandãs, imaginando Evie, Gerald e Pinkie dando boas risadas da Lisa biruta e suas fadas. A patética Evie

tentando parecer legal contando-lhes todos os seus segredos, tentando transformar Lisa na deslocada que a própria Evie estava tão acostumada a ser.

— O que você encontrou? — Evie perguntou, limpando as mãos manchadas de graxa na parte da frente de seu macacão.

— Acho que é melhor eu mostrar — Sammy falou. — Para vocês duas. E acho que devemos levar sua faca, Evie. E talvez mais algumas armas. Só para garantir.

— Opa, espere aí — disse Evie. — O que diabos você viu? Um javali selvagem e raivoso? O pé-grande?

— O mundo está desabando lá fora — Lisa objetou. A chuva estava

bombardeando a calçada, correndo em rios até a rua.

— Então, vão buscar capas de chuva ou algo assim. Mas andem rápido!

— Está bem, estou indo — Evie deixou cair a chave de boca com um som estridente e usou a porta lateral para entrar em casa. Lisa a seguiu até o *hall* da entrada, onde elas apanharam capas de chuva.

— O que você acha que é? — Lisa perguntou, enquanto fechava a capa e colocava o capuz.

— Eu não sei — Evie disse, dando de ombros, já vestida com a sua. — Mas o que quer que seja, deve ser bom. É preciso um bom motivo para deixar Sammy assim empolgado.

Lisa concordou. Talvez ele tivesse encontrado outro presente.

Ou algo maior. Como uma passagem.

Se houvesse uma passagem, eles estariam dispostos a atravessá-la? Lisa sabia a sua resposta: não hesitaria. Mas Sammy e Evie... não, ela não acreditava que fariam o mesmo. Eles não conseguiriam. Lisa estaria por conta própria.

Quando voltaram para a garagem, Sam tinha pegado um bastão de beisebol de madeira e o facão enferrujado com o qual o pai costumava cortar os arbustos espinhosos de framboesa no fundo do quintal.

— Vamos — disse ele, passando o bastão de beisebol para Lisa e saindo no aguaceiro, mostrando o caminho.

A chuva batia no topo do capuz de Lisa e parecia vir de todos os lados, escorrendo por seu rosto e pescoço, molhando sua camiseta.

Escorria através dos punhos largos da capa até as mangas, deixando sua pele arrepiada. O bastão de beisebol estava escorregadio e ela agarrou-o firmemente com as duas mãos para não deixá-lo cair.

— Ótimo dia para declarar guerra — Evie reclamou.

Eles marcharam colina abaixo, escorregando e deslizando sobre folhas molhadas e lama.

— Depressa! — Sammy insistiu.

Eles cruzaram o riacho, que estava agora com o dobro do volume que tinha de manhã, a água cor de chocolate parecendo furiosa e selvagem. Em vez de saltarem sobre ele, tiveram de atravessá-lo. Não tinha importância, pois seus pés já estavam encharcados mesmo. A água estava gelada e o fundo do riacho, cheio de pedras escorregadias.

Lisa quase levou um tombo, mas conseguiu recuperar o equilíbrio a tempo, usando o bastão de beisebol como bengala.

Depois de atravessarem o riacho, Sam as levou através de Reliance. Passaram pelos buracos de porão, contornaram o cemitério com suas lápides desgastadas. Depois que saíram de Reliance, as árvores tornaram-se maiores, mas Sam parecia estar seguindo uma pequena trilha que Lisa nunca havia notado antes. Um caminho de cervos talvez. Lisa pensou ter reconhecido o lugar onde havia surpreendido

Gerald e Pinkie, mais cedo.

Ela nos contou, você sabe. Sobre o buraco de porão.

Evie seguia atrás de Sam, faca de caça desembainhada. Lisa mantinha os olhos nas costas de Evie, sentindo, pela primeira vez em sua vida, que talvez nunca soubera quem de fato ela era. Se Evie estava conspirando com Gerald e Pinkie, o que mais ela seria capaz de fazer?

— O que você viu exatamente? — Evie perguntou novamente a Sammy.

— Shh! — Sam sussurrou, dedo sobre os lábios, olhos arregalados. — Estamos quase lá.

Certa vez, o pai havia levado Lisa para caçar patos e isso a fez se lembrar daquele dia. Como ela caminhara silenciosamente atrás dele, olhos e ouvidos atentos a qualquer movimento, todos os seus sentidos em alerta. E então, como agora, estava com medo. Preocupada em não fazer algo errado e assustar os patos, decepcionando profundamente o pai. Agora, estava pura e simplesmente apavorada.

O medo de Sammy era contagiante. E o fato de que a única pessoa com quem ela sempre contou ter se revelado uma fingida de duas caras não ajudava em nada. Ela segurou firme o bastão de beisebol e seguiu em frente, olhos nas costas de Evie.

Sammy as guiou por um apertado grupo de bordos, o caminho (se é que era um caminho) ziguezagueando e parecendo girar em círculos. Lisa se perguntava se ele estava tentando fazê-los se perder de propósito. Finalmente, Sam parou. Apontando com o facão, mostrou-lhes o que ele havia encontrado.

Ali, no meio do mato fechado, havia uma pequena clareira — mudas tinham sido cortadas, plantas e arbustos baixos tinham sido achatados no solo. No centro da clareira havia uma grossa camada de frondes de samambaias recém-colhidas, com um cobertor cinza e gasto em cima. Na borda havia um par de binóculos de latão, de aparência antiga, e um pedaço de corda enrolada como uma cobra.

— Que diabos é isso? — Evie quis saber.

— Shhh! — Sammy sussurrou, olhando em volta nervosamente, advertindo-lhes de que quem quer que houvesse estado ali poderia estar por perto, observando.

Evie concordou, balançando a cabeça, entrou na clareira e apanhou o cobertor. Não havia nada sob ele a não ser um amontoado de samambaias esmagadas. Ela pegou os binóculos, limpou a água da chuva de suas lentes e olhou através deles.

— O que você está fazendo? — Sammy sussurrou freneticamente. — Saia daí!

— Eu posso ver os pelos do seu nariz — disse ela, apontando os binóculos direto para Sam.

— Venha — chamou Lisa. — Vamos embora. — Então, seus olhos fixaram-se em algo enterrado no ninho de samambaias: um círculo escuro. Ela foi até lá, afastou as samambaias e viu o que era.

Sammy ficou boquiaberto quando Lisa apanhou o objeto.

— O cesto de costura da mamãe — disse ele.

Lisa confirmou com a cabeça. Ela segurou o cesto que pingava.

Os carretéis de linha lá dentro deviam estar destruídos; as agulhas, se não fossem secadas, enferrujariam.

— Mas como foi parar aí? — Sammy perguntou.

Lisa chutou o ninho de samambaias e seu pé bateu em algo duro. Colocando no chão o cesto e o bastão, ela checkou. Uma lata de pêssegos em calda.

Evie deixou cair os binóculos, olhou para os pêssegos, e apenas comentou: — Que estranho.

— Não me diga — ironizou Lisa, estudando o rosto de Evie, desafiando-a a não admitir que ela tinha dado a Gerald e Pinkie uma mochila com uma lata de pêssegos idêntica, poucas horas atrás.

— Eu digo para cairmos fora daqui antes que quem quer que esteja por aí volte — aconselhou Evie.

Lisa apanhou o bastão e o cesto de costura de sua mãe, seguindo Sam e Evie de volta para casa.

— Talvez seja o Rei das Fadas de Lisa — sugeriu Sam, enquanto abriam caminho por Reliance.

— Talvez — concordou Lisa, embora ela achasse impossível. — Nós devemos voltar mais tarde, procurar alguns bons esconderijos, sentar e esperar para ver quem é.

E flagrar Gerald e Pinkie fazendo sabe-se lá o quê...

— Eu não sei — adiantou-se Evie.

Tenho certeza de que não.

— Acho que me molhei o suficiente por hoje — disse Evie

Lisa passou o resto da tarde tentando convencer Evie e Sam a voltarem lá — Sam estava verdadeiramente com medo de ser apanhado, Lisa podia ver. Evie deu uma desculpa esfarrapada após a outra. Eles só concordaram de vez quando a chuva finalmente parou.

Mas, quando retornaram à clareira, depois do jantar, o cobertor, os binóculos e a lata de pêssegos haviam desaparecido.

— Que estranho — Evie repetiu, chutando as samambaias esmagadas com sua bota de trabalho gigante. No caminho de volta, Evie ficou tagarelando, rindo alto de coisas que não eram engraçadas.

Ela parecia estranhamente eufórica.

Aliviada, pensou Lisa. Ela parece aliviada.

Capítulo 28

P h o e b e

12 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Eles estavam de volta à cabana, e a velha estava lá, fazendo uma dança esquisita de marionete, pondo a língua para fora, que se transformou em uma serpente, sibilando “*Sammy, Sammy, Sammy, carneirinho fracote!*”, e deu uma piscadinha com seu pequeno olho reptiliano.

Depois, Phoebe havia retornado à sua cama de infância, de madeira pintada de branco e cabeceira com margaridas entalhadas. Ela a decorara com adesivos — *stickers* perfumados cujo cheiro sumira havia muito tempo. Tangerina. Marshmallow tostado. E o seu favorito, aquele com o macaco segurando uma banana que dizia, *I’m bananas for you.* (17)

Ela ouviu o ruído de arranhar debaixo da cama e a porta do alçapão sendo aberta, as dobradiças deixando escapar um rangido infinitamente longo e grave. Ela tentou se sentar, tentou gritar, para impedir aquilo de alguma forma, mas estava paralisada. Finalmente, uma figura sombria deslizou por baixo dos pés da cama, esgueirando-se pela parede do quarto ao longo do aquecedor, que estalava e gemia a noite inteira.

— Você não é real — ela conseguiu sussurrar. — Isso é um sonho.

Ele começou a rir. Era uma risada engasgada e salivante. Sua boca estava aberta, seus dentes brilhavam como pequenos punhais brancos.

17 Eu sou louco por você. (N. da T.)

Phoebe abriu os olhos de repente, com o coração palpitando e gosto de sangue na boca: havia mordido o lábio. Na verdade, não estava na cabana nem em sua antiga cama, e sim na sua própria casa, no chão do escritório, ao lado de Sam. O cobertor estava completamente esticado sobre ele, cobrindo-lhe inclusive a cabeça. Ela nunca havia conhecido alguém que dormisse tão pesado, tão profundamente, como Sam. O colchão de ar tinha esvaziado, deixando-os no chão. Um barulho veio do quarto onde Lisa estava dormindo. Som de vidro quebrando. Sam ainda dormia.

— Sam! — ela chamou, colocando a mão em seu ombro.

Mas talvez não fosse o ombro dele. Talvez não fosse Sam quem estava ali embaixo.

O pensamento veio-lhe tão rapidamente, com tal força, que ela recolheu a mão.

Um arrepio percorreu seu corpo e outro estrondo veio do quarto.

— Que é isso? — a voz familiar de Sam resmungou sob o cobertor.

Ela o tocou novamente, puxando as cobertas. Sam. Claro que era Sam. Sua imaginação andava correndo solta por lugares estranhos ultimamente.

— Algo está acontecendo no quarto de Lisa.

— Lisa? — disse ele sonolento e, então, sentou-se, escutando.

Phoebe abriu a porta do escritório, caminhando com as pernas trêmulas, virando à esquerda no corredor, atravessando a sala de estar.

Ela olhou para a fileira de aquários onde os animais continuavam com suas rotinas noturnas: a cobra estava digerindo o rato congelado que ela lhe dera mais cedo; o porco-espinho estava cochilando; os ratos estavam mastigando rolos de papel higiênico em sua gaiola, construindo um ninho novo. Evie gemeu e revirou-se no sofá, enterrada nas cobertas, apesar da noite quente (caramba, talvez fosse uma mania de família). Ela parecia um fantasma adormecido.

Phoebe fez uma parada na cozinha, tempo suficiente para pegar o rolo de macarrão que a mãe de Sam lhes dera no último Natal — uma triste tentativa de aflorar o lado “dona de casa prendada” de Phoebe, alguma necessidade secreta de fazer uma boa massa de torta, que a mãe de Sam tinha certeza de que estava sepultada em algum lugar dentro dela. Phoebe nunca tinha feito uma massa de torta em toda a sua vida, e o mais perto disso que chegara foi quando preparou uma torta falsa usando uma base de biscoitos de maisena esfarelados, uma caixa de pudim de chocolate e uma lata de chantili. Nem foi preciso assar.

Contornando a parede em direção ao quarto escuro, ela brandiu o rolo com as duas mãos, como se fosse um bastão de beisebol.

— Lisa? — ela apertou os olhos na escuridão, esforçando-se para dar sentido ao cenário sombrio à sua frente.

Havia sinais de luta. As cobertas tinham sido atiradas para fora da cama. A luminária de cerâmica da mesinha de cabeceira estava espatifada no piso de madeira. A janela estava aberta e Lisa estava prestes a sair por ali, mas a estante de livros que ficava abaixo dela dificultava as coisas. Ela estava deitada de barriga no parapeito, esperneando como uma nadadora dentro do moletom emprestado de Phoebe.

Sam apareceu e acendeu a luz. Lisa continuava agitando as pernas, tentando passar pela janela.

— Volte para dentro, querida — disse Phoebe, pousando o rolo de macarrão em cima da cama, inclinando-se para colocar uma mão nas costas de Lisa. Então Sam veio e agarrou Lisa pela cintura e içou-a da janela de volta para o quarto. Ela não se debateu; seu corpo ficou mole em seus braços, como se ela fosse uma boneca gigante.

— O que você está fazendo? — ele quis saber, assim que a colocou na cama, fechou a janela e a trancou.

Lisa estava sem fôlego, os olhos movendo-se rapidamente da janela para a

porta aberta como um animal encurralado à procura da rota de fuga mais fácil.

— Teilo — disse Lisa, com os lábios trêmulos.

— O que tem ele? — Phoebe perguntou, colocando uma mão reconfortante no ombro de Lisa.

Lisa apontou para a porta do armário em frente à cama.

Ali, pintada em tinta preta, estava a marca de Teilo, ainda molhada e pingando.

— Ele esteve aqui? No quarto? — Sam perguntou, abrindo a porta do armário, espiando debaixo da cama.

Debaixo da cama. Ele veio de debaixo da cama.

Cale a boca, Phoebe disse a si mesma. *Já chega.*

Lisa fez que sim com a cabeça.

— Estamos todos correndo um terrível perigo — disse ela. Não era a voz de uma mulher, mas a de uma menina assustada. A mesma voz que Phoebe ouvira ao telefone dizendo-lhes onde encontrar o Livro das Fadas. Sem sombra de dúvida.

Phoebe puxou Lisa para perto de si e a abraçou.

— Está tudo bem — consolou-a, certa de que se a abraçasse muito apertado, ela facilmente espremeria a vida para fora da pobre e magra garota.

— O que houve? — Evie estava na porta, enrolada em seu cobertor, piscando para eles como uma coruja preocupada.

— Teilo esteve aqui — disse Phoebe, soltando a garota, mas continuando a acariciar seu cabelo. — Ele estava atrás de Lisa. — Ela olhou para Sam, e perguntou: — O que vamos fazer?

Sam balançou a cabeça.

— Não sei. Mas uma coisa é certa... agora eles sabem que ela está aqui. Não está segura conosco. Temos de encontrar outro lugar para ela.

Phoebe assentiu, olhou para o relógio. Passava um pouco das quatro.

— Vou preparar um café. Daqui a pouco, vou fazer uma ligação. Sei de um lugar onde ela ficará segura.

Sam dirigia com ambas as mãos no volante. Estavam em uma estrada de terra raramente utilizada, próxima da floresta estadual. Era

uma manhã clara e radiante, e as janelas do carro estavam abertas, deixando penetrar o cheiro de madeira molhada. A picape sacudia; Lisa estava entre Sam e Phoebe, o câmbio de marcha entre suas pernas abertas. O volume do rádio, sintonizado em um programa de entrevistas, fora deixado tão baixo que tudo que Phoebe podia ouvir era o zumbido monótono de vozes, como insetos distantes. Sam frequentemente mantinha o volume do rádio baixo, com receio de que, se o desligasse por completo, poderia perder alguma coisa.

Eles passaram por um *trailer* arruinado, com um balanço enferrujado na frente. Uma menina vestindo apenas uma fralda descartável e uma camiseta do Elmo da Vila Sésamo estava passando o lixo para o pai, que o queimava em um velho tambor de óleo. A menina acenou para eles através da nociva nuvem de fumaça. Phoebe

acenou de volta, pensando, *Se essas pessoas podem ser pais, com certeza nós também podemos*, mas, em seguida, sentiu-se culpada por isso.

Phoebe havia sacado seu bloco de notas e escrito nele:

Como Teilo entrou? Pela janela? Como ele sabia onde ela estava?

Será que estamos sendo vigiados?

— Então — Sam disse, olhando para Lisa —, você está pronta para nos dizer quem realmente é?

— Sam! — Phoebe o repreendeu. Quando ele iria aprender que a abordagem direta não o levaria a lugar nenhum com aquela garota?

— Eu sou Lisa — respondeu a garota entre eles, olhando para Sam. Seus olhos eram castanhos, as pupilas enormes, fazendo-os parecer inteiramente pretos, como os olhos de personagens de desenho animado. Apesar do longo banho com sais de lavanda, na noite anterior, ela exalava um forte cheiro de terra molhada. Ela ergueu a cabeça e falou: — Eu sou Lisa, a Rainha das Fadas.

— Por onde você andou todos esses anos? — perguntou ele.

— Na terra das fadas.

Phoebe rabiscou *Terra das Fadas?* e fez um círculo em volta.

Lisa olhou para o bloco de notas dela, para os pequenos rabiscos que lembravam runas.

— Ensinaaram você a escrever assim? — perguntou ela.

— Quem?

— As fadas? — Lisa disse.

Phoebe fez que não com a cabeça.

— Eu aprendi sozinha. Como elas são? — Phoebe quis saber. — As fadas.

Lisa sorriu.

— Sabe quando, às vezes, você captura uma mínima sugestão de movimento pelo canto do olho, então pisca e aquilo foi embora? São elas.

Lisa soltou uma gargalhada rouca que se transformou em uma tosse seca.

— Às vezes — Lisa continuou, já livre do acesso de tosse —, elas aparecem para você em sonhos.

Sam apertou o volante com tanta força que Phoebe tinha certeza de que iria parti-lo.

— Sam — ela disse, colocando a mão em seu ombro, mas ele o encolheu. — Você está bem?

— Estou — disse ele.

— *Não tenho barril de chuva, não tenho porta de porão, mas alegres amigos nós seremos, para sempre de montão* — Lisa cantou baixinho.

Phoebe lembrou-se da velha na floresta, livrando-se das roupas, do cabelo.

Ela tocou o saquinho de dentes no bolso. Perguntou-se se deveria mostrá-los a Lisa, ver se ela os reconhecia.

Dentes de cavalo.

Magia ruim, Evie havia alertado.

— A entrada para a casa deles é a próxima à esquerda — indicou Phoebe, fechando seu bloco de notas. — Onde estão todas aquelas placas de NÃO ULTRAPASSE? — Sam fez a curva rápido demais, e Phoebe colidiu com Lisa. — Desculpe — disse Phoebe. Lisa sorriu.

O caminho era ladeado por árvores — uma trilha estreita e difícil, que só parecia encolher-se cada vez mais, à medida que avançavam. As árvores eram tão próximas umas das outras que nada verde crescia entre elas, exceto lá em cima, as copas tão densas que a luz não atravessava. NÃO ULTRAPASSE, preveniam as placas. CUIDADO COM OS CÃES. Conforme se aproximavam da casa, as placas, agora pintadas à mão, tornavam-se mais ameaçadoras: DÊ MEIA-VOLTA; EUA fora de VERMONT (18); PROPRIETÁRIO ARMADO; CÃES DE ATAQUE NO LOCAL.

À frente, eles viram as construções: uma casa, um celeiro e uma oficina. Um moinho de vento de metal girava acima da casa, lembrando a Phoebe algo que uma criança construiria com blocos de montar gigantes — do tipo “O Pequeno Engenheiro”. No lado sul da casa havia uma selva de painéis solares, uma antena parabólica e uma torre de rádio.

— Lindos pássaros — disse Lisa.

— Que pássaros? — Sam perguntou, olhando para o céu. — Não vejo nenhum pássaro. — Sua voz crepitava de frustração.

— Acho que ela está falando das galinhas — supôs Phoebe. Um pequeno bando de coloridas galinhas pintalgadas bicava a terra diante da casa. Sam resmungou alguma coisa que Phoebe não entendeu, parou a caminhonete atrás do Subaru de Franny e desligou o motor.

Quando ele e Phoebe colocaram a mão na maçaneta para abrir a porta, os cães os cercaram. A princípio, era impossível contar quantos eram: um grupo de enormes e reluzentes feras negras e marrons, com pelos eriçados, babando e mostrando os dentes, enquanto rodeavam a caminhonete.

Franny e Jim eram criadores de *rottweilers*, e Phoebe nunca conseguia acompanhar por completo todas as novidades: quem havia tido filhotes, quantos foram vendidos, com quantos eles ficaram. A maior parte do celeiro estava ocupada por canis, cercados para procriação e um percurso de agility.

18 No original, USA OUT DE VERMONT, slogan popular entre os separatistas que desejam a independência do estado de Vermont, que de 1777 a 1791 foi uma república independente, antes de se integrar aos EUA como o 14º estado da União. (N. da T.)

A porta da frente da casa abriu-se e Franny saiu. Seu cabelo cor de palha estava preso em uma trança e ela usava um avental com estampa de flores glória-da-manhã. Jim deu as caras na porta aberta da oficina, vestia um macacão e enxugava as mãos

sujas de óleo em um pano. Ele era um homem alto e magro, com um proeminente pomo de Adão e barba sempre por fazer.

Franny assobiou, e todos os cães pararam e viraram suas grandes e estúpidas cabeças em sua direção. Ela fez um sinal com a mão, parecendo que escrevia no ar a letra Z e, em seguida, fechou o punho. Os cães assumiram novas posições — um postou-se próximo à porta do motorista, outro na do passageiro, um terceiro na frente da caminhonete, e outro na traseira do automóvel — e sentaram-se calmamente. Mais três formaram um tosco semicírculo entre a caminhonete e a casa.

— Acho que podemos sair agora — comentou Phoebe.

— Tem certeza? — Sam perguntou. Phoebe abriu a porta e saiu, cumprimentando Franny com um abraço rápido.

— Muito obrigada por concordar com isso — agradeceu Phoebe.

— Sem problema — Franny disse a ela. Jim apareceu ao seu lado, sorrindo, descabelado, parecendo um cientista maluco. A haste esquerda da armação de seus óculos estava presa com um alfinete de segurança. Seus olhos estavam injetados e seus dentes, amarelados. — Estou convertendo o velho Mercedes a diesel para que funcione com óleo vegetal — ele disse a Sam, que tinha descido provisoriamente da caminhonete, mas ainda mantinha-se à porta, como se estivesse decidindo saltar de volta para dentro do carro. — Óleo da fritura de batatas. Tenho galões dessa coisa, de alguns restaurantes locais. — Jim tinha o estranho hábito de esticar sua cabeça para frente quando falava, o que fazia seu pescoço parecer muito longo, como o de uma tartaruga.

— Que legal — admirou Sam, seus olhos observando nervosamente o cão que estava a pouco mais de meio metro à esquerda, imóvel como uma estátua.

— Esta é a Lisa — apresentou Phoebe, segurando a porta aberta, aguardando que Lisa se juntasse a eles. Lisa não se mexeu.

Franny aproximou-se, enfiou a cabeça lá dentro e sussurrou algo para Lisa que a fez sorrir e assentir e, em seguida, estendeu-lhe a mão. Lisa segurou-a e Franny ajudou-a a descer da caminhonete.

Phoebe sabia que ela tinha feito a coisa certa. Lisa estaria segura ali.

— Se alguém aparecer por aqui, nós ficaremos sabendo — Jim disse a Sam. — Eu tenho câmeras e sensores infravermelhos em todo o perímetro. Ao primeiro sinal de qualquer problema, nós a levaremos para o abrigo. É no subsolo. Completamente fora de vista e praticamente impenetrável. Temos suprimentos lá suficientes para um ano... comida, água, armas, um vaso sanitário e chuveiro. — Havia um brilho em seus olhos que entregava quanto ele estava adorando aquilo.

As câmeras e sensores infravermelhos foram uma surpresa para Phoebe, embora não um completo choque. Quem diabos eles estavam esperando?

— Venha — chamou Jim, dando um tapinha animado nas costas de Sam. — Vou lhe mostrar o trabalho que estou fazendo no caminhão. — Enquanto Jim levava Sam até a oficina, um dos cães os acompanhou, colado ao dono.

Phoebe seguiu Franny e Lisa para dentro da casa, pelo *hall* de entrada, até a cozinha, que estava quente, cheia de vapor e com um cheiro doce.

— Estou fazendo geleia de morango — explicou Franny, movendo-se para o fogão para mexer uma panela grande e fumegante.

O balcão estava coberto de frascos de conserva de vários tamanhos, vedantes de borracha e tampas. A cozinha de Franny era ampla e antiga: havia um forno a lenha e uma pesada mesa de bordo que tinha dupla função, servindo como estação de trabalho e local de reunião.

Panelas de ferro fundido dependuravam-se em ganchos nas vigas rudemente talhadas que corriam ao longo do teto. Simples prateleiras abertas cobriam as paredes e estavam cheias de potes de feijão, arroz, conservas de tomate, ervas e temperos. Para obter água na pia, você tinha que usar uma bomba de cabo vermelho.

Com uma colher, Franny colocou uma pequena quantidade da substância gelatinosa e quente em uma tigela de cerâmica, cortou uma grossa fatia de pão caseiro, espalhou a geleia de morango por cima e a entregou para Lisa.

— Ainda está um pouco rala — ela disse —, mas sabe que eu acho que fica melhor quando ainda está quente e rala? Você também não acha?

Lisa concordou, comendo vorazmente, como se estivesse faminta. Ela sorria enquanto comia, a geleia deixando manchas pegajosas em volta de sua boca.

Elas ficaram por ali alguns minutos, jogando conversa fora sobre o consultório e o tempo. Em seguida, Franny levou Phoebe até a porta, enquanto Lisa passava geleia em seu terceiro pedaço de pão e bebia chá forte com leite quente e mel.

— Ela vai ficar bem aqui, Bee — Franny prometeu. — Não vou deixá-la fora da minha vista.

Phoebe sabia que era verdade. Não havia lugar mais seguro para Lisa do que ali. Mas, ainda assim, ela odiava ter de deixá-la.

— Se ela disser qualquer coisa... o que quer que seja sobre onde ela esteve, ou sobre o seu passado...

— Eu sei. Vou prestar muita atenção. Você me conhece, eu tenho uma mente aguçada. Vou me lembrar de qualquer detalhe que ela me contar e depois repassarei para você. Se achar que é importante, ligarei imediatamente. Prometo.

Phoebe agradeceu e virou-se para ir embora, mas Franny agarrou seu braço, puxando-a para trás.

— Você já contou para ele? — ela perguntou em voz baixa.

Phoebe fez que não com a cabeça.

— Hoje — disse ela. Franny fez uma cara brava. — Eu prometo.

Phoebe partiu, lançando um rápido olhar para trás, em direção a Lisa, que estava sentada debruçada sobre a mesa da cozinha, com a boca e as bochechas grotescamente vermelhas, o que sugeriu a Phoebe, de modo perturbador, sangue coagulado.

Capítulo 29

L i s a

13 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Dave, você não está sendo razoável — Hazel estava dizendo. O pai de Lisa estava deitado no sofá, com a boca firmemente fechada. Hazel estava segurando um copo de água e dois comprimidos. — O remédio está ajudando, Dave. Seja isso uma bênção, seja uma maldição, ele está funcionando. Você quer acabar voltando para o hospital? — Hazel perguntou. — É isso que você quer?

Lisa havia acabado de chegar do quintal, onde tinha secado o cesto de costura o melhor que conseguiu, pensando sobre as coisas e formulando um plano. A primeira coisa de que tinha certeza era que levar o cesto ainda úmido à sua mãe e explicar-lhe onde o encontrou deixaria a família tensa, o que era a última coisa que queria. Então, ela se esgueirou para o andar de cima e guardou o cesto de costura na prateleira de baixo do armário do corredor, atrás de uma pilha de toalhas, e depois voltou para a cozinha.

A casa estava quente, iluminada e familiar. Lisa deu uma espiada na sala de estar, onde a mãe e a tia estavam discutindo sobre o pai no sofá. Atrás delas, em cima da lareira, uma foto das duas quando crianças vigiava-as, sorrindo-lhes de uma outra época. Lisa via apenas uma vaga semelhança entre aquelas meninas sorridentes e as mulheres adultas ali paradas, encurvadas e cansadas, com linhas de preocupação em seus rostos.

— Dave, por favor — implorou a mãe de Lisa. Ela estava próxima à borda da mesinha de centro, com seu pijama de seda creme.

Lisa entrou na sala, sua mãe a viu e a enxotou.

— O que vocês estão fazendo ainda acordados? — ela perguntou, sua voz alta e firme.

Lisa encolheu os ombros, voltando para a cozinha.

— É verão, mãe. E são apenas nove horas.

— Bem, vão para a cama. E quero vocês três de pé amanhã bem cedo para me fazerem uma nova torta.

— Torta?

— É, torta. Torta de morango. Para substituir aquela que misteriosamente desapareceu do balcão da cozinha.

— Mas nós não...

— Já para a cama. Sem discussão — a mãe de Lisa ordenou.

— O que está acontecendo? — Sammy sussurrou quando entrou na cozinha.

— Mamãe está brava por causa da torta que desapareceu.

— Eu nem sabia que tinha torta — disse Sam.

— Provavelmente foi Evie. Ou talvez nunca tenha existido uma torta.

— Hã? — falou Sammy, franzindo o rosto.

— Esquece. Olha, preciso falar uma coisa. Algo importante. Vá para o quintal. Eu vou buscar Evie e nós o encontraremos lá. Mas temos de ficar quietos e fingir que nada está acontecendo... mamãe está bastante alterada e quer todos nós na cama.

— O que... você quer que eu enfrente a ira da mamãe? — Sammy disse. — Não, obrigado. Eu vou para a cama.

— É importante, Sam — ela reiterou. — Por favor.

Sam revirou os olhos, mas Lisa sabia que havia ganho. Ele se arrastou penosamente pela porta da cozinha e saiu para o quintal.

Lisa olhou de volta para a sala de estar. Hazel estava novamente empurrando os comprimidos para o pai. Ele afastou a mão dela e, então, de repente, inclinou-se para frente, segurou a ponta da mesinha de centro e a derrubou. Uma pilha de revistas, pratos com migalhas de torradas e chá frio desabaram no chão. Foi o máximo que Lisa havia visto o pai se mover desde que voltara do hospital. Parte dela sentiu medo, mas a outra parte queria parabenizá-lo.

— Já chega, vou chamar o médico — a mãe dela anunciou, partindo decidida para a cozinha. Lisa saiu voando dali, em direção ao corredor da entrada, até a escada, subindo-a de dois em dois, o tênis rosa e prata mal tocando os degraus acarpetados. Quando chegou ao seu quarto, abriu rapidamente a porta e engasgou — engasgou de verdade, como uma garota de um daqueles filmes de terror que Sam e Evie tanto adoravam.

O que viu foi ela mesma. Só que não era realmente ela. Aquilo era uma versão Frankenstein e corpulenta de si mesma. Talvez fosse um pouco parecido com o que as duas meninas na foto observavam na sala de estar agora — elas próprias, só que totalmente diferentes.

Mas essa não era uma Lisa do futuro que ela havia vislumbrado através do tempo e espaço — era uma impostora.

Evie estava em pé em frente ao espelho vestida com o moletom de capuz vermelho de Lisa. Estava com a peruca preta de bruxa que a mãe de Lisa usara no último Halloween, o cabelo caindo-lhe sobre o seu rosto e o capuz vermelho apertado no topo da cabeça. Estava usando uma *legging* preta e justa de Lisa, que era muito pequena e fazia as pernas de Evie parecerem duas salsichas. Evie estava descalça e as unhas do pé haviam sido pintadas de esmalte azul com *glitter*, como as de Lisa.

— Hum... o que você está fazendo? — Lisa quis saber, percebendo que, sobre a estranha fantasia de Lisa, Evie estava com seu cinto grosso de couro e a faca de caça

na bainha presa contra seu quadril direito.

— Nada — sob a franja do cabelo falso de poliéster, o rosto de Evie ficou vermelho como uma lagosta e sua respiração começou a chiar.

— Tudo bem — acalmou-a Lisa, apesar de nada estar bem. Ela deu um passo para trás, sentindo-se tonta. — Tudo bem — ela repetiu, tentando convencer-se de que tudo estava excelente. Perfeitamente normal. O mundo não estava enlouquecendo ao seu redor. — Sammy

está nos esperando lá fora — disse ela, finalmente, afastando-se. — Ah, e minha mãe está furiosa por causa da torta.

— Que torta? — Evie perguntou enquanto Lisa saía do quarto, fechando a porta atrás de si.

Lá embaixo, enquanto caminhava até a cozinha, ela ouviu sua mãe ao telefone.

— É, rebelde — ela estava dizendo. — Mas não é só isso. Ele acha que estamos tentando envenená-lo.

Capítulo 30

P h o e b e

12 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Eles estavam na caminhonete de Sam, voltando para casa.

Phoebe puxou seu bloquinho de notas e olhou incrédula para o que havia acabado de escrever:

Willa. Jasper. Zoe. Cooper.

Ela o fechou bruscamente. Nem sequer tinha certeza de que eles ficariam com o bebê e ali estava ela escolhendo um nome. Totalmente delirante. Não tão diferente de sua própria mãe, afinal de contas. A maçã não cai longe da árvore. E às vezes a maçã é tão bichada quanto 263

— toda machucada, cheia de vermes, marcada por pragas.

Lá no fundo, ela sabia que era isso que mais temia. Não a rejeição de Sam em relação à ideia da paternidade, mas seu próprio medo de ser uma mãe tão horrível quanto a sua própria tinha sido.

Somos diamantes em estado bruto, você e eu.

Pensou em sua última conversa com a mãe, dois dias antes de ela morrer.

— Venha para casa — sua mãe implorara. — Eu preciso de você. *Ele* precisa de você.

— Ele? — Phoebe perguntara, querendo saber o que sua desprezível mãe estava tramando agora.

— O seu Homem das Sombras, meu amor. Ele está aqui. Está esperando por você.

— Você está bêbada — concluiu Phoebe. — Ligue para mim quando estiver sóbria. Se você ficar sóbria. — Então ela desligou e sua mãe não voltou a ligar. Dois dias depois, a polícia telefonou.

Afogamento accidental.

Nível de álcool no sangue de 0,35.

Roupas do avesso.

— Sua mãe costumava lavar os pratos na banheira? — o detetive a interrogou.

— Pratos? — Phoebe não entendeu.

— Havia algumas panelas e frigideiras na banheira com ela.

Facas e talheres, também.

O seu Homem das Sombras, meu amor. Ele está aqui. Está esperando por você.

— Sam — disse Phoebe, olhando para cima. — Você não acha que todo esse negócio de fadas pode ser real, não é?

Sam confirmou, balançando a cabeça, reduziu a marcha, as engrenagens rangendo.

— Claro que não — ele falou, o rosto contraído em uma careta.

Ela queria tanto dizer a Sam que tinha encontrado a mochila no armário, perguntar-lhe se realmente acreditava em alguma coisa daquilo tudo. Mas não queria ser acusada de estar espionando, bisbilhotando, intrometendo-se. Sam, obviamente, queria manter sua pesquisa em segredo; então, que ficasse assim. Ele lhe contaria quando estivesse pronto. Não é?

Da mesma maneira que ela iria lhe contar sobre o bebê. Droga.

— Franny mencionou alguma coisa no início desta semana — comentou Phoebe. — Que você e Lisa eram amigos de duas crianças que moravam nas redondezas. Ela disse que uma delas, a menina, acreditava que as fadas eram reais. Até saiu dizendo que havia conhecido o Rei das Fadas.

Sam assentiu roboticamente.

— Gerald e Pinkie.

— Pinkie?

— Era um apelido. Seu nome verdadeiro era Becca, mas ela estava sempre vestida de cor-de-rosa... parecia que não tinha roupas de outra cor.

Ele olhou para ela rapidamente, tirando os olhos do para-brisa por um instante.

Pinkie.

Phoebe lembrou-se da garotinha de rosa que a levava para a floresta naquela tarde. *Você está aqui para ver as fadas?* A garota que havia lhe mostrado o saco de papel com a estranha luva de seis dedos dentro dele. Pinkie. Talvez tenha sido ela.

— Então, vocês eram amigos? Você, Lisa, Gerald e Pinkie?

— Pra falar a verdade, nós estávamos meio que em guerra com eles naquele verão. Gerald era apaixonado por Lisa, mas odiava Evie.

Ele a chamava de Stevie. Humilhava-a.

— E Evie aturava tudo isso?

Sam riu asperamente.

— Não exatamente. Ela quebrou o braço dele.

Phoebe ficou em silêncio.

— Você pensa que conhece Evie. Que você está fazendo uma boa ação, tentando ajudá-la. Mas eu lhe digo, Bee, ela não é confiável.

Você não sabe do que ela é capaz.

Durante o jantar — macarrão de farinha refinada coberto com molho industrializado —, Sam reexaminou o plano.

— Amanhã nós iremos buscar Lisa. Então, vamos rodar até Barre com ela, ver

se alguma coisa lá estimula qualquer recordação.

Vamos levá-la à biblioteca, ver se eles podem nos dizer algo sobre essa tal de Mary Stevens. Não é bem uma pista, mas é tudo que temos.

O telefone tocou e todos se sobressaltaram.

— Eu atendo — ofereceu-se Sam, indo para a sala de estar.

Phoebe ouviu Sam dizer: — Sim? O quê? Aham. Aham. — Então, ele murmurou algo que ela não entendeu.

— Alguma coisa continua me incomodando — confessou Evie, a voz baixa. — Não consigo acreditar que Sam guardou aquela pulseira durante todos esses anos. — Evie sugou seu lábio inferior. — Todos nós achávamos que ela a usava quando desapareceu. Estava com ela naquela noite, no jantar. Nunca tirava aquilo do braço.

E por que faria isso?, Phoebe se perguntava. Se era o seu bem mais precioso, por que deixá-lo para trás?

Duas ideias vieram-lhe à mente: ou Lisa suspeitava que algo ruim pudesse lhe acontecer e ela queria deixar para trás uma pista; ou ela estava com a pulseira na noite em que foi até o bosque pela última vez, e Sam de algum modo a pegou. O que significa que ele estava envolvido. Evie a estava encarando e Phoebe sentiu que a outra mulher, de alguma forma, estava lendo a sua mente. Phoebe sentiu sua garganta apertar.

— Você não acha que... — ela começou a dizer.

Sam surgiu na cozinha e Phoebe assustou-se um pouco, odiando-se por isso. Aquele era o namorado dela. Seu grande amor. O pai de seu bebê.

— Ela tem um bebê — Sam falou afoitamente.

— O quê? — Evie não entendeu. — Quem?

Ele sabe, Phoebe pensou. Ele descobriu sobre a gravidez. Talvez a falsa Evie tivesse acabado de falar com ele ao telefone e a houvesse entregado.

— Lisa — respondeu Sam. — Era a Franny. Ela notou que parte da frente da camisa de Lisa estava toda molhada e, então, percebeu que seus seios estavam vazando leite. Lisa disse-lhe que havia um bebê. Com apenas algumas semanas de idade. Quando Franny lhe perguntou onde ele estava, ela disse que estava lá com o pai... no reino das fadas.

— Caramba — Evie murmurou, com os olhos arregalados.

— Se as pessoas que vieram atrás de nós estão com esse bebê, precisamos ir à polícia — aconselhou Phoebe, estremecendo.

— Tudo bem — Sam concordou, balançando a cabeça.

— Espere um pouco — interrompeu Evie. — Vamos pensar a respeito.

— O que há para se pensar? — Phoebe perguntou. — Temos alguns psicopatas que sequestraram um bebê. Se ela realmente é Lisa, então estamos falando de seu sobrinho ou sobrinha, Sam. Temos de encontrar o bebê.

— Exatamente — Evie concordou. — Mas acho que temos mais chance procurando por conta própria. Se Teilo souber que os tiras estão envolvidos, e ele vai

descobrir, irá levar esse bebê para um lugar onde nunca mais o encontraremos. Ou fazer algo pior.

— Mas, eu... — Phoebe começou.

Evie a cortou.

— Pense no que aconteceu com a polícia lá na cabana. Vocês dois acabaram ficando como os criminosos, lembra? Ele é esperto. Está sempre dois passos à frente de nós.

— Então, o que devemos fazer? — Sam perguntou.

— Seguir seu plano original — Evie disse. — Leve Lisa a Barre.

Veja o que consegue descobrir. Lisa é a chave aqui. Ela carrega pistas dentro daquela cabeça confusa dela. Nós só temos de compreendê-las.

Os tiras só irão apavorá-la. E, confiem em mim, é só ouvirem o primeiro *sussurro* dela sobre o mundo das fadas, e pronto, o serviço social e um psicólogo vão entrar em cena, e ela será hospitalizada e drogada até não poder mais, o que não é bom para ninguém, muito menos para o bebê. Somos a *família* de Lisa, Sam. Temos condições de cuidar dela.

Sam mordeu o lábio.

— Está bem — ele concordou. — Mas se não descobrirmos nada em nossa pequena expedição a Barre, chamaremos a polícia.

— Você acha que devemos contar à sua mãe? — Phoebe perguntou. — Talvez até mesmo levar Lisa lá?

Eram quase onze da noite e eles estavam de volta ao quarto deles. Phoebe estava trocando os lençóis, tirando os em que Lisa tinha dormido e colocando um jogo azul-claro. Sam sacudiu a cabeça, enquanto descalçava as velhas botas de caminhada que sempre usava.

— Ainda não, Bee. — Ele tirou o relógio do pulso e o colocou sobre a mesinha de cabeceira. O livro que estava lendo também repousava ali — provavelmente algum livro terrivelmente deprimente sobre o aquecimento global, presente de aniversário de sua mãe.

Sam ficou sem camisa, com o cabelo encaracolado despenteado e um pouco suado. Phoebe estudou a cicatriz em seu peito, perguntando-se se algum dia descobriria a verdade sobre ela.

Sam virou-se de costas para ela, tirou a calça jeans e deixou-a cair no chão.

— Não até tivermos certeza. E eu ainda não estou convencido.

Alguma coisa simplesmente não bate nisso tudo.

— Talvez sua mãe soubesse dizer. Algumas pessoas acham que as mães têm uma espécie de intuição, uma ligação com seus filhos que nunca se perde.

Sam grunhiu.

— De qualquer modo, eu sempre ouvi falar nisso — ela continuou. — Eu li em algum lugar recentemente que as mães e os bebês podem identificar uns aos outros apenas pelo cheiro. Não é incrível?

— Então, o que está sugerindo? — ele quis saber. — Quer que minha mãe dê uma boa farejada nessa garota para ver se ela é Lisa?

Caramba, Bee, não somos um bando de lobos. — Ele subiu na cama recém-feita e apagou a luz em sua mesinha. A luz de cabeceira do lado de Phoebe havia sido feita em pedaços durante a luta de Lisa com Teilo. Ela a substituíra por uma velha luminária de metal que estava no escritório.

— Não é isso que estou dizendo! Lisa era seu bebê. Sua única filha. Elas devem ter tido uma forte ligação. Assim como aconteceria com você, se fosse de seu filho que estivéssemos falando.

Como ela podia ser tão covarde? O bebê não era apenas dela, também era de Sam. Ele tinha de saber a verdade. Especialmente agora. Se Teilo havia pegado o bebê de Lisa, não viria atrás do bebê deles também?

É agora ou nunca, disse a si mesma.

— Sam, eu...

— Mas eu não quero filhos — ele lhe disse. — Nunca terei filhos. — Seus olhos estavam fechados, o rosto tranquilo.

Phoebe cerrou os punhos.

— Nunca? — a palavra escapou alta e firme.

— Não é algo que eu tenha desejado — a voz de Sam estava sonolenta, à deriva. — Simplesmente não acho que vá acontecer, Bee.

E, naquele momento, ela pensou ter sentido o minúsculo bebê mexer-se dentro dela, dar um pontapé de protesto, golpeando as paredes do seu útero, para dizer, *Goste ou não, eu estou aqui*.

— Não consegue dormir? — Evie perguntou. Ela estava na cozinha, esquentando leite no fogão, adoçando-o com mel.

Phoebe fez que não com a cabeça, segura de que, se falasse, cairia em prantos.

— Eu também não — Evie disse, sorrindo. — Mas não se preocupe. Tenho uma crença de que as melhores pessoas são insones.

— Ela polvilhou canela sobre o leite, depois apanhou duas canecas. — Experimente isto. — Evie encheu uma caneca com leite fumegante e passou para Phoebe. — É o que minha mãe sempre me dava quando eu não conseguia dormir.

Phoebe tomou um gole. Estava quente, doce e perfeito. Ela tomou outro longo gole, sentindo-o aquecê-la. Alguma vez sua mãe lhe preparara leite quente? Ela teria dado a Phoebe xarope NyQuil para ajudá-la a dormir (servindo-se ela própria de uma boa dose). Às vezes, meio Valium. Um gole de conhaque, que tinha gosto de veneno, mas a mãe lhe prometera que afastaria todos os pesadelos. Sua mãe, que passara seus últimos anos em uma repugnante unidade habitacional pública, trocando cheques de pensão por invalidez por jantares congelados, cigarros genéricos e bebida.

Às vezes, minha doçurinha, você precisa simplesmente viver. Sentir o vento no cabelo.

Pela milionésima vez naquele dia, Phoebe ficou se perguntando que tipo de mãe ela seria e se estava geneticamente programada para ser péssima nisso. Imaginou um interruptor escondido em algum lugar no fundo de seu cérebro sendo acionado no dia em que seu bebê nascesse, o interruptor “mãe maluca” herdado de sua mãe e de sua avó, junto com o cabelo ondulado e os quadris estreitos.

Santo Deus. Uma lágrima escorreu por seu nariz e pingou na caneca de leite quente.

Como ela poderia sequer considerar ficar com o bebê?

A pequena Willa ou o pequeno Jasper não tinha a menor chance.

— Phoebe? — Evie chamou, pousando gentilmente a mão em seu braço.

— Você acha que conseguiria dirigir? — Phoebe perguntou.

— Eu... não sei. Eu me lembro como fazer. Mas faz muito tempo que não dirijo. E há o pequeno detalhe: para dirigir, eu teria de sair de casa. Ir lá pra fora. — Evie gesticulou em direção à porta, a mão tremendo um pouco, como se o próprio diabo estivesse lá fora, aguardando por ela.

— Deixa pra lá — desistiu Phoebe, tocando a testa e, em seguida, pressionando-a com firmeza, massageando-a em pequenos círculos. Ela era tão ruim nisso, pedir ajuda às pessoas. Passou a vida inteira tentando não precisar da ajuda de ninguém, orgulhava-se de sua independência. — É que eu preciso de uma carona. Eu posso me virar para chegar lá, mas alguém tem que me trazer para casa e não há ninguém para quem eu possa pedir. Ninguém a quem eu queira pedir.

Tem a Franny, mas ela pode ser tão crítica.

— Phoebe, eu...

— Estou grávida. — Ela cuspiu as palavras como pedaços de metal afiados contra sua língua.

Evie respirou fundo, depois fez que sim, com o rosto calmo.

— Sam não quer um bebê — Phoebe continuou. — E, além disso, não importa. De qualquer modo, eu seria uma péssima mãe. E

eu e Sam não temos a menor chance de termos um futuro juntos. Não sei nem porque estávamos tentando. — As lágrimas corriam rápidas e incessantes e ela estava lutando para recuperar o fôlego.

— Oh, Phoebe — Evie lamentou, puxando-a para si. Evie abraçou-a firmemente, e ela chorou ainda mais, as lágrimas encharcando a camiseta de Evie no ombro.

— Bee?

Sam estava na outra ponta da cozinha, de cueca, olhando para elas, seu rosto um grande e triste ponto de interrogação.

— Por que não me contou?

Então, era assim que iria ser. Nada de jantar romântico à luz de velas e vinho. Ela praticamente podia ouvir Franny repreendendo-a, dizendo: *É por isso que você deveria ter dito a ele no momento em que descobriu.*

— Oh, Deus, me desculpe, eu tentei — Phoebe soluçou, afastando-se de Evie.
— Eu estava esperando o momento certo, mas Franny tinha razão: não existe essa coisa de momento certo.

Sam ficou ainda mais atônito.

— A Franny sabe?

Phoebe procurou se acalmar, sua respiração estava entrecortada.

— Eu deveria ter dito a você antes, eu sei. Mas as coisas têm estado tão agitadas. Tão complicadas. Estou com medo, Sam. Estou com medo de que quem pegou o bebê de Lisa vá querer o nosso também.

Sam a encarou, os olhos vidrados.

— Sam? Diga alguma coisa.

— Você se lembra, não é? — Evie interferiu, fitando Sam, seus próprios olhos arregalados de pânico. — O que todos nós prometemos a Teilo?

Sam não disse coisa alguma.

— O quê? — Phoebe perguntou.

Evie pigarreou.

— Todos nós — Sammy, Lisa e eu —, cada um de nós prometeu dar o nosso filho primogênito a Teilo.

Phoebe sentiu o ar em seus pulmões escapar. Sentiu-se zonzá. O bebê dentro dela, do tamanho de uma ervilha, ela imaginou.

O primogênito de Sam.

— Você fez *o quê*? — Phoebe cobrou, reunindo todas as forças para juntar as palavras. Ela olhou suplicante para Sam. Era um olhar de “diga-me que não é verdade”, mas ele não a encarou. — Sam — ela disse, dando um passo para trás, esbarrando em uma cadeira. Ela se virou e saiu correndo da cozinha.

— Bee — ele a chamou, mas já era tarde demais.

Ela entrou no escritório, fechou a porta.

Phoebe respirou fundo.

O primogênito. Sam prometeu a Teilo seu primogênito.

Assim como Lisa havia feito.

Capítulo 31

Capítulo 31

L i s a

14 E 15 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Onde está Evie? — Sam perguntou quando Lisa o encontrou no quintal.

— Ela está... hã... trocando de roupa — disse Lisa. Ela tentou tirar da cabeça a imagem das pernas de Evie enfiadas em suas calças justas.

— O que é a coisa tão importante que você queria dizer?

— Vamos esperar por Evie.

— É sobre o papai? — Sam perguntou. — Porque se você sabe de algo, deve dizer. Tenho idade suficiente. Estou cansado de todos pensarem que não tenho idade suficiente.

— Não — respondeu Lisa. — Não é sobre o papai. Tenho uma proposta para você. Acho que vai gostar.

Evie entrou displicentemente no quintal, vestindo suas próprias roupas — o macacão largo, as grandes botas nos pés.

Ela não disse uma palavra nem fez contato visual.

Todos os três desabaram na grama alta, amassando-a, ajeitando pequenos ninhos para si próprios.

— Ok, eu sei que vocês estão ficando de saco cheio de toda essa conversa sobre fadas e buracos de porão. Sam, eu sei que você não acredita em mim. E Evie, eu sei que você quer que eu fique longe de lá.

Ambos balançaram a cabeça, concordando. Lisa não podia ver seus rostos no escuro, apenas suas silhuetas. Evie começou a arrancar a grama. Sam sentou-se perfeitamente imóvel.

Ela esperou. Sam e Evie inclinaram-se um pouco mais. Ela podia ouvi-los respirar. Grilos cantavam. Vaga-lumes piscavam.

— Então, eis a proposta. Vocês dois assinam papéis prometendo seus primogênitos a Teilo, e eu nunca mais vou mencioná-lo novamente. Vou jogar os papéis no buraco de porão e esperar. Se ele não vier hoje à noite, eu desisto. Eu não vou lá embaixo, não vou mais levar presentes, eu juro que nunca mais vou falar sobre fadas novamente.

Sam riu: — Espere, *primogênito*? Quer dizer, o *primeiro filho*?

Soava tão ridículo quando Sam falava que Lisa pensou que poderia perder sua determinação. Mas ela evocou a força das fadas e respondeu calmamente, com

dignidade.

— Sim. Precisamente. Filho primogênito.

— Lisa — Evie interveio —, você está brincando, certo? Você realmente não prometeria... algo assim, nem pediria que fizéssemos isso, não é?

— Vamos lá — disse Lisa, impaciente. — O que vocês têm a perder? Nem sabemos se um de nós terá filhos algum dia... Você não acredita mesmo em nada disso, Sammy. E, Evie, se você fizer isso, eu prometo deixar para lá essa coisa toda.

Sammy e Evie ficaram em silêncio.

Lisa enfiou a mão no bolso de trás da calça jeans, tirou três pedaços de papel e canetas e os distribuiu a Sammy e Evie.

— Você tem certeza disso? — Evie perguntou, pegando a caneta dela. — Se o seu Rei das Fadas não aparecer, você não vai mais lá?

Você jura?

— Não depois de hoje à noite — prometeu Lisa.

Sam riu, preenchendo o seu papel.

— Não se esqueçam de anotar também os seus desejos. Depois, assinem.

— Devo selá-la com uma gota de sangue? — Sam debochou, dobrando seu bilhete em um aviãozinho de papel e mirando-o direto na cabeça de Lisa.

Lisa revirou os olhos.

— Então, você já se perguntou? — Evie quis saber, depois de terminar de dobrar seu papel em um pequeno e comprimido

retângulo. Ela usou a boca para colocar a tampa na caneta, deixando-a babada e nojenta.

— O quê? — Lisa não entendeu. Ela pegou o papel de Evie e a caneta, tomando cuidado para não tocar na tampa.

— Por que você? Quero dizer, sem ofensa nem nada, mas por que foi você quem ganhou os presentes e o livro? Se ele realmente é o Rei das Fadas, poderia ter qualquer garota da Terra, certo?

Lisa deu de ombros. Evie voltou para a casa. Lisa prestou atenção, mas não escutou a porta bater.

— Acho que Evie está com inveja — sugeriu Sam. — Ela quer uma chance de transar com o Rei das Fadas.

— Isso é doentio — censurou-o Lisa.

— Que nada — disse Sammy. — Doentio é vocês duas acreditarem nessa besteirada toda. Odeio dizer isso, Lisa, mas você está ficando tão maluca quanto o papai. — Então, ele também se retirou, deixando Lisa sentindo-se como se tivesse levado um soco no estômago.

Ela entrou no bosque e foi em direção a Reliance, com o coração batendo forte enquanto descia a colina e pulava o riacho, caminhando por entre as árvores esguias, sentindo o intenso cheiro de terra do bosque. Seu plano havia funcionado! Não importava o que eles pensavam: teriam a prova em breve. Ela estava indo ao

encontro do Rei das Fadas — só a ideia disso já a fazia sentir-se alegre e eufórica, leve como um balão, que precisa ser amarrado para não sair flutuando por aí.

Quando se aproximou do buraco de porão, Lisa ouviu uma voz falando e, em seguida, gritando. Ela prendeu a respiração, prestando atenção.

— Sei que pode me ouvir! Você não pertence a este lugar. Deixe Lisa em paz!

Lisa esgueirou-se mais para perto, perscrutou a escuridão, até que distinguiu uma figura de macacão e grandes botas de trabalho.

Evie. Evie sozinha. Ela devia ter dado a volta e ido para o bosque sem que Lisa percebesse.

— O que você está fazendo? — Lisa perguntou, enquanto se aproximava de Evie.

— Lisa — Evie sobressaltou-se. — Isso é um tremendo erro.

Você não entende isso agora, mas tem de confiar em mim.

— Confiar em você? — Lisa disse. — Por que eu deveria confiar em você?

Evie olhou como se tivesse levado um tapa na cara. — Porque... — ela gaguejou.

— Por que o quê? — Lisa exigiu saber.

— Há tanta coisa que eu poderia lhe contar. Tanta coisa que você desconhece. Achava que isso pudesse arruinar tudo, mas agora...

— O que eu sei é que você estava tramando com Gerald e Pinkie, contando-lhes sobre o buraco de porão — Lisa acusou-a, dando um passo atrás. — Como vou confiar em você quando contou sobre o único grande segredo que eu já lhe pedi para guardar?

Evie deu um passo à frente, lançando a Lisa um olhar suplicante.

— Eu fiz isso para protegê-la.

— Para me proteger? Contar meu maior segredo àqueles idiotas me protegeria de que forma?

— Olha, não posso explicar tudo agora. Mas eu vou. Em breve, eu prometo. Venha. Vamos dar o fora daqui... só você e eu. Vamos levar esses papéis idiotas que preenchemos e queimá-los. Eu sei onde minha mãe guarda as chaves do carro dela. Eu sei dirigir um pouco, o suficiente para nos levar para longe daqui, da colina e de Reliance. De toda essa droga.

Lisa não podia acreditar no que estava ouvindo. Evie estava realmente pedindo a ela para fugirem?

— E para onde nós iríamos? — Lisa perguntou.

— Para longe. Como aquelas meninas da história que você estava contando. Nós subimos num cavalo ou no velho Cadillac todo

ferrado da mamãe e vamos embora. Rodamos até ficar sem gasolina, até o carro quebrar, então caminhamos. Pulamos num trem. Pedimos carona. Sei lá. Apenas nos mandamos. Agora. Antes que seja tarde demais.

Lisa olhou para sua prima.

— Tarde demais?

Evie retesou a mandíbula e olhou para o chão. Ela puxou a chave no cordão para fora de sua camisa.

— Tudo isso é culpa minha. Mas eu posso acabar com isso. Eu posso nos salvar. — Evie deixou escapar uma respiração estridente com um chiado. — Tenho de lhe contar uma coisa — disse ela, baixando a cabeça, parecendo culpada.

— Olhe — Lisa interrompeu, — se é sobre hoje à noite, sobre o que eu vi no meu quarto, esqueça. Está tudo bem. Não me importo.

Você pode pegar minhas coisas emprestadas quando quiser. De verdade.

— Mas não era isso que eu...

— Não importa — Lisa lhe disse. Ela tocou Evie levemente no braço. — Esse negócio com as fadas, Evie, é importante. E é tão maravilhoso. Você entende como temos sorte? Podemos conseguir qualquer coisa que desejarmos. Talvez elas possam ajudar o papai.

Você não entende, Evie? Quero que você também faça parte disso. E, se Sammy estiver certo, se não existirem fadas e Teilo não vier, aí, eu desisto disso tudo. Prometo. — Então, ela esticou o braço e pegou a mão da prima, entrelaçando seu dedo indicador com o de Evie. — Nós somos assim — ela falou. — E nada vai nos tirar isso.

Evie assentiu.

— Agora vá — pediu Lisa, empurrando Evie gentilmente. — Volte para casa. Eu vou colocar nossos papéis lá.

Evie retornou, subindo a colina, seus pés triturando o solo debaixo dela.

Lisa foi direto para o buraco de porão e puxou os papéis do bolso. Como o dela estava por cima, olhou primeiro para ele.

Eu, Lisa Nazzaro, prometo meu primogênito a Teilo, o Rei das Fadas. Meu desejo é que um dia eu possa visitar o reino das fadas e vê-lo com meus próprios olhos.

Ela hesitou quanto a ler os outros, mas, não aguentou e os abriu, julgando que Teilo não se importaria. O de Sam era simples: *Eu, Sam Nazzaro, prometo o meu filho primogênito para as fadas. Meu verdadeiro desejo é que Lisa caia na real e pare de nos encher com toda essa besteirada de fadas.*

Devidamente anotado. Lisa dobrou-o de volta.

Então, ela abriu o de Evie.

O desejo de Evie fez com que um pequeno impulso elétrico percorresse o corpo de Lisa. Lá, com a letra bagunçada e infantil de Evie, estavam as seguintes palavras:

Eu, Eve Katherine O'Toole, prometo o meu filho primogênito a Teilo, o Rei das Fadas.

Meu desejo é o de que Lisa nunca descubra a verdade.

Agora, horas mais tarde, Lisa compreendia a verdade: o Rei das Fadas não viria

ao seu encontro. Ela aguardou no buraco de porão metade da noite com seus bilhetes, chamando pelo nome de Teilo como uma patética colegial apaixonada. Que estupidez. Ela havia feito o que tinha de fazer: prometera ao Rei das Fadas seu primogênito e até convencera os outros a fazerem o mesmo. Mas ele não viera. Talvez as fadas tivessem olhado dentro dela e decidindo que era indigna. Ela pegou um punhado de seus cabelos e os puxou com força.

— Idiota!

Talvez ela devesse ter esperado mais tempo, contudo, não conseguia mais aguentar. Cada minuto que passava apenas comprovava que Sammy estava certo. Teilo não viria. Talvez ele nem mesmo existisse.

Agora, cansada, com frio e totalmente derrotada, ela teria de voltar para casa e manter sua promessa. Tinha de encontrar uma maneira de agir como se o negócio das fadas nunca houvesse acontecido. Ela não teria permissão sequer para tocar novamente no assunto. Ou descer a colina até Reliance.

Pior ainda, teria de ficar ouvindo Sammy repetir: *Eu não disse?*

Segura de que todo mundo estava dormindo, Lisa esgueirou-se pela porta da cozinha. Estava subindo a escada quando algo a deteve.

Vozes. Ela prendeu a respiração, escutando.

Uma das vozes era de seu pai.

Mas o seu pai não falava havia mais de duas semanas.

Ela ouviu mais atentamente. Definitivamente era a voz do pai.

E mais alguém. Lisa desceu a escada na ponta dos pés, esforçando-se para ouvir através do batimento cardíaco martelando em sua cabeça.

Estaria imaginando as vozes?

Quando Lisa espiou pelo canto da cozinha, viu que não era sua imaginação. Evie estava lá, agachada no chão, conversando com seu pai na sala de estar. E ele estava respondendo.

Mas o que eles estavam falando?

E por que o pai estava conversando com Evie quando Lisa, sua própria filha, sangue de seu sangue, havia tentado fazê-lo falar nas duas últimas semanas?

Lisa ouviu as palavras: *dela, ela, tarde demais e nunca mais*. Então, ela ouviu, nitidamente, Evie dizer as palavras: — Por favor, papai.

A luz da cozinha se acendeu.

— Lisa?

Ela se virou para ver tia Hazel em sua gasta camisola de flanela.

Seu cabelo estava desganhado e ela cheirava a conhaque.

— São quase três da manhã — disse ela. — O que você está fazendo?

Lisa não conseguiu pensar rápido o suficiente para responder.

Sua cabeça girava.

Papai. Evie tinha chamado seu pai de papai.

Hazel passou por Lisa, deixando um rastro de cheiro de conhaque, e acendeu a

luz da sala. Evie estava escondida atrás da cadeira, mas Hazel a flagrou instantaneamente.

— O que está acontecendo aqui, Evie?

As bochechas de Evie enrubesceram.

Em seguida, Hazel olhou para o sofá.

— Dave?

Mas o pai de Lisa não estava mais no sofá. Havia apenas um travesseiro molhado e uma manta de algodão revirada cobrindo a grande marca na almofada onde seu corpo havia estado nas últimas três semanas. Lisa seguiu Hazel da sala até o escritório. Seu pai estava sentado na mesa, com o telefone na mão.

— Com quem você está falando, Dave? — Hazel quis saber, correndo para o aposento. Ela apanhou o telefone da mão dele, disse “Alô? Tem alguém aí?” e, então, sacudiu a cabeça negativamente e desligou.

— Precisamos colocá-lo de volta na cama, Dave. E vocês, crianças, já para cima, agora! — Hazel apontou para a escada com a mão trêmula.

— Evie?

Assim que retornaram para o quarto, Evie tinha desligado as luzes e se arrastado até seu saco de dormir. Lisa foi para a cama, mas sabia que não seria capaz de dormir.

— Sim? — respondeu Evie. Ela era apenas uma voz desencarnada na escuridão do quarto de Lisa. Uma voz vinda lá de baixo.

Lisa lutou para manter seus pensamentos em ordem.

— Ouvi você agora há pouco — revelou Lisa. — Ouvi você chamar meu pai de papai.

Evie ficou em silêncio por um momento.

— Sabe por quê? — ela falou, afinal. — Porque ele pensou que eu fosse você. Você sabe como ele está confuso por causa de todos os medicamentos que está tomando.

— O que você disse a ele? — Lisa perguntou.

— Nada — respondeu Evie.

Lisa virou-se de frente para a parede, sua mente a mil.

— Pelo jeito, o seu Rei das Fadas não apareceu... — Evie comentou.

— Não — murmurou Lisa.

— Então, você vai desistir disso tudo? Conforme prometeu? Lisa fez que sim com a cabeça, no escuro, e falou, apesar do nó na garganta: — Conforme prometi.

Lisa acordou de manhã ao som de sinos, não o leve tilintar das fadas, mas algo muito mais sinistro. Soando, estridente, um gemido alto e contínuo, cada vez mais ensurdecedor. Um enorme redemoinho de som. Uma sirene. Ela cambaleou da cama até a janela, tropeçando em Evie em seu saco de dormir.

— Que foi? — Evie gritou, sentando-se. Então, ela ouviu o som e arrastou-se para fora do saco de dormir, juntando-se a Lisa na janela.

Lá fora, tudo parecia nublado à luz da manhã. Dois homens estavam carregando seu pai em uma maca para dentro da ambulância.

Os olhos dele estavam fechados. Uma máscara de oxigênio cobria-lhe o nariz e a boca. A mãe de Lisa foi com ele. Ela ainda estava com seu pijama, o que era mau sinal. Sua mãe nunca sairia de casa de pijama.

Tia Hazel estava voltando para dentro, com o rosto rígido como o de uma estátua.

DIGA LÁ, COLEGUINHA

De *O Livro das Fadas*: Se você deseja passar para o reino das fadas, isso precisa ser feito na véspera do Solstício de Verão.

Por pelo menos três dias antes, não ingira alimentos sólidos. Beba somente água adoçada com mel e chá feito com flores e folhas de dedaleira.

Na véspera do Solstício de Verão, entre sem companhia no bosque, perto da meia-noite. Não leve coisa alguma com você. Não diga a ninguém que está indo embora.

Fique dentro de um círculo de treze pedras, feche os olhos e chame o Rei das Fadas. Diga-lhe que está pronta e que vai de bom grado. Então, espere ele pegar sua mão.

Capítulo 32

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Ela estava de volta à sua cama infantil com a cabeceira de madeira branca. *As camas são como barcos*, estava pensando, sorrindo, enquanto navegava orientando-se pelos adesivos de estrelas que brilham no escuro colados em seu teto. A cama estava se movendo, balançando sobre as ondas. Pouco a pouco, com horror, ocorreu-lhe que não era o oceano que fazia sua cama balançar. Era algo embaixo dela tentando sair: empurrando, batendo, arranhando, tentando sair pelo alçapão debaixo da cama onde ela empilhara livros, brinquedos e malas cheias de roupas, pensando que isso poderia mantê-la segura.

Por fim, a coisa conseguiu passar pelo alçapão. Uma sombra deslizou para o canto do quarto e, depois, veio em direção a ela. Não produzia som.

Ela quis correr, mas suas pernas estavam congeladas no lugar, as cobertas pesadas como chumbo. Quando a figura se aproximou e ergueu a cabeça, ela viu que era Sam.

— Droga! — ela gritou, sentando-se no colchão inflável, semiesvaziado e deparou-se com um fecho de luz do sol que penetrava pela janela.

Em casa. Ela estava em casa. Não em sua própria cama sob o olhar atento da coruja, mas no chão do escritório.

Duas vezes droga.

Ela repassou os acontecimentos da noite anterior em sua mente e sentiu-se mal do estômago.

Apertando os olhos para o relógio, o coração ainda acelerado devido ao pesadelo, viu que passava um pouco das oito. Sam estava zanzando na cozinha preparando o café. A água corria; o moedor zumbia. Ouvindo o ruído do telefone sem fio que estava sendo teclado, poucos minutos depois, ela abriu a porta do escritório, ouviu com atenção e percebeu imediatamente que ele estava falando com o chefe.

— Surgiu um imprevisto — explicou. — Uma emergência na família e eu terei de me ausentar por uns dois dias. Eu ligo para você avisando, se tiver de me demorar mais. Aham. Valeu, cara.

Phoebe fechou silenciosamente a porta e esperou, prendendo a respiração, certa de que, a qualquer momento, ela o ouviria atravessando o corredor e batendo

suavemente na porta. Talvez até levasse uma xícara de café para ela. Eles conversariam sobre o bebê.

Ele diria que estava arrependido. E prometeria que protegeria a ela e ao bebê.

Exatamente como esperava, ela ouviu os passos de Sam indo da cozinha para o *hall*. Então, ele parou e pegou as chaves, que tilintaram em sua mão. Ele hesitou por um momento, a menos de um metro da porta dela e, em seguida, virou-se e caminhou para o outro lado.

— Sam? — ela chamou, mas ele pareceu não ouvir.

Ela não podia acreditar que Sam simplesmente iria deixá-la assim.

E se não estava indo para o trabalho, aonde ele estava indo?

Phoebe vestiu a calça jeans e as botas verdes, passou a mão pelos cabelos despenteados, e correu para o corredor. Sam deu a partida na caminhonete.

Phoebe pegou a bolsa e as chaves.

— Aonde você vai tão cedo? — Evie perguntou da sala de estar, ainda encapsulada nos cobertores, deitada no sofá.

Tudo que Phoebe podia ver dela era o rosto, com seus enormes olhos escuros. E a corrente com a chave, por cima das cobertas.

— Descobrir o que diabos Sam pretende fazer — Phoebe disse, correndo em direção à porta da frente.

Evie assentiu. — Tenha cuidado — disse ela, e Phoebe sentiu um calafrio.

No início, ela teve certeza de que o havia perdido de vista.

Sabia que ele entrara à esquerda, na Lang Street, mas ele virara na River ou à direita? Ela olhou para a direita e não viu sinal da caminhonete dele. A estrada para a esquerda fazia uma curva acentuada, por isso, era impossível ver muito longe. Ela resolveu arriscar, virou à esquerda, e logo o avistou.

Manteve distância, certificando-se sempre de que houvesse pelo menos dois carros entre eles. Quando deixaram a cidade, ficou mais difícil, porque o tráfego diminuiu. Ele estava indo em direção à floresta estadual. Poderia estar indo buscar Lisa, talvez, para levá-la a Barre sozinho, agora. Ele pegou a Harrington Road, que o afastava do endereço de Franny e Jim e o levava ao coração da floresta estadual, com sua vasta rede de trilhas para caminhadas. Onde diabos ele estava indo? Não havia coisa alguma naquela direção. Nada, nada e mais nada. Phoebe pisou o freio, perguntando-se se deveria continuar a segui-lo. Não havia carros entre eles agora. Talvez ele fosse fazer uma caminhada de improviso para esvaziar a cabeça. Isso seria uma coisa típica de Sam.

Entretanto, ultimamente Sam não vinha agindo como ele próprio, vinha?

Ela moveu o pé do freio para o acelerador e prosseguiu lentamente atrás dele.

Passaram por uma pequena lagoa, um bosque de bordos-açucareiros e uma fazenda de cultivo de pinheirinhos de Natal. A estrada se retorcia e mudava de direção como uma serpente embriagada. Phoebe agarrava-se ao volante, cravando-lhe as unhas. De vez em quando, ela distinguia ao longe as lanternas traseiras dele e

diminuía a velocidade. Pelo menos, não o tinha perdido de vista ainda.

Se ele virasse numa estrada secundária ou entrada de garagem, Phoebe não teria como saber. Cada vez que ela passava por uma dessas, ela pisava no freio, dava uma espiada e, não vendo sinal da caminhonete vermelha de Sam, continuava.

As casas eram poucas e distantes entre si. Cabanas de temporada, principalmente. Algumas habitações permanentes, para uns poucos durões.

Ela passou por um reboque em ruínas, à direita. Havia carros em cima de blocos de concreto, um tanque de óleo externo, apoiado em pernas curvadas. E havia decorações de Natal: uma fileira de luzinhas irregulares, uma bandeira esfarrapada, ilustrada com renas e um grande e brilhante cartaz de plástico na porta que dizia PAPAÍ NOEL ESTÁ CHEGANDO. Um aviso.

E, afinal de contas, Phoebe pensou, quem era Papai Noel senão o rei dos elfos? Elfos: primos-irmãos das fadas.

— Idiota — ela murmurou para si mesma. A estrada passou por um declive acentuado, depois estabilizou. Phoebe desejou estar em casa, na mesa da cozinha, bebendo uma xícara de café quente, em vez de ter se lançado naquela perseguição sem sentido. Evie poderia acordar e elas comeriam torradas de canela com montões de açúcar.

Mais à frente, ela alcançou Sam apenas o suficiente para vê-lo virar em uma estradinha lateral. Ela o seguiu, bem devagar. Passou por um caminhão de mudanças diante de uma pequena casa cinza.

Dois caras de camisetas sujas estavam colocando um sofá dentro dele.

Mais à frente, Sam estacionou sua caminhonete diante de um pequeno rancho, três casas para baixo, à esquerda. Phoebe pisou no freio, deu marcha à ré e recuou até ficar escondida pelo caminhão de mudanças.

A casa em cuja entrada de garagem Sam havia parado era afastada da estrada, escondida por um tapume plástico de um amarelo desmaiado e tinha um jardim bem cuidado. E na entrada de garagem, bem na frente da caminhonete de Sam, estava o jipe preto com placa de Massachusetts.

— Santo Deus! — disse Phoebe, esfregando os olhos como um personagem estúpido de história em quadrinhos que não consegue acreditar no que está vendo. E ela se sentia mais como um personagem de história em quadrinhos ou de um filme do que ela própria — certamente aquela não era a sua vida real, nem aquele era o seu namorado real e pai do bebê que ela carregava no ventre.

— O que o seu pai está fazendo? — ela perguntou, colocando uma mão protetora sobre a barriga.

Ela ficou ali sentada e observou num estupor atônito quando Sam se aproximou da porta da frente e bateu. A porta foi aberta pelo homem barbudo que dissera chamar-se Elliot.

Phoebe escorregou em seu assento. O falso Elliot ficou ali parado, falando com Sam, por um minuto. Então, a garota que fingiu ser Evie apareceu na porta, usando

um top que deixava a barriga à mostra. Não havia machucado nem bandagem no local. Ela estava intacta e ilesa.

Sam parecia agitado. Quanto mais ele falava, mais alto seu tom de voz se tornava. Phoebe baixou o vidro da janela totalmente, esforçando-se para ouvir.

Ela pegou Sam dizendo “bebê”. Elliot sacudiu a cabeça negativamente, esfregou o rosto preocupado. Em seguida, a falsa Evie disse algo que Phoebe não conseguiu ouvir.

Ela não podia se arriscar a chegar mais perto. Elliot sacudiu a cabeça e disse algo que fez Sam relaxar. Então, alguns segundos depois, Sam estava rindo.

Ela tinha de fazer alguma coisa. Chamar alguém. Mas, quem? A polícia... não, ela pareceria uma completa maluca. Como poderia explicar? Sam estava envolvido; envolvido no que, exatamente, ela não saberia dizer.

Phoebe pegou o telefone e teclou o número de casa. Evie atendeu.

— Você não vai acreditar com quem Sam está falando neste exato momento — disse ela.

— Com quem? — Evie perguntou, parecendo meio sonolenta.

— Com os falsos Evie e Elliot! Ele dirigiu direto até a maldita casa deles e todos estão conversando como velhos amigos. A moça está usando um top curto, expondo a barriga totalmente perfeita, sem uma

marca. Droga! Ele acabou de entrar na casa com eles. Que diabos está acontecendo, Evie? Quem são essas pessoas?

Evie ficou em silêncio por um minuto.

— Eu acho melhor você sair daí — ela disse, parecendo subitamente acordada para valer. — Não deixe que eles a vejam. Saia daí e volte para casa. Nós vamos nos sentar, conversar e descobrir o que fazer a seguir. Está bem?

— Está bem, mas, antes, preciso fazer uma parada. Quero verificar como está a Lisa e dizer a Franny para não deixar Sam e seu alegre bando de capangas chegarem perto dela.

— Mas como Sam poderia estar envolvido no que aconteceu com Lisa? — Franny perguntou. — É da própria irmã dele que estamos falando. E de seu bebê!

Elas estavam sentadas na mesa da cozinha de Franny, bebericando chá de jasmim com mel em pesadas canecas de cerâmica.

Lisa estava no quintal, colhendo morangos com Jim. Phoebe podia vê-los através da janela da cozinha. Lisa estava vestindo um macacão e uma camiseta. Ela parecia perdida nas roupas de Franny, e estava pálida como um vampiro. Como uma mulher que era só pele e osso podia dar à luz um bebê? Phoebe não conseguia acreditar que ele pudesse ter nascido saudável. Ela imaginou o bebê em algum lugar lá fora, naquele momento, desnutrido, doente, precisando de cuidados médicos.

— Eu não sei — admitiu Phoebe. — Nada disso faz sentido. Eu não posso acreditar que ele estava envolvido com o que aconteceu na cabana, quero dizer, qual seria o objetivo de tudo isso? Parece uma encenação trabalhosa demais para ser

montada apenas para mim. E quando eu penso, por um segundo que seja, que ele pode ter tido algo a ver com o sequestro do bebê de Lisa... Sua voz falhou e ela piscou para conter as lágrimas. — Ele não disse coisa alguma quando descobriu que eu estava grávida, Franny. E, então, eu descobro que ele

prometeu seu primogênito para as fadas! Que outros segredos ele está escondendo?

— Eu conheço o Sam praticamente a minha vida inteira, Bee — Franny disse, colocando a mão no braço de Phoebe para confortá-la. — Ele nunca colocaria uma criança em perigo, nem a dele nem a de qualquer outra pessoa. A ideia de ele estar envolvido em alguma conspiração louca e criminosamente simplesmente não se encaixa. Mas, obviamente, ele sabe mais do que está deixando transparecer, certo?

Phoebe confirmou com a cabeça e tomou um gole de chá.

Parecia incrível a maneira como sua vida havia virado de pernas para o ar naqueles últimos dias. Que o amor de sua vida, o cara que chorara com a morte da coruja ferida, houvesse se tornado um dos vilões.

— Ele pode estar nisso mais fundo do que eu imaginava — disse ela. — Quando conversei com Becca, ela disse que, se eu quisesse saber o que realmente aconteceu com Lisa, deveria perguntar a Sam o que ele viu no bosque naquela noite, e como ele conseguiu a cicatriz em seu peito. Então, ele estava lá! E viu o que aconteceu. Droga, ele pode até ter tomado parte naquilo!

Franny bateu sua caneca na mesa e levantou-se rapidamente, pegando a mão de Phoebe.

— Venha — disse ela.

— Aonde vamos? — Phoebe perguntou, derramando chá na parte da frente de sua blusa quando se levantou apressada.

— Becca sabia que Sam estava na floresta naquela noite.

— Sim, mas e daí?

— O que significa que ela também deve ter estado lá.

Capítulo 33

L i s a

15 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Este é o pior dia da minha vida e ponto final. “Regras são regras.”

Evie sorriu.

— Você quis dizer isso mesmo? Não é uma espécie de trocadilho ou algo assim?

Lisa jogou um travesseiro para baixo, para acertar em Evie, que brincou: — Errou.

Elas estavam no quarto de Lisa, com a porta trancada.

— O que está acontecendo aí dentro? — Sammy perguntou, batendo na porta.

— Papo de garota — Evie disse. — Caia fora.

— Você souberam de mais alguma coisa? — Sammy perguntou, através da porta. — Pela mamãe ou a tia Hazel?

— Hum, você pode ouvir o telefone tocar tanto quanto nós, certo? — Evie disse. — Por que você não espera por elas na calçada?

Lisa virou-se e olhou para o relógio. Eram quase quatro da tarde.

A única notícia que tinham recebido até então fora um telefonema da mãe, naquela manhã, dizendo que o pai estava em coma. Ele havia tomado uma quantidade maior de comprimidos dessa vez.

— Mas ele vai ficar bem, não é? — Lisa perguntara.

Houve uma longa pausa.

— Não temos certeza — sua mãe havia respondido.

— Eu quero vê-lo!

— Você não pode, querida. Ele está em tratamento intensivo.

Não permitem a entrada de ninguém com menos de 16 anos.

— Mas, eu...

— Regras são regras, meu amor. Vou ligar novamente quando houver novidades.

Evie passou a manhã sozinha no andar de cima, enquanto Sam e Lisa jogaram uma partida atrás da outra de buraco. Evie desceu e preparou para todos eles sanduíches de atum na chapa, mas deixou-os queimar. Lisa não conseguiu dar uma única mordida.

— Ora, vamos — Evie disse. — Eu sei que minha comida é uma porcaria, mas

você precisa comer.

— Estou com dor de estômago — disse Lisa, com o abdome torcendo-se em cólicas.

Mais tarde, quando foi ao banheiro, encontrou manchas marrons na calcinha.

— Eu acho que há algo errado comigo — ela contou para Evie.

— Não, sua boba — Evie a tranquilizara. — Suas regras vieram.

— Minhas regras? Mas o sangue não deveria ser vermelho? — Não era assim que aquilo deveria acontecer. Sua mãe tinha de estar lá, dando-lhe boas-vindas à condição de mulher. E ela deveria se sentir como uma mulher — não como uma criança impotente que não pode sequer ir visitar o pai no hospital. Sentiu uma cólica mais forte e se inclinou para a frente, fazendo uma careta. Ninguém lhe dissera que iria doer daquele jeito.

— Confie em mim — Evie disse. Então, remexeu no armário do banheiro e encontrou uma caixa de absorventes. — Coloque uma calcinha limpa e prenda um desses nela. Em seguida, tome três analgésicos.

Depois, elas se trancaram no quarto de Lisa e Evie revelou que havia menstruado pela primeira vez quase um ano antes.

— Mas como você não me contou uma coisa dessas? — Lisa perguntou.

Evie deu de ombros.

— Talvez haja muitas outras coisas que eu não lhe contei.

— Como o quê?

— Esqueça isso. — Evie desviou os olhos. — Vamos ver o que Sammy está aprontando, hein? — ela se levantou e abriu a porta.

— Evie?

Evie parou com a mão na maçaneta.

— Há algo que eu quero lhe mostrar. Algo que eu encontrei no quarto da sua mãe. — Lisa foi até a sua estante e puxou o dicionário. A antiga foto do pai e Hazel estava exatamente onde a escondera. Depois de amassá-la, ela não fora capaz de jogá-la fora. Então, alisou a foto e a guardou entre os verbetes começados pela letra “I”.

Inconveniente.

Infelicidade.

Infortúnio.

Ela estendeu a fotografia para Evie.

— Isso é parte do segredo? — ela perguntou. — Sua mãe e meu pai, houve uma época em que eles estiveram juntos, não é? Ele é seu pai também?

Evie pegou a foto e olhou para ela, seus olhos castanhos ainda mais sombrios.

— Você não deveria ter bisbilhotado o quarto dela! — disse.

— Mas, é verdade, não é? — Lisa perguntou. — Nós somos irmãs, não é isso?

A porta foi empurrada e aberta.

— Sammy! — Lisa rosou, virando-se para ver que não era Sam, mas sua mãe que atravessava a porta. Os olhos da mãe estavam vermelhos e inchados, com olheiras debaixo deles.

— Você está de volta! O que aconteceu? Como está o papai?

Não diga que ele está morto. Por favor, Deus, não deixe que ele esteja morto.

— Nenhuma alteração no estado dele — respondeu a mãe. — Eles disseram que ligariam se houvesse qualquer novidade. — Então, seus olhos foram para a foto que Evie segurava.

— Onde você conseguiu isso? — a mãe de Lisa sibilou.

— Com Lisa — Evie respondeu.

— Dê para mim — Phyllis exigiu, pegando a foto da mão de Evie e rasgando-a ali mesmo, na frente delas. — O que está feito está feito — disse ela, olhando para Evie com um olhar venenoso.

— As regras de Lisa vieram — disse Evie.

Phyllis olhou para Evie como se ela a houvesse esbofeteado.

— O quê? — disse ela, estudando Lisa. — Isso é verdade? — Lisa confirmou com a cabeça. Ela não tinha certeza do que esperar: um pouco de sabedoria materna, um abraço, ou, talvez, algo do tipo “agora você é uma mulher, parabéns”. Mas o rosto de sua mãe apenas ficou mais pálido. Então, ela engoliu em seco, sorriu e disse: — Vocês duas vão lá para baixo agora. Ou saiam de casa para pegar um pouco de ar puro. Sam disse que vocês ficaram trancadas aqui por horas.

Eles jogaram uma nova partida de buraco enquanto Hazel preparava macarrão com atum.

— Tivemos atum no almoço — Evie choramingou.

— Bem, então parece que terão novamente, não é? — Hazel disse. — Alguém viu a sopa de creme de aipo?

— Não — eles responderam em uníssono.

— E os biscoitos — disse Hazel. — Acabei de comprar um pacote novo em folha de um desses de chocolate e manteiga de amendoim que você tanto adora, Sammy. Não me diga que você comeu todo o saco!

Sam sacudiu a cabeça negativamente.

— Eu nem cheguei a vê-los. Pergunte à Lisa. Talvez ela tenha levado tudo para o Rei das Fadas dela.

Lisa o fuzilou com o olhar por cima da mesa. Ela cumprira sua parte do trato. Não mencionara as fadas durante o dia todo. E agora ali estava ele, dando com a língua nos dentes.

— O quê? — Hazel perguntou, virando-se no balcão para encará-los.

— Ela está deixando todo tipo de guloseimas para ele.

Refrigerantes e biscoitos. E ele deixa coisas também, certo, Lisa?

Mostre a sua pulseira de balangandãs. Conte a ela sobre o livro.

— Livro? — o rosto de Hazel ficou todo franzido. — Que livro?

ela olhou diretamente para Evie, quando disse isso. Evie desviou os olhos.

— *O Livro das Fadas*. Tem todo tipo de coisas birutas nele.

Obviamente, ela mesma o fabricou. Rei das Fadas uma ova! — Sammy disse.

Algo dentro de Hazel se partiu. Lisa quase pôde ouvir um som de estalo encher a cozinha.

— Basta! Nós não falamos assim à mesa. Vá para o seu quarto!

— Mas, eu...

— Agora! — ela rosnou. — E Evie, você também. Eu quero falar com Lisa a sós.

Sam foi para cima e Evie esgueirou-se para fora de casa.

— Você tem algumas explicações a dar — disse tia Hazel, quando ela e Lisa já estavam sozinhas. Hazel aproximou seu rosto ao da sobrinha, seu bafo de bebida quase colocando Lisa a nocaute. — Que história é essa de livro de fadas? — os olhos de Hazel estavam injetados e frenéticos.

— Não é nada — disse Lisa, encolhendo. — É... é uma história que inventei.

Hazel deu um passo instável para trás, sacudindo a cabeça de um jeito que queria dizer “eu não acredito em você”.

Hazel estendeu a mão, agarrou o pulso de Lisa, examinou a pulseira.

— Diga a verdade, droga! — ela estava torcendo o pulso de Lisa, tão forte que trouxe lágrimas aos olhos da menina.

Lisa sacudiu a cabeça com firmeza e tentou se desvencilhar, mas Hazel segurava-a forte.

— Eu inventei tudo. Juro. Fui eu mesma que deixei os presentes lá.

Hazel largou o pulso de Lisa. Sua boca se movia como se ela estivesse dizendo alguma coisa, mas as palavras não saíam.

Lisa lentamente se afastou de Hazel e foi procurar Sammy, mas ele não estava em seu quarto. Quando ela ia saindo de lá, ouviu a mãe e Hazel tendo uma de suas discussões sussurradas. Lisa desceu a escada sorrateiramente, tentando escutar. Tudo o que ela pegou foi o final. Sua mãe dizendo: — Simplesmente vá. Agora!

E Hazel agarrou sua bolsa volumosa, repleta de lenços de papel, romances e cupons vencidos, entrou em seu carro e saiu cantando pneus.

— Mãe? — Lisa chamou. Phyllis estava no fogão, fazendo chá.

— Está tudo bem?

Sua mãe lançou-lhe um olhar vago, como se seus olhos não estivessem focados em coisa alguma.

— Tudo bem — disse ela, finalmente, forçando um sorriso doloroso.

Hazel voltou no exato momento em que eles estavam se sentando para jantar. Sammy estava enchendo o prato de macarrão com atum. Lisa serviu-se apenas de um pouco de salada. Evie não tinha aparecido ainda, ninguém a tinha visto a tarde toda.

— E então? — Phyllis disse, olhando para a irmã.

Hazel sacudiu a cabeça e, em seguida, preparou para si um copo cheio de leite e conhaque, ignorando completamente o macarrão

com atum. Ela foi até Phyllis e disse-lhe algo em voz baixa. Lisa, que estava sentada ao lado da mãe, pegou apenas uma palavra: *foi*.

Estaria ela falando de seu pai? Ele tinha morrido? E eles ali, comendo um macarrão com atum idiota?

Hazel tomou um lugar à mesa e envolveu sua bebida com as mãos. Elas tremiam cada vez que ela tomava um gole.

— Souberam mais alguma coisa sobre o papai? — Sammy perguntou. — Vocês vão voltar para o hospital?

Nem Phyllis nem Hazel respondeu. Ambas olhavam para o vazio.

— Alguém deveria ficar lá — disse Sam. — Sabe? No caso de ele acordar ou algo assim.

Ou morrer, Lisa pensou, odiando-se por isso.

Ele não está morto, ele não está morto, ele não está morto, Lisa disse a si mesma, concentrando-se com toda a sua força. Imaginou que ele estava voltando para casa do hospital, dando-lhe um grande abraço, dizendo:

— Oi, Pé de Feijão.

— Eu vou voltar para o hospital mais tarde — disse Phyllis, remexendo a comida no prato. Hazel continuava a tomar o seu drinque lácteo. Ninguém falava. Havia apenas o som de garfos raspando os pratos.

Evie irrompeu pela porta da cozinha, com a mochila no ombro.

Seu rosto estava vermelho e suado, e seu peito chiava.

— Você! — Phyllis rosnou, saltando da mesa e caminhando na direção de Evie. Em voz baixa, ela sussurrou: — O que você fez?

Lisa prendeu a respiração, esperando. Em que apuros Evie se metera dessa vez?

— Sinto muito — disse Evie. — Eu não sabia que isso iria acontecer.

A mãe de Lisa inclinou-se e sussurrou algo que Lisa não entendeu.

Parecia que Evie ia chorar.

— Eu sei, mas ele prometeu...

Phyllis deu uma bofetada no rosto de Evie, tão forte que a menina perdeu o equilíbrio. Lisa se encolheu e prendeu a respiração.

Evie recuou lentamente para fora da cozinha, de cabeça baixa, soluçando. Quando chegou à porta, ela se virou e correu.

Capítulo 34

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Como você sabe que ela vai estar mesmo aqui? — Phoebe perguntou, enquanto elas entravam no estacionamento do Price Chopper.

— Eu não sei — Franny disse. — Mas, se ela não estiver, eu aposto que faço alguém lá dentro me dizer como entrar em contato com ela. Vou jogar a conversa de parentes que não se veem há muito tempo. — Phoebe já tinha visto Franny em ação e sabia que os funcionários do Price Chopper não teriam chance.

Elas foram andando e passaram por fileiras de carrinhos de compras, através das portas automáticas e pelo vestíbulo cheio de máquinas automáticas de chiclete colorido e do jogo da garra, com seus bichos de pelúcia feios e bijuterias de plástico. Aquilo fez Phoebe se lembrar de seu trabalho no Casquinha Maluca, quando ela tinha 20 anos; o constante bipe mecânico e a música dos videogames, as crianças que entravam na loja, com os bolsos pesados de moedas de 25 centavos, esperando uma pontuação elevada ou o maior e melhor prêmio nas máquinas.

— Lá está ela — Franny disse, abrindo caminho em direção ao departamento de floricultura, passando pela vitrine de pães de canela recémassados. Uma mulher com blusa verde estava aparando as hastes das rosas. Ela levantou o rosto e Phoebe inspirou agudamente e agarrou Franny pela manga, fazendo-a voltar.

— O que foi?

— Aquela é Amy Pelletier, a garota da floresta! Aquela que se disfarçou de velha e correu nua pelo campo de golfe. — Ela puxou o braço de Franny, arrastou-a para fora da loja.

— Tem certeza? — Franny perguntou, detendo-se nas fileiras de carrinhos de compras de plástico verde do lado de fora, na calçada.

Elas não se afastaram o suficiente e a porta automática continuou abrindo e fechando com um zumbido furioso.

— Tenho sim!

Franny fez a careta que sempre fazia quando ela estava matutando. Um casal de idosos passou por elas e entrou na loja.

Depois, foi a vez de uma mulher com um bebê vestido num macacãozinho cor-de-rosa com estampa de porquinhos, arrematada por um focinho costurado no capuz.

— Vamos — Franny disse finalmente, virando-se para voltar para a loja.

— O que está fazendo? — a voz de Phoebe estava frenética.

Becca era apenas uma garota, mas sua performance na cabana a fazia parecer... sobrenatural. Uma verdadeira metamorfa. Alguém que podia transmutar-se de velha para jovem, que podia esfaquear alguém com um saca-rolhas sem feri-lo. Quem saberia dizer do que mais ela era capaz?

— Você quer descobrir o que está acontecendo aqui ou não?

— Quero, mas o que a faz pensar que ela vai querer conversar conosco? — Phoebe perguntou.

— Ah, ela vai falar. Se não falar, vamos armar o maior barraco.

Se ela quiser manter seu emprego, irá cooperar.

Phoebe seguiu Franny pela loja até a floricultura. Ao avistá-las, Becca imediatamente largou o afiado podador e tirou o avental. Falou brevemente com uma mulher mais velha atrás do balcão e, depois, caminhou direto para elas.

— Vamos lá para fora — sugeriu Becca. — Estou precisando de um cigarro.

No primeiro minuto, elas apenas se entreolharam, ninguém sabia como começar. Becca dava fortes e demoradas tragadas em seu Marlboro Light.

— Eu não entendo — Phoebe cortou o silêncio. — Como Sam não a reconheceu?

Becca sorriu.

— Faz muito tempo. Nossa família mudou-se para Massachusetts alguns meses depois que Lisa desapareceu. Você reconheceria a versão adulta de um garoto que conhecia quando vocês tinham 10 anos?

Phoebe ficou em silêncio, tentando se lembrar das crianças que ela tinha conhecido na época. Nunca tivera amigos próximos, nem mesmo alguém que houvesse convidado para ir à sua casa. Havia meninas com quem ela falava na escola, garotas com quem fazia dupla nas aulas de ginástica e nos projetos de ciência, mas ninguém especial.

Agora, já nem se lembrava de seus rostos ou nomes.

— Bem, eu quase não a reconheci — Franny admitiu. — E você e eu fomos boas amigas durante um tempo naquela época. Se não fosse por seu crachá, eu nem teria motivo para me aproximar e perguntar.

Becca balançou a cabeça, concordando.

— Então, quando você voltou para Vermont? — Franny perguntou.

— Depois que terminei o colégio. Mudei para Burlington, servia mesas lá. Eu meio que fiquei longe de toda esta área, muitas lembranças ruins. Mas eles me encontraram. *Ele* me encontrou.

— Ele? — Franny não entendeu.

— Você não pode fugir do Homem das Sombras.

Um arrepio penetrante percorreu o pescoço de Phoebe. Ela inspirou o ar com força e exalou lentamente.

— Homem das Sombras? Acho que já vi esse filme. Ele era um super-herói

justiceiro, certo?(19) Cheio de cicatrizes e atormentado. Ou talvez você esteja falando sobre Johnny Cash, o “Man in Black” (20)? — Franny riu, mas as outras duas não. — Não? Então, do que estamos falando, do diabo ou algo assim?

Becca balançou a cabeça.

— Você não entende.

— Conte-me sobre o que aconteceu na cabana — Phoebe interveio. — Por que fez aquilo? E quem são os outros? Vocês todos planejaram isso junto com Sam? Há quanto tempo ele sabia?

— Opa, calma! — interrompeu Becca, segurando o cigarro com um gesto desmunhecado típico de fumante. — São muitas perguntas.

— Então comece pela primeira... a mais importante — Franny sugeriu. — Por quê?

Becca estudou a brasa na ponta de seu cigarro.

— Se você não começar a falar, iremos direto à polícia — Franny advertiu-a.

— Tenho certeza de que o policial Alfred adoraria conhecer a verdadeira Amy Pelletier — Phoebe acrescentou. — No mínimo, você teria um monte de explicações a dar. E aposto que é contra a lei apresentar identidade falsa à polícia.

— Tudo bem — Becca suspirou. — Eu vou lhe dizer o que quiser saber. Mas aí ficamos quites, tudo bem? Você não volta a me incomodar no trabalho. Não conta a ninguém que falou comigo. De acordo?

Phoebe assentiu.

— Então, de volta à primeira questão — Franny recomeçou. — Por que fez aquilo? Como você se envolveu nessa confusão?

19 No original, Dark Man. Referência a Darkman — Vingança sem rosto, filme de 1990, com Liam Neeson. (N. da T.)

20 Homem de preto, apelido pelo qual o cantor americano era conhecido. (N. da T.)

— Porque Teilo me pediu. — Becca jogou o cigarro em um cinzeiro próximo ao prédio, que já estava transbordando de bitucas.

— Teilo? — Franny disse.

Becca confirmou com a cabeça.

— O Rei das Fadas. Ele entra em contato comigo às vezes. Me pede favores. Na verdade, não exatamente pede, porque ninguém nunca diz não. É por isso que acabei me mudando para cá, pegando esta porcaria de trabalho. Ele me queria por perto. — Ela acendeu outro cigarro com um isqueiro Bic cor-de-rosa, o último vestígio de seu antigo apelido.

— Como é que ele entra em contato com você? — Franny quis saber.

Os olhos de Becca correram pelo estacionamento. Ela baixou a voz.

— Ele me deixa bilhetes. Me liga no celular.

— Do reino das fadas? — Franny perguntou, erguendo a voz.

— É um interurbano ou o quê?

— Eu não espero que você entenda — Becca respondeu, sua voz de desprezo.

— Ele transita entre os mundos. Às vezes, em forma humana. Às vezes, ele vem em sonhos. Ou como um animal. Ele é um homem mágico.

— Como ele é na forma humana? — Phoebe perguntou.

— Alto. Cabelo escuro. Tem seis dedos em cada mão.

— Bem, *isso* é um diferencial — Franny disse. Phoebe olhou feio para ela.

— E seu rosto? — Phoebe interrogou.

— Ele sempre usa uma máscara. Se um ser humano olha para o verdadeiro rosto de uma fada, enlouquece.

— Mas que conveniente! — ironizou Franny.

— Os outros na cabana, a Evie e o Elliot falsos, quem eram eles?

— Phoebe quis saber.

Becca tragou seu cigarro, segurou a fumaça em seus pulmões, e fechou os olhos. Então, exalou e entreabriu os olhos observando Phoebe.

— Você vai deixá-los fora disso, certo? Se eu lhe contar, você não vai sair procurando por eles?

— Não se você me explicar tudo — prometeu Phoebe.

— Era meu irmão, Gerald, e a namorada dele, Trish.

— Então, por que, exatamente, você participou de toda aquela encenação na cabana? — Franny perguntou.

Becca olhou ao redor, nervosa.

— Foi tudo plano de Teilo. Ele me disse o que fazer. Disse que tínhamos de pegar todas as suas coisas, especialmente o antigo *Livro das Fadas*. Fazer parecer que vocês nunca estiveram lá. Fazer vocês acharem que estavam enlouquecendo.

— E quem era o velho?

— Só o dono da cabana. Alguém que Gerald conhecia do trabalho ou algo assim. Nós lhe demos quinhentos dólares, dissemos que estávamos fazendo uma pegadinha em alguns velhos amigos, e ele concordou em participar.

— Gerald e a namorada, Teilo entra em contato com eles também, para pedir-lhes favores? — Phoebe perguntou.

— Não — Becca disse com firmeza. — Eu, sim. Eles estão todos envolvidos nessa confusão por minha causa. Minha e de Danny.

— Danny? — Phoebe disse.

— Meu filho. Tem 5 anos. Seu tio Gerald o adora. — Ela enfiou a mão no bolso da frente e tirou um porta-níqueis de pano recheado de cartões e dinheiro. Ela procurou lá dentro e puxou uma pequena foto de um menino com cabelos escuros e sardas. — Esse é o meu rapazinho — apresentou ela, tocando a bochecha do menino como se ele realmente estivesse ali e, depois, devolveu a foto cuidadosamente para a carteira.

— Mas, e aí... você ameaçou não deixar Gerald ver Danny se ele não fizesse o que você pediu? — Franny perguntou.

Becca fez que não com a cabeça.

— Não é nada disso. Gerald e Trish fizeram isso para manter Danny a salvo. Para mantê-lo comigo.

— A salvo de quem? — Franny indagou, mas Phoebe sabia a resposta.

— Teilo. Se eu não fizer o que ele me pede, irá levar o Danny.

Eu não conseguiria viver sem meu filho. — Ela olhou suplicante para Phoebe.
— Você sabe como é, não é?

Phoebe deu um passo para trás.

— Sim, quero dizer, não. Eu não tenho filhos. Mas posso imaginar.

— O pai de Danny morreu em um acidente de bicicleta há dois anos. Danny é tudo que tenho.

— Então, deixe-me ver se entendi — Franny disse. — Algum mutante maluco de seis dedos, ladrão de crianças, cujo rosto você nunca viu, quer que você faça coisas para ele, ameaçando roubar o seu filho. E fazer o quê, levá-lo para viver em uma grande e antiga árvore com os elfos Keebler (21)?

Becca balançou a cabeça freneticamente.

— Olhe, você não entende, ok? Você não viu do que ele é capaz.

Ele tem... poderes.

— Você sabe como entrar em contato com Teilo? — Phoebe perguntou. — Onde encontrá-lo?

Becca negou com a cabeça.

— Não é assim que funciona. Teilo encontra você. Eu já lhe disse o suficiente. Já chega. Mas, no caso de você não ter entendido, você não pode se esconder. Se ainda tem algo que ele queira, você não pode vencer.

Phoebe tocou sua barriga. De maneira alguma ele iria pegar o primogênito de Sam.

— O que você sabe sobre o bebê de Lisa? — Phoebe perguntou.

21 Personagens de uma marca de biscoitos. (N. da T.)

Becca olhou para ela fixamente.

— Lisa? Ela voltou?

— Diga-nos você — Franny falou.

— Eu não vejo Lisa desde aquele verão. Entretanto, Teilo me disse que ela estava com ele. Mas, então, ela fugiu. Depois que você vive com as fadas, não pode voltar para o mundo humano. Isso é o que Teilo diz.

O telefone celular tocou na bolsa de Franny.

— Olhe, eu tenho que ir — informou Becca, atirando a bituca de seu cigarro no chão e a esmagando com o pé. — Lembre-se do nosso acordo, ok? Estamos quites.

Franny atendeu o telefone, ouviu por um minuto e, então, disse para Phoebe: — Sam está em nossa casa. Está tentando levar Lisa. — Voltando ao telefone, ela falou: — Jim? Não o deixe levá-la. Faça o que tiver de fazer. Nós estamos a caminho. — Ela jogou o telefone na bolsa, e disse: — Temos que ir rápido.

Becca estava a meio caminho de voltar para a loja, mas Phoebe foi atrás dela e colocou a mão em seu ombro, fazendo-a se virar.

— Sam realmente estava no bosque naquela noite? Quando Lisa desapareceu? — Phoebe quis saber, lembrando o que as havia levado a procurar Becca, para começo de conversa.

— Pergunte a ele — respondeu Becca.

— Vou perguntar. Mas, primeiro, estou perguntando a você — insistiu Phoebe. Becca sorriu.

— Ele estava lá. Gerald e eu fomos para o bosque porque Evie nos disse que Teilo ia abrir a passagem para o reino das fadas. Sam também estava lá. E Evie.

— E Teilo? Você o viu?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Foi a primeira vez que você o viu? — Phoebe perguntou.

— Não — disse Becca. — Gerald e eu já o tínhamos visto um monte de vezes. Evie nos disse onde encontrá-lo. Ela nos deu coisas para levarmos para ele: comida e presentes, acho que eram oferendas.

Nós as levamos para ele no bosque e ele nos dava presentes, tranqueiras como moedas antigas, uma colher de prata. Uma vez ele me deu uma bússola de brinquedo. Meu Deus, eu amava aquela coisa.

— Espere — disse Phoebe. — Evie fez isso? Ela sabia quem ele era? Onde encontrá-lo?

Becca balançou a cabeça, concordando.

— A primeira vez que o vi estava sozinha na floresta. Pensei que fosse o bicho-papão. Eu estava morrendo de medo. Então, no dia seguinte, Evie chegou para mim e explicou que não era o bicho-papão.

Ela disse para mim e para Gerald que o Rei das Fadas estava vivendo em Reliance e, não importava como, teríamos de manter aquilo em segredo. Ela nos desenhou um pequeno mapa mostrando-nos onde encontrá-lo. Encontre Evie, a verdadeira Evie, e pergunte a ela. Ela pode lhe contar tudo sobre Teilo.

Capítulo 35

P h o e b e

15 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Phyllis estava imóvel, com a mão levantada, congelada exatamente no lugar onde havia dado um tapa na bochecha esquerda de Evie. Sammy ficou olhando, olhos arregalados como uma coruja.

Phyllis nunca tinha batido em nenhum deles, nem sequer os ameaçara com uma surra. Quantas vezes ela ou o pai dissera, quando Sam, Lisa e Evie eram pequenos, intervindo sobre um brinquedo disputado: — Nesta casa não se bate. — Com calma e firmeza, um lembrete, uma declaração. E era verdade. Mesmo bêbada, tia Hazel jamais perdeu a calma.

Hazel drenou o que restava de sua bebida, depositando o copo vazio em cima da mesa com um baque. Lisa empurrou a cadeira para trás, as pernas de metal arranhando o chão de linóleo. Ela passou rapidamente por sua mãe, sem olhar para ela e saiu correndo porta afora atrás de Evie.

— Lisa! — a mãe chamou, saindo de seu transe. — Volte! — mas Lisa não obedeceu. Ela procurou no quintal e não encontrou nenhum sinal de Evie. Estava começando a escurecer. Correndo ao redor da casa até a rua, viu que sua bicicleta havia sumido, e lá, ao longe, estava Evie, pedalando em direção ao centro da cidade.

— Evie! — Lisa gritou. — Espere!

A bicicleta balançava enquanto Evie continuava em frente e pedalava cada vez mais rápido.

Lisa correu atrás dela, pulando as rachaduras na calçada, seus pés com os Nikes rosa e prata voando sobre o chão.

Evie. Pobre Evie. Como a mãe de Lisa podia ter feito uma coisa daquelas?

— Por favor! Espere! — Lisa gritou, ofegante, mas Evie estava fora do alcance de sua voz.

Evie. Sua meia-irmã. Há quanto tempo Evie sabia? Será que durante toda a sua vida soube que Dave era seu pai, assistindo enquanto ele cobria Lisa de presentes e abraços e canções engraçadas enquanto Evie, a filha não reconhecida, ficava relegada às sombras?

Meu Deus, aquilo era tão injusto! E o pai? Será que ele sabia? Como podia viver com um segredo como aquele?

Ela se lembrou do que Evie havia lhe dito lá em Cape Cod: *As coisas serão*

diferentes quando voltarmos.

Lisa não entendeu o que acontecera na cozinha, mas tinha certeza de que era alguma coisa envolvendo o pai.

As perguntas empilhavam-se em sua cabeça, enquanto ela corria mais rápido, mais decidida. Logo à frente, viu um grupo de crianças do lado de fora da mercearia. Estavam reunidas na varanda, tomando sorvete e bebendo refrigerante. E Evie estava no centro delas, segurando algo nas mãos. A bicicleta de Lisa estava encostada na parede do prédio, os raios das rodas reluzindo debaixo das brilhantes lâmpadas que iluminavam a frente da mercearia. Atrás das crianças, um mata-mosquitos elétrico azul atraía os insetos, exterminando-os com um horrível chiadinho.

Lisa desacelerou e passou a caminhar, tentando recuperar o fôlego antes de subir os degraus da varanda. Na janela, havia placas de loteria, um anúncio em néon da Budweiser, e um cartaz informando sobre um cão perdido. VOCÊ VIU O BRUNO?, dizia a caligrafia irregular e infantil. SENTIMOS FALTA DELE. Embaixo, a foto de um velho labrador de pelo amarelo e um número de telefone.

Lisa subiu os degraus, tentando identificar todas as crianças.

Gerald estava lá, segurando uma vaca preta na mão boa. E Pinkie, com uma taça de sundae de morango. Sua amiga Franny estava ao seu lado com uma taça de sundae igual. Mike e Justin estavam ao lado de Gerald, ambos vestindo uniformes da liga júnior cujas costas estampavam a propaganda da Tucker's Body Shop. Usavam bonés verdes e chuteiras. Havia outros dois garotos lá, que Lisa conhecia vagamente, mas não sabia seus nomes — eram mais velhos, e também trajavam uniformes de beisebol verdes. Mochilas e luvas de beisebol cobriam os dois bancos.

Lá, no centro, estava Evie, com a turma de crianças em volta dela.

— Eu não sei, Stevie — Gerald estava dizendo. — Tem certeza de que isso é real?

— Tenho sim — Evie disse. — Olhe só para ele.

Gerald inclinou-se e Lisa veio por trás dele, sentindo um forte cheiro de cabelo sujo e suor malcheiroso. Ela olhou por cima do ombro do garoto, para ver o que Evie estava lhes mostrando.

Lá, aberto nas mãos de Evie, estava *O Livro das Fadas*.

— Como pôde fazer isso? — Lisa deixou escapar, empurrando Gerald para trás.

— Lisa? — Evie piscou. O lado esquerdo de seu rosto estava vermelho, com aspecto de inchado. — Eu só achei que as pessoas deviam saber. Estou cansada de todos esses segredos.

— Você estragou *tudo* — disse Lisa, quase em lágrimas, com a voz trêmula. Não podia acreditar que poucos minutos atrás estivera seguindo Evie para confortá-la. — Por que você fez isso? Por quê? Só para parecer legal para esses idiotas?

Lisa via aquilo tão claramente: Evie, a garota esquisita, cansada de nunca ser especial, desesperada por atenção, disposta a fazer o que fosse preciso para levar as pessoas a repararem nela. Era patético.

— Ei, quem você está chamando de idiotas? — um dos meninos mais velhos disse, endireitando os ombros. Ele tinha um leve indício de bigode e olhinhos pequenos de roedor.

Lisa o ignorou.

— Eu mantive minha estúpida promessa. E você faz isso. Está escrito no livro, Evie. Ele diz que temos de manter isso em segredo!

Senão... — Lisa arrancou o livro de Evie, agarrando-o firmemente contra o peito.

— Senão o quê? — perguntou Pinkie, seu pálido rosto todo contraído, lambuzado de sundae de morango. Os outros ficaram em silêncio, segurando seus refrigerantes e sorvetes, esperando para ver o que poderia acontecer a seguir.

— Lisa — Evie começou. — Eu...

— Você estava fula da vida porque as fadas vieram por mim! — Lisa interrompeu. — Porque eu fui escolhida e você não. Assim como o papai, certo? Eu sou a filha que ele vê. Você não é ninguém. A prima gorda que ninguém suporta.

Evie deu um passo para trás, encolhendo-se como se houvesse levado um tapa novamente.

Gerald abafou um riso com a mão, cobrindo a boca, parecendo mais nervoso do que divertido.

Lisa virou-se e saltou os degraus, pegou sua bicicleta e pedalou para casa, uma mão segurando o guidão, a outra *O Livro das Fadas*. Ela pedalou o mais rápido que podia, tentando correr para longe de tudo que havia acabado de acontecer. Desejava poder pedalar com força e rapidez suficientes para deixar tudo para trás. Fugir de toda a maldita cidade, de sua vida. Ela deixou sua bicicleta na calçada e correu direto para a floresta.

Sua promessa a Evie e Sam não tinha mais valor. Não depois daquilo.

Ela foi andando rapidamente em direção a Reliance, mas em silêncio, parando de vez em quando para prestar atenção e ter certeza de que não estava sendo seguida.

O único som vinha de seus pés sobre as folhas e galhos no chão da floresta — *clec, clec, clec*. Ela encontrou o buraco de porão e sentou-se com as pernas cruzadas, costas pressionadas contra a parede.

Postura iogue.

Suas costas doíam e ela estava com cólicas terríveis. Ela não podia acreditar que teria de passar por aquele sofrimento todos os

meses — o que havia de tão empolgante em “se tornar uma mulher”, afinal?

Ela fechou os olhos e, então, evocou: — Teilo? Você está aí? Tudo está uma bagunça — soluçou. — Papai está no hospital e acho que talvez ele possa realmente morrer.

Evie é uma traidora. Ela pegou o livro e o mostrou para as pessoas.

Sinto muito. Eu sei que você confiou em mim ou não teria deixado o livro. — Agora, ela estava chorando copiosamente, inclinada para a frente, os soluços

sacudindo-a. — Teilo? Sei que você está aí. Eu acredito em você. Eu sempre acreditei.

E, então, ela ouviu: um ruído nas folhas que se transformou em passos, vindo em sua direção.

Capítulo 37

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Quando elas voltaram para a casa de Franny, encontraram Sam sentado à mesa da cozinha tomando café com Jim. Estavam rindo de alguma coisa. Jim sorria como um pateta, mostrando os dentes amarelados, e Sam parecia perfeitamente à vontade.

— Onde está Lisa? — Phoebe perguntou.

Jim apontou com a cabeça em direção à sala de estar.

— Assistindo TV. Ela adora aquele canal de culinária. Parece nunca enjoar dele. Uma loucura, porque ela não parece gostar de comida tanto assim. Apenas de doces. Nunca vi uma mulher adulta comer desse jeito. É como se ela fosse uma maldita abelha ou algo assim.

— Abelhas não comem mel — Franny contestou. — Elas comem pólen e produzem o mel.

Jim deu de ombros.

— Pólen, mel, néctar, o que seja. Tudo que estou dizendo é que ela está mais para abelha-rainha do que para rainha das fadas.

Sam assentiu.

— Uma abelha-rainha não nasce rainha, sabe? — disse ele. — Ela é fabricada. As operárias escolhem uma abelha ainda não nascida e a desenvolvem, alimentando-a apenas de geleia real. Ninguém sabe como elas escolhem a próxima rainha. Simplesmente fazem isso.

Todos ficaram em silêncio. Sam e suas malditas palestras.

Da mesma forma que Teilo escolhera Lisa para ser sua rainha — sequestrando-a simplesmente?

— Precisamos conversar — Phoebe disse, olhando para Sam.

— Vamos dar a estes dois um pouco de privacidade — Franny propôs, colocando a mão no ombro de Jim. Jim começou a se levantar.

— Não — discordou Phoebe. — Quero que vocês fiquem.

Sam concordou.

— Fiquem — reiterou ele, e todos eles se sentaram. Jim se recostou na cadeira e olhou pela janela, parecendo desapontado por não ter sido liberado. Sam mexia nervosamente sua xícara de café, girando-a pela asa. Então, ele olhou para Phoebe e começou.

— Sinto muito sobre a noite passada, Bee. Tenho sido um grande babaca ultimamente, eu sei disso. Esse negócio da Lisa virou tudo de cabeça para baixo e me fez questionar não apenas quem ela é, mas quem *eu* sou. Atirou-me numa imensa crise existencial. Mas você sabe do que eu me dei conta, Bee? De que, seja lá quem eu for, seja lá qual for o meu propósito, não sou nada sem você. — Ele esticou o braço sobre a mesa, pegou a mão dela, e apertou-a. — E o bebê, bem, estava escrito nas estrelas ou não teria acontecido, certo? E talvez seja isso, Bee. Talvez esse seja o nosso propósito maior. Sermos os pais mais incríveis que pudermos. Amarmos um ao outro e a esse pequeno bebê.

Franny enxugou as lágrimas dos olhos e sorriu para Phoebe.

Phoebe olhou para Sam. Ele estava lhe dizendo tudo o que ela queria ouvir, mas, ainda assim, aquilo a deixou com uma sensação de mal-estar no fundo do estômago.

Jim, que havia se mostrado cada vez mais embaraçado, levantou-se.

— Eu tenho de alimentar as galinhas — inventou ele, andando a passos largos para fora da cozinha e enfiando a cabeça pela porta da sala. — Quer me ajudar com os lindos pássaros, Lisa?

Ela correu atrás dele como uma criança e seguiu-o pela porta da frente até o quintal.

— Tenho algo a lhe dizer — disse Sam, seus olhos brilhando de emoção. — Eu resolvi parte do mistério. Lembra que ontem você me perguntou sobre meus velhos amigos, Gerald e Pinkie?

Phoebe assentiu.

Franny abriu a boca e disse:

— Becca? Nós acabamos de... — E Phoebe deu-lhe um suave pontapé por baixo da mesa.

Sam continuou.

— Bem, só para desincargo de consciência, resolvi procurá-los.

Pensei que talvez eles pudessem se lembrar de algo que eu não lembro.

Pinkie, quero dizer, Becca, não estava na lista telefônica, mas Gerald sim. Acontece que ele vive em Groton. Então, eu decidi lhe fazer uma visita surpresa. E você nunca vai adivinhar quem eu descobri que é o Gerald...

— Elliot — disse Phoebe.

— Isso! — Sam deu um grito de surpresa. — E a namorada dele era a Evie.

— Trish — completou Phoebe.

Sam empurrou sua cadeira para trás.

— Como você sabia? — ele perguntou, olhando para Phoebe como se ela fosse a criminosa.

— Já lhe digo. O que mais aconteceu com Gerald e Trish? — Phoebe quis saber.

— Eles disseram que fizeram tudo aquilo para salvar um garotinho, que se não

seguissem as ordens desse cara, ele pegaria o filhinho da Pinkie.

— E você acreditou neles? — Franny perguntou.

Sam confirmou com a cabeça.

— Sim. No começo, pensei que era conversa fiada, então eles me mostraram fotos da criança, contaram-me a história toda.

— E sobre o bebê de Lisa? — Phoebe perguntou. — Eles disseram alguma coisa a respeito disso?

— Não. Mas disseram que Teilo estava procurando por Lisa.

Parece que ela o deixou. Fugiu ou algo assim. Está desesperado para recuperá-la, disselhes para descobrir tudo o que podiam sobre onde ela poderia estar. É por isso que ele os enviou para a cabana. Ah, e para pegar o livro de fadas. E qualquer outra coisa que tivéssemos

guardado daquele verão. Agora, é a sua vez. Diga-me como sabia sobre Gerald e Becca.

Phoebe olhou para Franny, que encolheu os ombros. O que ela teria a perder lhe contando?

— Encontrei Pinkie. Ou melhor, Franny a encontrou. Ela trabalha no Price Chopper em St. Johnsbury. Acabamos de falar com ela. Ela me contou praticamente a mesma história que você. Também disse que foi Evie quem apresentou Gerald e ela a Teilo naquele verão.

E que você estava no bosque naquela noite.

— Sério? — Sam se surpreendeu. — Eu sabia! Eu estava certo de que ela sabia mais do que estava dizendo. Ela sabia quem ele era?

— Parece que sim — confirmou Phoebe. — Ou, pelo menos, sabia como encontrá-lo. Ela levava presentes para ele... comida, essas coisas.

Sam assentiu.

— Continuou sumindo comida naquele verão: geleias, tortas, sanduíches. Aposto que Evie os estava levando para ele. Ele estava escondido naquele maldito bosque o tempo todo e ela sabia disso!

Franny fez uma careta.

— Mas quem é esse tal de Teilo? E o que ele fez com o bebê de Lisa?

— É isso o que vamos descobrir — anunciou Sam. — Venha — disse a Phoebe. — Vá chamar Lisa. Nós vamos para Barre. Ver se encontramos alguém na biblioteca que nos diga quem é Mary Stevens.

E ver se algo desperta as lembranças de Lisa.

— E quanto a Evie? — Phoebe perguntou. — Não deveríamos falar com ela? Ver o que ela realmente sabe sobre Teilo?

— Ela vai estar lá quando voltarmos. Ela tem medo de sair de casa, não tem? — argumentou Sam.

— Eu tinha um quarto secreto num jardim secreto — disse Lisa. Ela estava no banco traseiro do Honda. Sua voz era quase um murmúrio. Não estava claro se ela

estava falando com alguém em particular. — As paredes eram cobertas de flores. Eu dormia em uma cama de renda. Nas noites de Lua cheia, Teilo e eu caminhávamos até o pomar. Nós ríamos e dançávamos. Ele conversava comigo na linguagem secreta das fadas. Beijava meus braços, mas nunca meus lábios. O beijo de uma fada é venenoso. Pode fazer dormir por mil anos.

Phoebe fechou os olhos, recostou-se no banco do passageiro, desejando poder dormir por apenas algumas horas. Seu corpo estava dolorido e rígido da noite que passara agitando-se e revirando-se, sozinha, no chão do escritório. Para piorar a situação, estava ficando com dor de cabeça e não tinha nem uma aspirina. Mas ficou na dúvida se podia mesmo tomar aspirina ou se aquilo poderia prejudicar o bebê.

O mundo parecia cheio de perigos agora que ela estava grávida: mercúrio no atum, banheiras de hidromassagem, cerveja, fumaça de cigarro, medicamentos que não precisavam de receita. Sem mencionar reis das fadas malucos sequestradores de bebês.

Ela fitou Sam, que tinha os olhos fixos na estrada à frente, as mãos segurando o volante com força, bem onde deveriam estar, exatamente como recomendado na autoescola. Sammy Segurança.

Ela não era idiota. Quando voltaram para a casa de Franny, a amiga a puxara de lado, pouco antes de Phoebe partir com Sam e Lisa, para dizer: — Tem certeza de que ele está falando a verdade? Quero dizer, e se ele souber que você o viu e estiver apenas cobrindo seus rastros?

— Franny era a rainha da paranoia, mas sua suposição fazia sentido.

Phoebe não tinha certeza. De mais nada.

— Qual a aparência de Teilo? — Phoebe perguntou, sonolenta.

— Eu não sei — respondeu Lisa.

— Como não sabe? — Sam interrompeu. — Você o viu, não?

Deus, se você até teve um filho com ele, ele deve ter se mostrado a você.

— Nunca apareceu como ele mesmo. Sempre estava disfarçado.

Phoebe sentiu um frio na barriga quando se lembrou do que Becca havia dito sobre Teilo usar uma máscara.

— Você deve estar brincando — Sam murmurou.

— Se um ser humano olhar para o verdadeiro rosto de uma fada, enlouquece diante de sua beleza pura — declarou Lisa.

— Meu Deus! Estou enlouquecendo neste exato momento — Sam murmurou, agarrando com força o volante. — Você sabe onde está o bebê, Lisa? Você tem alguma ideia de onde poderíamos começar a procurar?

— Você não se lembra, Sammy? — ela perguntou. — Ele foi prometido a Teilo. Meu primogênito. O de Evie. O seu. Todos eles foram prometidos a Teilo.

Sam cerrou o maxilar. Phoebe estendeu a mão e pegou a de Sam; ele se virou, deu um débil sorriso e um aperto em sua mão que pretendia ser reconfortante.

— Você realmente está de acordo com isso? — perguntou ela.

— O bebê, eu quero dizer.

Sam assentiu.

— Claro que estou de acordo. Só vai demorar um pouco para me acostumar. Eu ainda estou meio que em choque.

Eles estavam chegando a Barre pela Rota 14 e Sam virou à esquerda, no Hope Cemetery, depois à esquerda de novo, o que os levou até um bairro residencial de ruas sinuosas e, em seguida, à descida de uma colina, passando por um *playground*, e em direção ao centro. Logo depois de um semáforo intermitente, Sam virou à esquerda e entrou no estacionamento da biblioteca.

— Aqui estamos — disse ele. — Todo mundo para fora.

— O salão dos rostos — anunciou Lisa, delirante.

— O quê? — Phoebe perguntou.

Lisa riu, colocando a mão sobre a boca.

Eles atravessaram o gramado e caminharam até a entrada do grande edifício de tijolos cinzentos, de dois andares. A frente da biblioteca pareceu majestosa para Phoebe: havia duas colunas de

granito polido em cada lado da entrada; grandes degraus de pedra conduziam até ela. Acima das portas, um ornamento esculpido em pedra.

— Belo prédio — comentou Phoebe.

Sam concordou com a cabeça.

— Neoclássico — esclareceu ele. Era mais uma exibição de seu conhecimento aparentemente sem fim, que tanto a deixava orgulhosa como a fazia se sentir diminuída. Talvez se ela tivesse ido para a faculdade, conhecesse as escolas arquitetônicas e compreendesse o que significava “neoclássico”. Eles poderiam ter discussões inteligentes sobre coisas como estilos de telhado e colunas. Phoebe tocou sua barriga e de repente sentiu-se zozna. Ela havia mais uma vez pulado o café da manhã. Deveria estar nutrindo o corpo com alimentos saudáveis para um bebê em desenvolvimento, tomando vitaminas pré-

natais, bebendo leite e *shakes* preparados com proteína em pó. Em vez disso, ela engolira metade de uma xícara de café preto na casa de Franny, que agora se revirava em seu estômago. Sem dúvida, ela era uma gestante modelo.

Sam segurou uma das portas duplas e a manteve aberta, conduzindo Lisa e Phoebe para dentro. Eles atravessaram o belo *hall* de entrada, com longas escadarias em curva, à direita e à esquerda. Nas paredes ao redor das escadas havia retratos — sisudos homens e mulheres pintados a óleo, olhando severos de suas ornamentadas e pesadas molduras. Um salão de rostos.

Eles caminharam através da entrada e viram-se na área de material de referência. Um homem com aparência de sem-teto, com uma barba volumosa e grisalha, vestindo um casaco manchado de uniforme militar estava lendo *Popular Mechanics* e mastigando um grande bombom. Ele ergueu os olhos da revista e cumprimentou-os com a cabeça. Uma criança com uma camiseta preta, jeans e botas

de combate estava no computador e um senhor de idade com roupas de golfe lia o jornal.

Eles prosseguiram até uma pequena e sombria sala repleta de estantes de livros. Phoebe olhou para o alto e viu que o chão do andar de cima era de vidro. Ela percebeu uma sombra movimentar-se por ele, rápida e escura, como um animal. Seu corpo se arrepiou todinho.

O cheiro de livros velhos invadiu suas narinas, e, sentindo-se tonta, ela tentou respirar profundamente pela boca. Eles saíram da pequena sala de livros e foram até o balcão.

Uma mulher com uma trança longa e grisalha e brincos de turquesa e prata ergueu os olhos do computador, sorrindo.

— Posso ajudá-los?

Sam retirou o gasto cartão de biblioteca de seu bolso, mas, antes que a bibliotecária tivesse a chance de olhá-lo, ela viu Lisa.

— Mary! — exclamou ela. — Estive pensando em você. Como você está? Como vai o bebê?

Lisa sorriu timidamente e olhou para o chão.

— Ela é Mary Stevens? — Sam quis saber, mostrando à bibliotecária o cartão. Ela confirmou.

— Sou o irmão dela, Sam — disse ele. — E já faz um tempo desde que estive em contato com sua família. Estamos tentando descobrir onde ela está morando. Ela lhe mostrou a identidade para obter o cartão?

A bibliotecária fez que não com a cabeça.

— Não tenho certeza. Tudo o que é necessário é um comprovante de residência, com nome e endereço.

— Então você tem o endereço dela? — Sam perguntou.

A bibliotecária olhou ceticamente para ele.

— Tudo bem pra você, Mary? Se eu contar a ele?

Lisa concordou com a cabeça.

— O bebê está bem? — a bibliotecária sussurrou.

— Espero que sim — Sam respondeu.

— Ela começou a trazê-lo há poucas semanas. A coisinha mais doce do mundo. Mal fazia barulho. Um bebê tão bonzinho. Aqui está — disse ela, olhando para o computador. — Mary Stevens. Hum. Isso é estranho.

— O quê? — Sam ficou intrigado.

— Consta apenas o número de uma caixa postal. Não deveríamos fornecer um cartão só com uma caixa postal.

— Obrigado por verificar — agradeceu Sam, desanimado por chegar a um beco sem saída.

— Ela já veio aqui com alguém? — Phoebe perguntou. — Além do bebê, quero dizer.

— Às vezes, uma mulher vinha buscá-la no final do dia. Sempre imaginamos que era, você sabe, a cuidadora de Mary. Era tão carinhosa com ela. Simplesmente sussurrava no ouvido de Mary e ela se levantava e partia.

— Você sabe quem era ela? — Sam perguntou.

— Não. E eu não a tenho visto recentemente. Ela tem uns 30 anos mais ou menos. Estatura mediana. Cabelos e olhos escuros. Magra. Muito magra... Eve! É assim que Mary a chamava. Seu nome era Eve.

Capítulo 37

L i s a

15 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

— Mantenha seus olhos fechados — uma voz sussurrou.

Uma voz masculina rouca e melodiosa como um instrumento de sopro. Parecia que estava falando de um ponto pouco acima dela, mas através de algum tipo de túnel.

— Se você os abrir, vou embora para sempre.

Lisa concordou com a cabeça. Fez como lhe foi dito. Sua pele vibrava com o alívio de que aquilo finalmente estava acontecendo. Ele estava ali.

— Você entende? — ele perguntou, sua voz sussurrante e suave, como o vento soprando na grama seca. — Falo sério. Mantenha. Seus. Olhos. Fechados.

Lisa balançou a cabeça outra vez. Seu rosto estava repuxado e pegajoso das lágrimas que secaram sobre ele.

— Boa menina — disse ele. — Boa, boa, boa menina.

O ar tornara-se subitamente doce, carregado com o perfume de flores que ela não saberia nomear. O cheiro penetrava até o fundo de sua garganta, fazendo-a sentir-se tonta. Tinha certeza de que se ficasse de pé, cairia novamente sentada.

Ela levantou o pulso, e a pulseira de balangandãs tilintou um pouco.

— Eu recebi os seus presentes. A moeda de um centavo, a medalha e o livro. Obrigada.

Ele nada disse.

— Você é do reino das fadas, certo? — Lisa perguntou.

Houve uma risada silenciosa.

— Você é Teilo? Rei das Fadas?

Silêncio. Se ela se concentrasse bastante, poderia ouvi-lo respirar. Seu cheiro era tão forte e doce, como o da madressilva, só que mais intenso. A cabeça de Lisa girava. Estava com medo de desmaiar ou cair no sono. Suas pálpebras estavam pesadas, como que coladas.

Ela não conseguiria abri-las, se quisesse.

— Sim — ele finalmente respondeu. — Rei das Fadas. Rei Lagarto. Rei do Rock and Roll. Abelha-Rainha zum-zum-zumbindo no seu ouvido. Tudo e nada. Isso é o que eu sou.

E se Evie tivesse razão? E se aquilo fosse uma armadilha e o Rei das Fadas

quisesse roubá-la ou lançar um feitiço sobre ela para que dormisse por mil anos?

Ela descobriu que não se importava. Ele estava ali, e era a coisa mais incrível que já tinha acontecido com ela. Era mais real para ela do que qualquer outra coisa na assim chamada vida real, em sua casa. Ele viera, exatamente como prometera.

E ela soube então o que queria. E tinha mais certeza disso do que já tivera sobre qualquer outra coisa.

— Eu quero atravessar — disse ela. — Eu li o livro. Eu sei o que fazer: irei jejuar e preparar o chá. A véspera do Solstício de Verão é na próxima semana. Por favor, Teilo. Por favor, diga que eu posso ir com você!

Ele ficou em silêncio. As folhas farfalhavam. Estaria indo embora? Dançando um pouquinho? Desejou poder abrir os olhos, mas ela se lembrava do que estava escrito no *O Livro das Fadas*: se um ser humano vê o verdadeiro rosto de uma fada enlouquece.

Talvez tenha sido isso que aconteceu com seu pai. Talvez ele tenha ido até lá embaixo, do outro lado da colina, e encontrado uma fada. E se foi isso que aconteceu, talvez elas possam fazê-lo voltar ao normal. Se ela atravessasse, entrasse em seu mundo, talvez pudesse encontrar uma maneira de convencê-las a fazê-lo ficar bem de novo.

— Por favor, Teilo. Eu quero ir com você. Para o seu mundo. Eu nunca desejei tanto uma coisa. Eu sinto que estive esperando minha

vida toda por isso, que esse é o meu destino. Por favor, diga que sim, Teilo. Por favor.

A respiração dele produziu um som estranho, irregular.

— Sim — ele disse, afinal. — Sim.

Ela sorriu, sentindo-se brilhante e dourada, como uma bola de Natal, de tanta satisfação. Estava cumprindo o seu destino, como uma garota em um conto de fadas. Deixando para trás o mundo mortal: um mundo ordinário, de mentiras e traição, em que era mal interpretada e maltratada.

— Como saberei que não estou sonhando? — ela perguntou, sua própria voz soando bem distante. Como se outra pessoa estivesse falando aquilo do final de um longo e estreito corredor. — Ou imaginando tudo isso, como Sammy pensa. Como saberei se você é mesmo real?

Ela sentiu uma mão tocando o seu ombro, dando-lhe um apertão. Ela estendeu a própria mão e a segurou.

— Olhos fechados — alertou ele, seu hálito quente no ouvido de Lisa.

Ela tomou a mão dele entre as dela, sentindo seus dedos longos, frios e secos. Ela estudou cada um deles com seus próprios dedos, pensando que deveria ser assim para os cegos. Polegar, indicador, médio, anular, mindinho, mindinho.

Ela contou-os novamente para ter certeza.

Era verdade. Eram seis.

Capítulo 38

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Evie! — Phoebe exclamou, enquanto eles desciam apressados a escadaria da biblioteca. — Evie é Teilo?

Lisa deu uma risadinha com ar alienado.

— Evie é muito inteligente, mas duvido que ela seja capaz de engravidar Lisa — disse Sam.

— Então, quem?

— Eu não sei. Mas, quem quer que seja, Evie o está protegendo.

Ela está envolvida nisso a fundo e sempre esteve. Agorafóbica uma ova.

Phoebe não conseguia acreditar que ela se deixara ser enganada. Sentira pena de Evie, tentara ajudá-la. Até confidenciara a ela sobre a gravidez!

— Nós temos de falar com ela — disse Phoebe.

Eles pularam de volta no carro e partiram. Phoebe olhou pela janela enquanto eles passavam por uma oficina de automóveis, nos fundos de um prédio de apartamentos degradado, onde uma velha com um chapéu de sol turquesa estava sentada em uma cadeira de jardim de plástico, bebendo cerveja direto da garrafa. Cada vez que ia tomar um gole, ela enfiava a língua no gargalo. Phoebe sentiu o estômago revirado. Lembrou-se da velha na cabana, quase podia ouvir seu refrão cantado às gargalhadas: *E alegres amigos nós seremos, para sempre de montão.*

A velha que acabou se revelando ser a amiga de infância de Sammy, Becca, que estava convencida de que Teilo iria levar embora o seu filho. Becca, que lhe dissera que Sam tinha estado no bosque naquela noite. *Há coisas que ele não lhe contou.*

— O que você viu, Sam? — Phoebe perguntou, pensando na questão, dizendo-a em voz alta, sem querer.

— Eu não disse nada, Bee.

— Não. *Viu.* O que você viu naquela noite na floresta? Na noite em que Lisa desapareceu?

— Eu não estava na floresta — disse ele. — Estava em casa. Na cama.

Lisa riu de novo, e disse alegremente, como se fosse um jogo: — Hora de dizer a verdade, Sammy!

— Eu diria que já passou da hora há muito tempo — completou Phoebe. — Becca disse que viu você no bosque naquela noite. Ela me disse para perguntar

como você conseguiu sua cicatriz. Agora, por favor, Sam, conte-me o que realmente aconteceu naquela noite.

Ele deu um profundo suspiro.

— Ok, mas isso não vai ajudar. Eu não vi o que aconteceu com Lisa nem nada.

— Suas palavras soaram ásperas e defensivas.

— Comece pelo começo — sugeriu Phoebe. — Quando você foi para a floresta?

— Logo depois que Lisa me deu sua pulseira e saiu do meu quarto. Eu me levantei e fui atrás dela. Quero dizer, como eu poderia não ir? Ela me fez prometer que não, mas disse que estava indo embora para sempre. Atravessando para o maldito mundo das fadas.

— Ele parou, olhando para Lisa pelo espelho retrovisor e mordendo o lábio.

— Então, você foi atrás dela — disse Phoebe, encorajando-o a continuar. Ele mantivera aquela história em segredo por quinze anos: agora que começara a falar, ela iria fazer tudo que podia para levá-lo a contar tudo, até o fim.

— Eu pensei que pudesse impedi-la. — Sua voz ficou embargada e falhou. Ele sacudiu a cabeça, recriminando-se. — Foi uma idiotice, realmente. Pensar que eu tinha esse tipo de poder.

Phoebe colocou a mão no braço dele.

— Você tinha 10 anos, Sam. Você fez o melhor que podia. O que aconteceu quando foi para a floresta?

Ele concordou, balançando a cabeça, e continuou, sua voz mais hesitante agora.

— Eu a vi à beira do riacho. Ela estava usando o capuz vermelho. — Ele apertou os lábios com força, como se estivesse tentando manter o resto da história guardado ali dentro.

— Ela viu você? — Phoebe perguntou.

— Viu. Ela saiu correndo. Eu a persegui por quinze minutos, ziguezagueando pela floresta, cada vez mais longe de casa, de Reliance. Estava escuro como breu. Mais escuro do que a própria escuridão. Não me lembro de ter sentido tanto medo do bosque como naquela noite. Parecia que... que a floresta inteira estava contra mim de alguma forma, ajudando a proteger Lisa. Minhas roupas ficavam presas nas árvores, tropeçava, caía sobre as coisas, fiquei todo machucado. Quando finalmente a alcancei, ela se virou e avançou contra mim. — Sam apertou a mandíbula, ainda olhando para a frente, como se pudesse ver toda a cena através do para-brisa. — Então, vi que ela tinha uma faca.

— O quê?

Sam confirmou com a cabeça. Conforme ele continuou, suas palavras foram despejadas velozmente, como uma torrente.

— Eu pulei para trás, mas não rápido o suficiente. Ela me acertou com a ponta da faca, bem em cima da minha clavícula. — Ele hesitou um pouco, como se seu corpo se lembrasse do choque da lâmina penetrando-o.

Ele soltou a mão direita do volante e passou os dedos por baixo da gola de sua camiseta, tocando a cicatriz.

— Lisa esfaqueou você? Eu não entendo.

— Sim, nem eu. — Ele respirou fundo e Phoebe viu como seu rosto, seu corpo inteiro, na verdade, mudou. Ele já não parecia um cara assustado, desarmado. Ele parecia furioso. Seu rosto estava vermelho; todos os músculos do seu corpo pareciam retesados, enquanto ele apertava o volante de tal maneira que Phoebe teve certeza de que poderia quebrá-lo. — Então, vi que aquela não era Lisa. Era Evie. — Ele cuspiu o nome como se fosse um ácido queimando sua língua.

— Evie?

— Sim. Mas, ela estava vestida como Lisa. Estava com uma peruca e tudo.

— Mas por que Evie iria querer machucar você?

— Ela era louca. Furiosa. “É só você!”, ela me disse. A respiração dela estava péssima, chiando muito, completamente ofegante. Mal podia falar. Com sua asma, correr tanto e tão rápido como fizemos naquela noite quase a matou.

— Mas por que ela estava vestida como Lisa? E por que fugir de você, e depois o apunhalar?

— Eu perguntei a ela o que diabos estava fazendo, e Evie respondeu: “Salvando Lisa”. Ela me disse que eu tinha estragado tudo.

“Se Lisa desaparecer para sempre, a culpa é sua, Sammy!”, ela me disse.

— Então, você não viu Teilo? — Phoebe perguntou.

Sam riu um riso do tipo “você deve estar brincando”.

— Não. Naquela época, eu sequer acreditava que havia um Teilo. Caramba, Bee, eu achava que Evie e Lisa eram birutas. E eu não confiava em Evie. Pensei que talvez Lisa houvesse convencido Evie a se fantasiar daquele jeito para me forçar àquela perseguição alucinada.

— Mas por quê?

O corpo de Sam relaxou novamente e ele se deixou escorregar em seu assento, tão baixo que parecia um garotinho espiando por cima do volante a estrada diante deles. Ele mordeu o lábio, que tremiam um pouco.

— Creio que sempre achei que, na verdade, ela queria deixar tudo para trás. E Evie ajudou-a. — Ele esfregou os olhos com a palma da mão. — Nós não bastávamos para ela, Bee. Nós todos falhamos miseravelmente com ela. Meu pai com seu suicídio, eu por não acreditar nela, Evie a traindo, mamãe e Hazel agindo como loucas. Ela escolheu uma outra vida.

Phoebe se lembrou do menino com a camiseta do Super-Homem que olhou para ela com uma tristeza absoluta, através da janela de seu quarto. Ela via aquele mesmo rosto agora, enquanto ele dirigia, com os olhos focados em algum lugar inominável ao longe.

— O que aconteceu em seguida, depois que Evie esfaqueou você?

Sam endireitou o corpo e olhou para Lisa pelo espelho retrovisor. Ela estava

imóvel, escutando com atenção.

— Evie correu para o buraco de porão e eu a segui, mas não havia ninguém lá. Nenhum Rei das Fadas. Nem Lisa. Só eu e Evie.

“Chegamos tarde demais!”, Evie disse. Ela estava chorando, desesperada, gritando o nome de Lisa sem parar. “Lisa! Lisa! Lisa!” — Sua voz elevou-se e voltou ao normal. — Nós deveríamos ter ficado.

Deveríamos ter acordado toda a vizinhança, vasculhado o bosque. Mas não fizemos isso. Pelo menos, eu não fiz. Pensei que Evie estivesse fazendo teatrinho, ainda tentando me enganar. Sabe o que eu fiz?

Voltei para casa para cuidar do meu corte idiota. Nem era tão profundo assim. Lavei-o e coloquei uma bandagem no lugar. Então, voltei para o meu quarto e fiquei me revirando na cama a noite toda.

Eu acho que parte de mim sabia que ela realmente havia partido, e que eu era um maldito covarde.

Eles ficaram em silêncio por um longo momento. Phoebe pensou em uma dúzia de coisas para dizer e confortá-lo, mas tudo lhe pareceu vazio e inútil.

— Há uma coisa que eu ainda não entendi — disse ela, afinal.

— Como é que Pinkie sabia que você estava no bosque naquela noite?

— Eu a vi quando eu estava saindo do bosque. — A voz dele estava se acalmando, soando mais como o Sam pés no chão que ela conhecia. — Pinkie e Gerald estavam entrando no bosque. Eles viram que eu estava machucado, mas eu não disse a eles o que aconteceu.

— E onde estava Evie?

— Ela ficou no bosque, procurando Lisa. Eu a ouvi entrar em casa furtivamente pouco antes do amanhecer.

— E você nunca contou a ninguém que estava no bosque naquela noite? Nem para a sua mãe? Ou para a polícia? Você nunca disse nada sobre Evie ter esfaqueado você?

Sam fez que não com a cabeça: — Na manhã seguinte, quando ficou bastante claro que Lisa havia realmente desaparecido, Evie e eu conversamos sobre isso. Ela me convenceu de que não faria nenhum bem contar. Isso apenas faria com que parecesse que nós dois estávamos envolvidos de alguma forma, que sabíamos mais do que estávamos dizendo.

Sam olhou para Phoebe e soltou um longo suspiro: — Eu sei que parece loucura, e até hoje eu não consigo dizer exatamente por que eu fui na onda dela. Quero dizer, aquela era a menina que tinha acabado de me esfaquear! De certo modo, eu acreditei no que Evie me disse naquela noite: que era culpa minha Lisa ter desaparecido. Sentia-me culpado. Pensei que admitir que eu estava na floresta me faria parecer ainda mais culpado. — Ele sacudiu a cabeça como se estivesse se recriminando pela própria estupidez.

— Meu Deus, Sam, você tinha apenas 10 anos de idade, era um menininho!

Sua irmã havia desaparecido, o seu pai estava morrendo, e você estava com muito medo. Claro que você foi na onda dela.

Sam não respondeu. Phoebe podia dizer por sua expressão que a culpa que sentira então, permanecera: ele a carregara por quinze anos, imaginando se Lisa ainda poderia ter sido salva se ele tivesse feito as coisas de maneira diferente naquela noite. Phoebe se inclinou e deu-lhe um abraço, beijando sua bochecha.

— Obrigada — disse ela — por me contar o que aconteceu.

— Eu deveria ter feito isso há muito tempo. É que, quando você guarda um segredo por tanto tempo... ele só fica mais forte, sabe? Mais difícil de contar.

Phoebe o beijou de novo.

— Eu sei exatamente o que você quer dizer.

Eles estavam na estrada Barre-Montpelier, passando pela drogaria Kinney e a Blockbuster. O McDonald's onde Phoebe foi comer escondido o seu quarterão com queijo. Seu estômago roncou.

Ela abriu o porta-luvas e encontrou alguns cream-crackers rançosos, que devorou com gratidão.

— E se ela estava dizendo a verdade? — Phoebe disse, com a boca cheia de biscoitos.

— Hein? — Sam não entendeu.

— E se Evie estava realmente tentando salvar Lisa? Talvez por isso ela tenha mostrado o livro para as pessoas. Queria chamar a atenção de todos, porque sabia que algo ruim estava acontecendo e ela queria impedir.

— *E alegres amigos nós seremos, para sempre de montão.* — Lisa cantou.

Sam encolheu os ombros.

— Eu não sei, Bee. Por que ela estava vestida como Lisa naquela noite?

Phoebe pensou por um minuto.

— Estava servindo de isca. Então, eles a levariam no lugar de Lisa. É por isso que ela tinha a faca. Achou que você era Teilo agarrando-a, pensando que ela fosse Lisa.

Lisa riu: — *Uni, duni, tê; salamê, mingê* — disse ela.

— Evie? — Phoebe chamou, mas, assim que colocou os pés lá dentro, soube que a casa estava vazia.

Eles encontraram a porta da frente escancarada e o sinal de Teilo pintado nela. No piso da sala de estar encontrava-se o colar com a chave-mestra de Evie, com a corrente arrebatada. Ela se abaixou e apanhou-o, lembrando-se de Evie dizendo: *Eu pensei que você não acreditasse em magia.*

E ela não acreditava, acreditava?

Phoebe pegou a chave e caminhou até os aquários. Orville e Wilbur estavam dormindo. O porco-espinho estava mordiscando um torrão. A cobra olhou para ela com seu único e leitoso olho.

— O que você viu? — ela lhe perguntou. — Para onde Evie foi?

A cabeça de Phoebe latejava.

— Evie! — Sam chamou.

Phoebe encontrou Sam e Lisa na cozinha. Havia uma tigela de cereais e uma xícara de café sujos na pia, o que parecia ser a única prova de que Evie tinha estado ali.

Sam colocou a mão no ombro de Phoebe.

— Ela não está aqui, Bee.

Agora, a questão era: Evie fora embora por conta própria ou levada à força? Phoebe apertou a antiga chave-mestra. Não achava que Evie a teria deixado para trás. A menos que ela quisesse que eles pensassem que havia sido sequestrada.

Phoebe passou a mão pelos cabelos. *Pense*, disse a si mesma. *Você gosta de quebra-cabeças; você consegue resolver este.* Mas as pistas que ela tinha não faziam sentido: quem era o homem de seis dedos? Qual era a sua relação com Evie? E por que Evie apresentou Teilo a Pinkie e Gerald, que ela odiava?

Ela pensou no aviso de Becca e estremeceu: *Você não sabe do que esse cara é capaz.*

Ela se perguntou se era mesmo possível que eles estivessem enfrentando um ser sombrio, ladrão de crianças, metamorfo.

Certo, Phoebe disse a si mesma. *E a próxima coisa que você pensará é que ele sai de alçapões debaixo das camas das crianças.*

— Lisa? — Sam disse, sua voz no tom mais meigo que conseguiu. — Você sabe onde Evie está? Para onde eles foram?

— Você não percebe? — Lisa disse. Ela ainda sorria vagamente, mas, naquele momento, pelo menos, parecia estar falando com Sam

diretamente, considerando-o uma pessoa real, não uma invenção da sua imaginação. — Não há nada que você possa fazer para impedi-lo.

Eu tentei. Pensei que se eu viesse para cá, eu estaria a salvo. Pensei que nós poderíamos salvar o bebê.

— Não é tarde demais — disse Sam.

— O meu bebê, o seu... eles foram prometidos. Os primogênitos, Sammy. Não se lembra?

O rosto de Sam se contorceu. Seus olhos pareciam loucos de pânico. E pela primeira vez desde que tudo aquilo começara, Phoebe realmente compreendeu.

— Oh, meu Deus — disse Phoebe. — Você acredita.

Sam negou com a cabeça, lenta e suavemente, o menor dos gestos desmentindo a verdade.

— É por isso que você não queria ter filhos, não é? Você não queria que Teilo levasse o seu primogênito como ele levou Lisa. Você acreditou o tempo todo, mesmo quando tentou se convencer de que não era possível, que fadas não existem.

— Não — ele murmurou.

— Eu achei a mochila com os papéis no escritório, Sam. Eu sei o que você anda

pesquisando. Eu vi as anotações sobre os seus sonhos. E o homem das sombras, Sam? É Teilo, não é?

— São apenas sonhos.

— Talvez — disse Phoebe. — Mas e se não forem?

E talvez o homem das sombras que eu conheci quando criança fosse real. Talvez ele ainda esteja me observando.

Um pensamento terrível lhe ocorreu então: Teilo também a havia escolhido; por um motivo qualquer, ele a escolhera para ser a mãe do primogênito de Sam. Talvez tivesse sido Teilo quem orquestrou o encontro, juntando os dois, Sam e ela.

— Não é possível — disse Sam.

— Sim, e na semana passada você disse que a volta de Lisa era impossível, mas aqui está ela. E se existe um Rei das Fadas, Sam, e ele é como aquelas fadas das anotações que você fez? Um filho da mãe imortal, maligno, que muda de forma e que quer o nosso bebê?

Sam engoliu em seco, olhou para o chão: — Isso é loucura, Bee.

— Por que todas aquelas pesquisas, então? Por que escrever aquilo tudo?

— Porque eu acho que os que estão por trás disso... *elas* acreditam que as fadas são reais.

— Então, você não acredita? — Phoebe perguntou.

— Não — Sam respondeu com firmeza, mas ele não quis olhar nos olhos dela. Ele estendeu o braço e colocou a mão na barriga de Phoebe. — Nosso bebê vai ficar bem. Ninguém vai levá-lo.

— Os O'Toole têm sangue de fadas nas veias — disse Lisa. — Isso é o que Teilo diz.

— Ai, meu Deus! — exclamou Phoebe, desabando em uma cadeira da cozinha. Já não aguentava mais. Queria dar um basta naquilo tudo. Nem se importava mais se as fadas eram ou não reais.

Ela só queria que aquilo acabasse.

— Seja isso uma bênção ou uma maldição — disse Lisa. — Isso é o que diziam as guardiãs.

Sam lançou à Lisa um olhar estupefato, como se ela tivesse acabado de abrir a boca e deixado um bando de pássaros voarem para fora.

— Pegue as chaves — Sam disse para Phoebe. — Nós vamos fazer outra viagemzinha.

Capítulo 39

L i s a

20 E 21 DE JUNHO, QUINZE ANOS ANTES

Talvez a Bela Adormecida estivesse em coma.

Talvez o coma fosse isso, um feitiço mágico que alguma bruxa má lança. Ela empunha a varinha, faz uma poção, espeta você com uma agulha, entrega-lhe uma maçã envenenada toda vermelha e reluzente à qual você não consegue resistir e acaba dando uma mordida.

Mas um feitiço pode ser quebrado.

O pai poderia ser salvo. Lisa sabia disso no fundo de seu coração, mesmo enquanto ouvia sua mãe e Hazel falando que os médicos achavam que seria melhor desligar todos os aparelhos de suporte à vida. Mesmo enquanto diziam que o pai se fora, Lisa sabia que não. Não de verdade.

Lisa jejuou por vários dias. No jantar, ela habilmente escondia a comida em seu guardanapo. Evie, que estava sempre de olho, espionando, flagrou-a e fez cara feia, mas nunca disse nada. Lisa também tinha de tomar cuidado com sua mãe e Hazel — elas a estavam vigiando como duas águias irmãs. E, embora ela estivesse mantendo-se distante do bosque, vira sua mãe e Hazel entrando e saindo de lá várias vezes, geralmente à noite, com lanternas.

Simplesmente muito estranho. Era como ver tubarões vivendo em terra firme, respirando o ar, bebendo piñas coladas.

Seguindo a receita d' *O Livro das Fadas*, Lisa fez chá com as flores e os caules de dedaleira e mel, e o manteve em um pote de vidro debaixo da cama. Ela saiu pelo bairro procurando as flores e, finalmente, encontrou-as no maltratado jardim atrás da casa de Gerald e Pinkie. Ela apanhou todas elas, duvidando que alguém fosse notar. O chá era doce, mas amargo, e queimava sua boca e estômago, causando-lhe cólicas terríveis e diarreia.

Ela lembrou-se do que Sam havia dito quando encontraram a primeira flor de dedaleira: *veneno*.

Mas ela confiava em Teilo. E queria muito ir com ele, para longe daquele lugar, daquelas pessoas. Ver como era do outro lado.

— Lisa — Evie chamou quando pegou a prima bebendo escondido um gole do chá. — Eu sei o que você está fazendo. Eu li o maldito livro. Tem alguma ideia do que essa coisa faz? Eu procurei saber. *Digitalis*. Fazem remédio para o coração com

essa coisa. Ela pode matar você, Lisa. Você tem de parar.

Mas Lisa não estava falando com Evie, e Evie não existia mais para ela, então, colocou a tampa no pote, virou-se e foi embora. Evie não entendia. E, além do mais, na verdade ela estava apenas com inveja. Fula da vida porque não havia sido ela a escolhida pelo Rei das Fadas.

— O que ele fez com você? — Evie gritou atrás dela. — Ele está transando com você? Dizendo-lhe que é a rainha dele?

Lisa parou, então se virou e olhou para Evie.

— Ele não é quem diz ser — alertou Evie.

Lisa foi apertando os olhos, fazendo com que Evie ficasse cada vez menor, até ela desaparecer por completo.

Lisa se arrastou pelo corredor até o quarto de Sammy. O jejum e o chá a estavam deixando leve e alienada, proporcionando a tudo aparência e som distorcidos. Era como estar debaixo d'água. Ela sentiu como se estivesse nadando em um mar verde, rumo ao quarto do irmão.

— Lisa? — Sam disse, piscando, sonolento. — Que horas são?

— Ele espiou seu relógio digital: 11:35 da noite.

— Eu vou atravessar — declarou ela. — Para salvar o papai.

— O quê?

— Vou conseguir consertar as coisas de lá. Elas têm medicamentos especiais, plantas e outras coisas. E magia. Vou ser capaz de usar magia, Sam. Mas se eu for, não conseguirei retornar, nunca mais.

Sam piscou os olhos, em dúvida se estava ou não sonhando.

— Você não está falando coisa com coisa — disse, por fim. — E seus olhos parecem estranhos.

Ela sorriu, entregou-lhe a pulseira.

— Você tem de esconder isso, Sammy. Prometa. Nunca conte a ninguém que você está com ela, ok? E você não pode me seguir, entendeu? Você não pode ir para onde estou indo.

Ele assentiu. Lisa inclinou-se para beijá-lo. Ela iria perder seu sensato irmão, o Senhor Ciência que dizia que “tudo pode ser explicado”. E talvez, apenas talvez, depois que ela partisse, ele finalmente entenderia que havia algumas coisas que não poderiam ser explicadas tão facilmente; que havia mais coisas entre o céu e a terra.

— Pense em mim — disse ela, pois parecia algo que uma 338

menina em um conto de fadas diria. Pense em mim. Lembre-se de mim. Me ame. Me transforme em uma história que você irá repetir vezes sem conta. Sobre a irmã que valia ouro e tornou-se uma rainha.

Lisa arrastou-se escada abaixo, através da cozinha escura até lá fora, penetrando na noite. Ela se arrastou pelo quintal, sentindo cólicas abdominais e o corpo leve.

O que eles pensariam quando descobrissem que ela partira?

Será que ela partiria mesmo? Seria como o pai em coma? Seu corpo deixado

para trás, descansando em um caixão de vidro, enquanto seu espírito passaria a viver com as fadas. Ou será que eles colocariam um metamorfo em seu lugar — uma garota desgrenhada e mal-humorada que nunca pentearia o cabelo, que rosnaria em vez de falar?

Ela se virou para olhar para sua casa mais uma vez antes de ir para o bosque. Era apenas uma silhueta negra, com duas luzes acesas no lugar dos olhos. Então, uma delas se apagou como uma piscadela.

Pense em mim.

Ela entrou na floresta, arrastou-se ao longo do caminho. Seu estômago estava contraído como um punho fechado. Tão apertado e duro que ela imaginou uma rocha do tamanho de uma bola de beisebol lá dentro — um arremesso direto para suas tripas.

Ela e Sammy dissecaram uma bola de beisebol certa vez.

Depelaram cuidadosamente o branco e macio couro costurado, e encontraram uma bola de fio comprimida em seu interior. Aquilo deveria ter mais de um quilômetro de comprimento. E então, bem no centro, uma bola de borracha. Eles a cortaram ao meio com a faca mais afiada de sua mãe e se depararam com uma esfera perfeita de cortiça.

— É como a Terra — disse Sammy. — Todas essas camadas. O couro branco é a crosta, em seguida vem o manto, o núcleo externo e o núcleo interno.

Lisa bufou, depois sorriu para seu irmão mais novo.

— Talvez você esteja certo, Sammy. Talvez a Terra esteja cheia de fios secretos e uma bola de borracha vermelha que ninguém sabe que está lá.

A fome havia desaparecido. Seu corpo estava vazio e limpo.

Ela passara vários dias vomitando. E sentando-se curvada sobre o vaso sanitário, sentindo como se suas entranhas estivessem saindo pelas duas extremidades.

— Seu corpo é um receptáculo — *O Livro das Fadas* lhe disse. — Você tem de esvaziá-lo para vir ao nosso mundo. Uma vez que atravessar, você pode comer e beber tudo o que desejar. Bolos açucarados. Doces bolinhos feitos de violetas, mel e orvalho da manhã.

Ela estava cansada. Muito cansada. Leve e flutuante. Se respirasse fundo, poderia se elevar do chão.

O mundo estava com os contornos borrados. Tudo irradiava halos verde-pálidos. Seus olhos e corpo estavam se ajustando, preparando-se para sua nova vida no reino das fadas.

Ela apanhou pedras enquanto caminhava, enchendo seus bolsos, equilibrando uma pilha delas na dobra do braço esquerdo.

Quando chegou ao buraco de porão, arrastou-se para baixo, e dispôs as pedras em um cuidadoso círculo.

Agachou-se na terra no fundo do velho buraco de porão — o lugar onde tudo

tinha começado —, um círculo de treze pedras ao seu redor. O suor frio gotejava de sua testa e seu coração estava trabalhando num ritmo enlouquecido, que ela sentia do peito à garganta — rápido, lento, rápido, como um cavalo que não sabia se queria correr ou trotar. Cólicas abdominais. Ela tinha engolido um mundo secreto de cordas.

Mundo secreto.

Mundo. Secreto.

Um corpo é um receptáculo e um receptáculo é algo que pode estar cheio ou vazio. É também algo que pode viajar. Um vaso ou um barco.

Qual dos dois ela era?

Ambos e nenhum dos dois.

A única coisa de que tinha certeza era que estava na hora de partir.

— Teilo — ela evocou, a voz trêmula. — Estou pronta.

Ela aguardou. Silêncio. A floresta estava prendendo a respiração. Ela inspirou profundamente pelo nariz. O ar cheirava a sujeira. Vermes. Algo úmido e podre.

Então, ela ouviu passos. Era apenas uma, ou mais pessoas estavam caminhando? Fechou os olhos. Escutou. Elas estavam vindo ao seu encontro. Rapidamente, no início. Depois, lentamente.

— Teilo?

— Você vem de bom grado? — Teilo perguntou, suas palavras flutuando em algum lugar na escuridão acima dela. Ele parecia sem

fôlego. Ansioso. As palavras tinham uma estranha aspereza que ela não notara em seu primeiro encontro com ele.

— Sim — ela respondeu, com o coração pulsando em sua garganta. — Sim.

— Então, venha — ele disse. — Venha ser minha rainha.

A mão enluvada baixou e pegou a dela, e mantendo os olhos bem apertados, ela se deixou ser retirada do antigo buraco de porão.

Seu tênis esquerdo escorregou do pé e ela sorriu, porque não importava. Lá no mundo humano, importaria, porque eles eram seu par de Nikes favorito, rosa e prata, que ela usava sem amarrar, e o cadarço do pé esquerdo era roxo e o do pé direito, rosa. Mas ela estava deixando tudo aquilo para trás. Era um símbolo, o tênis. Seu professor de inglês, o sr. Milne, ficaria impressionado que ela houvesse pensado nisso. Especialmente agora, quando estava viajando para o outro mundo.

Ela estava flutuando, sendo levada para o mundo que tinha sonhado visitar desde que Teilo viera pela primeira vez, por ela, três semanas antes.

Quando seus pés estavam de volta à terra firme, ela apertou mais forte aquela mão, abriu os olhos e teve certeza de que, num primeiro momento, eles estavam pregando-lhe uma peça.

Ela não havia atravessado coisa nenhuma, e o rosto que olhou de volta para ela era muito familiar.

— O que *você* está fazendo aqui? — Lisa perguntou, tentando se afastar, mas a

mão dela estava sendo segurada com a pressão de um torno. Tudo estava brilhando mais esverdeado do que nunca. Ela se contorceu e puxou, batendo o pé descalço contra uma pedra afiada. A dor irradiou-se por sua perna, centrando-se em sua barriga. Ela tinha certeza de que ia vomitar.

— Não! — ela berrou. Estava tudo errado. Não era isso que deveria acontecer.

— Teilo! — gritou ela, sabendo que ele não deveria estar longe, desesperada para que ele voltasse para resgatá-la, para levá-la pelo resto do caminho.

Ela podia ouvir seus batimentos cardíacos pulsando em seus ouvidos, senti-los em sua garganta. E lá, em algum lugar distante detrás daquele som, alguém estava chamando seu nome. Alguém estava se movendo pelo bosque, descendo a colina, chamando “Lisa!

Lisa! Lisa!”.

— Estou aqui! — ela começou a gritar de volta, mas a outra mão enluvada cobriu sua boca, pressionando-a com força. Ela sufocou com o gosto de couro sujo. A parte interna de seu lábio foi prensada contra os dentes da frente. Sua boca encheu-se de sangue, quente e metálico, afiado como uma lâmina em sua língua.

O rosto esverdeado aproximou-se dela, turvo e carrancudo.

— Shh! — um silvo sussurrado, enquanto sua mão era puxada e torcida, forçando-a para frente. — Vou levá-la para Teilo, mas não temos muito tempo.

O REINO DAS FADAS

De *O Livro das Fadas*: É verdade que, às vezes, podemos levar um ser humano para o mundo das fadas e deixar um metamorfo em seu lugar.

Como reconhecer um metamorfo? Pelos olhos escuros e pele pálida e amarelada. Será uma criança enfermiça, que parece comer e comer, mas ganha 344 pouco peso.

Muitas vezes, elas morrem na infância. Mas, às vezes, sobrevivem e se adaptam ao mundo dos seres humanos. Às vezes, de tal maneira que nem se lembram de quem realmente são. Até que nós os chamamos.

Ao se aproximarem de sua própria espécie, eles se lembram.

Sempre se lembram.

Capítulo 40

A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n h a

O quarto para o qual ele a levou era verde e rosa, e cheirava a flores doces, mas havia algo acre, picante e cortante por baixo daquele aroma.

— Esta é a sua casa agora — disse ele.

As paredes eram feitas de flores. Centenas, milhares de flores que explodiam em cores. Era como viver dentro de um cartão do dia dos namorados. Abraços e beijos. Eu amo você. Você me ama. Logo estaremos nos casando debaixo de uma cerejeira.

Havia outra menina no quarto. Ela adivinhou que a menina tinha a idade dela, talvez um pouco mais velha. Seu cabelo também era escuro e indomável. Ela tinha tatuagens de cima a baixo de seus braços finos como varetas. Sua barriga estava protuberante.

Ela não sabia muito sobre meninas grávidas, mas aquela parecia que iria ter a criança a qualquer momento. Se ela observasse por tempo suficiente, poderia ver o bebê se mexendo dentro do ventre de sua mãe tatuada. Empurrando-lhe a barriga, fazendo com que a pele estufasse e ondulasse, como um monstro que mal podia esperar para sair.

Ela tentou sair do aposento, mas a porta estava trancada pelo lado de fora.

— Ei! — ela gritou, esmurrando a porta. — Volte. Você não pode simplesmente me deixar aqui assim! — ela se virou para a garota tatuada, em desespero. — Ele não pode fazer isso! É contra a lei.

— Eles estão nos mantendo a salvo — disse a menina.

— De quê? — perguntou ela.

A menina grávida riu.

— Quem é você?

A menina grávida olhou para cima: seus olhos, dois buracos negros.

— Eu sou a Rainha das Fadas — disse ela.

— Mas Teilo me disse que *eu* iria ser a rainha.

— Ele mente.

Capítulo 41

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Já viajavam havia mais de uma hora e estavam a cinco minutos da casa de tia Hazel, no extremo nordeste de Vermont.

Phoebe estava debruçada sobre um mapa com uma lanterna. Lisa permanecia silenciosa no banco de trás.

Sam já havia explicado a motivação para a viagem.

— Essa coisa de “Seja isso uma bênção ou uma maldição”, que Lisa disse que uma das guardiãs falava. É algo que Hazel repetia o tempo todo.

— E daí? Agora você está desconfiando de que a sua excêntrica e velha tia Hazel foi quem levou Lisa? Não faz sentido.

— Estou apenas seguindo uma pista aqui, Bee. E Hazel é a única pessoa daquele verão com quem ainda não falamos. Eu acho que já está na hora de lhe fazermos uma visita.

Agora, estudando o mapa e constatando como estavam perto, Phoebe foi ficando nervosa.

— Não deveríamos telefonar antes ou algo assim? Para avisar que estamos indo?

— Se ela souber de alguma coisa, estará mais propensa a falar se for apanhada de surpresa. Dê um tempo para ela se preparar e ela pode inventar qualquer coisa. Ou ficar tão completamente embriagada que estaria fora do ar antes de chegarmos lá.

— Tudo bem — Phoebe concordou. Ela se virou para Lisa no banco de trás. — Então, conte-nos sobre essas guardiãs. Quem eram elas? Qual o seu papel?

— As guardiãs mantinham a gente a salvo.

— Quem é “a gente”? — perguntou Sam.

Lisa não respondeu. Em vez disso, ela disse: — Uma das guardiãs nos contava histórias. Lições, como ela chamava. Sobre as fadas. Sobre como era de fato importante o que estávamos fazendo. Como éramos especiais. Como éramos sortudas.

— Sortudas — Sam murmurou com os dentes cerrados. — Certo.

— Pare! — Lisa gritou do banco traseiro.

Sam pisou no freio com força, e todos no carro foram jogados para a frente, forçando os cintos de segurança. Ele examinou a estrada escura diante deles e, então,

virou-se e fez uma careta para Lisa.

— O quê?

Não havia veado, nenhum garoto de bicicleta. Phoebe não via nada, a não ser a estrada de terra à frente deles e árvores de ambos os lados.

Então, Lisa saiu do carro e atravessou correndo a estrada de terra, embrenhando-se entre as árvores. Ela deixara a porta do carro aberta. Como a luz interna do veículo permanecia acesa, um alarme começou a tocar, alertando-os sobre a porta aberta.

— Santo Deus! — Sam murmurou. — Lisa! Volte para o carro.

Sam estacionou no acostamento, e ele e Phoebe saíram apressados na direção que Lisa havia tomado.

— Lisa? — Phoebe chamou. Sam começou a correr, Phoebe vinha logo atrás dele, seguindo um caminho estreito por entre as árvores. A Lua havia subido, grande e brilhante, cobrindo a floresta com uma luminosidade azulada e fria.

O caminho se alargou e eles se viram em um bosque de árvores antigas e espaçadas, com galhos que mais pareciam mãos e dedos nodosos. Os ramos estavam carregados de perfumadas flores brancas.

Algumas das pétalas caíam, vagando pelo ar como mágicos flocos de neve.

Phoebe não tinha muita afinidade com a natureza, mas sabia reconhecer macieiras. Eles estavam em um velho pomar abandonado.

As árvores crescidas além da conta e não podadas encontravam-se espaçadas uniformemente, separadas em fileiras.

Lisa estava ali, sentada em um toco, balançando e cantarolando.

Tinha os braços enrolados em torno de si e sorria.

— Às vezes, nós dançávamos aqui — disse Lisa, de olhos fechados, com um sorriso de felicidade ainda estampado no rosto.

— Quem dançava? Você e Teilo? — Phoebe perguntou.

Lisa confirmou com a cabeça.

— Em noites de Lua cheia. Ele nos trazia aqui.

— Espere — Sam disse. — Você quer dizer aqui mesmo, neste lugar?

Lisa deixara o toco e saíra andando, dançando em meio às árvores, tocando os galhos, rindo. Era a primeira vez, desde que Phoebe a conhecesse, que ela parecia realmente feliz.

Sam e Phoebe a seguiram. Os galhos das árvores crescidas em excesso arranhavam-lhes o rosto, prendiam suas roupas. Sam ia logo atrás de Lisa, mas Phoebe estava exausta e com muita dificuldade para manter o ritmo. Parecia a Phoebe que ela havia passado tempo demais correndo por entre árvores na última semana. Já estava farta de florestas escuras e assustadoras, e pensava que preferia muito mais espaços abertos. Quando aquilo tudo acabasse, queria ir para a praia.

Ou para o deserto. Algum lugar com horizontes infinitos onde se pode ver o que está chegando a quilômetros de distância. Sem surpresas.

Nada de árvores com galhos feito garras curvando-se na sua direção.

Sem lugares atrás dos quais figuras sombrias pudessem se esconder.

À frente, Lisa e Sam haviam parado e estavam olhando para algo no chão. Lisa virou-se e seguiu em frente, cantarolando bem baixinho.

Diga lá meu companheiro, saia e venha brincar comigo.

Sam ficou paralisado, com os olhos fixos no chão. Phoebe chegou por trás dele e viu que ali, debaixo de uma grande macieira retorcida, havia quatro cruces de madeira dentro de um grande círculo de pedras.

Eu não posso brincar com você. Minhas bonecas estão com a gripe.

Um cemitério tosco: algo que uma criança faria para animais de estimação. A terra sobre um dos túmulos fora recentemente revirada. E era um retângulo grande, muito grande para pertencer ao animal de estimação de alguém.

— O que é isso? — Phoebe perguntou, um calafrio percorrendo o seu corpo a partir do solo, através de seus pés e pernas, estabelecendo-se, finalmente, profundo e baixo em sua barriga. Sam sacudiu a cabeça lentamente, sem tirar os olhos do chão.

— Lisa — Phoebe disse, virando-se para perceber que a outra mulher havia desaparecido na escuridão. Ela prestou atenção, mas não conseguia mais ouvir o canto. Sam se afastou do círculo de sepulturas.

— Vamos por ali — ele gritou para Phoebe. — Estou vendo luzes através das árvores.

— Estou bem atrás de você.

O pomar terminou abruptamente e eles se encontraram no topo de uma colina em um campo recém-arado. Lisa estava descendo a encosta, correndo em direção à casa no vale. Sam e Phoebe foram atrás dela.

As luzes da casa estavam todas acesas, lançando uma claridade acolhedora no pátio ao redor.

— É a casa da tia Hazel — disse Sam. Era uma antiga casa de fazenda, branca, com telhado de metal e varandas tortas. Havia um caminho de garagem circular, de cascalho, com um carro velho estacionado nele: um Cadillac grande, quadrado.

Lisa alcançou a casa e ficou de quatro para espiar pela janela baixa e retangular do porão. Phoebe e Sam correram até ela. Em toda a volta da moldura de madeira da janela havia pregos quebrados e enferrujados martelados aqui e ali, como se alguém tivesse tentado evitar que o que estava ali dentro, saísse.

Mas aquilo não os deteve.

Sam inclinou-se, abriu a janela e, enfiando primeiro os pés, baixou o corpo através dela até desaparecer ali dentro.

Capítulo 42

A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n h a

Trolls. Ogros. Tragos bebês, que não eram adequados para o mundo. Foi o que a rainha deu a Teilo. E ele se enfureceu. Chamou-a de menina humana suja.

— Eu poderia esmagá-la em um instante — disse ele. — Moê-la como sal. Se você não me der um filho logo, vou fazer da outra garota a minha esposa.

Ele levou as criaturas para fora. No início, elas choraram.

Depois, não mais.

A rainha sentia cólicas e sangrava. Seus mamilos vazavam.

A menina morria de pena da rainha. E agora ela compreendia o seu papel: ela era uma criada. Seu trabalho, Teilo disse, era cuidar da rainha, ser sua acompanhante. Tentar mantê-la feliz.

— Você vai ter a sua vez um dia — prometeu ele.

Ela lavou no balde os trapos sujos da rainha. Amparou-a enquanto ela dormia.

— Eu quero ir para casa — a rainha choramingou.

— Eu sei — disse ela para a rainha, ninando-a gentilmente. — Eu também.

Mas, a verdade é que ela mal se lembrava de sua casa. Era um lugar distante. Inventado, como algo em um conto de fadas. Um lugar em que ela estivera havia muito, muito tempo, um lugar de *era uma vez*.

Capítulo 43

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Seguindo Sam, Phoebe passou através da janela aberta, raspando suas costas contra a moldura de madeira. Esperava ardentemente que não houvesse se arranhado fundo nos pregos enferrujados. Será que aplicam injeções antitetânicas em mulheres grávidas?

Ela aterrissou com um baque nada suave e viu que eles estavam em uma sala mal iluminada, com paredes de concreto. Lisa entrou depois, descendo silenciosamente. No alto, uma única lâmpada de 40 watts fornecia uma débil luminosidade. Cobrindo as paredes, imagens recortadas de revistas e livros, presas com fita adesiva: flores de todas as formas e cores. Lilases e lírios. Ervilhas-de-cheiro e narcisos. Flores de jardim e plantas daninhas de beira de estrada. Havia um colchão de casal no chão, no canto, cheio de cobertores sujos. Dois travesseiros manchados na cabeceira. Próximo a ele, um balde de plástico de cinco litros e um rolo de papel higiênico. As paredes, entre as imagens de flores, estavam cheias de desenhos em giz: linhas, círculos, traços, marcas de Teilo. Ela viu o nome de Lisa escrito em um minúsculo rabisco, bem ao lado da cama. Próximo a ele, outro nome, numa caligrafia diferente e mais borbulhante: *Gabrielle*.

— Havia outra menina aqui com você — Phoebe disse a Lisa.

Eles raptaram mais alguém. Uma menina chamada Gabrielle.

Lisa se encolheu um pouco ao ouvir o nome.

— Phoebe — Sam chamou da porta. Ele tinha um pesado cadeado aberto em suas mãos, tirado do ferrolho no batente. Havia também uma tranca deslizante no lado externo da porta.

— Oh, meu Deus — disse Phoebe. — É isso, não é, Lisa? Este é o seu quarto no jardim?

Poderia ser? O lugar em que Lisa havia sido mantida, ano após ano? Levada por quem? A velha e bêbada tia Hazel? Não fazia o menor sentido. Mas Phoebe sentiu-se estranhamente aliviada ao saber de uma vez por todas que estavam lidando com pessoas reais, não fadas metamorfos que podiam entrar em seus sonhos.

Lisa sorriu, tocou uma das flores coladas, dobrando o canto um pouco.

— Era uma vez — disse ela —, duas meninas que vagavam pela floresta. Elas encontraram um homem mau.

Sam colocou o cadeado de volta no ferrolho e atravessou o porão, passando pela fornalha e o aquecedor de água. Phoebe o seguiu, arrastando suas botas verdes sobre o chão de cimento úmido.

Havia uma bicicleta ergométrica empoeirada, pilhas de jornais e revistas, caixas de papelão. Uma estante alta descansava contra uma parede, recheada de livros de bolso, a maioria romances. A estante parecia um pouco torta. Lisa foi direto até ela, agarrou uma das extremidades e puxou.

— Lisa! — Phoebe gritou, certa de que a estante iria tombar, esmagando-a.

Em vez disso, a estante girou para a frente, a extremidade esquerda presa a pesadas dobradiças. Abriu como uma porta.

— Sam, olhe! — Phoebe chamou.

Atrás da estante havia uma pesada porta de madeira com uma maçaneta de vidro facetado. Phoebe girou-a e empurrou, mas a porta estava trancada. Ela espiou pelo buraco da fechadura abaixo da maçaneta e, em seguida, tentando a sorte, enfiou a mão no bolso e tirou o colar de Evie. A chave-mestra deslizou perfeitamente no buraco e girou com facilidade.

Lisa me deu. Ela me contou uma história naquele verão sobre duas irmãs que passaram por uma aventura com uma chave mágica que deveria salvá-las. Ela disse que essa era a chave.

Phoebe abriu a porta e entrou.

O quarto era pequeno, mas arrumado. Havia uma janela retangular alta, como no quarto das flores. Uma cama de casal em um canto, imaculadamente arrumada, com um cobertor de lã verde por cima, tão bem esticado que Phoebe tinha certeza de que poderia fazer quicar uma moeda de 25 centavos nele. Uma estante de madeira recheada de livros sobre ocultismo, mitologia e fadas.

Próximo a ela, uma pequena mesa. Nela, um velho diário com capa de couro vermelho, uma pilha de cadernos, um bloco de papel em branco, uma caneta e lápis, e um pequeno gravador de microcassete. Havia também um binóculo de latão de aspecto antigo.

Sam pegou-o.

— Filho da mãe — ele disse.

— Sam? Você está bem?

— Nós encontramos isso na floresta naquele verão. Ele estava lá. Ele estava nos observando o tempo todo!

Presos na parede acima da mesa havia esboços de uma menina que Phoebe reconheceu das fotos de família na casa da mãe de Sam: Lisa. Uma Lisa jovem, sorrindo, rindo, com estrelas nos olhos. Lisa em um moletom com capuz. Lisa em um vestido de verão, as tiras soltas sobre os ombros estreitos. Os desenhos eram feitos a lápis e carvão.

Phoebe olhou dos desenhos para a versão crescida e abatida de Lisa, que estava ao lado de Phoebe sorrindo para ela mesma mais jovem.

Era impossível acreditar que as duas fossem a mesma pessoa. Não era apenas a pele pálida, a expressão gasta. Era como se o formato de seus olhos houvesse mudado. Quanto a tristeza poderia modificar fisicamente uma pessoa?

— Sam, olhe — Phoebe disse, estendendo o diário.

— É do Teilo? — perguntou ele.

— Não. Pertence a uma menina. Não há datas, mas ouça isso:

Início do verão, 10 anos Querido Diário,

Hoje, minha irmã e eu conhecemos o Rei das Fadas!

Mamãe diz que somos garotas de sorte, que quando ela era pequena, podia vê-lo também.

O vovô sorriu e voltou a ler seu jornal. Às vezes, quando o vovô sorri para mim, parece que há uma corda invisível em torno da minha garganta, e, à medida que os cantos de sua boca sobem, a corda fica mais apertada.

As pessoas da cidade dizem que não devemos brincar lá atrás.

Que esses bosques são assombrados. Um lugar maligno onde o Diabo dança.

O Rei das Fadas não é um demônio. Ele é muito bonito. Pelo menos, é isso o que minha irmã diz. Estava tão escuro e, para começo de conversa, ele nos fez fechar os olhos. Quando os abrimos, ele estava de pé, encostado em uma árvore, e no começo era difícil ver onde a árvore terminava e ele começava. Mas, quando forçávamos a vista, e por mais tempo, começávamos a vê-lo.

Mas era um pouco como aquele jogo que se joga no escuro, aquele em que você fica diante de um espelho, cantando “Bloody Mary” até ver alguma coisa e, então, você se pergunta se realmente viu alguma coisa mesmo, ou se era apenas a sua imaginação.

O que eu vi foi o seguinte: Um homem com os olhos mais negros que eu já vi. Como o petróleo, reflexivo e reluzente. Seu cabelo é longo e escuro. Sua respiração é doce no início, como flores, mas, em seguida, horrível e rançosa. Ele fala por enigmas. Minha irmã adora enigmas. Ele usa um manto colorido como casca de árvore, e quando ele o coloca em torno de si, você não consegue mais vê-lo.

Ele se chama Teilo e diz que vive aqui há muito, muito tempo.

— Caramba! — Phoebe disse, fechando o diário. — Quem é esse cara?

— Eu não sei — respondeu Sam. — Mas o diário com certeza não é de Lisa. Ela não tinha uma irmã.

— Então, ele foi atrás de outras meninas também — disse Phoebe.

Sam abriu uma cômoda, expondo roupas masculinas muito bem dobradas: cuecas, camisetas, jeans. Sam enfiou a mão no fundo da gaveta e tirou dali uma máscara branca e um par de luvas pretas de couro.

— Se você olhar para o verdadeiro rosto de uma fada, será levado à loucura — Sam disse, segurando a máscara.

Phoebe pegou as luvas.

— Veja os dedos!

Seis. Havia seis dedos em cada mão.

— Quem diabos é ele? — Sam perguntou.

— Ele se chama Teilo, o Rei das Fadas — disse Lisa. — Mas, na verdade, não é.

Sam estava examinando a estante. Lisa estava na porta, olhando com ar preocupado. Phoebe abriu o diário, pulou algumas páginas, e leu outro trecho:

Meio do verão, 11 anos Querido Diário, Minha irmã diz que vai se casar com Teilo.

No início, eu fiquei com raiva. Não porque eu realmente esperasse que ele me escolhesse em vez dela ou mesmo porque eu quisesse que ele me escolhesse. Foi só por que minha irmã mudou muito desde que ele apareceu.

Ela se tornou tão séria! Cada dia que passa, eu sinto que ela está se afastando de mim e ficando mais próxima a ele.

Então, quando ela disse que iria se casar, eu fiquei em silêncio.

— Não se lastime — disse minha irmã.

Mais tarde, quando descemos até o outro lado da colina, minha irmã disse a Teilo que eu ficara de mau humor durante todo o dia. Ele riu.

— Não se preocupe — disse ele. — Vocês duas podem ser minhas noivas.

Minha irmã diz que podemos viver aqui para sempre, nós três.

— Não somos as meninas mais sortudas na face da Terra? — perguntou ela.

Quando voltamos para casa, o vovô perguntou: — Por que essa cara triste?

— Porque eu sou uma das meninas mais sortudas da Terra. — eu disse a ele.

Ele riu, jogando a cabeça para trás. Seus dentes são quadrados perfeitos, branquíssimos, como se tivesse a boca cheia de cubos de açúcar.

Seu hálito cheira a terra e minerais, como o interior de uma caverna.

Ele fechou os dedos frios ao redor do meu pulso, como faz às vezes.

Como se estivesse verificando o meu pulso. Querendo saber se estou viva ou morta. Às vezes, ele apenas me mantém assim por algum tempo, seus fortes dedos ossudos em torno de meu pulso como uma algema, e se eu tentar me afastar, ele apenas aperta mais forte.

— Já descobriu a quem o diário pertence? — Sam perguntou.

Phoebe sacudiu a cabeça:

— Não, mas é terrivelmente assustador.

Ela fechou o diário e pegou o pequeno gravador, constatando que havia uma fita dentro dele. Ela rebobinou-a para o início e, depois, apertou o PLAY.

— Conte-me uma história — disse uma menina. Outra menina riu.

A primeira menina limpou a garganta e disse: — Aqui está ela, senhoras e

senhores, para o prazer de sua audição, a maior contadora de histórias do mundo, Lisa Nazzaro. — Houve o som de palmas, e depois outra risadinha.

Phoebe olhou para Sam, que parecia ter sido atingido por uma flecha.

Na fita, Lisa disse: — Você é demais, Evie.

— Então, é só contar a maldita história.

— Era uma vez — Lisa começou —, uma pobre camponesa.

Órfã, vivia sozinha na borda da floresta. Ela ia à cidade para recolher trapos e restos de comida. Às vezes, algumas pessoas da cidade ficavam com pena dela e lhe davam um pouco de sopa. Uma fatia de pão. Uma moeda brilhante. Mas, a maioria era cruel. Eles a chamavam de “menina maltrapilha”. Entretanto, o que nenhum deles sabia, inclusive a própria menina, é que, na verdade, ela era uma princesa.

— Oh — gemeu Evie. — Vai ter magia na história?

— Sempre tem — disse Lisa. — Que graça tem uma história sem magia?

Capítulo 44

A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n h a

Em noites de Lua cheia, o homem que se dizia Teilo aparecia lá para ver as duas. Ele usava uma máscara. Luvas pretas de couro e jaqueta.

— Shh! — ele alertava. — Não queremos perturbar as guardiãs.

Era um jogo. Nós contra elas. As guardiãs eram superprotetoras, Teilo dizia. Não aprovavam que ele visitasse suas garotas.

— Mas como elas poderiam me afastar? — perguntava ele. — Dá-se um jeito. Onde há vontade, há um jeito. Subam, subam e vamos embora!

Ele as conduzia através da pequena janela aberta e levava-as para o pomar. Todos eles davam-se as mãos e dançavam em um círculo. A rainha jogava a cabeça para trás e ria.

— Eu acho — disse Teilo —, que a cada dia que passa vocês crescem mais e ficam mais bonitas. O mundo das fadas lhes cai bem.

Ambas sabiam que era mentira, mas sorriam mesmo assim. Elas sabiam que estavam macilentas, tinham os cabelos emaranhados, feridas nos lábios e dentro da boca. Mariposas-meninas que nunca viam a luz do sol, nunca se lavavam em uma banheira, usavam apenas um balde e uma esponja. Meninas que viviam de pão branco e suco artificial superadoçado, que deixava um sabor amargo depois e as deixava sonolentas. Seus dentes estavam podres. Seu hálito, péssimo.

Elas se machucavam facilmente, como frutas maduras. Uma vez, eles estavam dançando e uma voz que vinha das árvores gritou: — O que você está fazendo?

— Nada! — gritou Teilo. — Cuide da sua vida, Evie!

Evie saiu das sombras, olhou para as meninas. Ela parecia alta e valente, e muito, muito zangada.

— Você não deveria falar com elas! Elas não deveriam estar aqui fora — disse ela. — Eu vou contar para a minha mãe. — Ela correu de volta para a casa.

— É melhor levar vocês de volta para casa — disse Teilo. — O baile acabou. Hora de voltarem a ser abóboras. Lindas e pequenas abóboras na minha plantação de abóboras.

Naquela noite, elas ouviram muita gritaria do outro lado da porta trancada. As vozes eram abafadas, mas furiosas, e as garotas pegavam apenas algumas palavras aqui e ali: *Perigoso. Arruinado. Teilo. Quem você pensa que é?*

Em seguida, marteladas: pregos sendo colocados na parte externa da pequena janela.

Elas abraçaram uma a outra no escuro, tremendo em seu colchão fino.

Teilo não apareceu para visitá-las novamente por um longo, longo tempo. Mas, Evie sim. Ela avisou-as.

— Não falem com ele — disse ela. — Ele não é quem diz ser.

São todos um bando de mentirosos. A única em quem vocês podem acreditar sou eu. Se vocês confiarem em mim, se vocês forem pacientes, um dia eu tiro vocês duas daqui. Eu prometo.

Capítulo 45

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Phoebe carregou o diário para fora do quarto secreto, folheando as páginas enquanto Sam vasculhava o restante do porão.

Fim do verão, 11 anos Querido Diário, Minha irmã diz que temos de fazer um trato com Teilo.

Parece que o que quer que eu faça, por mais que eu tente fugir, ele está lá. Mesmo quando não vou encontrá-lo, quando arranjo desculpas para minha irmã, ele está lá em meus sonhos. Ele está sempre lá.

Eu o apelidei secretamente. Eu o chamo de Homem do Pesadelo.

Às vezes, eu acordo gritando à noite. O vovô entra no meu quarto, me dá um comprimido amargo para colocar debaixo da língua.

— Criança impressionável — ele me chama, enquanto circunda o meu pulso com os dedos. Então, ele pergunta: — Com o que você sonhou?

— Eu não me lembro — eu lhe digo, e ele me dá aquele horrível sorrisinho. Às vezes me pergunto se meu pulso talvez esteja lhe contando uma história, transmitindo as palavras em algum tipo de código que só o vovô pode entender.

— Então, qual é o trato que temos de fazer com Teilo? — eu perguntei à minha irmã quando estávamos indo em direção à floresta. Nos últimos tempos, quando vamos para lá, sinto como se tudo estivesse vivo — como se as árvores tivessem olhos e ouvidos e precisássemos tomar muito cuidado com o que dizemos e fazemos.

— Se nós lhe prometermos o nosso primogênito — minha irmã explicou —, ele vai nos dar o que mais desejamos no mundo.

O que eu mais desejo é que nunca tivéssemos encontrado Teilo.

Se eu dissesse isso em voz alta, algo terrível aconteceria comigo.

Simplesmente sei disso.

Phoebe folheou adiante.

Meio do verão, 12 anos Querido Diário, Às vezes me pergunto se a minha irmã está inventando tudo isso.

Não sei como conseguiria, mas, ainda assim, eu me pergunto...

Gostaria de saber se uma pessoa pode trazer algo à existência apenas desejando. Mas, por que você desejaria algo sombrio? Algo maligno?

Phoebe saltou adiante novamente e encontrou um registro que a fez desmoronar.

— Oh, meu Deus, Sam — disse ela. — Eu sei de quem é este diário.

Sam afastou-se das caixas de livros e papéis que estava revirando.

— De quem?

— Ouça:

Solstício de verão, 13 anos, Querido Diário, Estou apaixonada. E a melhor parte é... que ele também me ama!

No entanto, estamos mantendo isso em segredo. Vovô diz que eu não estou autorizada a sair com garotos e que, se um dia me pegar com um deles, eu nunca mais vou sair de casa novamente. Vovô diz que os garotos só querem uma coisa. Mas ele está errado sobre David. David prometeu me levar para longe disso tudo, assim que eu completar 18 anos.

Ele trabalha na mercearia, mas está no colegial. Ele é um artista.

Um ceramista.

No outro dia, ele me deu um presente: uma tigela azul com uma sereia pintada no fundo.

— *É muito bonita para se usar para comer — eu disse a ele.*

Eu enchi a tigela com água, fiz ondinhas, e a sereia parecia ter ganhado vida. Então, uma coisa incrível aconteceu, uma coisa que me fez pensar se eu estou ficando louca. Olhei para a tigela e vi o doce rosto da sereia tornar-se raivoso e horrendo — era o rosto de Teilo olhando de volta.

Então, eu ouvi uma risada, senti uma respiração fria em meu pescoço. Ele estava parado atrás de mim. Só que, quando me virei, ele não estava lá.

Mais tarde, eu contei sobre isso à minha irmã. Ela exigiu saber de onde a tigela viera, e quando eu lhe disse, ela ficou quieta.

— *David me ama — eu disse a ela. — Ele diz que, quando terminar o colégio, quando eu tiver idade suficiente, nós vamos nos casar.*

Nós nos mudaremos para longe. Talvez para a Califórnia.

Eu deixei escapar o que estava pensando. Longe de Teilo. Longe de você e do vovô.

Minha irmã apenas sorriu, e disse:

— *Você acha que pode ir embora assim tão facilmente?*

Phoebe fechou o livro e olhou para Sam. Seu rosto estava pálido.

— É a minha mãe — disse ele.

Phoebe balançou a cabeça, concordando.

— E eu não sei quem ou o que é Teilo, mas sua tia Hazel está envolvida com ele faz muito, muito tempo.

Sam deixou as caixas de lado e caminhou em direção à escada.

— Pare — Lisa disse enquanto Sam subia os degraus de madeira rústica do porão. — Nós não temos permissão para ir lá em cima. É perigoso.

— Besteira — Sam murmurou, subindo os degraus de dois em dois. Phoebe enfiou o diário em seu bolso traseiro e o seguiu. Lisa ficou para trás, resmungando:

— Não é seguro, não é seguro, não é seguro. — Como um encantamento.

Phoebe ficou imaginando o que eles iriam encontrar lá em cima, o Rei das Fadas? Uma passagem para outro mundo?

Ela relembrou do sonho que tivera na cabana: a mão penetrando o seu ventre, afastando a carne, os músculos e a pele.

Ela pensou no pequeno cemitério no pomar.

— Sam — ela disse, com a voz trêmula. — Talvez seja hora de chamarmos a polícia. — Ele não demonstrou qualquer sinal de tê-la ouvido e percorreu rapidamente os últimos degraus. Phoebe ia logo atrás dele. E, atrás dela, Lisa a seguia hesitante, murmurando “Não é seguro” repetidamente.

A porta se abriu para uma cozinha comum, com bancadas laminadas, piso de linóleo descascado, ligeiramente pegajoso sob os pés. Copos vazios, tigelas e garrafas de gim espalhavam-se pelo balcão.

Phoebe analisou o lugar e sentiu um horrível e familiar mal-estar — aquela se parecia tanto com as cozinhas de sua infância, cheirando a bebida derramada e leite azedo. Havia uma grande embalagem de inseticida em *spray* sobre a mesa bagunçada. Phoebe estremeceu. Era como se tivesse voltado no tempo, para a época em que atravessaria a cozinha e encontraria sua própria mãe desmaiada no sofá da sala. E agora, como antes, sentiu que era uma menininha tímida, impotente frente aos demônios dos outros.

— Sam? — a palavra soou como pouco mais que um sopro úmido no ar. Ela queria sair daquele lugar. Correr o mais rápido que pudesse e não olhar para trás.

Sam virou à esquerda, atravessando a sala de jantar até a sala de estar.

Phoebe cobriu o nariz e a boca e caminhou até a pia. Entre panelas fossilizadas de macarrão alaranjado com queijo e macarronada em lata havia mamadeiras e sacos meio vazios de leite em pó coalhado.

A barriga de Phoebe deu um nó. Ela não podia suportar a ideia de um bebezinho num lugar como aquele, cuidado por uma mulher que, obviamente, mal podia cuidar de si mesma. Ela colocou a mão sobre a barriga e fez uma promessa silenciosa: *Eu vou mantê-lo seguro. Vou impedir que coisas como esta aconteçam a você. Você vai crescer em uma casa limpa, comer alimentos saudáveis e orgânicos, comida aprovada por Sam.*

— Sam — Phoebe chamou, levantando uma das mamadeiras.

— O bebê estava aqui. — Ele olhou e assentiu com a cabeça, com a cara

fechada.

Ela largou a mamadeira com leite em pó coalhado e seguiu Sam até a sala.

Ambos os ambientes estavam desarrumados e imundos: pilhas de correspondências de anúncios, livros e revistas cobriam a mesa e o chão. Cinzeiros transbordavam. Mantas tricotadas que sem dúvida um dia foram coloridas e vivas pendiam dos móveis desgastados e manchados. As luzes estavam acesas, mas não havia sinal de vida.

— Hazel? — gritou ele. Não houve resposta.

— Sam — Phoebe começou, flagrando outra garrafa de gim, só que meio cheia, sobre a mesinha de centro. Próximo a ela, uma marca de copo, ainda úmida e brilhante. — Quando foi a última vez que estive aqui?

— Quando eu era criança. Antes de Lisa desaparecer.

Lisa os havia seguido até a sala, mas estava com as costas pressionadas contra a parede, os olhos arregalados, punhos cerrados, unhas cravadas nas palmas das mãos.

— Você está bem, Lisa? — Phoebe perguntou. Lisa não deu indícios de tê-la ouvido.

Sam escalou a escada acarpetada em tons de marrom e laranja da sala de estar. A parede estava coberta de fotos de escola de Evie. Lá estava ela na primeira série, atarracada e sardenta, sorrindo para a câmera. Então, mais tarde, na quinta série, as sardas desbotadas, o sorriso substituído por uma carranca. Em sua foto da formatura do colégio, ela aparecia alta e magra, com cabelos curtos e olhos penetrantes.

A luz do corredor estava acesa. Eles passaram por reproduções de paisagens em molduras baratas, uma mão gravada em gesso que Evie fizera quando tinha 7 anos. Phoebe colocou a própria mão sobre a dela, seus dedos encaixando nas marcas que a mão de Evie havia deixado.

Onde *estava* Evie?

O que estava acontecendo com as meninas e mulheres daquela família?

O primeiro quarto, de Hazel, estava vazio. A cama estava coberta com uma colcha florida. Havia uma revista *Seleções* sobre o criado-mudo e uma pequena televisão. Algumas roupas sujas no chão: uma camisola manchada, um par de enormes e desbotadas calcinhas cor-de-rosa com o elástico frouxo. Phoebe desviou o olhar, envergonhada.

Sam atravessou o corredor até o segundo quarto.

— Santo Deus! — ele exclamou. Phoebe correu para lá.

— O quarto de Evie — disse Sam.

Havia uma cama de solteiro, arrumada com capricho. Ao lado dela, uma escrivaninha. Acima da mesa, um cartaz de uma carta de tarô: o Enforcado.

Phoebe sentiu a pele fria e úmida, como se ela tivesse acabado de entrar em uma caverna.

— Parece familiar? — Sam perguntou, apontando para a imagem, que mostrava um homempendurado de cabeça para baixo pelo pé, sua perna cruzada, as mãos

amarradas.

— A marca de Teilo — Phoebe disse de imediato, reconhecendo a forma grosseira que o corpo do homem de cabeça para baixo assumia.

Havia cadernos de anotações espalhados sobre a escrivaninha.

Sam pegou um, folheou-o de cara feia. Então, devolveu-o e apanhou outro.

— Estão todos cheios de coisas escritas, mas não consigo decifrá-las. Parecem muito com os seus hieróglifos, Bee. — Sam lançou-lhe um olhar zombeteiro.

— Deixe-me ver. — Sam entregou-lhe o caderno, e ela o folheou.

— Muitas pessoas usam sua própria forma de taquigrafia. Isso torna a escrita mais rápida — explicou ela.

— E faz com que as outras pessoas não consigam ler — acrescentou Sam.

— Certo, definitivamente ela estava tentando manter em segredo o que estava escrevendo — Phoebe disse —, mas eu consigo ler isso sem problema.

— Consegue?

— Na verdade, é muito simples. — Ela segurou o caderno para ele olhar. — Está vendo esses pontos? — eles representam os artigos *a* e *o*. Ela descartou a maioria das vogais, usado ortografia fonética. E simplificou algumas das letras, como deixar o *A* sem o traço no meio. E este rabisco aqui — disse ela, apontando para a página — é um *R*. A palavra é “falar”.

Sam olhou para o caderno.

— Você consegue mesmo ler isso?

— Claro! — confirmou Phoebe. — Ela está falando sobre as fadas, Teilo, uma passagem mágica em *Reliance*. — Ela largou o caderno e pegou outro, um mais antigo, com a capa desgastada e desbotada.

— Certo — disse Sam. — Então, nós sabemos que Evie estava ajudando Teilo, mas quem diabos é ele? Com certeza não saiu de uma passagem secreta na floresta. Quem vive naquele quarto no porão?

Lisa estava parada na porta, como se estivesse com medo de cruzar o batente. Ela deu uma risada alta de nervosismo.

— Eu não sei, mas Evie definitivamente sabe — disse Phoebe, com um nó se formando no estômago. — Mas não estou certa de que ela sempre esteve do lado dele. — Phoebe apontou para o caderno. — Ouça isso, é de quinze anos atrás, em agosto:

“Estão mantendo-a tão dopada que ela não sabe onde está. Vê-la assim está me matando; é como ser estripada. Mas eu sei que não vai durar.

É apenas por um curto período. Eu entro de fininho em seu quarto à noite, enrosco-me ao lado dela, e digo-lhe que prometo que vou libertá-la. Eu levo para ela pequenos mimos: chocolate, lápis de cor, chiclete. Um dia, vou encontrar uma maneira de quebrar o feitiço. Nós vamos subir em nossos cavalos e ir embora daqui. Vou usar a minha chave mágica e salvar a nós duas.”

Phoebe lembrou-se do que Lisa havia dito, que fora Evie quem a deixara fugir. Mas por que demorou quinze anos? O que a impediu?

Phoebe olhou para o cartaz do Enforcado na parede acima da escrivaninha. O que mais a impressionava era a sua expressão de perfeita calma. Ali estava ele, pendurado de cabeça para baixo, aparentando estar completamente em paz, um halo amarelo brilhando em torno de sua cabeça, fazendo-o parecer sagrado, iluminado.

Ela voltou a olhar para o caderno, folheando adiante até que algo chamou sua atenção.

— Ouça isto — disse ela.

Evie havia feito anotações de um livro chamado *Tarô para Principiantes*:

“O Enforcado pende serenamente de cabeça para baixo, tendo se desprendido de todos os apegos mundanos. O Enforcado tem uma perspectiva das coisas que só é obtida por alguém que está livre da realidade cotidiana. Ele é um pária que parece ser tolo, mas, na realidade, é o mais esclarecido de todos. Ele compreende que a mudança está a caminho e está completamente aberto a isso. É uma carta sobre rendição. Sobre estar suspenso entre os mundos.”

Ele transita entre os mundos.

É uma carta sobre rendição.

Quando largou o diário, algo na pilha de livros debaixo dos cadernos atraiu sua atenção. Phoebe puxou um grosso livro de capa dura envolvido em uma capa protetora transparente de biblioteca: *Entendendo a Agorafobia*. — Parece que Evie andou pesquisando um pouquinho. — Preparando-se para interpretar o papel da pobre e aterrorizada prima, que não consegue sair de seu apartamento. Phoebe folheou o volume. Escondidos entre as páginas do livro estavam dois instantâneos, um deles mostrava a casa que Phoebe e Sam compartilhavam.

— Ela estava nos observando — disse Phoebe.

O outro era uma foto de infância de Evie, com Sam e Lisa em uma praia. O braço de Evie estava em torno de Lisa. Todos os três sorriam para a câmera. Phoebe notou o brilho da pulseira de balangandãs novinha em folha de Lisa, em seu pulso esquerdo. Sam e Evie seguravam espadas de pirata de plástico. No canto da foto, entre as crianças e o oceano atrás delas, uma figura borrada estava à espreita.

— Quem é esse? — ela perguntou a Sam, apontando para a foto, imaginando se era uma pessoa real ou apenas um truque de luz.

— Ninguém — respondeu Sam. — Não havia mais ninguém lá.

Atrás deles, num quarto no fim do corredor, uma porta se fechou.

Todos congelaram, olhando uns para os outros.

— Ele está aqui — disse Lisa.

Phoebe olhou para o Enforcado e cambaleou um pouco, sentindo-se zozona de

repente, como se ela própria estivesse de cabeça para baixo. Seu estômago revirou-se e uma onda de náusea apoderou-se dela. Ela saiu correndo do quarto até o corredor, procurando por um banheiro, e o encontrou bem a tempo. Ela vomitou, lavou a boca com água morna, olhou-se no espelho. Por apenas um instante, uma figura nebulosa moveu-se no reflexo do espelho, atrás dela. Ela se virou. Ninguém. Nada.

— Droga — ela murmurou, agarrando a pia. Ela pensou ter sentido o bebê se mexer dentro dela, sua própria varinhazinha de rãdomancia dizendo-lhe que algo estava terrivelmente errado.

Ela caminhou com as pernas trêmulas para fora do banheiro e viu que havia mais um quarto do outro lado do corredor, com a porta fechada. Ela arrastou-se lentamente até lá, colocou a mão na maçaneta, girou-a suavemente, empurrou a porta, abriu-a. O quarto estava quente, com um cheiro adocicado, mas azedo no fundo.

— Oh — exclamou ela, sem intenção de falar, o som escapando assim mesmo. À sua frente estava um belo berço branquinho, um trocador de fraldas abastecido com fraldas, talcos, lenços umedecidos e creme para assadura. Na ponta dele, uma mamadeira de leite. Phoebe a tocou; ainda estava quente.

— Você chegou tarde demais — uma voz lhe disse. Era grave, desconhecida. Os pelos na parte de trás do pescoço de Phoebe eriçaram-se. Ela tentou forçar-se a virar, mas descobriu que estava petrificada no lugar, como em um pesadelo.

Capítulo 46

A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n h a

Daquela vez, ele engravidou as duas. Teria o seu filho de um jeito ou de outro. Elas falaram sobre fugir. Quando os bebês nascessem, elas os pegariam e escapariam.

— Eles nunca deixarão — disse a rainha. Estava lá havia mais anos. Tinha perdido a esperança muito tempo atrás.

— Conheço pessoas — ela disse para a rainha. — Há lugares onde estaríamos seguras. Às vezes, há finais felizes — disse ela. João e Maria empurraram a bruxa no forno, pegaram os seus tesouros e encontraram o caminho de volta. A Bela Adormecida foi acordada com um beijo.

Elas não viam Teilo com frequência. Continuavam a ouvir discussões através das paredes floridas. Palavras iradas que diziam coisas do tipo “Como você pôde?”, “Eu confiei em você!” e “Você estragou tudo”.

As meninas esperaram. A barriga delas cresceu. Para passar o tempo, contavam histórias uma para a outra.

Era uma vez uma menina. Ela tinha cachinhos. Seus cabelos eram negros como carvão. Olhos escuros. Ela vivia com a mãe, o pai e o irmão na borda de uma floresta. Ela comia aveia no café da manhã e chamava de mingau. Ela tinha uma estante cheia de livros e um pente e espelho de prata que eram mágicos. Ela tinha um esconderijo secreto no sótão. Ela ia à escola. Aprendeu a regra de ouro (22). Adorava o professor de inglês, que lhe ensinou coisas como o que é uma metáfora e como toda história, se você examinar direito, é um círculo com começo, meio e fim.

Ela tinha uma prima chamada Evie, que disse: — Nunca mais vá para a floresta.

E Evie estava certa. Ela deveria tê-la escutado.

22 A tática da reciprocidade (N. da T.)

Capítulo 47

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Quem é Teilo? — Sam exigiu saber. Hazel ficou parada no centro do quarto do bebê, segurando um copo grande do que parecia ser, pelo cheiro, gim puro com gelo. Ela era baixa e corpulenta, com cabelos pretos despenteados raiados de cinza. Suas bochechas eram rosadas e cobertas por uma teia de veiazinhas finas e vermelhas, os olhos escuros. Ela usava uma *legging* a zul-marinho, manchada nos joelhos, um cardigã branco e uns chinelos felpudos de lã. *Roupa de casa*, como a mãe de Phoebe teria chamado. Phoebe instantaneamente percebeu a semelhança dela com Phyllis, só que aquela era uma versão devastada: a irmã sinistra que roubava crianças.

— Você realmente precisa perguntar isso? — Hazel indagou, suas palavras um atrapalhado silvo bêbado. — Depois de tudo o que você já viu? Você mais do que ninguém deveria compreender a verdade, Sammy. — Ela gesticulou com a bebida na direção dele, derramando no chão parte do conteúdo do copo.

— Que verdade é essa? — Sam perguntou. — O que eu entendo é que você manteve Lisa aqui. Fazendo-a pensar que estava com as fadas. Foi *você*. Você e um misterioso estuprador de seis dedos que vive no seu maldito porão! Quem é ele, Hazel?

— Eu fiz o que fiz porque eu *tive* de fazer. Eu fiz isso para proteger os meus filhos.

— Evie? — Sam disse. — Como diabos sequestrar Lisa protegeria Evie?
Filhos. Ela disse filhos.

Phoebe se lembrou do que Becca havia dito sobre Hazel ter tido um bebê natimorto que todos na cidade ouviam chorar.

— Ele é seu filho — disse Phoebe. — Teilo é seu filho.

Hazel riu, soando mais como uma delicada Mamãe Noel do que uma sequestradora psicótica.

— Não. Gene é filho de Teilo.

— Quem? — Sam perguntou.

— O Homem das Sombras — disse ela. — Teilo. — Quando Hazel pronunciou tal nome, uma sombra atravessou seu rosto. Ela tomou um longo gole do copo de gim, com a mão trêmula.

Ela tem medo dele, Phoebe pensou.

— Mas quem diabos é Gene? — Sam perguntou.

— Seu primo — Phoebe explicou. — Irmão mais velho de Evie.

— Evie não tem irmão. — Sam sacudiu a cabeça com firmeza.

Pobre Sam. Às vezes, ele era inteligente demais para o seu próprio bem. Até seu cérebro analisar e processar tudo, ele ficava meio passo para trás.

— Por quê? — Phoebe perguntou a Hazel. — Por que mantê-lo escondido?

— Ele transita entre os mundos — disse Hazel. — Metade fada, metade humano.

— Eu já estou de saco cheio dessa história de fadas! — Sam explodiu. — Onde está o bebê de Lisa? O que vocês malucos fizeram com ele?

— Eu disse, você chegou tarde demais — Hazel disse calmamente, alisando um vinco na calça manchada. — Eles levaram o bebê.

— Para onde? — Sam perguntou. — O que vão fazer com ele?

Prendê-lo em outro quarto secreto no porão imundo de alguém?

Hazel se encolheu um pouco, depois sorriu, mostrando dentes tortos, manchados.

— Não. Eles vão levá-lo para Teilo. Com o tempo, ele vai se juntar a outro bebê, uma menina humana ainda não nascida, que será criada pelas fadas. Juntos, eles irão mudar o mundo.

— Isso é loucura! — vociferou Sam. — Você não pode realmente acreditar em tudo isso.

— É a profecia. E tudo está se tornando realidade. Pergunte a ela — Hazel disse, olhando para Lisa. — Ela conhece a verdade. Ela viu o futuro. — Hazel olhou para o seu copo, fechou os olhos, e tomou outro gole.

Sam sacudiu a cabeça.

— Lisa mal sabe o próprio nome, agora.

Hazel riu.

— Você ainda acha que essa é Lisa?

A mente de Phoebe corria em círculos; então, tudo se encaixou, como as peças de um quebra-cabeça.

— Deixe-me adivinhar, ela é uma *metamorfa*? Caramba! — Sam disse. — Hazel, você tirou toda essa porcaria insana de fadas de sua própria mente doentia e distorcida e fez uma lavagem cerebral em Evie. Você sequestrou sua sobrinha. E, ainda por cima, tem um filho secreto, que nunca vê a luz do dia? Que diabos está acontecendo com você?

Hazel sacudiu a cabeça.

— No início, eu também não queria acreditar, Sammy. Mas, então, eu vi a verdade. Às vezes, eu gostaria... Eu gostaria que as coisas tivessem sido diferentes. Mas elas não foram. E você não pode fugir de seu próprio destino. Você não pode se esconder de Teilo, não importa quanto você tente.

— Para onde eles levaram o bebê? — Sam perguntou, levantando a voz e falando devagar, separando as sílabas. — Onde está Teilo?

— Para onde você vai quando já não há outro lugar para ir? — Hazel disse, balançando para trás sobre os calcanhares. — Para casa, Sammy. Você vai para casa.

Capítulo 48

A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n h a

Teilo conseguiu o que queria, o que os sonhos e as profecias prometeram: um menino com cabelo escuro e grosso, pele muito pálida, olhos da cor de castanhas e uma boca tão vermelha quanto qualquer rubi. Ele cheirava como chuva quente de verão. E só parava de chorar quando o mamilo dela estava em sua boca. Ele o girava como uma doce cereja e, então, apertava-o firme e punha-se a sugá-lo com vontade. Rainha vaca, bombeando leite, com o bebê uivando em seu colo, uma das guardiãs lhe dizendo para fazê-lo parar de chorar.

Em seguida, outra guardiã sussurrou:

— Trate de calar a boca antes que Teilo ouça você e frite a sua pele para o café da manhã! Veja lá como você fala do príncipe.

As coisas estavam tensas desde que o filho de Teilo nascera.

Havia discussões o tempo todo. Evie brigava com as guardiãs, que, em seguida, brigavam com o homem que chamava a si mesmo Teilo, mas, que na verdade, não era.

Seu próprio filho, uma menina, nascera morta. Talvez tivesse chegado antes do tempo. Entretanto, era perfeita em todos os sentidos.

Dez dedos nas mãos. Dez dedos nos pés. A cabeça cheia de cabelos, encaracolados, úmidos.

Uma semana depois, o bebê da rainha, o filho perfeito, chegou.

A rainha teve um trabalho de parto difícil, muito pior do que o dela própria. Tantos gritos. Tanto sangue. As guardiãs tentaram estancá-lo.

— Temos de levá-la para um hospital — disse Evie. — Ela estava gritando, implorando. E estava chorando. Lágrimas de verdade.

— Não — disse a mãe dela. — Teilo ficaria furioso.

Então, eles a deixaram morrer.

Lisa era o seu nome. A Rainha das Fadas.

Ela ouviu as guardiãs falando. Dizendo que ela não tinha utilidade.

— Ela tem um parafuso a menos — disse uma delas. — Um maldito caso de hospício. Nem mesmo é a mãe do garoto. Apenas uma ama de leite tirada ao acaso das ruas, porque Gene achou que Lisa estava solitária. Então, ele traz para ela uma droga de uma viciada pirada? Que tal isso para dama de companhia da Rainha das Fadas?

Nojento!

— Agora é tarde demais — a outra disse. — E a culpa é sua, no final das contas. Era seu trabalho manter Gene sob controle. Ela está servindo a um propósito agora, a alimentação do bebê. Quando não precisarmos mais da garota, nós nos livramos dela. E damos um jeito em qualquer evidência.

Evidência.

Evidentemente.

Eventualmente.

Maldito caso de hospício Era uma vez, uma menina que achava que era especial, mas, na verdade, era apenas estúpida. Uma menina má, que fugia da escola, roubava cigarros e bebida da mãe. Ela fugiu de casa aos 16 anos, procurando algo mais. Ela morava nas ruas. Descolando uma grana do jeito que conseguisse. É engraçado as coisas pelas quais os caras pagam. Estranhamente engraçado, nada engraçado *há há*. Era um ditado que sua mãe costumava dizer. Às vezes, ela sentia falta de sua mãe. Na maior parte do tempo, não. Cada dia na rua era como garimpar ouro: você nunca sabia o que iria encontrar, o que apareceria.

Ele estava todo vestido de preto, não muito mais velho do que ela. Seu cabelo era escuro e penteado para trás. Ele tinha um cavanhaque. Suas botas eram tão bem engraxadas que dava para ver nela os reflexos da iluminação pública e as nuvens. Era um homem mágico, ele disse a ela. Deu-lhe uma nota de vinte dólares só por um sorriso. Foi quando ela viu as mãos enluvadas, com um dedo extra em cada.

No dia seguinte, ele voltou com um maço de cigarros e um punhado de comprimidos brilhantes e coloridos como balas.

— O que você acharia se eu lhe dissesse que há todo um mundo paralelo além do nosso, e que os seres que ali vivem controlam o nosso destino?

A menina riu.

— Sabe quando, às vezes, você está sentado e percebe um movimento no canto do olho? Apenas uma sombra, na verdade, e você pisca, certa de foi só uma impressão?

Ela assentiu com a cabeça. Ela sabia exatamente o que ele queria dizer. Era o que acontecia com ela o tempo todo.

— Isso são eles — disse o cara.

Ela tirou um cigarro do maço e o acendeu.

— Gente como você e eu compreende que a vida que as pessoas vivem não passa, na verdade, de uma ilusão, não é? Fumaça e espelhos, escondendo a verdade. Um negócio da China. Aquele cara que sai de uma Banana Republic com uma camisa de setenta dólares.

A mulher com seu grande copo de *cappuccino* pra viagem. Eles não têm a mínima ideia. Mas você e eu, sabemos muito bem.

A menina soprou a fumaça para ele, sorriu.

— Então, o que, exatamente, você está dizendo?

— Estou dizendo que eu posso lhe mostrar a verdade. Eu posso levá-la para

longe de tudo isso e mudar sua vida para sempre.

Agora, a menina estava apenas cansada. E ela não era mais uma menina. Tinha o que, 20 anos? Talvez até 30. O tempo não significava nada no mundo das fadas. Seu corpo estava ferido. Seus dentes doíam. Ela se deitava na cama à noite e ouvia vozes que ninguém mais parecia ouvir. Elas aumentavam, depois baixavam, mas eram constantes, como um pulso. Um estranho batimento cardíaco em seus ouvidos. Bebês de Lisa. Dela. A voz de Lisa dizendo: — Eu vivia perto de uma cidade chamada Reliance. O nome do meu irmão é Sam. Se algum dia eu sair daqui, ele será o primeiro que eu vou procurar.

Quando começaram a dar leite em pó ao bebê, ela sabia que era o fim.

Evie entrou em seu quarto uma noite e disse: — Você precisa ir. Agora.

Evie tinha sido tão gentil com ela naquelas últimas semanas. Ela saía com ela e o bebê quando as guardiãs estavam longe. Saíam para passear pelo campo. Evie a levava a uma biblioteca algumas tardes, até a deixava pegar livros. Era distante, um lugar onde ninguém as reconheceria.

Mas, agora, Evie estava em pânico quando arrombou a janela e a ajudou a atravessá-la.

— Para onde eu irei? — perguntou ela.

— O mais longe que puder — sussurrou Evie.

Ela passou para o lado de fora e correu. Mas não era em direção à sua própria vida que ela estava correndo. Era para a de Lisa, a garota que foi a Rainha das Fadas. Porque, de algum modo, depois de tantos anos juntas, ela sabia que a vida de Lisa era melhor do que a dela. Era mais real para ela — mais vívida, brilhante e cheia de esperança que seu próprio passado.

Era uma vez uma garota chamada Lisa, que vivia em uma casa com sua mãe, seu pai e seu irmão, Sammy. Todos a amavam muito. Ela comia aveia no café da manhã e chamava de mingau. Seu pai estava muito doente e ela achou que poderia salvá-lo. Ela era uma boa menina.

Boa menina.

Boa menina.

Capítulo 49

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

— Então, o que você está dizendo — disse Phoebe — é que não há realmente nenhum Teilo?

— Isso — confirmou Sam. Ele seguia em alta velocidade por estradas escuras e tortuosas, correndo em direção a Reliance, esperando ardentemente que o bebê estivesse lá. — Ele é apenas uma figura de algum conto de fadas maluco em que minha mãe e Hazel acreditavam, uma história que a própria mãe delas lhes contou. Elas a passaram para seus filhos. Hazel era um pouco... desequilibrada, e levou a história a sério. Ela passou realmente a acreditar, e então aconteceu a gravidez. Acho que isso foi a gota d'água. — Sam fez uma pausa, respirou fundo. — Talvez ela tenha sido estuprada — disse ele, estremecendo. — E, para lidar com isso, convenceu-se de que era o bebê de Teilo. Ela o escondeu, criou-o com essa crença doida de que ele tinha o sangue das fadas. Algumas famílias têm coisas ruins como câncer e doenças cardíacas passadas de geração a geração — nós temos histórias sinistras.

De uma maneira horrível, fazia sentido. Uma lenda transmitida de uma geração para a seguinte que fazia cada criança se sentir especial, como se fosse parte de algo muito maior, muito mais mágico do que o universo mundano de coleguinhas, escola e coleções de pedras. *Existem fadas do outro lado da colina. Seu bisavô era realmente um metamorfo abandonado em um berço para passar por um bebê humano.*

Não era o que todos queriam? Aspirar ser mais especial do que seu vizinho? Todos não desejavam secretamente que houvesse um outro mundo para o qual se pudesse encontrar uma passagem, cruzá-la e se tornar uma rainha?

Phoebe poderia entender esse desejo.

Ela passara toda a sua vida sendo absolutamente banal. A menina que passou despercebida. Que mal conseguiu frequentar a escola, e não parecia muito promissora. A filha de uma bêbada, que não estava destinada a nenhum tipo de grandeza.

Havia uma parte qualquer dentro dela — uma parte desesperada e patética, morrendo de vontade de ser especial —, que desejava que fosse verdade que Teilo realmente a pudesse ter escolhido para ter o primogênito de Sam.

Phoebe engoliu em seco, sentindo como se tivesse uma bola de golfe presa na garganta.

Phoebe lembrou-se do que a dra. Ostrum lhe dissera sobre as pessoas em Reliance não terem desaparecido da noite para o dia, que a cidade murchou lentamente, que as pessoas mudaram-se para outros lugares. Mas isso não servia como uma boa história. Toda cidade precisa de um mistério ou dois, ela disse.

— Então, quem é o pai do bebê de Lisa? — Phoebe perguntou.

— Tem de ser esse tal primo, Gene — sugeriu Sam. — Droga, eu aposto que ele estava lá naquele verão, escondendo-se na floresta, fingindo ser o Rei das Fadas! Uma vez, encontramos uma cama de samambaias, um cobertor e os binóculos de latão.

— Oh — exclamou Phoebe, aliviada por estarem falando sobre uma pessoa real, e não um ser mítico. Mas, então, ela se lembrou do vulto escuro que tinha visto passar por trás dela no banheiro da tia Hazel. Lembrou-se dos pesadelos.

— Eu ainda não entendo — Phoebe confessou. — Tudo o que aconteceu na cabana, a outra Evie...

— Eu acho que o mundo desabou quando Lisa fugiu — explicou Sam. — Quero dizer, eles a sequestraram, mantiveram-na presa contra sua vontade durante anos, usaram-na em seu projeto depravado de procriação incestuosa para tentarem cumprir uma profecia maluca das fadas, que provavelmente foram eles mesmos que inventaram. Lunáticos! Eles sabiam que ela viria até nós. E sabiam que o livro de fadas os ligava ao rapto. Era a prova. Eles o queriam de volta. E queriam Lisa de volta antes que ela contasse a alguém sobre Gene, o bebê e o quarto no porão. Então, eles recrutaram a falsa Evie, sabendo que ela nos levaria à verdadeira Evie, que aparentava ser uma mulher alquebrada e indefesa. Alguém que precisava de cuidados.

Deus, eles nos manipularam, Bee. Sabiam de todos os nossos movimentos antes mesmo de nós.

Mas havia uma peça na história de Sam que ainda não estava se encaixando: Lisa.

— Gabrielle — Phoebe disse, voltando a olhar para a menina no banco de trás —, Lisa já estava lá quando eles pegaram você ou ela chegou depois?

— O quê? — Sam perguntou. — Do que você está falando, Bee?

A menina mordeu o lábio, olhou para Phoebe e assentiu com a cabeça.

— Ela estava lá. Ela era a verdadeira rainha.

O carro mudou de pista quando Sam se virou para olhar o banco traseiro. Uma buzina reclamou.

— Sam! — Phoebe gritou. — Mantenha os olhos na estrada. Se você nos matar, nunca vamos encontrar o bebê.

— Eu não entendo — Sam murmurou, os olhos focados na estrada escura, as mãos segurando firme o volante, enquanto ele endireitava o carro. — De quem é o

bebê? Quem é essa garota? Onde diabos está Lisa?

— O bebê é de Lisa, certo? — Phoebe disse.

Gabrielle confirmou com a cabeça.

— Você também teve um bebê? — Phoebe perguntou, lembrando o que Franny dissera sobre o leite nos seios da menina.

Ela balançou a cabeça de novo.

— Meu bebê morreu. Eles me deram o de Lisa.

— Onde está Lisa? — Sam perguntou novamente.

Gabrielle começou a chorar. Phoebe compreendeu. Lisa estava debaixo de uma das cruzes brancas no pomar. Se morrera dando à luz ou se a mataram porque não teria mais utilidade, fosse o que fosse, ela já não vivia.

— E seus bebês têm o mesmo pai? — Phoebe perguntou.

Gabrielle fez que sim com a cabeça.

— Teilo. O Homem das Sombras. O Rei das Fadas. Ele virá por você também — disse ela, olhando diretamente para Phoebe. — Você verá em breve. Você tem algo que ele quer.

O estômago de Phoebe se contraiu.

— Eu não entendo — disse Sam. — O que está acontecendo, caramba?

— Eles pegaram outra menina — explicou Phoebe. — Eu vi o nome de Gabrielle escrito na parede do quarto trancado no porão.

Então, quando nós estávamos conversando com Hazel, percebi que esta não era Lisa. Você estava certo o tempo todo, Sam.

— Mas, por quê? — Sam quis saber. — Por que pegar uma outra menina?

— Eu não sei exatamente — confessou Phoebe. — Uma companheira, talvez? Mas ainda há outra coisa que eu não estou entendendo. Se a sua mãe sabia que Hazel realmente acreditava nas fadas, o que deve ser verdade, pois escreveu no diário, então, como não suspeitou dela quando Lisa desapareceu? Por que não mandou a polícia atrás de Hazel imediatamente?

Sam deu de ombros.

Phoebe puxou o diário vermelho de Phyllis de seu bolso de trás e o abriu:

Fim do verão, 13 anos Querido Diário, Ontem, minha irmã pediu desculpas pela forma horrível como vinha se comportando. Ela disse que sentia muito por ter ficado tão obcecada por Teilo. É claro que eu deveria ir embora e me casar com David quando ficasse um pouco mais velha. Ela estava feliz por mim. De verdade.

Fizemos um piquenique em um cobertor que ela estendeu na floresta. Ela fez bolinhos e trouxe uma garrafa térmica de chá doce e quente. Depois, me senti muito sonolenta.

— Feche os olhos — disse ela. — Deite-se um pouco.

Quando abri os olhos novamente, David estava lá.

Olhei para minha irmã, mas ela já não estava ali.

— Nós nos amamos muito, não é? — David disse, levantando a minha saia. Ele soltou seu cinto.

— O que você está fazendo? — tentei perguntar, mas o que saiu de minha boca foi apenas um indistinto zumbido de inseto. Tentei me sentar, mas sentia meu corpo muito pesado, como se eu fosse feita de pesados sacos de areia.

Então, ele estava em cima de mim. Dentro de mim. Eu tentei rolar, mas seus braços me prenderam ao cobertor.

Fechei os olhos.

Quando os abri novamente, não era o rosto de David que eu via.

Os olhos negros de Teilo olhavam de volta para mim. E só então eu percebi que eles eram muito parecidos com os do vovô. E, então, ele sorriu e eu senti aquele sentimento familiar de constrição na garganta.

— Bobinha — disse ele.

— Sam, quantos anos sua mãe tinha quando Lisa nasceu? — Phoebe perguntou.

— Eu não sei exatamente. Vinte, eu acho. Por quê?

Phoebe não respondeu, mas voltou à leitura.

Fim da primavera, 14 anos Querido Diário, Foi minha irmã quem contou a David que eu estava grávida. Ela disse que esse era o tipo de garota que eu era — descuidada, que entraria na floresta com qualquer garoto que pedisse.

Tentei dizer-lhe a verdade: que ela me levou para a floresta. Que eu tinha visto seu rosto em primeiro lugar. Era uma peça terrível que os dois haviam pregado em mim.

— Meu avô também estava envolvido — expliquei. — Ele é mau.

Ele tem poderes. Às vezes... às vezes, penso que ele não é humano.

David começou a se afastar. Eu agarrei o seu ombro, fiz com que ele se virasse para mim.

— Eu amo você — eu disse. — Por toda a minha vida, eu amarei somente você.

David abanou a cabeça e se afastou lentamente de mim, como se eu estivesse apontando uma arma para ele. De algum modo, eu havia me tornado uma garota perigosa. Aos olhos dele, uma garota capaz de qualquer coisa.

Minha irmã era um grande conforto para David. Ele continuou por perto. Ela lhe servia chá, bolinhos e histórias. Histórias sobre mim, e como eu sempre fui um pouco amalucada. Sobre como, do outro lado da nossa colina, havia uma cidade que agora não estava mais lá; sobre como eu, sua pobre e louca irmã, acreditava que havia fadas lá.

Quando minha irmã me disse que estava se casando, que ia ser a sra. David Nazzaro, não foi surpresa alguma. Mas, ainda assim, era como se ela tivesse fincado um saca-rolhas no meu coração, girado e puxado. Pop.

Um brinde a você e aos seus. Que vocês vivam felizes para sempre.

— *É apenas uma fachada, no entanto — minha irmã disse. — Eu sempre serei noiva de Teilo. E você também. E você, você é especial. Ele escolheu você, Hazel. Ele a escolheu para lhe dar um filho — metade fada, metade humano. A criança que você carrega transitará entre os mundos.*

— Oh, meu Deus — Phoebe disse, olhando para o diário.

— O quê? — Sam perguntou.

Gabrielle olhou para Phoebe e riu.

— Você não pode mudar o que aconteceu. Ou o que vai acontecer — ela revelou. — Uma das guardiãs costumava se sentar conosco. Ela nos contava histórias. Histórias sobre nós. Ela disse que tudo acontece por uma razão. Nós nem sempre a entendemos, mas Teilo, sim. Não o falso Teilo, não era dele que ela estava falando, e sim, do verdadeiro. Todos nós temos o destino traçado, ela costumava dizer.

Destino. Então, tudo se resumia a isso? Phoebe tocou sua barriga.

— Besteira — disse Sam, olhando para Gabrielle pelo espelho retrovisor. — Quem lhe disse isso? Hazel? A mãe de Evie?

— Não — disse Gabrielle. — A mais velha. A mãe de Lisa. Ela também já foi rainha de Teilo.

A FAMÍLIA FELIZ

De *O Livro das Fadas*: Você acredita, as pessoas vão duvidar de você.

Chamá-lo de louco. Chegará um momento em que você deverá fazer uma escolha — quando suas verdadeiras crenças serão postas à prova.

Nós ou eles?

O mundo da magia ou a provação mundana de atravessar a vida com antolhos.

A escolha é sua.

Capítulo 50

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Estavam se aproximando de Harmony quando Phoebe chegou às últimas páginas do diário.

Primavera, 15 anos Querido Diário, O bebê se parece com o pai. Isso é o que diz a minha irmã. Ela e David estão casados agora, e todos nós moramos juntos em nossa casa, exatamente como Teilo prometeu.

Vovô se foi, atingido por um raio logo após minha irmã e David se casarem. É engraçado que, às vezes, eu acordo no meio da noite e ainda posso sentir seus dedos frios e ossudos em torno de meu pulso. Mamãe foi para uma casa de repouso desde que o derrame arruinou o seu cérebro. As pessoas da cidade se admiram de como a nossa família foi apanhada por uma maré de azar. Trazem caçarolas e bolos, mas nunca entram. Na verdade, parecem estar prendendo a respiração enquanto se detêm na varanda, olhando nervosamente para a casa, como se a má sorte fosse um germe que se pode inalar.

Às vezes, eu vejo as coisas assim também. Como se houvesse uma nuvem grande e velha em formato de cogumelo pairando sobre a nossa casa.

E se você rastreasse a fonte, iria acabar em Reliance. E lá estaria Teilo, dançando nas sombras, rindo.

Minha irmã e David paparicam Gene. Brincam com ele de “pirulito que batebate” e cantam músicas bobas que fazem Gene rir e fazer bolhinhas de baba.

Eu tentei, mas não consigo me forçar a amá-lo.

Não importa quantos banhos eu lhe dê, ele tem cheiro de mato.

Como Reliance.

São as fadas nele, minha irmã diz.

E os dedos extras... supostamente são um sinal de magia, mas, para mim, está tudo errado.

Eu fico com o coração partido em mil pedaços quando olho David às voltas com Gene. Às vezes, tenho de desviar o rosto, porque as lágrimas vêm com forte e rápido.

Na semana passada, David me pegou olhando para ele, chorando.

— O que foi? — David perguntou. Ele tinha acabado de ninar Gene para

dormir. Minha irmã estava fora, no mercado. É pior quando ela está longe, porque, então, eu posso fingir que somos só eu e David e Gene aqui.

— Às vezes, eu desejo que as coisas tivessem acontecido de maneira diferente — disse a ele. — Eu desejo que você e eu...

Seus olhos brilharam e ele desviou o olhar.

— Você fez a sua escolha.

Eu ri.

— Que escolha?

E, então, eu disse a ele. Conte-lhe tudo. Mesmo as coisas que minha irmã tinha me proibido de dizer. Conte-lhe sobre Teilo e o bosque, o livro que encontramos, e como cada uma de nós prometeu nosso primogênito. Eu disse a ele que Teilo estava nos observando o tempo todo, usando-nos, tocando-nos como instrumentos.

Ele balançou a cabeça.

— Você está louca — ele me disse. — Não faz o menor sentido.

Talvez ele estivesse certo. Talvez eu seja a louca nessa história.

— Eu sei o que a minha irmã lhe diz, mas, por favor, David, por favor, se algum dia você chegou mesmo a me amar, então, faça-me um favor.

Tente imaginar por um minuto o que significaria se eu estivesse certa. Eu sei que você acha que a minha irmã é boa como ouro, mas, e se ela não for? E se a única razão de você estar aqui seja porque eles querem algo de você?

— Quem são eles? — perguntou ele.

— Teilo. As fadas. Eles estão usando você, David. Eu não sei ao certo para quê: para manter as aparências, provavelmente. Ou talvez seja.

Só para diverti-los, porque eles sabem como isso me tortura.

— Phyllis e eu estamos casados. Não escondemos segredos um do outro.

Eu ri novamente. Não pude evitar.

— Esta casa não é outra coisa senão um espesso e emaranhado ninho de segredos. Você logo perceberá.

Ele não disse nada.

— Você a ama? — eu perguntei.

Ele contraiu ligeiramente o rosto.

Eu sorri.

— Você sabe que eu estou certa, não é? Eu suponho que você sabe que tem alguma coisa errada por aqui. Talvez você o sinta. Ou até mesmo o veja observando das sombras.

Ele parecia em pânico agora, fazendo-me crer mais do que nunca que eu estava certa.

— Você o vê, não é?

— Eu tenho que ir — disse ele, dando um passo para trás.

— E eu também presumo que você não a ama. Não como você me amou.

Lembra-se, Dave? Como você ia me levar para longe de tudo isso?

Nós iríamos para a Califórnia?

Ele aproximou-se então e me tomou em seus braços.

David estava tremendo. Seus lábios encontraram os meus e eu sabia que era errado, eu sabia que haveria repercussões, mas, naquele momento, eu simplesmente não me importei.

Outono, 15 anos Querido Diário, Eu estou sendo mandada embora. Banida, como minha irmã disse.

Eu, o pequeno Gene e o filho ou a filha de David que ainda não nasceu estamos nos mudando para uma antiga fazenda de propriedade de uma tia idosa distante. Ela tem um pomar de macieiras. Eu vou colher maçãs, aprender a operar a prensa de sidra. Quando ela falecer, a fazenda será minha. Está tudo arranjado.

Eu nunca voltarei a viver em Harmony novamente.

Devo ficar longe de David. Nenhum contato. Não até eu provar que consigo me controlar.

— E se eu me recusar? — perguntei.

— Você não pode — disse minha irmã.

— Eu não me importo com o que ele pode fazer comigo — eu falei.

— Teilo não pode me machucar mais do que já machucou.

Minha irmã sacudiu a cabeça.

— Sua vadiazinha burra. Ele vai atrás de David.

Então, eu empacotei as coisas do pequeno Gene, minhas roupas, alguns livros e entrei no carro, sem ao menos dizer adeus.

Phoebe fechou o diário. Eles estavam passando pela rocha com a Oração do Pai-Nosso.

— Evie é sua irmã — disse ela.

Sam assentiu.

— Eu sei — disse ele, como se finalmente enxergasse algo que estivera bem na sua cara o tempo todo. — Quer dizer, eu não sabia de fato, mas parte de mim sempre meio que pressentiu isso. Eu acho que Lisa sabia, no entanto. Era uma daquelas coisas que eu acho que todos sabiam, mas ninguém se atrevia a dizer em voz alta. Todo mundo estava muito ocupado inventando suas próprias versões distorcidas da verdade. Era mais fácil colocar a culpa de cada erro, de cada coisa ruim que aconteceu, nas malditas fadas.

Phoebe soltou um suspiro.

— Eu não acho que nós sabemos o que estamos enfrentando — disse ela.

— Histórias — disse Sam. — Fábulas. Contos de fadas.

— Mas, se as pessoas acreditam nelas tão fortemente, isso não lhes dá poder? Mais poder do que talvez até mesmo a verdade?

Capítulo 51

G e n e

29 DE MAIO, QUINZE ANOS ANTES

Ele é um fantasma. Está aqui, mas não está. Transitando entre os mundos. Movendo-se nas sombras. Ele próprio um homem das sombras, mais fantasma do que um ser vivente, que respira. Esteve no escuro por tanto tempo, que não se lembra da luz.

Ele é o homem Hoochie Coochie (23). O homem Hurdy-Gurdy (24). O bicho-papão.

Buuu.

O Senhor Furtivo se esgueirando por aí. O moleque que espia mulheres pelas janelas e buracos de fechadura. Ele é isso tudo, ele é Dick (25). Veja Dick em ação. Veja Dick encontrar Jane (26) e sorrir para ela.

Pense em coisas impróprias.

Ele nunca assistiu a filmes, só conhece os descritos a ele por Evie. Não há TV onde ele vive, no subsolo. Nada de satélite ou cabo, nem filme da semana.

Ele conhece os livros, entretanto. Os romances tolos e previsíveis, com suas capas cor-de-rosa e homens com peitos de macacos. Ele conhece *Frankenstein*, os contos de Cinderela e de Rumpelstiltskin, no qual o horrível duende transforma palha em ouro para a filha do moleiro, que lhe promete em troca o seu primogênito.

23 Gíria para homem beerrão e mulherengo. (N. da T.)

24 Gíria para homem com pênis e testículos grandes. (N. da T.)

25 Apelido do órgão sexual masculino. (N. da T.)

26 Apelido do órgão sexual feminino. (N. da T.)

Esse não é o meu nome, ele provocava, tentando fazê-la adivinhar.

Hurdy-Gurdy. Hurdy-Gurdy.

— Você é um príncipe entre os homens — sua mãe costumava lhe dizer. Como se isso compensasse tudo. Como se isso bastasse.

Chega.

Por um longo tempo, amar Lisa foi suficiente. Apenas o sentimento guardado dentro do peito debatendo-se como um gorila numa jaula. Fora o sentimento mais forte que ele havia conhecido.

Aquela necessidade, aquela ânsia — que chegava a doer — de conhecê-la, de estar perto dela. Ele ouvira histórias sobre ela sua vida toda. Histórias contadas por Evie, que o arrastava para baixo, ao porão, depois de cada visita aos Nazzaro, cheia de histórias de aventuras. Coisas que Lisa fizera. Histórias que Lisa contara. Lisa. Lisa.

Lisa. Lisa tornou-se o sol em torno do qual o mundo orbitava.

Rodando e rodando. Ao redor da amoreira, o macaco perseguiu a doninha. O macaco achava que era pura diversão. Pop! Lá se foi a doninha (27).

27 Referência a uma brincadeira semelhante à dança das cadeiras, em que um jogador é eliminado a cada rodada e todos cantam: All around the mulberry bush/The monkey chased the weasel;/The monkey thought 'twas all in fun,/Pop! goes the weasel. (N. da T.)

Faziam uma brincadeira, ele e Evie. Um jogo em que ela fingia ser Lisa. Ela agia como Lisa, falava como Lisa, enrolava uma toalha em volta da cabeça e dizia: — Não tenho o cabelo mais bonito que você já viu?

Sim, Gene concordava. Sim. Sim. Sim. E se permitia tocá-lo, os dedos perdidos no tecido felpudo e macio.

E quando a brincadeira terminava, quando Evie era chamada de volta lá para cima, para tarefas ou dever de casa ou para jantar, ela deixava cair a toalha e falava:

— Oh, Gene, eu gostaria que você pudesse conhecê-la de verdade!

Ele também. Ele sofria com esse desejo.

Evie surrupiava instantâneos para ele. Fotos de Lisa na praia.

Lisa mordendo uma maçã doce no parque de diversões, seus lábios cor de carmim e grudentos. Ele tocava os lábios na foto e, então, provava seu próprio dedo sujo, saboreando a doçura que imaginava. Evie deu-lhe uma fita com a gravação de Lisa contando histórias. Ele a ouviu vezes e mais vezes, até o som da fita se tornar indistinto e a voz dela preencher o seu cérebro e lá ficar, conversando com ele em seus sonhos, fazendo-lhe companhia quando ficava sozinho todos os dias, por horas.

O pior era quando Evie estava na escola. Sua mãe ia lhe levar o almoço, às vezes, quando ela se lembrava. Manteiga de amendoim barata e gordurosa em pão amanhecido. Sopa aguada. Ela não falava, não olhava para ele, só largava a comida lá e trancava a porta pelo lado de fora. Ela costumava falar com ele, costumava ler-lhe histórias, mas, quando ele foi ficando mais velho, ela deixou de vê-lo. Era como se ele estivesse se tornando invisível. Como se sua pele e carne, até mesmo os órgãos dentro dele, fossem tão pálidos que eram translúcidos. *Translúcido*. Essa era uma palavra que Evie lhe ensinara.

— Como mica — ela lhe dissera. E a vidraça. Os sacos plásticos em que se coloca maçãs e brócolis no mercado. Tudo isso é translúcido.

— Você é a pessoa mais inteligente na Terra — ele dizia para Evie e ela abria

um sorriso largo, os dentes como os de um tubarão.

Ela se esgueirava para baixo, depois da escola, trazendo-lhe presentes: metade de uma maçã, lápis novos, livros da biblioteca da escola. Foi ela quem o ensinou a ler e a escrever. Fazer contas. Ele aprendia tudo com ela, depois da escola, todos os dias; juntos eles estudaram listas de vocabulário, prepararam relatórios científicos, aprenderam frações. Ela trazia jornais para ele. Livros de contos de fadas. Livros sobre magia e História Natural. Manuais de escoteiro.

— Não há nada que não se possa aprender com um livro — disse ele.

Ele aprendeu sozinho a costurar. Ele construía ratoeiras elaboradas com elásticos, arame e latas de café velhas. Às vezes, à noite, quando sua mãe estava dormindo, Evie abria a porta e eles saíam juntos. Os dois davam longas caminhadas pelos bosques e pomares antigos. Ele fazia a Evie um milhão de perguntas. Qual era o nome do meio de Lisa? Maude. Cor favorita? Verde. Estação do ano favorita? Outono. O que Lisa mais amava no mundo, mais do que qualquer coisa? Contos de fadas.

Um plano começou a se formar. Ele iria para a floresta atrás da casa dela. Fingiria ser outra pessoa, alguém valente e poderoso e cheio de magia. E daria a ela o presente mais maravilhoso de sua vida: um livro mágico. Ele entrou sorrateiramente no quarto de sua mãe uma noite, quando ela estava totalmente apagada, e encontrou o livro escondido debaixo da cama dela. *O Livro das Fadas*. Ela o havia mostrado a ele antes, dizendo-lhe que fora escrito pelo pai dele, e que ela e Phyllis o tinham encontrado em Reliance, quando eram meninas.

— Você só pode olhar — Evie o advertiu. — Você nunca deve deixá-la vê-lo. Você não deve falar com ela nem fazer qualquer contato. Se a mamãe e a Phyllis descobrirem que você está lá e que eu ajudei você, nós dois estamos mortos.

Ele balançou a cabeça, concordando. Está bem. Está bem.

Ele conhecia as regras. Ele deveria ficar no porão. Viver no subterrâneo. Ninguém poderia vê-lo. Ele era tão especial. Um segredo ambulante. Mas, quando se passa a vida inteira sendo um segredo, o seu maior desejo é ter alguém a quem contar.

Evie pegou as chaves da mãe na noite anterior, deixou-o sair de seu quarto, abriu o porta-malas do carro e o escondeu entre a bagagem. Deu-lhe uma mochila com fósforos, o binóculo do bisavô deles, manteiga de amendoim, um pedaço grande de pão, e uma antiga máscara de Halloween, toda branca e sem expressão, para ele colocar no caso de “ser preciso”. Ele também levou escondido *O Livro das Fadas* e dois berloques que encontrara na gaveta da mesinha de cabeceira da mãe: uma moeda de um centavo e uma medalha que dizia SÃO CRISTÓVÃO, PROTEGEI-NOS PELO CAMINHO. Ele não tinha muito para dar, mas Lisa iria gostar. Ele sabia que sim. Evie desenhou um mapa da casa, com o quintal, os bosques, mostrando onde ficava Reliance, e colocou-o no bolso da camisa dele.

— Ficaremos em Cape Cod por três dias, então, você estará por sua conta.

Quando eu voltar, vou levar-lhe comida sempre que puder.

Meu Deus, eu não posso acreditar que eu deixei você me convencer a fazer isso. Prometa-me que vai se comportar, Gene. Prometa-me que vai ficar escondido.

— Prometo — disse ele. E Evie fechou a tampa do porta-malas suavemente sobre ele.

Capítulo 52

P h o e b e

13 DE JUNHO, TEMPO PRESENTE

Lar.

Aquela poderia ser uma cena de um quadro de Norman Rockwell: Phyllis na cadeira de balanço, dando mamadeira para o seu netinho.

Mas Phoebe sabia muito bem. Ela sabia que o neto era também um sobrinho-neto e ali, à espreita na soleira da porta que levava à cozinha, estava o homem que enganara Lisa para levá-la para longe, fingindo ser o Rei das Fadas. Um homem da altura de Sam e com a pele mais pálida que Phoebe já tinha visto. Cabelos e olhos pretos e seis dedos em cada mão.

Um punhal gelado penetrou Phoebe quando os seus olhos cruzaram com os dele através da sala.

O filho escondido de Hazel. O suposto filho de Teilo, o Rei das Fadas. *Metade fada, metade humano*, Hazel dissera. *Ele transita entre os mundos*.

Sam não tinha batido na porta: irrompera na sala de estar, com Phoebe e Gabrielle bem atrás dele.

— Mãe? — Sam disse. Phyllis ergueu os olhos, sorriu.

— Olá, Sam — disse ela. — Estávamos esperando por você.

— Que diabos está acontecendo? — Ele estava apertando os olhos, incrédulo, para a mãe e o bebê.

Phyllis continuou balançando a cadeira, paparicando o bebê em seus braços. Uma coisa pequena, com cabelos e olhos escuros, que não parava de se agitar. Com a língua forte, ele empurrou o bico da mamadeira para fora da boca, fez uma cara infeliz. Phoebe imaginava

que seu instinto maternal deveria prevalecer, fazendo-a adorar o bebezinho. Mas a verdade era que ela o achou surpreendentemente desagradável — até mesmo grotesco. Ele era tão pálido e sua pele tão fina que era possível ver uma rede de veias azuis pulsando. E seu choro soava mais brutal do que humano: o grunhido de um leitão com fome, uma criatura que jamais ficaria satisfeita.

Phyllis cantou:

Diga lá, coleguinha, diga lá Saia e venha comigo brincar Traga seus bonecos, um, dois, três Suba na macieira outra vez Role o meu barril de chuva Para dentro

do porão E alegres amigos nós seremos, para sempre, de montão!

Phoebe estremeceu. O bebê abriu a boca e gritou até ficar roxo e sem fôlego.

Diante de Phyllis, na mesinha de centro bem polida e coberta com o paninho de crochê que ela mesma fizera, estava *O Livro das Fadas*. A capa era de um verde intenso e bem gasta. Phoebe desejou pegá-lo e, finalmente, ver que segredos guardava em seu interior.

Ela se perguntou se aquele era realmente o mesmo livro que Hazel e Phyllis haviam encontrado na floresta quando eram meninas.

Pelo canto do olho, Phoebe vislumbrou uma forma de homem encostado à lareira, sacudindo a cabeça.

Você sabe muito bem, ele parecia dizer.

Ela piscou e ele se foi.

A sala de estar, que outrora Phoebe achava tão aconchegante e convidativa, de repente pareceu-lhe pequena e sufocante. Os jarros de potpourri eram enjoativamente adocicados, fazendo-a se sentir tonta e nauseada. Seus olhos desviaram-se para as fotos sobre a lareira: Sam, Lisa, a mãe e o pai sorrindo em uma praia. A família feliz. De outro porta-retrato, o bisavô de Sam, o dr. Eugene O'Toole, olhava para eles com dardejantes olhos escuros.

Phoebe percebeu quanto estivera errada sobre aquela família, aquela casa. Era muito mais sombria, muito mais perigosa do que os lugares em que ela tinha crescido. Nos apartamentos decadentes que sua mãe alugava, tudo estava às claras. Suas vidas eram sujas e miseráveis, mas elas não fingiam ser qualquer outra coisa. Ali, as coisas pareciam tão normais, tão perfeitas, mas era tudo fachada.

— Eu acho — disse Phyllis, olhando para Gabrielle — que o pequeno Maxwell gostaria de ficar um pouquinho com você. Ele não está muito interessado na mamadeira. E está com fome. Tudo bem para você, querida?

Gabrielle assentiu com um movimento que mais pareceu uma profunda reverência, e adiantou-se para pegar nos braços o bebê aos berros. Phyllis levantou-se, cedendo-lhe a cadeira de balanço. Gabrielle levantou a camiseta, o bebê tomou-lhe o seio e começou a sugar.

Gabrielle balançava-se, cantarolando baixinho para o bebê, com um sorriso satisfeito no rosto. O corpo rígido de Maxwell finalmente relaxou.

— Um bebê precisa de uma mãe — disse Phyllis, encolhendo os ombros e sorrindo. — E uma mãe precisa de um bebê.

— Mas ela não é a mãe dele, certo? — Sam perguntou, observando com desânimo o bebê mamando. — É o bebê de Lisa e ela não é Lisa.

— Ela é a única mãe que Max conheceu. Se Lisa estivesse aqui, ela cuidaria do bebê. Mas ela não está. Agora, posso nos servir um chá para conversarmos? Acho que temos muito o que falar.

— O que aconteceu com Lisa, mãe? — Sam perguntou.

Phyllis se encolheu.

— Houve algumas... complicações quando ela deu à luz.

Agora, fora a vez de Phoebe se encolher. Ela esperava que ninguém houvesse percebido.

— Meu Deus — disse Sam —, ela esteve viva por todos esses anos, vivendo naquele quartinho no porão da casa de Hazel? E você sabia? Você ia visitá-la?

Phyllis assentiu.

— Ela era sua filha!

— Sim. Mas ela fez suas próprias escolhas. Você lembra como ela era, Sam. Tão ferozmente determinada a trilhar seu próprio caminho.

— Ela tinha 12 anos, mãe — Sam disse, com a voz embargada.

Phyllis fez um som que pareceu um cacarejo, balançando a cabeça. *Que pena, que pena.*

— Era você na floresta, não era? — Sam disse, olhando para Gene, estudando o estranho e pálido primo. Gene não respondeu, nem sequer olhou na direção de Sam. Seus olhos pareciam vidrados e vagos. Phoebe se perguntou se ele ao menos ouvira Sam falar.

— Gene — disse Phyllis —, você poderia nos preparar um bule de chá, querido? E traga também alguns biscoitos da lata no armário.

O homem pálido fez que sim com a cabeça e, em seguida, foi para a cozinha. Ele caminhava lentamente, mancando.

— Você sabia onde ela estava. O que estava acontecendo. Você estava envolvida nisso o tempo todo — disse Sam.

Phyllis se inclinou para a frente, falando em voz baixa: — Há coisas que você não sabe. Coisas das quais eu tentei protegê-lo. Para o seu próprio bem, Sam. E para o bem da família.

Sam deu uma risada poderosa como um trovão.

— A família? Mas, eu sou a sua família, mãe. Lisa era a sua família! Por que você preferiu proteger Gene, em vez de nos proteger?

Phyllis suspirou, cruzou os dedos. Ela olhou de Sam para Phoebe, enquanto considerava a melhor forma de continuar.

— Sua tia Hazel ficou grávida aos 13 anos, por causa de uma relação incestuosa com o nosso avô.

Interessante, pensou Phoebe. *Nenhuma menção a Teilo.*

— Mas eu pensei que ela havia engravidado quando tinha 16 anos — contestou Sam.

Phyllis balançou a cabeça, concordando, o rosto contraído, os cantos de sua boca curvando-se para baixo.

— Essa foi a gravidez de Evie.

— E meu pai era o pai de Evie, certo? — Sam disse.

— Deus do céu, não! Ela lhe disse isso? O pai dela era um servente na casa de

repouso onde Hazel trabalhava. Sua tia tinha uma quedinha de colegial por David, e acho que, em seu mundo de fantasia, ele se tornou pai de Evie. Phyllis limpou a garganta e continuou. — Eu não sei quanto tempo Hazel foi abusada por nosso avô. Mas ela ficou grávida aos 13 anos e não havia dúvida de quem era o pai. Decidiu-se dizer ao mundo que o bebê havia morrido no parto.

Mas Hazel quis mantê-lo. E nosso avô deixou. Porém, havia regras. A primeira regra era que ele tinha de ser escondido. A segunda, não se poderia contar a ele quem era o seu pai. Então, Hazel criou o garoto fazendo-o acreditar que o pai dele era o Rei das Fadas. Ela lhe contou as mesmas histórias que nós crescemos ouvindo. Sobre como havia uma passagem para outro mundo em Reliance. Como o nosso avô era um metamorfo das fadas, deixado para trás. Eu acho que Hazel passou a acreditar que fosse verdade.

Os seis dedos não eram sinal de sangue de fada, e sim, de mutação genética, de endogamia.

— Mas eu li o diário de Hazel — disse Phoebe. — *Você* acreditava em Teilo. Você disse a Hazel que ele era o pai de Gene.

Phyllis suspirou: — Sim. Colaborei com a fantasia. Parecia mais fácil para ela lidar com isso do que com a verdade. Então, eu incentivei a ilusão.

Hazel sempre teve... uma imaginação fértil. Nesse aspecto, ela era como Lisa. — Phyllis se virou e olhou para a foto de Lisa e Sam sobre a lareira, e sorriu pesarosamente.

— Meu Deus — disse Sam. — Gene nunca teve uma chance.

— Pense nisso, Sam — disse Phyllis, olhando para ele, com os olhos arregalados. — Um menino imaginativo crescer sozinho naquela casa, criado ouvindo contos de fadas sistematicamente. A única amizade que ele tinha era com sua irmã, Evie, que foi obrigada a jurar segredo. Ela lhe levava presentes. Contava-lhe histórias sobre o mundo, sobre a família dele, você e Lisa. Ele adorava Lisa antes mesmo de vê-la. Evie deu-lhe fotos, gravações de histórias de Lisa.

Então, quando ele tinha 16 anos, convenceu Evie a ajudá-lo a se esconder no carro para que ele pudesse ver Lisa com os próprios olhos.

— Ele estava vindo atrás de Lisa — disse Sam. — E Evie sabia disso.

Phyllis assentiu.

— Aparentemente, prometeu a ela que não faria contato. Iria apenas olhar. Mas todos nós sabemos como isso terminou.

— Você sabia? — Sam perguntou à mãe. — Você sabia que ele estava lá fora?

Phyllis sacudiu a cabeça negativamente:

— Não até que fosse tarde demais. Evie tentou detê-lo. Ela fez o melhor que pôde.

— É por isso que ela contou a Gerald e Becca — disse Phoebe.

— Aposto que ela estava esperando que ele pegasse Becca no lugar de Lisa. E quando isso não funcionou, ela mostrou o livro para as pessoas, tentando expor a

coisa toda, trazer gente de fora para pôr um fim naquilo. E na última noite ela se disfarçou para Gene levá-la, em vez de Lisa.

Era de partir o coração, realmente. Phoebe podia ver tudo muito bem... pobre Evie, sozinha com um segredo desses. Ela deixara Gene sair, levava-o até Lisa. Ela devia sentir-se responsável, como se seu amigo invisível e secreto todos aqueles anos de repente ganhasse vida, fizesse planos perigosos, e ela era a única que poderia detê-lo.

Mas, ela não podia, podia?

— Onde está Evie agora? — Phoebe perguntou.

— Não faço ideia — disse Phyllis, mas Phoebe se perguntou se ela não estaria mentindo. O que Phyllis e Hazel tinham feito com ela?

Será que agora que Evie desempenhara sua parte, tornara-se inútil?

Até mesmo um entrave?

Phoebe lembrou-se de Gabrielle dizendo que fora Evie que a deixara fugir. E se ela tivesse ultrapassado os limites? Não havia um túmulo novo atrás da casa de Hazel?

— Então, Gene levou Lisa e a maneira que vocês escolheram para lidar com isso foi não ter apenas uma criança escondida no porão, mas duas? — Sam rosnou. — Isso é loucura, mãe!

Phyllis franziu os lábios, respirou fundo, e continuou: — Nós suspeitamos que Lisa estava grávida, o que acabou por ser verdade. Se as pessoas descobrissem, saberiam sobre Gene. Então, decidimos apenas escondê-la por um tempo. Até o bebê nascer. Eu admito que não era o melhor plano, mas estávamos um pouco loucas e desesperadas. Dave tivera outra overdose e estava em coma. Eu estava um trapo. Não sei como explicar de outra forma. Mas, parecia uma solução. Faríamos com que parecesse que ela tinha fugido. Então, depois que ela tivesse o bebê, nós a traríamos de volta.

Phoebe tentou entender como aquilo poderia, em algum momento, ter parecido um bom plano.

— Mas você não a trouxe de volta — disse Sam. — Você a manteve lá. *Por quinze anos*, mamãe!

Phoebe pensou em Evie novamente. Aquela menina solitária tinha agora duas amigas secretas no porão. Mesmo sabendo que aquilo era errado, deve ter gostado de ter a companhia delas. E se deliciado com o fato de que ela era a tábua de salvação delas para o mundo exterior. Ela era uma desajustada, sem amigos reais lá fora. Ter controle sobre o mundo secreto em seu porão com certeza lhe dera um grande senso de poder.

Era tristemente irônico que Evie houvesse escolhido a agorafobia como sua doença inventada quando ela própria ajudara a manter Lisa e Gabrielle prisioneiras, literalmente incapazes de sair da casa por todos aqueles anos. E talvez ela realmente estivesse esperando, torcendo por uma chance de libertá-las. Mas a coisa toda que

ela enfrentava, aquele legado da família misturado com lendas sobre fadas, era algo muito grande para uma menina sozinha dar conta.

Phyllis franziu os lábios: — Lisa perdeu o primeiro bebê. E ela estava em um estado lastimável. Estávamos esperando ela ficar mais forte. Querer voltar para casa. Mas eu acho, eu acho que alguma coisa se partiu dentro dela, então. Ela pareceu esquecer tudo sobre a sua outra vida, a sua vida com sua família. Em sua mente, ela passou para o mundo das fadas. E ela parecia feliz. Hazel me convenceu de que seria melhor se nós a deixássemos lá. Ela tinha Gene e Evie. E depois Gabrielle chegou.

Ela era uma garota que fugira de casa e que Gene conhecera em Burlington. Ele a levou para casa e ela e Lisa se tornaram amigas. Gene continuou fingindo ser o Rei das Fadas. Ninguém nunca quis causar qualquer dano. Estávamos todos tentando apenas fazer o melhor da situação. Pegar algo feio e tenebroso e revesti-lo de brilho e beleza.

Sam sacudiu a cabeça e deu um passo atrás, afastando-se de sua mãe.

— Você transformou toda a vida de Lisa em uma espécie de jogo distorcido de faz de conta!

Ela fez uma careta.

— Isso é tão ruim, Sam? Diga-me, o que você preferiria ser: a Rainha das Fadas ou uma pobre menina de 12 anos engravidada por seu primo meio retardado?

— Vamos — Sam disse para Phoebe. — Vamos sair daqui e chamar a polícia.

Phyllis riu: — E o que você vai dizer a eles, Sammy?

— Que você sequestrou e matou sua própria filha.

Phyllis sacudiu a cabeça.

— Não. Minha filha está aqui. — Phyllis se inclinou e acariciou o cabelo despenteado de Gabrielle. — Ela voltou para casa com um bebê, depois de todos esses anos. É um milagre.

Assim, a brincadeira de faz de conta iria continuar. Phoebe entendeu: não tinha sido apenas para o bem de Lisa, mas também para o de Phyllis. Era um truque que Phyllis, sem dúvida, aprendera crescendo em sua própria família: quando as coisas parecem sombrias, reescreva a história. Borre a linha divisória entre realidade e imaginação.

Então, Phoebe olhou para o pobre e lógico Sam, imaginando por que diabos ele fora nascer justamente em uma família como aquela. Sam lançou-lhe um olhar desesperado. Então, uma sombra cruzou seu rosto e ele desviou os olhos.

Ele está pensando em nosso bebê.

Era engraçado pensar que ela havia resistido à ideia de ter um filho porque iria dar continuidade à linhagem de sua família ferrada, e ali estava Sam com o mesmo dilema.

Talvez eles fossem realmente feitos um para o outro, no final das contas.

Phoebe estendeu a mão para pegar a dele e, para sua surpresa, ele não a afastou. Agarrou-a e segurou firme.

— Eles podem fazer testes de DNA — objetou Sam. — Checar o quarto no porão de Hazel. Eles podem desenterrar os corpos no pomar: Lisa, o bebê de Gabrielle, os outros bebês que Lisa teve.

— Você está tão certo disso, Sam? — Phyllis perguntou com voz zombeteira. — Tem certeza de que eles vão mesmo encontrar alguma coisa?

Phoebe sentiu a mão de Sam amolecer dentro da sua.

Ela pensou em tudo o que havia acontecido na cabana; de como, quando eles voltaram lá, estava tudo limpo, sem prova alguma.

Na facilidade com que eles viraram o jogo e fizeram Sam e Phoebe parecerem os criminosos.

Phoebe olhou de Sam para Phyllis.

— Nós todos só fizemos o melhor que podíamos — disse Phyllis.

Sam soltou-se da mão de Phoebe lentamente, sacudiu a cabeça, e cambaleou para trás em direção à porta, como um homem que acaba de ser baleado e faz um último esforço para fugir.

ALGO QUE NUNCA TERMINA

O Livro das Fadas: Se leu este livro inteiro até o fim, você sabe a verdade. Nós estamos aqui, vivendo entre vocês.

Somos mais fortes, mais rápidos, mais inteligentes.

Caminhamos com passos silenciosos.

Podemos espiar seus sonhos. E mentimos.

Lembre-se sempre de que nós mentimos.

Capítulo 53

P h o e b e

3 DE FEVEREIRO, TEMPO PRESENTE

O telefone do pânico estava tocando.

Phoebe odiava chamá-lo assim, mas ela sorriu porque esse era o nome que Franny tinha dado. O telefone do pânico. O telefone celular secreto que eles usavam apenas para se comunicar com Franny e Jim — a única relação remanescente de suas antigas vidas.

— Alô — disse Phoebe, quase sem fôlego após correr para atender o telefone, mas alegre e animada por Franny ter ligado. Franny andava telefonando muito ultimamente para perguntar: — Nada de bebê ainda? — E naquela noite, Phoebe diria a ela:

— Em breve, tia Franny, em breve — porque ela vinha tendo pequenas contrações o dia todo. Falso trabalho de parto, seu obstetra dissera. Phoebe esperou a costumeira pergunta de Franny, mas ela não veio.

— Alô? — disse ela novamente. — Franny?

— Phoebe? É Evie.

Impossível.

Phoebe olhou para a porta, rezando para que Sam entrasse, dizendo a ela o que fazer, o que falar. Ele estava fora, comprando algumas coisas de última hora para o bebê.

Deveria desligar? Desligar e, em seguida, quebrar o telefone do pânico, usando seu telefone celular normal para ligar para Franny e dizer que era realmente ocasião para pânico?

Phoebe respirou assustada, esfregou a barriga enorme. Ela estava pendurando um móbile no quarto do bebê, em cima do berço.

Uma lua e estrelas que se moviam em um padrão circular enquanto tocava “Brilha, brilha estrelinha”.

— Como você conseguiu esse número? — Phoebe perguntou.

— Onde você está? Nós não sabíamos se você estava viva ou morta.

Sam e Phoebe tinham ido à polícia e contado tudo o que sabiam, mas de nada adiantara. Hazel e Phyllis negaram a história completamente e expressaram uma preocupação tremenda com a saúde mental de Sam e Phoebe, sugerindo até mesmo para a polícia que suspeitavam de que o jovem casal pudesse estar usando drogas.

— Pobre Sammy — dissera Phyllis. — Ele nunca superou a perda da irmã. Isso o transtornou de tal maneira que agora ele anda inventando histórias malucas.

Não havia sinal de Evie. Quando a polícia foi ao apartamento de porão perto da universidade, descobriram que permanecera meses sem ser alugado. Becca deixara seu trabalho no Price Chopper e saiu da cidade. E não havia um fragmento de evidência para provar a existência de Gabrielle, Gene, ou o bebê. O quarto de blocos de concreto no porão de Hazel havia sido transformado em uma despensa. E o quarto secreto estava cheio de estantes, com uma poltrona de leitura.

— Uma biblioteca — explicou a polícia. — Não exatamente o esconderijo secreto do bicho-papão.

A polícia não encontrou nenhum cemitério atrás da casa de Hazel, somente um canteiro de tomates negligenciado.

— Eu lhes disse — Phyllis sussurrou para eles uma vez, enquanto assistiam a dois policiais remexendo a terra com má vontade.

Ela sorria tão carinhosamente que quem os olhasse pensaria que ela os estava acalmando com palavras de amor.

— E agora? — Phoebe perguntou para Sam quando estavam sozinhos.

— Saímos da cidade. E ficamos o mais longe que pudemos da minha família doente.

E assim, com a ajuda de Franny e Jim, Sam e Phoebe simplesmente fugiram. Venderam a casa e foram para o Colorado, onde uns amigos de Jim tinham uma fazenda fora de Boulder. Havia um antigo galpão de carruagens em que eles poderiam morar. Sam trabalhava na fazenda em troca de casa e comida.

— Vocês têm de ficar fora do radar por um tempo — Franny insistira. — Se vocês realmente não querem ser encontrados, têm de trabalhar e receber por debaixo dos panos, não alugar apartamento, nem colocar o nome de vocês em coisa alguma. Juguem fora todos os cartões de crédito. Usem somente dinheiro. Se precisarem de um cartão de biblioteca ou algo assim, usem um nome diferente.

Um nome como Mary Stevens, Phoebe pensou, lembrando-se da garota que chegara a eles apenas com giz, uma chave e um cartão de biblioteca. Agora era ela que estava apenas a poucos passos de se tornar aquela garota, que fugiu com pouco mais do que a roupa do corpo.

Phoebe podia ouvir a respiração de Evie no telefone.

— Eu não estou morta — Evie falou.

— Deu para perceber. Onde você está?

— Onde *você* está? — Evie perguntou.

— O que você quer? — Phoebe desconversou.

Houve uma pausa. Mais respiração. Então, finalmente, Evie falou.

— Estou ligando por Lisa. Por causa de Lisa. Porque o que aconteceu... foi culpa minha. Eu não pude salvá-la. Não pude salvar o bebê dela. Mas, talvez, não seja tarde demais para você.

— O que você quer dizer? — Phoebe perguntou, irritada à beça, quase a ponto de desligar na cara de Evie.

— Seu bebê está em perigo — ela sussurrou.

— O quê? — Phoebe disse.

— É tudo mentira — Evie continuou. — Você sabe disso, não é?

— Do que você está falando? — Phoebe perguntou. O bebê se moveu dentro dela, virando-se. A nenê era uma ginasta em formação.

— *Existe* um Homem das Sombras, Phoebe. Um Teilo real.

Tudo o que eles estão fazendo é para ele. Phyllis, Hazel, Gene. Eles todos se entregaram a ele. Você não pode detê-los. Meu pai tentou e olha o que aconteceu com ele.

— Você está falando de David?

— Sim.

— Phyllis disse que ele não era seu pai. E, além disso, ele se matou.

— Uma coincidência e tanto, não? Antes de irmos embora para Cape Cod, ele disse para mim e minha mãe que estava cansado de segredos. Ele iria colocar um ponto final naquilo tudo, contar ao mundo sobre Teilo e o pobre Gene no porão. Queria levar minha mãe e eu para longe de tudo aquilo. Ele disse que nunca deixou de amá-la.

— E daí? Você está dizendo que alguém o drogou? Para mantê-lo calmo e impedi-lo de deixar Phyllis?

— Eu não sei — disse Evie. — Mas algo aconteceu enquanto estávamos fora. Teilo encontrou uma maneira de detê-lo. Tinha um desenho no caderno de esboços do meu pai: um homem sem rosto.

Com certeza Teilo lhe fez uma visita. — Evie tomou fôlego antes de continuar. — E, então, na última noite antes da segunda overdose, ele tentou mais uma vez pôr fim a toda essa loucura. Eu lhe disse que estava preocupada porque eles iam levar Lisa e ele tentou chamar a polícia. Na manhã seguinte, quando acordei, ele estava sendo levado em uma ambulância.

— Mas não existe Teilo, Evie! Era Gene o tempo todo — disse Phoebe. — Era ele na floresta. Ele engravidou Lisa. Elas estavam apenas tentando proteger Gene. Para manter escondidos todos os segredinhos sujos de família!

— Preste atenção. Os segredos que estão guardando são muito maiores do que isso. Lisa não estava grávida naquele verão, ainda não.

Eles optaram por levá-la, Phoebe. Gene não tirou-a daquele buraco.

Minha mãe e Phyllis fizeram isso.

— Mas Gene...

— Gene pode ter começado, mas, assim que Lisa menstruou pela primeira vez, Phyllis soube que ela estava pronta. Pronta para ser noiva de Teilo. Então, ela usou o trabalho que Gene já havia feito para raptar a própria filha.

— Evie, pelo amor de Deus. Eu não sei se você acredita mesmo nisso ou se

você ainda está jogando o jogo deles, ou sei lá o quê. Não existem fadas, não existe Teilo: é tudo um monte nojento de mentiras!

— Se você quiser salvar o seu bebê, você tem de acreditar em mim: Gene não é Teilo! Ele é filho de Teilo. Mas Teilo é muito mais que isso. E você sabe disso. Apenas... pare por um minuto. Pense. Você já o conhecia, não é?

Phoebe estremeceu.

Em algum lugar no fundo de sua mente, um alçapão debaixo da cama se abriu e houve um som de arranhado, como se algo tivesse saído de lá.

— Eu ouvi a conversa deles — disse Evie. — Disseram que Teilo escolheu você para dar a Sam seu primogênito.

— Mas isso é impossível. Como...

— Ele não iria escolher qualquer um. Você sabe disso, não é?

Você sabe quem você é.

— Quem *eu* sou? — Phoebe gaguejou.

— Você não percebeu isso sua vida inteira? Que você é diferente das outras pessoas. Você não se encaixa, não importa quanto você tente. Você sabe de coisas que não deveria saber. Você vê coisas que outras pessoas não veem.

— Eu não entendo o que isso...

— Você é filha dele. Carne e sangue do Teilo. Metade fada, metade humana. Você transita entre os mundos.

Phoebe encostou-se no berço, segurando-se a ele.

— Não — disse ela, sacudindo a cabeça. *Meu pai era só um cara que minha mãe conheceu em um bar. Um andarilho. Ele colhia frutas e tabaco.*

Ela pensou nas palavras, mas não pôde dizê-las. De repente, o ar parecia rarefeito. As paredes estavam se aproximando, fazendo com

que Phoebe se sentisse como se estivesse em um túnel. E lá, no final, estava o seu Homem das Sombras, esperando por ela.

— Todos temos o nosso destino, Phoebe. E você sabe, você entende, não é? Que a criança que você está carregando pertence a ele?

Phoebe desligou a chamada e atirou o telefone para o outro lado do quarto, ao mesmo tempo que sentiu uma forte contração, que a deixou de joelhos.

— Respire, meu amor! Respire! Você está indo muito bem.

Estamos quase lá. — Sam estava ao seu lado, corado e expectante.

Atrás dele, o médico e a enfermeira trabalhavam.

— Empurre agora — disseram eles.

Phoebe os ouvia através da névoa espessa de dor e medicação, ouvia-os, mas não estava totalmente certa de que tinha algum controle sobre seu corpo. Mas ela tentou.

— Muito bem — disseram eles.

— Oh, meu Deus! — Sam disse. — Apareceu a cabeça!

— Empurre, querida — disse a enfermeira.

Assim que se acostumou com a perspectiva, Sam caiu de amores pela ideia de ser pai. Uma vez que ele entendeu que havia prometido o seu primogênito ao seu primo invisível, e não a um terrível ser sobrenatural, ele parecia completamente feliz quanto à paternidade. Ele se atirou vorazmente à leitura de livros sobre educação de filhos e voltava para casa com fraldas e macacõezinhos de algodão cru orgânico.

Pintou o quarto do bebê com tinta não tóxica ecologicamente correta e arrematou com faixas ornamentais feitas com estêncil, representando o personagem Humpty-Dumpty.

Phoebe ficava olhando Sam trabalhar: no alto de uma escada, pintando à mão um por um aqueles pequenos ovos frágeis e sorridentes, de calças curtas, sentados em cima de um muro.

E todos os homens e cavalos do rei Não conseguiram juntar Humpty outra vez.

Mas, e se existisse realmente um Teilo?

E se ela realmente houvesse sido escolhida? E se a própria razão de ela ter chegado a nascer foi porque Teilo planejara isso, seduzindo sua mãe, vigiando Phoebe toda a sua vida, esperando para trazê-la para Sam.

A ideia abalou Phoebe. Ela contou a Sam sobre o telefonema de Evie quando eles estavam a caminho do hospital.

— Ela disse que eu sou filha de Teilo — Phoebe contou a ele.

— Ela é uma doida — disse Sam, pondo a mão sobre a barriga de Phoebe. — Você sabe disso; ela foi vítima de minha mãe e tia psicóticas, e eu tenho pena dela, de verdade. Mas, no final das contas, ela é tão louca quanto elas. Ficar se preocupando com essas tolices não é bom para você nem para o bebê, Phoebe. Chega de pensar nessas pessoas. Vamos nos concentrar somente em nós dois. Em nós e no nosso bebê, que vamos estar segurando nos braços muito, muito em breve.

— Está indo muito bem, mamãe — disse o médico através de sua máscara cirúrgica azul. — Só mais um empurrão caprichado e você poderá conhecer o seu bebê.

Phoebe fechou os olhos, concentrou-se em toda a metade inferior de seu corpo, que ela na verdade não conseguia sentir, mas sabia que estava lá. Houve uma ligeira sensação de pressão, e a dor. A dor sempre estava lá. Mesmo com a anestesia, ela sentia como se o bebê a estivesse dividindo ao meio como uma semente madura. Ela empurrou. Ela empurrou com todas as forças que lhe restavam, soltando um grito grave, gutural, como um lamento de baleia.

— Oh, meu Deus! — Sam disse novamente, com a voz trêmula.

Eu dei à luz algo não humano, Phoebe pensou. Uma lampreia com várias fileiras de dentes.

O bebê chorou. Phoebe abriu os olhos.

— É uma menina — o médico anunciou. — Uma bela menina.

Phoebe olhou para cima para ver uma forma minúscula, coberta de muco e sangue, toda braços e pernas, e um tufo de cabelo molhado, emaranhado.

E lá no fundo, por trás de seu bebê, do médico, da enfermeira e de Sam, uma figura parada na porta. Apenas uma silhueta: uma sombra, alta e escura, observando.

— Quem é? — Phoebe perguntou.

— É o nosso bebê — respondeu Sam, aproximando-se para segurar a mão dela, beijá-la. — Nossa filha.

— Não — disse Phoebe —, na porta.

Sam virou-se.

— Não há ninguém lá, meu amor.

— Você quer cortar o cordão, papai? — perguntou o médico. E Sam foi para a outra extremidade da cama. Quando reapareceu, segurava a filha recém-nascida nos braços, limpa, enrolada em um felpudo cobertor de flanela. Ele se inclinou e, cuidadosamente, colocou o bebê sobre o peito de Phoebe.

— Acho que ela está com fome — disse Sam, enquanto o bebê bicava e fungava no seio de Phoebe, com a boca aberta, espremendo os olhos. Sam ajudou a guiá-la até o mamilo. Phoebe acariciou-lhe os cabelos úmidos e cheirou-a, enquanto ela sugava e engolia, agarrada ao bico do peito com determinação.

— Willa — disse Phoebe. — Ela definitivamente tem carinha de Willa. Phoebe fechou os olhos. Sorriu. Sua filha. Ela estava ali.

Saudável. Perfeita. Dez dedos nas mãos e dez dedos nos pés.

— Eu amo você — disse Sam. Em seguida, ele beijou a cabeça do bebê. — Você também, pequena Willa — disse ele.

O médico e a enfermeira rondaram um pouco por ali, depois saíram. Outra enfermeira entrou.

— Você deve descansar agora — disse ela.

Phoebe deixou seus olhos se fecharem, segurando o bebê ao peito, Sam ao lado dela.

— Eu só vou levá-la por um minuto — disse a enfermeira, fazendo com que Phoebe acordasse com um sobressalto. Tinha sonhado com a mãe. Ela estava sentada na beirada da cama, falando carinhosamente com Willa, com as roupas molhadas e do avesso.

— Precisamos verificar os níveis de bilirrubina do bebê — a enfermeira explicou. — Estarei de volta em um minuto. — Ela sorriu alegremente para Phoebe, com os cabelos louros num perfeito corte Chanel de bico.

— Sam? — Phoebe disse, entregando o bebê. A enfermeira cheirava levemente a fumaça de cigarro disfarçada com perfume.

— Onde está o Sam?

— Eu não sei ao certo, querida. Provavelmente, só saiu para pegar uma xícara de café ou um pouco de ar fresco.

Phoebe balançou a cabeça, concordando.

— Já, já ele volta, tenho certeza — disse ela, apertando a mão de Phoebe de modo a reconfortá-la.

A jovem enfermeira pegou o bebê e disse: — Venha, pinguinho de gente. Eu trago você de volta para sua mamãe num instante.

Phoebe sentou-se, olhou para a porta que dava para o corredor iluminado por lâmpadas fluorescentes. Viu apenas sombras. Ouviu vozes abafadas. Em algum lugar, algo apitou uma, duas, três vezes.

Um médico foi bipado. Passou um carrinho empurrado por um homem de uniforme verde.

Phoebe esfregou os olhos, inclinou-se para a mesa ao lado da cama e serviu-se de um copo de água.

“Mamãe”, ela disse para si mesma, sorrindo, ainda não acreditando realmente nisso. Mas, ela era uma mãe. E ela iria ser uma das boas, apesar do modo como havia sido criada. Ela descobriu que para ser uma boa mãe, tudo o que ela precisava fazer era imaginar o que a sua mãe faria em determinada situação e fazer exatamente o oposto.

— Você acha que é fácil? — sua mãe estava lá novamente, na beirada da cama do hospital. Phoebe piscou. Uma vez. Duas vezes.

Phoebe podia ler as etiquetas e ver os pontos da costura das roupas de sua mãe. A água escorria dela, e empapava o fino cobertor hospitalar e o lençol, deixando os pés de Phoebe úmidos. Ela cheirava a podridão e a fumaça de cigarro.

A mãe sorriu para Phoebe, os lábios cerosos e azulados recuando mecanicamente.

— Você não pode fugir do Homem das Sombras, querida — disse ela. — Não depois que ele entra em você. Não quando você tem algo que ele quer.

Phoebe estendeu a mão para a campainha de chamada na grade da cama, mas não conseguiu encontrá-la. Agitou-se freneticamente procurando-a e, quando já tinha desistido e estava prestes a começar a gritar, a jovem enfermeira retornou, carregando o bebê, ainda embrulhado na manta. Phoebe olhou para os pés da cama. Não havia ninguém lá. As cobertas estavam secas.

— Está tudo bem — disse a enfermeira. — Ela parece perfeita.

Phoebe balançou a cabeça, estendeu os braços, puxou a pequena Willa para ela e segurou-a firmemente.

Mas algo estava errado.

Aquela não era a sua filha.

O cabelo e os olhos eram mais escuros, a pele mais translúcida.

E o cheiro estava errado, aquela criança cheirava a cogumelos, à umidade. O bebê começou a chorar. Era um grito estridente, frenético, estrangulado.

— Esta não é ela — disse Phoebe.

— O quê? — perguntou a enfermeira.

— Este não é o meu bebê.

— É claro que é o seu bebê. — O cabelo loiro perfeito estava ligeiramente torto. Uma peruca. Meu Deus. Era alguém usando uma peruca. E debaixo do sorriso,

da maquiagem, ela não reconhecia aquele rosto?

— Becca?

A enfermeira deu um passo para trás.

— Como disse?

— O que você fez com a minha filha?

— Vou chamar o médico — a enfermeira disse, virando-se.

Enquanto caminhava — praticamente corria — para fora do quarto, a perna esquerda de sua calça levantou-se apenas o suficiente para que Phoebe pudesse ver que ela não estava de meias. Usava um tênis prateado com cadarços pretos. E lá, em seu tornozelo, havia uma tatuagem. A marca de Teilo.

Phoebe começou a gritar.

— O que foi, amor? — Sam perguntou, entrando no quarto correndo, duas enfermeiras atrás dele.

— Esta não é Willa. A enfermeira a levou. Ela trocou-a por outro bebê.

— Ninguém a levou — uma das enfermeiras disse. Ela ficou aqui com você o tempo todo. Olhe para a pulseira de identificação: diz “Nazzaro — sexo feminino”. E está vendo esta tira que colocamos em torno do tornozelo dela? É um sensor eletrônico, se alguém tentar deixar a unidade com ela, um alarme irá disparar.

Sam acariciou o braço de Phoebe.

— É ela, Bee. É Willa. Talvez você estivesse sonhando.

— Eu não estava sonhando — Phoebe sibilou para Sam. — Onde você estava?

— Eu tive de descer ao Registro de Pacientes. Eles precisavam de uma cópia do nosso cartão do convênio.

Como eles sabiam? Devem ter ficado vigiando, esperando.

— A garota que a levou tinha cabelos louros, mas era uma peruca. E tênis prateado. Uma tatuagem no tornozelo. Acho que era Becca, Sam.

— Pinkie? — disse ele, franzindo a testa, uma sombra de incredulidade cruzando seu rosto. — Eu não acho, Bee.

A enfermeira sacudiu a cabeça negativamente: — Não temos ninguém trabalhando aqui com essa descrição.

— Ela estava aqui!

— Para ter acesso à ala é preciso interfonar — disse a enfermeira. — Ninguém assim esteve aqui. Eu estava no posto de enfermagem. Eu saberia.

A segunda enfermeira saiu do quarto, retornando rapidamente com o médico.

— Por favor — disse Phoebe. — Você precisa me escutar. Ela tem de estar no hospital, ainda. Você pode detê-la. Sam, por favor! Vá procurá-la. Ela está com o nosso bebê!

Sam sacudiu a cabeça.

— Ela está bem aqui, Bee. Você está com ela em seus braços.

Phoebe olhou para a criança de rosto pálido, berrando, e a empurrou.

— Esta não é minha filha!

Sam tomou a bebê nos braços, ninou-a, mas isso só fez com que ela berrasse mais alto.

O médico saiu do quarto e voltou com uma seringa. Ele aplicou algo no cateter intravenoso de Phoebe.

— Por favor — disse ela. — Basta olhar para o bebê. Este não é o mesmo.

— Você precisa descansar agora — o médico disse a ela.

Ela ouviu Sam dizer alguma coisa relativa à depressão pós-parto com uma voz preocupada. Um histórico de alcoolismo e doença mental na família.

— A mãe dela cometeu suicídio — ele sussurrou.

— Não — Phoebe gemeu. — Ouça... — Ela lutou para manter os olhos abertos, mas não adiantou.

Enquanto os fechava, ela viu aquilo de novo, mais nítido dessa vez.

Lá, parado na porta de seu quarto, estava o Homem das Sombras. Uma forma inteiramente feita de sombra, que parecia captar a luz e engoli-la como um buraco negro. Era algo dentro do qual você poderia se perder. Algo que nunca termina. E lá, no lugar em que seu rosto deveria estar, ela tinha certeza de que pôde ver o lampejo de um sorriso.

FIM

Table of Contents

NÃO DIGA UMA PALAVRA!

Phoebe

PRIMEIRO CONTATO

Capítulo 1

Phoebe

Capítulo 2

Lisa

Capítulo 3

Phoebe

Capítulo 4

Lisa

Capítulo 5

Phoebe

Capítulo 6

Lisa

Capítulo 7

Phoebe

Capítulo 8

Lisa

Capítulo 9

Phoebe

Capítulo 10

Lisa

Capítulo 11

Phoebe

Capítulo 12

Lisa

Capítulo 13

Phoebe

Capítulo 14

Lisa

Capítulo 15

Phoebe

Capítulo 16

Lisa

Capítulo 17

Phoebe

Capítulo 18

L i s a

Capítulo 19

P h o e b e

Capítulo 20

L i s a

Capítulo 21

P h o e b e

Capítulo 22

L i s a

Capítulo 23

P h o e b e

O POVO DAS SOMBRAS

Capítulo 24

P h o e b e

Capítulo 25

L i s a

Capítulo 26

P h o e b e

Capítulo 27

L i s a

Capítulo 28

P h o e b e

Capítulo 29

L i s a

Capítulo 30

P h o e b e

Capítulo 31

L i s a

DIGA LÁ, COLEGUINHA

Capítulo 32

P h o e b e

Capítulo 33

L i s a

Capítulo 34

P h o e b e

Capítulo 35

P h o e b e

Capítulo 37

P h o e b e

Capítulo 37

	<u>L i s a</u>
<u>Capítulo 38</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>Capítulo 39</u>	
	<u>L i s a</u>
<u>O REINO DAS FADAS</u>	
<u>Capítulo 40</u>	
	<u>A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n</u> <u>h a</u>
<u>Capítulo 41</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>Capítulo 42</u>	
	<u>A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n</u> <u>h a</u>
<u>Capítulo 43</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>Capítulo 44</u>	
	<u>A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n</u> <u>h a</u>
<u>Capítulo 45</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>Capítulo 46</u>	
	<u>A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n</u> <u>h a</u>
<u>Capítulo 47</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>Capítulo 48</u>	
	<u>A M e n i n a Q u e S e r i a R a i n</u> <u>h a</u>
<u>Capítulo 49</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>A FAMÍLIA FELIZ</u>	
<u>Capítulo 50</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>Capítulo 51</u>	
	<u>G e n e</u>
<u>Capítulo 52</u>	
	<u>P h o e b e</u>
<u>ALGO QUE NUNCA TERMINA</u>	
<u>Capítulo 53</u>	
	<u>P h o e b e</u>